IMPLANT



F. PAUL WILSON

IMPLANTE

F. Paul Wilson

Título original: IMPLANT

Tradução de SYLVIO GONÇALVES

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO, 1997

* A Semana de 17 de Setembro

* 1

GINA

— A linha ainda está reta — disse alguém.

Droga, eu sei, pensou Gina Panzella, olhando impotente para o monitor de ECG, rezando para o fio de luz acusar uma sístole, um espasmo muscular, qualquer coisa. Ele a ignorou. Apenas uma pequena interferência de sessenta ciclos perturbava seu curso sereno.

O odor acre da morte encheu o ar. As três enfermeiras que compunham a equipe de parada cardíaca olharam para Gina, aguardando que ela admitisse o óbvio.

Tudo bem, disse Gina para si mesma, desista.

— Não adianta. Ele não vai voltar.

As enfermeiras assentiram e se puseram a guardar os instrumentos no carrinho de emergência. Gina recuou um passo para olhar pela última vez o corpo pálido, inchado, nu e sem vida do Sr. Nussbaum, 52 anos. Os membros estavam estendidos, um tubo plástico saía—lhe da boca aberta, fios desgarravam —se a partir de emplastros plásticos no peito, tubos intravenosos transparentes penetravam nos braços e sob a clavícula direita. No dia anterior, o Sr. Nussbaum fora submetido a uma laparoscopia da vesícula biliar e resistira bem. Essa noite — manhã, na verdade, por volta das três e meia — ele sofrera um ataque cardíaco, e o alarme soara.

Como não havia nenhum cardiologista de plantão no hospital, Gina, como plantonista, atendera ao alarme. A equipe já colocara a prancha sob as costas de Nussbaum e iniciara o processo de ressurreição cardiopulmonar quando Gina chegou. Ela intubou o paciente, e então, sob sua direção, a equipe trabalhou nele durante quarenta minutos. Ela usou tudo que podia no Sr. Nussbaum: injeção intracardíaca, defibrilação repetida... tratamento completo. Tentou tudo, menos abrir o peito de Nussbaum e apertar—lhe o coração com as mãos.

Nada. O coração de Nussbaum desistira, e nada o faria mudar de idéia.

— Bom procedimento de emergência, doutora—disse Judy Hooper, abraçando Gina à altura do ombro. Judy era alta, magra, com uma auréola de cabelos louros e cacheados em torno do rosto angular; estava no fim dos trinta, sendo uns dez anos mais velha que Gina... e mais acostumada com emergências do que Gina gostaria de ser um dia.

— Não tão bom assim—disse Gina, apontando com a cabeça para o Sr. Nussbaum. —Aquele ali vai para a geladeira.

— Você lhe deu todas as chances. Dez contra um que a autópsia revelará uma tremenda EP. Não há muito que se possa fazer quanto a isso.

Gina assentiu. Geralmente, quando os pacientes obesos tinham ataques como esse, era devido à embolia pulmonar — um coágulo enorme em algum lugar da perna impedindo a passagem de sangue para o pulmão. Todas as drogas e choques elétricos do mundo não seriam capazes de limpar uma artéria pulmonar obstruída.

— É bom trabalhar com você—disse Judy, e então se voltou para retirar os tubos do Sr. Nussbaum.

Sim, pensou Gina. É realmente bom.

Gina torceu para jamais ficar insensível como Judy Hooper. Mas na posição de Hooper, insensibilidade talvez fosse essencial para a sobrevivência.

Gina começou a sentir os músculos relaxarem ao sair para o corredor silencioso, anti—séptico e suavemente iluminado. Estava a meio caminho do elevador quando viu uma enfermeira jovem aproximar—se dela. Tinha cabelos ruivos cortados rentes, pele ruim e os dentes possuíam uma mal—oclusão considerável. No crachá estava escrito: T. Graves, Enfermeira.

— Dra. Panzella, seria muito incômodo pedir à senhora que verificasse o tubo intravenoso do quarto 307?

— Onde está a equipe de intravenosas?

— Bem...—Esfregou nervosamente as mãos.—Estou neste turno, e não consigo...

A enfermeira parecia estar morrendo de medo de Gina.

— Vamos dar uma olhada.

— Puxa, obrigada! — Ela conduziu Gina pelo corredor à direita. — Nem posso dizer o quanto estou agradecida.

— Não é nada demais.

— Bem, ontem à noite pedi que o Dr. Grady me ajudasse com outro paciente e ele ficou... irritado.

Se conheço Grady, ele quase arrancou sua cabeça, pensou Gina. Residente do

terceiro ano em Georgetown, Grady era brilhante, mas tendia a ser um pouco cheio de si. Lynnbrook era um hospital comunitário na seção noroeste, ofuscado pelo Georgetown Medicai Center. Não era um hospital universitário como seu vizinho famoso, mas dava conta do recado.

Gina conhecia alguns dos plantonistas, especialmente aqueles que se sentiam insultados quando alguém lhes pedia que fizessem uma intravenosa. A própria Gina de vez em quando não gostava. Afinal, o hospital pagava uma equipe de intravenosas para fazer esse trabalho, e Gina para fazer o dela. Contudo, cedo ou tarde, qualquer profissional, a despeito do quanto fosse bom, passava por um mau bocado tentando achar uma veia.

— Ela está na cama perto da janela—disse Graves.—É uma das pacientes do Dr. Conway. Teve pneumonia. Ela vem recebendo antibióticos via intravenosa, mas agora está apenas no soro. Não encontrei muitas veias e todas estavam bem consumidas. A última veia utilizável infiltrou no fim do último turno, e não consegui encontrar outra.

Gina deparou com uma mulher idosa, frágil, com feições ossudas e cabelos brancos curtos. Estava sentada na cama, completamente acordada, olhando para elas. A mulher estava com o topo de seu lençol embolado nas mãos, manipulando—o como massa de bolo.

— Por favor, não me mande para casa amanhã — disse ela.

— Ela recebe alta amanhã? — perguntou Gina. Graves passou o prontuário da paciente para Gina.

— Provavelmente—disse a enfermeira.

O prontuário trazia o nome "Harriet Thompson" no alto. Idade: 78. O Dr. Conway era um dos médicos que atendiam às famílias locais—calmo, competente, com um séquito leal. Gina o encontrara algumas vezes e simpatizara com ele. Leu por alto o prontuário codificado por cores. O último raio X do pulmão da Sra. Thompson não acusara nada. As anotações de progresso rabiscadas apressadamente pelo Dr. Conway pela manhã diziam: "Fazer novo exame para alta ao meio—dia."

Gina escreveu no prontuário:" Suspender IV até o meio—dia." Rabiscou seu nome e devolveu a ficha à enfermeira.

— Pronto. Isso resolve o problema da intravenosa. Graves sorriu.

— Ótimo—respondeu a enfermeira, pegando a cesta de agulhas e tubos e já se dirigindo ao paciente seguinte na lista.

— Conhece o Dr. Conway?—perguntou a Sra. Thompson. Gina se virou.

— Um pouco—respondeu.

— Diga a ele que não me mande para casa amanhã. Estou muito fraca.

— Não posso dizer a ele o que fazer. Sou apenas uma plantonista.

— Mas estou sem forças. Não sei o que vou fazer. Gina deu uma palmadinha

na mão da velha.

— Vou lhe dizer o que farei, senhora... O nome da velha lhe escapou.

— Thompson. Mas pode me chamar de Harriet.

— Certo, Harriet. Se por acaso eu me encontrar com o Dr. Conway, conversarei sobre isso com ele.

— Obrigada — disse, sorrindo pela primeira vez. — Você é muito gentil.

Gina não esperava cumprir a promessa, mas enquanto estava na sala dos médicos, escovando o cabelo preto e lustroso e decidindo se passaria batom, viu o Dr. Bill Conway entrar.

— Saindo mais cedo?—perguntou Conway, com um sorriso. Era jovem, talvez dois ou três anos mais velho que ela, e podia ser confundido com um dos irmãos Baldwin. Gina o considerava atraente; gostava de sua aparência e modos. Mas Conway usava uma aliança na mão esquerda. Casadíssimo.

— Grady está me cobrindo — disse Gina. —Ainda não estou atendendo pacientes. Meu trabalho diário é assistir Duncan Lathram uma ou duas vezes por semana.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Vejam só! Eu não sabia que você andava em círculos tão refinados. E desde quando se tornou cirurgiã?

— Em geral odeio cirurgia, mas o que Duncan faz é fascinante.

É como arte.

— A arte da plástica de nariz. Bom título para um livro.

— Por que não? Se Donald Trump pôde escrever um livro, por que não Duncan Lathram? Best seller garantido na classe médica. Mas, mudando de assunto, o tubo intravenoso de uma de suas pacientes infiltrou na noite de ontem e o suspendi até que você chegasse.

— Thompson na enfermaria Norte Três?

— Certo. Todas as veias estavam usadas.

— Droga!

Gina ficou um pouco surpresa com a reação. Não vira nenhuma razão premente para a intravenosa.

— Sempre se pode usar a artéria subclávia...

— Não, não é isso. O conselho está pegando no meu pé. Eles querem que eu dê alta à paciente. Segundo o prontuário, a paciente não precisa de cuidados hospitalares. Sua pneumonia clareou, então vamos chutá—la.

— Ela disse alguma coisa sobre estar se sentindo fraca e com medo de ir para casa.

Ele estava assentindo.

— É um daqueles casos em que a paciente está bem na teoria, mas não na prática. A radiografia do pulmão não acusou nada, a febre baixou, a contagem de glóbulos brancos está normal, os eletrólitos estão balanceados, mas ela não está em condições de cuidar de si mesma. Não pode passar uma semana numa casa de repouso porque morre de medo de ficar com estranhos e sua filha, que vive em San Diego, não pode ou não quer ficar com mamãe durante alguns dias. Então, o que faço?

— Fale ao conselho sobre o caso dela—disse Gina.

— Sim, certo. Quando foi a última vez que aqueles burocratas trataram de um paciente? Se exercessem de verdade a medicina, não teriam tempo de enfiar os narizes nos prontuários dos outros médicos.—Ele suspirou.

—Aquele tubo intravenoso era dispensável, mas me dava uma desculpa para mantê—la conosco por mais alguns dias. Mas agora que ela está sem tubo, eles vão me pressionar ainda mais para dar—lhe alta. Quer apostar comigo daqui a quantas horas vou receber um telefonema da diretoria?

— Logo depois do almoço, acho.

Ela sabia qual era a prioridade da diretoria do hospital: dinheiro. O conselho não podia chutar a Sra. Thompson, mas podia determinar que sua condição não requeria mais cuidados hospitalares.

Com isso, a previdência social deixaria de pagar pelos serviços, deixando por conta do hospital os dias extras durante os quais ela seria mantida, e o Dr. Conway não receberia enquanto isso. Gina tinha certeza absoluta de que Conway estava pouco se lixando em manter a Sra.

Thompson por mais uns dias sem que o hospital recebesse nada por isso.

Mas ela duvidava que a diretoria pensasse do mesmo jeito.

Mais uma vez Gina se perguntou se queria mesmo exercer sua profissão em instituições particulares. As vezes, trabalhar como médico de família para o restante da vida não parecia tão ruim.

— E então, que vai fazer? Conway deu com os ombros.

— Que se danem. Ela fica até estar pronta para ir.

Gina se despediu de Conway imaginando quanto tempo ele conseguiria suportar a pressão.

O sol levantava—se. O ar estava fresco e revigorante, os pássaros entoavam um coro como o de uma sala cheia de monitores cardíacos. Gina pulou para dentro de seu velho Pontiac Sunbird vermelho e seguiu para casa. Mas não para a cama. Tinha um compromisso importante. Dormir não estava nos planos.

Não se sentia cansada. Até alguns meses atrás, quando era residente—chefe

no programa de atendimento comunitário da Tulane University, Gina trabalhara por mais de cem horas semanais. Agora com seus três turnos de doze horas semanais como plantonista em Lynnbrook, além de trabalhar como assistente no centro cirúrgico de Duncan Lathram durante três manhãs por semana, o tempo total de trabalho chegava apenas a sessenta horas semanais.

Quase férias. Mal sabia o que fazer com tanto tempo livre.

Bem, sabia sim. Ou pelo menos imaginava o que queria fazer. O senador Hugh Marsden estava presidindo a Comissão Mista de Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina. Ela queria participar da equipe dele, para trabalhar como assistente legislativa. E tinha uma entrevista às dez da manhã no escritório de Marsden.

Todos que conheciam Gina consideravam—na maluca por isso. Ela estava tentando fazer seus pais entenderem, mas era difícil.

Claro, o governo ainda não mantinha a classe médica sob supervisão absoluta, mas isso parecia inevitável. Quando Gina estava completando sua residência em Tulane, olhou em torno e se perguntou para onde iria e como poderia fazer alguma coisa importante. Leu tudo que lhe caía nas mãos, encheu os ouvidos de todos que conhecia, e acabou percebendo que o futuro da medicina seria decidido em Washington por pessoas que sabiam quase nada a respeito dessa ciência. Portanto, ela talvez pudesse fazer mais por seus pacientes — e pela profissão médica em si — em Washington do que naquele grupo médico multidisciplinar de Louisiana que lhe oferecera um belo salário inicial.

A medicina agora estava se tornando um jogo novo. Era chegada a época de uma nova espécie de médico, um que pudesse agir nos dois mundos—ser capaz de clinicar e ainda poder influenciar os burocratas. Se esse novo tipo de médico tivesse talento, motivação e o conhecimento de como essas regras estavam sendo moldadas, ele poderia desenvolver respeito e credibilidade suficientes para causar um impacto decisivo.

Gina se sentia estranhamente convicta de que pertencia a esse novo tipo de médico.

Convicta o bastante para, em nome disso, retornar para a terra na qual crescera, deixando para trás o homem que amava.

Afastou da mente a memória da expressão abalada de Peter Hanson na última vez que o vira. Os cabelos castanhos molhados de chuva, os olhos escuros cheios de mágoa e descrença, enquanto ela subia a rampa de embarque. Gina lembrou como acenara para Peter, como resistira ao ímpeto de correr de volta e se jogar nos braços dele. Mas sabia, no fundo do coração, que se fizesse isso,

passaria a vida inteira imaginando como poderia ter sido. Não queria tornar—se uma resmungona, sempre se perguntando "e se..."

Tudo que pedia agora era uma chance de mostrar o que sabia fazer. O primeiro passo na direção dessa chance estava marcado para dali a algumas horas.

Gina fez uma oração silenciosa: Não deixe que eu ponha tudo a perder.

*** 2**

NO CAPITÓLIO

Enquanto subia pela escada rolante do metrô até o nível do solo da Union Station, Gina se pegou mastigando uma unha. Enfiou a mão no bolso do casaco. Estava agitada. Café em excesso e nervosismo puro e simples. A hora seguinte poderia decidir o curso de sua vida profissional.

Olhou em volta. Com toda certeza, o metrô fora o maior avanço em Washington desde seu tempo de menina. Claro, os monumentos e a Estátua da Liberdade no topo do Capitólio tinham sido restaurados, mas como Gina crescera logo depois do rio, as paisagens que atraíam milhares de turistas eram como papel de parede para ela. Mas o metrô... esse era progresso. O percurso de apenas cinco quilômetros desde seu apartamento no bairro Adams Morgan podia às vezes levar 45 minutos, mas pelo menos não precisava se preocupar com engarrafamentos ou com a dificuldade em conseguir vagas em estacionamentos. Bastava dar uma caminhada curta de seu apartamento até a Connecticut Avenue, pegar a Red Line perto do zoológico, e alguns minutos depois estaria na Union Station.

O ar na rua estava quente e pesado. A sua esquerda viu um mendigo sentado num banco de madeira, matraqueando num telefone celular. Gina duvidou que o telefone estivesse funcionando mesmo, mas teve de admitir que aquilo era um adereço perfeito para quem tivesse uma tendência a falar sozinho.

Lembrou de ter estado ali quando criança. Ela e a mãe tinham ido pegar o pai dela depois de uma das viagens regulares dele até Nova York, para visitar a avó de Gina. Ela sentira medo. Naquela época, a Union Station costumava ser um lugar frio e ermo, uma cavernosa tumba de granito cheia de esquinas sombrias. Era um lugar perigoso depois do anoitecer.

Agora se transformara num shopping center com dezenas de lojas de roupas, restaurantes, uma farmácia e até mesmo uma B Dalton. E a vizinhança era segura, tendo o Museu Postal de um lado e o Centro Federal de Justiça do outro. Todas as sombrias casas com fachadas de pedra ao longo da Massachusetts pareciam ter sido convertidas em restaurantes.

Que mudança.

Mas ela sabia que a magia não se estendia por toda Washington. A alguns quarteirões dali, a leste, fora da vista dos turistas, dos políticos e suas equipes, persistiam as casas em ruínas, os prédios abandonados, a pobreza e o crime dos velhos dias.

Ela passou pelo monumento de Colombo na praça semicircular em frente à estação, contornou os ônibus de turismo estacionados — mesmo numa manhã

mormacenta de segunda—feira, a área da estação estava repleta de turistas — atravessou a Massachusetts Street e chegou a um dos pequenos parques que margeavam o aclive no caminho para o Capitólio. Esse tinha uma atmosfera irreal: gramado perfeitamente aparado, nada de lixo espalhado, fileiras arrumadas de árvores, cada uma rotulada com seu gênero e espécie.

Bem—vinda à Federalândia.

Gina subiu em diagonal, desviando—se de funcionários públicos engravatados e turistas com camisas coloridas, e saiu na First Street Consultou o mapa desenhado à mão—estivera muitas vezes na área do Capitólio quando criança, mas jamais num prédio de escritórios do Senado. À direita via o Edifício Russel, à esquerda, o Edifício Dirksen. Atravessou a passos largos o estacionamento florido do Edifício Dirksen, onde numa placa estava escrito: "Reservado a Funcionários Públicos" — com sorte, em breve teria uma vaga ali — e chegou à Constitution Street. Passou por uma fileira bem organizada de mensageiros de motocicleta, todos aguardando os chamados em seus walkie—talkies. O destino de Gina era uma construção toda em mármore branco, o Edifício Hart.

No saguão, também em mármore branco, Gina se apresentou ao guarda de segurança uniformizado e assinou o livro de registro. Foi instruída a colocar a bolsa numa esteira rolante. Esta foi engolida por uma caixa de raios X Gina passou por um detector de metais. Tudo igualzinho a um aeroporto.

Mais mármore branco depois dos guardas—o prédio inteiro parecia ser feito desse material. Uma breve caminhada ao longo de um corredor margeado por canteiros, e ela estava no amplo átrio central do Edifício Hart.

Gina parou, abismada pela visão da enorme escultura de metal escuro que dominava o espaço. Uma série de balcões em mármore preto, contrastando com o ambiente branco ao seu redor, estendia—se para cima, na direção da clarabóia cristalina no teto. Entre os balcões flutuava um mobile gigantesco, com discos igualmente pretos.

Montanhas e nuvens pretas numa sala branca. Arrebatador. Mas a tensão impedia—a de concentrar—se no quadro. Precisava mover—se, prosseguir, chegar até o gabinete do senador Marsden.

Enquanto atravessava o átrio, Gina percebeu que um homem a encarava.

Vestido num terno cinza, poderia ser qualquer um dos milhares de auxiliares de senadores trabalhando no Capitólio.

Contudo, era bonito. Tinha uns trinta anos, era alto, com cabelos louros e curtos, olhos azuis, queixo quadrado. Mas por que a estava fitando daquele jeito?

Não se vestira de nenhuma forma que a destacasse das outras mulheres que passavam pelo átrio. Não havia nada especial em suas roupas. Elas primavam pela sobriedade: uma saia na altura do joelho e um blazer justo. Então por que ele a fitava como se ela estivesse de minissaia e blusa decotada?

Aquilo a estava incomodando. Ficou aliviada ao avistar o hall dos elevadores. Dobrou a esquina e colocou entre os dois uma daquelas paredes de mármore branco.

Em cima da porta do último elevador havia uma placa com os dizeres: "Exclusivo para senadores." Gina entrou num dos elevadores. Saltou no sétimo andar e começou a procurar pela sala SH— 752—escritório do senador Marsden.

Os escritórios ocupavam o perímetro do Edifício Hart. Os corredores na verdade eram sacadas ao longo das paredes internas. Dali, Gina pôde ver o átrio e a escultura. Notou que o mobile estava coberto por uma camada de pó cinzento. As nuvens precisavam de uma boa espanada.

Gina reparou num homem imóvel no centro do átrio, enquanto todo mundo passava correndo ao seu redor. Era o mesmo homem, aquele do terno cinza, e continuava olhando para ela.

Qual é o seu problema, cavalheiro?

Desviou os olhos e prosseguiu. Gina logo avistou a sala 752 no fundo do corredor. Numa simples placa preta na porta de carvalho estava escrito: Sen. H. Marsden. Persianas verticais bloqueavam—lhe a visão através das paredes de vidro que flanqueavam a porta. Gina parou diante da porta.

Isto é ridículo, pensou, enxugando na saia as palmas úmidas. Passei pelo curso preparatório, a faculdade de medicina, o meu período de residência hospitalar. Eu trouxe pessoas de volta dos mortos, fiquei suja de sangue e tripas até os cotovelos, e aqui estou, nervosa como uma caloura à porta do gabinete do diretor.

Segurou a maçaneta e entrou no escritório. Conheço ela.

Gerald Canney continuou olhando para o local, no passadiço do sétimo andar, onde avistara a morena atraente pela última vez.

Mas de onde?

Orgulhava—se de sua capacidade de lembrar de rostos e combinálos com nomes. Parte disso provinha de um talento natural, parte de seu treinamento na Academia do FBI em Quântico. Os agentes especiais precisam saber identificar rostos por baixo de perucas, óculos escuros e qualquer tipo de disfarce.

Só que aquela garota estava sem nenhum disfarce. O rosto estivera bem na frente dele, desafiando—o a reconhecê—lo. Mas por que não conseguira?

Estaria ligada de alguma forma ao caso? O falecido e respeitável senador Richard A. Schulz tivera um escritório no Hart. Ou ainda tinha, de certa forma, até que seu sucessor fosse nomeado. Gerry viera agora mesmo de lá, onde estivera vasculhando os arquivos do senador.

Suspirou. O caso Schulz era uma espécie de embaraço para o FBI. Tinham recebido uma denúncia de que o bom senador estava tirando proveito de sua influência. Como Gerry era ligado à unidade de corrupção pública, fora designado para a equipe responsável por investigar o caso.

Schulz era suspeito de várias outras atividades de legalidade questionável. A equipe de corrupção começara a fechar o cerco quando o senador saltara para a morte da sacada de seu apartamento.

Caíra ou fora empurrado? O FBI não sabia ainda. Tinham quase certeza que ele estava sozinho no apartamento quando passou pela balaustrada do balcão.

Como caíra? A balaustrada tinha um metro e vinte centímetros de altura.

Ele teria de escalá—la para depois cair, e não havia razão lógica para fazer isso — nenhuma planta que precisasse de água, nenhuma decoração suspensa que requisitasse atenção.

Isso reduzia as possibilidades a um salto. Será que ele soubera das investigações e decidira que não suportaria a humilhação? Improvável.

Gerry entrevistara as duas amantes do senador—nenhuma sabia da outra.

Uma estava listada em sua folha de pagamento como assistente, recebendo 41 mil dólares anuais. Ninguém na equipe sabia como era a cara da mulher—nunca tinha ido ao trabalho. A outra era lobista de uma associação de comércio de componentes eletrônicos. Muitos membros do Congresso poderiam ser acusados de estar na cama — figurativamente — com certos interesses políticos. Schulz, aparentemente, levava a expressão ao pé da letra. Nenhuma das duas mulheres disse ter notado o mais leve sinal de estresse ou apreensão no senador nas semanas que antecederam a morte dele. Mesmo seu fisioterapeuta, que o submetera a um tratamento de ultra—som nas costas apenas uma hora antes da morte, disse que o senador estivera com um humor excelente.

Então o que acontecera ao senador Schulz?

Gerry não sabia. E esse era o motivo para ele ter estado no escritório de Schulz nessa manhã. Aquele escritório ficava exatamente no mesmo corredor no qual a garota misteriosa estivera havia um momento. E Schulz fora um mulherengo, um tremendo mulherengo.

Mas essa garota não trabalhava ali. Gerry sabia disso pela forma incerta como ela caminhara pelo átrio, olhara boquiaberta para a escultura e procurara

pelos elevadores. Essa era a sua primeira vez no Edifício Hart.

Então, quem era ela?

Isso era fácil de descobrir. Bastava examinar o registro de visitantes na entrada da Constitution Street. Mas isso seria trapaça.

Ei, sou um agente especial treinado, disse a si mesmo. Posso resolver O Mistério da Gata Morena Estranhamente Familiar sem olhar o registro de visitantes.

E assim, o agente especial Gerald Canney permaneceu parado no centro do átrio, folheando seus arquivos mentais. Depois de cinco minutos dirigiu—se até o portão dos visitantes e mostrou sua identificação aos guardas.

— Eu gostaria de ver o registro dos visitantes desta manhã.

A mulher empurrou uma prancheta sobre a mesa. Gerry correu os olhos pelos nomes, atento para os femininos. Se visse um nome familiar, saltaria aos seus olhos.

Passou por um nome e pulou de volta para ele.

Regina Panzella.

Regina Panzella... por que esse nome tocava sinos em sua cabeça?

Panzella soava familiar, mas não com aquele primeiro nome... Não Regina... não Gina... O que rimava com Panzella?

Pizza.

Deus do céu! Pizza Panzella. Não podia ser. De forma alguma. Pizza era... bem... era redonda. Daí o apelido. Pizza era quase obesa. E com toda certeza aquela garota não era gorda.

Mas...

Havia alguma coisa em seu rosto... afine as faces arredondadas, faça alguma coisa com o cabelo desgrenhado, e então poderia ser. Fazia dez anos ou mais que a vira, mas sim, poderia ser mesmo Pizza.

Gerry viu as horas. Precisava voltar ao escritório para conversar com Ketter sobre o caso Schulz, mas eles não tinham marcado um horário definido para a reunião. Talvez ficasse ali durante algum tempo para dar outra olhada na moça.

Pizza Panzella... era quase impossível de acreditar.

— Certo—disse Joe Blair, o chefe de gabinete do senador Marsden. —Já falamos muito sobre o trabalho. Vamos falar de você.

Mesmo?, pensou Gina. Finalmente vai parar de falar de si mesmo e começar a me entrevistar? Será que consegue?

Blair tinha mais ou menos a idade dela, com cabelos castanhos começando a rarear, olhos castanhos, pele clara e um bigode fino. Usava blusa branca de mangas curtas, gravata discreta e calça azul—marinho. Parecia jovem demais

para ser o chefe de gabinete de um senador dos Estados Unidos, mas considerando as histórias que contara—todas estrelando um certo Joseph Blair — ele deveria estar no Capitólio havia oito anos, desde que se formara em ciências políticas na Cornell. Esse era o terceiro senador para quem ele trabalhava, e pelo que Joe dizia, ele fizera mais leis que qualquer um deles.

Que sujeito! Lembrava a Gina alguns ortopedistas residentes naTulane University.

Pensara que seria entrevistada pelo senador Marsden em pessoa.

— O senador está no andar — dissera—lhe Joe Blair. Gina olhou em volta.

— Como?—perguntou.

— Isso significa que ele está no Senado — disse Blair, com um sorriso condescendente. —No andar do Senado.

— Entendo — esforçou—se para esconder a decepção.

— Além disso, o senador não cuida das admissões e demissões. Eu faço isso.

Fantástico. A decepção foi varrida por uma onda de apreensão. Tinha certeza que Blair não gostava dela.

Blair conduziu Gina por um passeio pelo gabinete. Ela já vira a pequena ante —sala com os dois recepcionistas — uma moça e um rapaz—e sua atmosfera anti—séptica de consultório dentário. O espaço posterior era muito maior e mais desorganizado, parecendo realmente um local de trabalho, com escritórios modulares, mesas entulhadas de papel, estantes entupidas de livros, monitores de computador, xícaras de café vazias, documentos e folders caídos em cada superfície horizontal disponível. E telefones. Telefones por toda parte, cada um portando um pequeno selo do Senado dos Estados Unidos.

O escritório ocupava dois andares, que se comunicavam através de uma escadaria central. O duplex oferecia mais espaço que a maioria dos senadores dispunham, mas Marsden representava um dos estados maiores, e Gina sabia que "espaço proporcional à população" era um dogma no Capitólio.

O segundo andar se parecia muito com o primeiro, exceto por uma pequena sala de espera e a central de computadores que abrigava o processador central dos terminais do escritório. O que mais chamava atenção no segundo andar era a sala de correspondência com seus fardos— muitos fardos de cartas. Segundo Blair, a equipe de correspondência lia, classificava, arquivava e respondia entre dez e quinze mil cartas por semana.

Decidiu entrevistá—la na sala do senador. Gina ficou surpresa com a decoração espartana. Esperara revestimento de carvalho nas paredes, tapetes felpudos, iluminação indireta, uma enorme cadeira de couro, uma mesa grande e impressionante exibindo um selo do Senado dos Estados Unidos e flanqueada

por bandeiras do país e do estado — o usual.

Aparentemente, Marsden não se deixava impressionar pelos paramentos do cargo. A mesa e cadeira reclinável eram de alguma madeira indiscernível, parecendo simples e ligeiramente puída ao sol da manhã que entrava pelas janelas. Havia pastas de arquivo empilhadas na mesa e no assoalho. Algumas placas e diplomas adornavam as paredes, assim como fotos de família Aúnica estante não podia comportar mais nenhum livro.

Acima da lixeira havia uma miniatura de cesta de basquete.

Naquele momento Gina teve quase certeza de que gostaria do senador Marsden.

Mas primeiro teria de passar pelo chefe de gabinete dele.

Gina e Blair se acomodaram em lados opostos da mesinha de centro na área de reuniões da sala. Blair passou mais uns bons dez minutos falando.

Enquanto discorria sobre seu talento em ajudar a guiar os projetos de lei do senador através das muitas armadilhas do processo legislativo, Blair alternava o olhar entre as pernas e os seios de Gina. Gina puxou a saia para mais perto dos joelhos.

Tinha pernas decentes e usava sutiã 42. O que mais ele queria saber?

Talvez ela devesse ter ido de calças compridas.

Finalmente ele começou a examinar o currículo de Gina.

— Impressionante. Mas não vejo nada aqui sobre filiação a partidos.

— Sou uma independente — disse Gina.

Ele levantou os olhos para Gina como se ela tivesse arrotado. Limpou a garganta.

— A filiação a partidos é um dado muito importante. Precisamos saber em quem podemos confiar.

— Se eu for de sua equipe, você poderá confiar em mim. Se quiser uma resposta direta, eu a darei. Se não souber a resposta, eu descubro.

Blair fitou Gina.

— Não sei... o senador ficou impressionado com o fato de uma médica praticante, especialmente uma jovem, ter—se candidatado a uma posição de assistente legislativa no projeto de lei das Diretrizes. Diga—me: O que você acha que pode oferecer à comissão mista que já não tenhamos?

Finalmente a pergunta que Gina estava esperando.

— Posso oferecer muita coisa. Em primeiro lugar...

— Você conhece a história da comissão mista, não é verdade? — perguntou.

Gina conhecia, mas isso não faria Blair se calar. — Bem, quando você ainda

estava estudando, antes que um programa nacional de saúde e um sistema de cobertura universal se tornassem os assuntos do momento, o senador McCready, que era membro dirigente da Comissão de Trabalho e Recursos Humanos, apresentou ao Senado seu projeto de lei de Diretrizes para a Prática de Medicina. Nessa mesma ocasião, o deputado Allard apresentou um projeto de lei muito parecido na Câmara. Numa rara demonstração de cooperação política, uma comissão mista foi formada. O senador McCready presidiu as audiências mas morreu antes que o projeto de lei pudesse ser enviado para cada câmara. Com o falecimento de um de seus principais defensores, o projeto de lei morreu na praia.

Gina assentiu.

— Mas no começo deste ano o presidente entrou em cena— completou.

— Sim. Ele pediu pessoalmente ao senador Marsden que revivesse a Comissão McCready. Mas ele queria que a legislação incluísse não apenas diretrizes para a prática de medicina, mas também regulamentos em ética médica.

— E é por causa disso que vocês precisam de mim — disse Gina, cortando o monólogo de Blair. — Sou uma médica praticante, formada pela Tulane University e bem versada em questões de saúde pública. Vocês coletarão toneladas de testemunhos, muitos dos quais serão conflitantes. Precisarão de alguém capaz de separar o joio do trigo. Se o senador Marsden...

— Com toda franqueza, não compartilho do entusiasmo do senador em ter um médico a bordo — disse Blair, fitando Gina. —Acho que poderia causar confusão demais, talvez até dissensão. Portanto, o que você poderia dizer ou fazer que me levasse a mudar de idéia?

Gina sentiu a pele ferver por causa da forma como ele a olhara ao dizer aquilo. Preferiu ignorar.

— Acho que você precisa de todos os pontos de vista para delinear um plano bem balanceado. Posso prover o senador com uma perspectiva valiosa, que ele não está vendo agora, e à qual provavelmente tem pouco acesso. Os melhores generais sempre se mantêm informados das condições nas trincheiras. É isso que eu posso oferecer.

Blair olhou para o relógio.

— Veja só a hora. Já nos alongamos mais do que eu planejava. — Fechou a ficha de Gina e se levantou. — Muito bem. Obrigado, Dra. Panzella.

Caminhou até a porta e abriu—a para Gina.

— Conversarei sobre sua entrevista com o senador. Se ele decidir contratá—la, entraremos em contato. — Ele estava absolutamente inexpressivo, os olhos vazios. — Sabe como sair?

— Claro — respondeu Gina, forçando um sorriso.

Seu coração afundou quando a mensagem soou alto e claro: Não telefone para nós, nós telefonaremos para você.

Gina deixou o sorriso esvanecer enquanto se dirigia à recepção. A entrevista fora um pesadelo. Não podia imaginar como poderia ter sido pior. Qual era o problema com Blair? Será que ele se sentia ameaçado por Gina? Ou estava procurando alguma coisa nela? O que você poderia dizer ou fazer que me levasse a mudar de idéia? O que ele desejara dizer com mo? O que esperava que ela fizesse, levantasse a saia?

Ela estava cerrando os dentes de raiva. Um homenzinho com algum poder equivalia a um grande problema. Seus planos terminariam assim?

Gina teve o elevador só para ela. Encostou—se na parede e lutou contra a decepção. Certo, então ela provavelmente não entraria na equipe do dirigente. Preparara—se para isso — não para um fiasco como esse, mas para a possibilidade real que o senador realmente achasse que não precisaria dela. Havia seis outros membros — ou melhor, cinco: o deputado Lane morrera num acidente de carro fazia algum tempo.

Portanto, naquele momento havia cinco outros congressistas membros da Comissão de Diretrizes. Como o deputado Allard era a escolha óbvia seguinte, Gina já marcara uma entrevista com ele na manhã de quarta.

Até parecia que ela estava prevendo.

Saiu do elevador e dobrou a esquina, entrando no átrio. Foi quando ouviu uma voz de homem à sua esquerda.

— Desculpe—me, mas a palavra "Pizza" tem algum significado especial para você?

Gina sentiu um arrepio. Aquele era um nome que não ouvia desde a escola.

Um nome que não queria ouvir nunca mais.

Gina se virou. Ele de novo. Ou ainda. O louro de terno. Agora estava vendo em seu rosto algumas cicatrizes finas que não notara antes; eram lineares ao longo da fronte e desciam pela face esquerda. Estava se aproximando dela, olhando para seu rosto como uma criança debruçada sobre o livro Onde está Wally? Qual era o problema dele?

Gina então se apercebeu de algo familiar nele. Se imaginasse seu cabelo uns dez centímetros mais comprido...

Ele estendeu a mão.

— Deus, é você mesma. Não sei se você se lembra de mim, da época do ginásio. Eu sou...

O nome veio—lhe à mente.

— Gerry! — Ela segurou—lhe a mão. — Gerry Canney!

— Certo. Estou lisonjeado por você ter lembrado.

Mas como poderia esquecer? Capitão e zagueiro do time de futebol, capitão da equipe de natação, e, ainda por cima, aluno aplicado. Tivera uma queda enorme por Gerry Canney durante todo o tempo que cursaram o ginásio Washington—Lee na Arlington Avenue. Lembrou—se de que costumava ficar todos os dias à espera dele no corredor, depois da aula de Estudos Sociais, só para vê—lo passar. As cicatrizes em seu rosto tinham sido mudanças sutis em sua aparência, mas continuava estonteante.

— Está lisonjeado por eu ter lembrado de você?

— Eu estou lisonjeada por você ter lembrado de mim!

Ele sorriu.

— Sou um bom fisionomista. E quem poderia esquecer uma garota com um nome como Pizza?

Ele repetiu isso. Seria preciso cortar o mal pela raiz.

— E Gina, Gerry. Gina. Ele piscou.

— Peguei você. Acho que nunca soube seu nome verdadeiro. É Gina. Mas quase não a reconheci. Você está maravilhosa.—Ele piscou e meneou as mãos no espaço entre os dois, como se quisesse apagar as palavras.—Espere. Isso não saiu direito. Eu não quis...

— Tudo bem — ela riu, segurando—o pela manga.—Entendo. Não sou metade da garota que era. E você... da última que o vi, tinha enormes costeletas e cabelo tapando as orelhas.

Ele esfregou as faces bem barbeadas.

— Sim. Os anos setenta. Dá para acreditar que nos vestíamos daquele jeito? Mas me diga: o que tem feito da vida?

— Acabo de terminar meu período de residência.

— Você é médica? Parabéns! — Ele olhou o relógio. —Veja, estou esperando você aqui desde que entrou. Precisava certificarme de que era você. Mas agora estou atrasado para uma reunião e tenho de correr. Mas nos vemos de novo em breve.

— Seria ótimo.

— Que tal amanhã à noite? Está livre?

Ela percebeu que ele não se referia apenas a seu tempo.

— Amanhã? Não, eu pego o turno da noite às terças. — Ela iniciava um turno de doze horas em Lynnbrook às oito.

— Que tal quarta?

— Desculpe. Turno da noite de novo.—Mas Gina não queria que ele pensasse que o estava dispensando. — Talvez pudéssemos nos encontrar para jantarmos cedo antes de eu pegar no batente. Ou esperamos até sexta.

— Sexta está muito longe. Um jantar cedo seria melhor. Tem algum lugar de preferência?

— Escolha você.

— Certo. Eu escolho.

Ele tirou uma pequena caderneta de couro do bolso e lhe deu dois cartões e uma caneta.

— Anote seu número e ligarei quando pensar num lugar apropriado.

Gina escreveu o número do telefone e devolveu—lhe os cartões. Ele devolveu o de baixo para ela.

— Este é para você. Telefone sempre que testemunhar um crime federal. — Despediu—se com um aceno de mão. — Eu lhe telefonarei hoje à noite ou amanhã.

Ele começou a andar apressado através do átrio de mármore branco, na direção da saída. Gina olhou o cartão: Gerald Canney, Agente Especial, FBI.

Ela sorriu. Gerry, um agente do FBI? Surpreendente. Sempre imaginara que ele acabaria sendo um alto executivo em alguma multinacional. Quem teria adivinhado? E agora o ex—destruidor de corações do ginásio Washington—Lee queria sair com ela. Quem teria adivinhado?

Só gostaria que ele não tivesse dito seu apelido. Aquilo não era engraçado.

Pizza... quando ela ganhara esse apelido? Quando era caloura? Por volta da época em que seus hormônios tinham começado a fluir. Da noite para o dia estava inchada como um balão. Aquilo era horrível. Não cabia em suas roupas. Os seios estavam crescendo, o que era bom, mas a barriga, quadris e cintura também. Não mudara os hábitos alimentares, mas o corpo parecia ter— se tornado incapaz de queimar as calorias que absorvia. Em menos de um ano ficara obesa. Ela queria morrer.

O pai dela não considerou aquilo um problema. Dizer "Há mais de você para amar!" definitivamente não adiantava para amenizar sua angústia. A mãe entendia, e juntas iniciaram uma dieta, mas já era tarde demais. Os engraçadinhos da escola não puderam resistir a chamá—la de "Pizza" Panzella.

Ela mudou internamente também, tornando—se mal—humorada e reclusa.

Olhando para trás agora, depois de formar—se em medicina, Gina percebia que afundara numa depressão clínica. Dizia às pessoas que não se importava com seu peso ou como qualquer um a chamasse e, para provar isso, comia até

estourar. Especialmente nas noites solitárias de quarta.

Especialmente chocolate. Pizza amava chocolate. Bolo de chocolate, rosquinhas de chocolate, bombons de chocolate com amêndoas e barras de chocolate. Deus, ela adorava barras de chocolate. E comer apenas a deixava mais gorda, e em conseqüência, mais deprimida.

Pizza perdeu a formatura e muitas outras atividades de segundo grau por causa de seu exílio voluntário. Os únicos momentos agradáveis naqueles dias sombrios tinham sido os livros que lera e seu trabalho de meio expediente no consultório do Dr. Lathram. Suas notas começaram a cair, mas não o bastante para impedi—la de entrar na universidade.

No verão que antecedeu a sua entrada na universidade, percebeu que tinha uma chance de recomeçar tudo. Os rapazes em Princeton nunca tinham ouvido ninguém chamá—la de Pizza. Jurou que nenhum deles jamais ouviria. Entrou numa dieta rígida — nem bulimia, nem fome, nem trocar um problema pelo outro. Apenas pouca gordura e restrição de calorias, mais um programa torturante de exercícios. Lembrou—se da fome constante, dos pulmões ardentes, das pernas doloridas, enquanto forçava o corpo a correr mais um quilômetro... só mais um. Mas quando se registrou em Princeton, Gina estava orgulhosa de estar apenas acima de seu peso. Segundo suas tabelas, seu peso alcançara o máximo adequado à sua idade, altura e sexo durante o primeiro ano. No terceiro ano de faculdade, estava ficando magra demais, de modo que começou a suavizar a dieta. Quando se formou, transformara—se na pessoa que sempre quisera ser: tinha seu bacharelado em biologia, estava a caminho da escola superior de medicina e gostava do que via no espelho.

Mantivera aquele peso durante os quatro anos da escola superior de medicina e os três anos de residência. Pizza Panzella estava morta.

Bem, quase. O fantasma de Pizza ainda a assombrava, e de vez em quando a arrastava até o balcão de chocolates de uma confeitaria. Nessas ocasiões, Gina cedia e deixava Pizza comer uma barra de chocolate. Mas apenas de vez em quando, e só uma.

E agora Gerry Canney estava convidando—a para sair. Estranho como as coisas na vida fecham o círculo.

Franziu a testa. Não ouvira falar qualquer coisa sobre Gerry ter—se casado?

Queria conhecê—lo—certamente não o conhecera no segundo grau — mas não estava interessada em jogos.

Pizza Panzella fora uma adolescente vulnerável.

Gina Panzella, era tudo, menos isso.

— Desculpe a demora—disse Gerry ao entrar no escritório de Marvin Ketter no prédio do FBI. Estava ofegante e suado porque fora correndo desde a garagem.—Levei um pouco mais de tempo do que pensara.

O que era verdade. Pizza... não.... Gina demorara mais do que ele previra para terminar seus negócios no Edifício Hart. E o tempo todo até aqui sua mente estivera concentrada nela, e não no senador Schulz.

Nossa, como estava bonita agora. A metamorfose de Pizza em Gina o fascinava. Lembrava—lhe de uma coisa que lhe acontecera quando criança.

Tinha ido passar um fim de semana fora e deixara uma lagarta num aquário seco. Ao voltar, encontrara uma belíssima borboleta voando dentro do vidro. Ele a deixara voar pelo seu quarto, observando—a, pasmado, durante horas antes de abrir a tela da janela para deixá—la passar.

— Bem, você teve a manhã inteira para fuçar a terra — disse Ketter. — Encontrou alguma minhoca?

Martin Ketter tinha dez anos a mais que Gerry. Os cabelos pretos e cacheados, que mantinha bem curtos, estavam começando a acinzentar nas têmporas. As sobrancelhas eram sua característica marcante—enormes e felpudas, como as de Groucho Marx, eram mais longas e espessas que o cabelo na cabeça. Com um bigode preto e um charuto, Gerry poderia juntar—se a Harpo e Chico. Pelo menos até que abrisse a boca. Groucho não tinha sotaque da Geórgia.

Ketter era supervisor de agentes especiais. Um degrau acima de Gerry, que queria o trabalho dele. Mas não pretendia chutálo nem fazê—lo parecer incompetente. Gostava de Ketter. Mas quando Ketter ascendesse na hierarquia, Gerry gostaria de ocupar o cargo dele. Não simplesmente como um movimento de carreira ou porque ele fora um agente de campo por tempo demais; havia outros motivos, mais importantes.

— Encontrei alguns petiscos, mas não sei se significam alguma coisa. E quanto mais descubro sobre o nosso garoto, menos gosto dele. Quero dizer, não parecia haver nada tão pequeno que ele não quisesse roubar.

— Tem um monte de gente assim lá em cima.

— É, começo a ver isso. Droga, eu tinha algumas ilusões sobre o que acontece lá no Capitólio, mas estou começando a achar que eu era um crédulo.

Ele aprendera mais do que gostaria sobre o tráfico de influências em Washington.

Anos atrás o Senado votara para reduzir a quantidade de jettons que cada membro podia coletar de particulares em um ano. Mas isso não impedia os

senadores de aceitarem "acordos orais". Eles ainda voam para estações de veraneio, nas quais são hospedados em suítes palacianas, e comem e bebem do melhor durante dias — antes e depois de seu "discurso", que normalmente se restringe a uma conversa com assessores de grandes empresas. Depois voam de volta para Washington carregados de presentes.

O honorário de mil dólares pelo discurso? Isso era doado — muito visivelmente — para uma instituição de caridade.

As viagens com todas as despesas pagas e os presentes costumavam bastar para a maioria dos congressistas, mas não para o senador Schulz. Ele aceitava todos os convites que recebia, exigia honorários altíssimos, mas graciosamente doava cada centavo para uma igreja de sua cidade natal onde seu tio era pastor. A investigação de Gerry desvelara provas de que o pastor estava direcionando apenas um quarto dos donativos para a igreja e devolvendo o restante a Schulz.

Mas então Gerry ficou sabendo da conexão entre Schulz e o deputado Hugo Lane. Ambos eram mancomunados com lobistas de empresas automobilísticas japonesas. Uma megaempresa japonesa comprara uma mansão de oitocentos mil dólares em Palm Beach. Estava registrada no nome da empresa, mas seu uso destinava—se exclusivamente para Schulz e Lane. Sempre que os dois queriam um pouco de diversão sob o sol da Flórida, a mansão era deles. Simplesmente tinham de acertar entre si para não chegar lá ao mesmo tempo.

O deputado Lane morrera num acidente de carro — entrara numa ravina profunda em Rock Creek Park—duas semanas antes da morte de Schulz.

Haveria aí uma conexão? Talvez. Gerry estava de olho nisso. Até aqui não descobrira nada de relevante, mas continuava investigando.

— Uma coisinha interessante — disse a Ketter. — Encontrei o canhoto de um polpudo cheque, destinado à cirurgia plástica.

— Deixe—me adivinhar: tirado dos fundos da campanha de reeleição.

— Claro.

— E então, o que tem isso?

— Bem, para mim, ninguém que esteja pensando em se matar se dá ao trabalho de fazer uma plástica. Isso parece mais apropriado a quem esteja pensando no futuro.

— É possível. Ou talvez essa pessoa tenha feito a plástica porque estava muito insatisfeita consigo mesma, mas então descobriu que isso não a fazia sentir—se melhor, e mergulhou para a morte.

— Estraga—prazeres — murmurou Gerry.

— Deixe a adivinhação para os psicanalistas. Obteve algo concreto?

— Sim. Apareceu uma correlação estranha no banco de dados. E se eu lhe dissesse que tanto Lane quanto Schulz fizeram operação plástica neste verão?

Ketter deu de ombros.

— E daí?

— E se lhe dissesse que foi com o mesmo cirurgião?

— Mesma resposta. Esses Bons Companheiros vão ao mesmo dentista, à mesma cartomante, aos mesmos restaurantes, têm o mesmo treinador pessoal, e às vezes até as mesmas amantes. E então, qual é o problema de terem o mesmo cirurgião? Quem é o médico?

— DuncanLathram.

Ketter o fitou por um momento.

— Ah, entendo. Acho que já ouvi esse nome antes. E acho que foi você quem falou sobre ele. Ou estou errado?

— Não. Está certo.

— Parece que brigou com esse tal Dr. Lathram não tem muito tempo.

— Tivemos uma discussão. Só isso.

Muito mais que uma discussão, na verdade. Duncan Lathram se recusara a operar o rosto de Gerry depois do acidente de carro. Fora uma época muito difícil para Gerry. A pior. E a recusa de Lathram quase fizera Gerry perder a cabeça. Ainda remoía a dor daquela rejeição.

— Se lembro bem, você ficou realmente invocado naquela época.

— Olhe, o computador cuspiu sozinho a correlação. Não fui até lá procurando por isso. Mas deve admitir que parece um pouco estranho que um deputado e um senador morram cerca de um mês depois de uma cirurgia plástica executada pelo mesmo médico.

— Um em acidente de carro, o outro numa queda. Não estou vendo exatamente um padrão aqui.

— Nem eu. Só estou mencionando como curiosidade.

— Ótimo. Então basicamente não temos nenhum indício de sujeira na morte de Schulz.

— Nenhum.

— Certo. Então vamos bater a poeira e seguir em frente, sem envolver cirurgiões plásticos nessa história.

— Faremos isso.

Mas aquilo despertara a curiosidade de Gerry. Poderia não ser nada — não era nada — mas ficaria de olhos bem abertos, para o caso de algum outro paciente de Lathram acabar no necrotério. Só pelo prazer de fazer isso.

* 3

CIRURGIA

— Dra. Panzella?

Gina estava sentada diante de um terminal de computador completando um exame pré— operatório, avaliando as condições cardiopulmonares de um paciente e sua adequabilidade à cirurgia. Pelo menos era isso que devia estar fazendo. Na verdade, estava fitando a tela enquanto ruminava sobre o desastre do dia anterior no escritório de Marsden e aquele pequeno e oficioso...

Não pense nisso.

Olhou para cima. Uma jovem negra, de touca e máscara cirúrgica, cutucara —lhe a cabeça e ombro pela portinhola da sala de registros e estava olhando para ela, ansiosa.

— Ele está pronto para a assepsia — disse Joanna, a enfermeira cirúrgica.

— Já estou indo — disse Gina.

Ela salvou o arquivo para poder terminar o trabalho mais tarde, e subiu para a sala de cirurgia. Mesmo numa manhã VIP, com apenas um paciente muito importante, Duncan Lathram não gostava de esperar. Andou o mais depressa que pôde.

Não que ela precisasse ir muito longe. O nome Lathram Surgical Associates soava como um grupo médico multidisciplinar, mas na verdade era composto apenas por um cirurgião numa instalação em Chevy Chase.

Essa instalação era uma velha casa de pedras que já fora um banco, com um único pavimento e uma aparência um tanto gótica. Duncan Lathram e seu irmão Oliver, também médico, mas Ph.D. em farmacologia, haviam mantido a velha fachada, embora tivessem reestruturado e aparelhado o interior, transformando a casa num avançado centro cirúrgico. Este possuía uma suíte de operação de dois cômodos, uma ampla sala de recuperação com seis cubículos, uma sala de recuperação particular para clientes especiais e uma sala de exame e consultas, além do escritório de Duncan. A sala de registro, a sala de espera e o laboratório de Oliver ocupavam o subsolo.

Gina entrou apressada na sala de assepsia, vestiu o jaleco branco, enfiou os cabelos pretos e rebeldes numa touca descartável e se juntou a Duncan à pia. Os

antebraços do médico já estavam cobertos por uma espuma marrom.

— Bom dia, Duncan.

Desde o primeiro dia de Gina no centro cirúrgico, Duncan insistira para que ela o tratasse pelo primeiro nome, afinal era agora uma médica completamente formada. "Chame—me de 'doutor' mais uma vez e está despedida." Mas ela precisava fazer um esforço consciente para dizer Duncan. Ele era o herói de Gina desde que tinha dez anos.

Hum... Preocupado esta manhã.

Observou—o com o canto do olho enquanto ajustava a temperatura da água com os pedais de controle e iniciava a lavagem de assepsia. Era assistente de Duncan Lathram na cirurgia—ainda não acreditava que isso fosse verdade. Simplesmente por estar ao lado dele, como naquele momento, Gina sempre sentia um leve formigamento na pele.

Estava trabalhando com Duncan fazia meses e ainda ficava impressionada com o quanto sua aparência era boa para um homem de 62 anos.

Impecavelmente limpo, com cabelos escuros e brilhantes acinzentando nas têmporas; olhos azuis penetrantes sobre um nariz generoso num rosto másculo e um tanto longo, que vincava profundamente quando ele sorria, o que não era freqüente. Cerca de um metro e oitenta, com a aparência saudável de um Gary Cooper ou um Randolph Scott maduro, fazendo mais o tipo vaqueiro que cirurgião plástico. Alto e tão magro, que se podiam discernir os ossos: um "corte de costela".

A imagem a fez sorrir e levou—a de volta para a infância, quando trabalhava na delicatessen e açougue de sua família italiana. Naquela época o pai dela costumava—e sem dúvida ainda devia mantêlo — rotular certos clientes com os nomes de cortes de carne ou de pratos de especialidade italiana. A Sra. Fusco, que sempre tinha de tocar em tudo, era uma calamari; o barrigudo Sr. Prizzi era um lombinho; a Sra.

Bellini, que sempre esquecia sua lista de compras em casa e nunca conseguia lembrar do que precisava, era uma capozella; e certa vez, quando o pai dela pensou que Gina estava na frente da loja, ela o ouvira perguntar a um dos açougueiros o que ele achara dos canelones da Sra. Phillips.

Gina adotou o hábito e começou a categorizar as crianças que conhecia como cortes de carne. Duncan Lathram definitivamente era um corte de costela.

Mas as mãos de Duncan não combinavam com o restante dele — dedos longos, ágeis e delicados que podiam executar milagres, iazerorigamis médicos com tecidos humanos.

Sentia—se estranha só de pensar nisso, mas o velho era sensual.

Onde estou com a cabeça? Ele é mais velho do que meu pai, pensou Gina.

Mas não havia como negar: Duncan Lathram era um homem atraente. Não que sentisse impulsos libidinosos em relação a ele. Deus, não. Mas de um ponto de vista puramente estético, era bonito demais para um velhote.

Deve ser nossa história, pensou. Percorremos um longo caminho. E tenho as cicatrizes para provar.

O grandão estava calado hoje. Duncan quase sempre tinha algo sobre o que falar. Um viciado em notícias. Lia todos os jornais locais, mais oBaltimore Sun e os tablóides sensacionalistas de Virgínia. Deixava—os espalhados pelo escritório todas as manhãs. Jamais perdia os programas MacNeil/Lehrer e Meet the Press.

E jamais falhava em encontrar alguma coisa que o tirasse do sério.

Duncan tinha duas listas de Coisas—Que—Me—Tiram—do—Sério: a Permanente e a Diária. Sempre tinha algo sobre o que falar.

Mas hoje não.

O silêncio começava a perturbar Gina.

— Ouviu sobre o senador Schulz? — perguntou Gina. Teve a impressão de que o nome provocou um calafrio no médico.

— Schulz? —A voz de Duncan veio macia, suavemente melódica. — O que tem ele?

— Disseram na TV que há rumores de que a causa da morte está sendo investigada.

Duncan começou a enxaguar a espuma cor de mel dos braços e mãos.

— De acordo com os boatos, Schulz pulou. E com razão. Ele era, em termos populares, mais ladrão que os outros. E suas sujeiras estavam vindo à tona. — Duncan meneou a cabeça com tristeza. —Vinte andares até o chão para bater com o rosto. — Suspirou.—Uma técnica extraordinária, todas aquelas horas de trabalho duro... que desperdício!

— Duncan!

— Bem, é verdade. Se eu soubesse que ele iria se defenestrar no futuro, não teria me esforçado tanto.

Gina pensou que ele estivesse empregando seu humor negro, tão freqüentemente beirando o mórbido. Mas às vezes ele ultrapassava os limites.

Ele pressionou o cotovelo contra um disco de cromo na parede, e as portas da sala de operação se abriram.

— Rápido. Mais um grande caquistocrata nos aguarda.

Gina olhou para o relógio. Tinha ainda mais um minuto de assepsia pela

frente. Enquanto sentia o jorro de água morna, lembrou de seu encontro casual com Gerry Canney. Imaginou se ele telefonaria. Não seria o fim do mundo se não ligasse, mas com toda certeza seria agradável se o fizesse. Repassou mentalmente as palavras obscuras que coletara para jogar sobre Duncan hoje, e em seguida voltou os pensamentos para o enigma que era Duncan Lathram.

Quando se conheceram, dezenove anos atrás, Duncan não era cirurgião plástico.

Aos dez anos ela acordou num hospital com tudo doendo. Arrastando—se pelo labirinto de seus pensamentos confusos, Gina alcançou a memória de estar competindo contra dois dos garotos da vizinhança, para provar que podia correr de bicicleta de forma tão rápida e ousada quanto eles. De repente estava no meio da Rodovia Lee com um caminhão guinchando e se aproximando velozmente dela. Lembrou dos olhos aterrorizados do outro lado do pára—brisa sujo, enquanto o motorista enfiava o pé no pedal e tentava desviar—se dela.

A dor empurrava as lembranças de volta para o fundo... dor e medo...

Onde estava a mãe dela e quem eram aquelas pessoas estranhas e agitadas à sua volta? Quem era o doutor alto debruçado sobre ela, pressionando dedos em sua barriga? Alguma parte profunda de seu subconsciente devia estar sentindo a vida escapar—lhe. Lembrou de ter perguntado ao médico se iria morrer, e do quanto ele parecera chocado por ela estar consciente. Mais do que tudo, lembrava do médico gigante ajoelhar—se ao lado da maca, aproximar o rosto a poucos centímetros do dela, apertarlhe a mão e responder: "Não, se eu puder fazer alguma coisa, e aqui quem manda sou eu."

Alguma coisa em sua confiança extraordinária acalmou—a. Gina acreditou nele, fechou os olhos e voltou para a inconsciência. O médico gigante era Duncan Lathram. Naquela época, Duncan Lathram era um cardiologista. Não um soldado da fortuna que passava seus dias extraindo veias varicosas, mas um herói com um bisturi, sem medo de enfrentar qualquer catástrofe vascular, e quanto pior o estado do paciente, melhor. Como no caso dela. O impacto com o caminhão rompera—lhe o baço e rompera a artéria renal. Duncan removera—lhe o baço e restaurara a artéria hemorrágica, salvando—lhe o rim e a vida.

Gina se lembrou de ter ficado perdidamente apaixonada pelo homem. Aos olhos dela, o Dr. Lathram tornou—se um semideus. Desde aquela época, passou a mandar—lhe cartões de Natal todos os anos. E quando fez dezesseis anos, foi trabalhar para ele como funcionária de meio expediente na sala de registros de seu consultório em Alexandria. Vira como ele trabalhava duro, passando quatorze a dezesseis horas no hospital e no consultório, e muitas vezes sendo chamado à sala de emergência à uma ou às duas da manhã, para restaurar artérias hemorrágicas ou danificadas por quase tudo, desde arteriosclerose até acidentes

de carro e lutas de faca. Ele podia ser ríspido, egocêntrico e até arrogante de vez em quando, mas Gina não se importava. Afinal, os semideuses não eram assim? Sua vitalidade assombrava—a. A dedicação e o entusiasmo sem limites que Lathram nutria pelo trabalho haviam—na inspirado tanto que, ao se registrar em Princeton, Gina escolhera biologia como sua especialidade. O curso de sua vida fora traçado.

Onze anos depois, ao retornar para Washington como médica com formação completa, ficou chocada ao descobrir que Duncan Lathram não era mais o intrépido salvador de vidas que ela deixara para trás. Por algum motivo, ele se metamorfoseara num cirurgião plástico que devotava seus dias de trabalho a embelezar os ricos e poderosos da sociedade de Washington.

De herói a artista—ou algo próximo a um artista. O que acontecera com ele durante aqueles sete anos? Gina tentara juntar as peças, mas não chegara a lugar algum.

E só Gina parecia incomodada com a diferença. Faltava alguma coisa.

Duncan, que antes lutava contra hemorragias, agora combatia rugas. Se ele tivesse se especializado em barrigas flácidas em vez de reparos vasculares dezenove anos antes, Gina não estaria viva hoje. Portanto, a perspectiva de Gina diferia daquela dos ricos que corriam para Duncan pedindo—lhe que revertesse o relógio. Eles adoravam esse homem, que poderia ajudá—los a escapar do preço cobrado pela natureza, alimentação excessiva, seus genes e estilos de vida.

Duncan se tornara agora o deus de outras pessoas.

— Bom dia, Gina — disse uma voz atrás dela.

Sobre o ombro ela viu o irmão mais novo de Duncan, Oliver, trazendo uma bandeja de implantes para a sala de operações. Gina sorriu e acenou para ele.

Se Duncan era um corte de costela, Oliver era um rosbife: redondo e pesado, com uma camada protetora de gordura, tinha cabelos ralos e usava óculos de aro de tartaruga com lentes grossas. Também era mais gentil e sociável que o irmão mais velho. Um doce de coco. Nunca esquecia de mandar flores para todas as mulheres do escritório em seus aniversários. E quando o filho de Joanna foi preso por dirigir com imprudência, Oliver pagou a fiança. Todos o amavam.

Gina enxaguou e balançou as mãos. Entrou na SO—1 no exato momento que Marie, a enfermeira anestesista, disse: "Ele apagou".

Marie amarrou a máscara, enquanto Joanna a ajudava a colocar o avental e as luvas. A sala de operações podia ser menor que qualquer uma em Tulane, mas a perícia e o profissionalismo reunidos ali se equiparavam a qualquer centro médico terciário. O ambiente era inodoro e frio—o ar—condicionado mantinha

—o assim. Duncan gostava de trabalhar sob as condições mais árticas possíveis.

Aproximou—se da mesa de operações, na qual um homem de meia—idade, em seus cinqüenta anos, estava deitado de barriga para cima, o rosto coberto, exceto pelos lábios, queixo e garganta, que estavam preparados para cirurgia. Parecia alguma coisa inumana, com a pele numa tonalidade marrom—amarelada devido à betadina e o queixo e garganta completamente marcados com as linhas que Duncan desenhara para guiar a cirurgia.

Gina estivera com aquele homem uma semana antes, quando levantara seu histórico pré—operatório e fizera o check—up físico: senador Harold Vincent. Outro membro da recentemente ressuscitada comissão mista.

Ficou abismada com a coincidência, mas apenas por um momento. Ora, desde que Duncan entrara na área da cirurgia plástica, metade dos políticos de Washington e as esposas tinham visitado sua mesa de operação, e a outra metade provavelmente estava na lista de espera. Não causava surpresa. Suas habilidades técnicas eram praticamente sem par. Duncan providenciava para que as pessoas que se consideravam VIP fossem tratadas com classe e sigilo absoluto, e, graças ao irmão dele, detinha a exclusividade de uma técnica inovadora que reduzia pela metade o tempo de recuperação.

— Pronta para começar, Gina? — perguntou Duncan. — O senador está ficando impaciente. Há um bando de lobistas com os bolsos cheios de dinheiro acampados em frente ao escritório dele. Não queremos deixá—los esperando, certo?

Joanna deu uma risadinha por trás da máscara.

Duncan fez a primeira incisão sob o queixo, seguindo com cuidado as linhas naturais de divisão do corpo, e em seguida iniciou a tarefa delicada de dissecar e retirar porções do músculo esticado —o platisma—que conferia ao pescoço do senador uma aparência fofa e envelhecida. O senador Vincent tinha uma quantidade particularmente grande de tecido excedente, o que lhe deixava com uma papada que tremia quando falava e sacolejava quando andava.

— O senador Impaciência aqui não podia esperar — disse Duncan, enquanto trabalhava.—Uma "emergência", ele me disse. Eu precisava fazer isto imediatamente. Alguém consegue imaginar qual era a emergência?

— Só pode ser TV— disse Marie, de seu posto sobre a cabeça do senador.

— Bingo! Alguém dê um charuto para essa mulher! Marie não perdeu a piada:

— Enquanto o oxigênio estiver correndo, não, obrigada.

— É a Comissão Mista de Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina,

claro—prosseguiu Duncan.

Gina sufocou um gemido. Lá vamos nós outra vez. A Comissão Mista estava na Lista Permanente de Coisas—Que—MeTiram—do—Sério. Ele a odiava e tudo que ela se propunha a fazer. Duncan podia falar nisso durante horas. O assunto de hoje era particularmente incômodo para Gina, porque ainda não recebera nenhuma notícia do escritório do senador Marsden, e tinha uma entrevista marcada com o deputado Allard para o dia seguinte.

— Já vi o senador Vincent muitas vezes na TV—disse Gina, enxugando o sangue que começava a vazar da incisão.

— Claro. Na C—SPAN. Mas quem, além de nós dois, assiste à rede do Congresso americano? Este moço está de olho numa platéia bem maior.

Sucção. Aparições nos noticiários principais de todas as emissoras, e quem sabe, alguma cobertura ao vivo em horário nobre. E nosso auto—intitulado "Paladino do Trabalhador" quer parecer bonito para a nação. Pinça.

Gina olhou para Joanna, que revirou os olhos negros, enquanto punha a pinça na palma enluvada de Duncan. Ele está com a corda toda.

Está bem, Duncan tinha algumas fixações. Todo mundo tinha uma ou duas. A sua era com o tráfico de influências na política e a interferência do governo federal na prática da medicina. Mas mesmo com os resmungos dele, podia—se aprender alguma coisa.

— Grande paladino — prosseguiu. —Votou num aumento de trinta e um mil dólares para ele mesmo durante a recessão, para não mencionar o cartão de crédito coberto pelo governo. Passeme o hemóstato curvo. É aquele. E ei—lo aqui, o defensor do Decreto da Isonomia Salarial, do Decreto da Discriminação Etária nas Relações de Trabalho, do Decreto de Segurança e Saúde Ocupacional e do Decreto das Relações Nacionais de Trabalho, como ele nos fará lembrar sempre que tiver oportunidade. Mas o que ele não dirá é que detrás de portas fechadas ele votou contra o sancionamento de todos esses decretos. Sucção.

Ficou em silêncio enquanto fez outra incisão. Gina ainda ficava maravilhada com a graça e precisão de seu trabalho com o bisturi. Ele fazia aquilo parecer fácil. Gina sabia que não era. Nem em sonho.

— Mas estou grato por ser apenas o cirurgião plástico dele. —Levantou os olhos e piscou para Gina.—Imaginem o trabalho que um proctologista teria para soltar o rabo deste sujeito!

Marie deu uma risada.

— Como sempre — disse Duncan — as leis impostas para assegurar o jogo limpo entre os contribuintes não se aplicam à caquistocracia.

Gina não queria, mas se sentiu compelida a perguntar: — Muito bem, desisto! O que é essa caquistocracia sobre a qual você vive falando? Não achei essa palavra no dicionário.

— E não vai, a não ser que seja uma edição integral. A caquistocracia reflete a anomia de nossos tempos.

— Obrigada, isso ajuda muito!

— É o governo na mão dos indivíduos menos capacitados.

É a minha deixa para gastar um pouco meu vocabulário, pensou Gina.

— Está dizendo que os membros da caquistocracia primam pelo casuísmo?

Ela viu Duncan sorrir sob a máscara.

— Muito bem!

Marie se virou para Joanna.

— Maravilha! Agora nenhum dos dois fala nossa língua.

— Estou apenas aderindo à língua franca—disse Gina. Duas!, pensou ela.

Consegui empregar duas difíceis!

Os olhos de Duncan cintilaram quando se virou para Marie e Joanna.

— Casuísmo é a racionalização de assuntos da consciência, mas não sei se podemos presumir que os senadores Vincents da vida tenham uma consciência. — Ele levantou a mão enluvada. — O implante, Gina. O tempo urge.

— Oh, claro. Desculpe.

Joanna destampou a bandeja, revelando os implantes: cilindros minúsculos, lisos, brilhantes e ligeiramente curvos, parecendo salsichas de cachorro—quente. Cachorro—quente para uma bonéca Barbie.

Havia implantes de todos os tamanhos. Esses na bandeja eram os médios: com vinte milímetros de comprimento, talvez cinco milímetros de diâmetro, cada um cheio do "molho secreto" de Oliver, uma solução de enzima que promovia a cura, reduzia o edema e retardava a formação de cicatrizes.

Aqui estava o verdadeiro segredo da popularidade fenomenal de Duncan.

Tinha as melhores mãos do ramo, mas isso era apenas parte de seu apelo.

Os implantes faziam o restante, permitindo aos seus pacientes um tempo de recuperação mais breve, que lhes permitia voltar rapidamente à circulação para mostrar os novos rostos.

Obra—prima do irmão mais novo de Duncan, os implantes eram matrizes de proteínas cristalizadas que consistiam em magnésio e albumina. Quando Gina entrara na equipe, Oliver lhe mostrara as imagens seriais de ressonância magnética dos implantes depois da cirurgia. Cada imagem sucessiva mostrava uma membrana menor, à medida que o implante liberava as enzimas nos tecidos subcutâneos, reduzindo as marcas e os edemas pós—operatórios. A imagem final, algumas semanas depois da operação, não mostrava nada: depois que o implante fazia seu trabalho, os cristais dissolviam—se e as enzimas do corpo

quebravam a albumina, reduzindo—a aos aminoácidos que a compunham; esses eram absorvidos junto com o magnésio pelos tecidos circundantes e finalmente entravam na corrente sangüínea, sem deixar vestígios.

Gina colocou um dos implantes na colher especial, estreita e oblonga, que Duncan mandara fazer sob encomenda depois que muitos implantes tinham sido rompidos por fórceps comuns. Ela depositou o implante gentilmente na incisão. Usando uma sonda, Duncan posicionou o implante onde queria, e em seguida fez sinal para Gina depositar outro. Quando os quatro tinham sido depositados na incisão, Duncan começou a trabalhar mais próximo da superfície.

— Ele já parece mais jovem — disse Gina. Certo, pensou Duncan, enquanto cortava um pedaço de tecido. É exatamente isso que quero fazer: deixar este desgraçado mais jovem.

Mas o que ele realmente teria gostado de fazer seria reestruturar as feições de Vincent de modo que refletissem o homem em seu interior. Até que ele não daria muito trabalho... Bastaria estreitar os olhos, levantar o nariz, alargar as narinas, inchar os lábios... e encontrar uma forma de fazê—lo dizer oink. senador Harold Leitão, potentado do chiqueiro.

Sorriu sob a máscara. Com tantos congressistas freqüentando sua mesa de operações, a essa altura ele já poderia ter mudado a face da política americana — literalmente.

Eu poderia ser o Dr. Moreau ao contrário. Em vez de transformar animais em homens, eu faria com que regredissem até os animais e répteis que emulavam. Eu poderia usar uma máscara e vagar pelos corredores do Capitólio como Duncan Lathram, o antiMoreau, médico diabólico da vingança, Fantasma do Edifício Longworth, flagelo do Senado.

Então eu aprenderia a dar gargalhadas insanas e estaria pronto para Hollywood!

Suspirou. Nada tão melodramático para o senador Vincent. Mas Duncan tinha planos definidos para ele.

Não se preocupe, senador. Sua vez chegará. Confie em mim.

Enquanto estava colocando os implantes finais, ouviu a voz de Gina mas não entendeu o que ela disse.

— Como?

— Perguntei o que exatamente tira você do sério em relação à comissão mista.

Os olhos pretos, pretos, de Gina se fixaram nele, como se a resposta significasse muito para ela. Sob aquela touca e máscara cirúrgicas estava uma

beldade mediterrânea com cabelos escuros e lustrosos, lábios cheios, ossos malares proeminentes e pele impecável. A cintura era fina; o busto, perfeito.

Nem dava para comparar com a adolescente gorducha e cheia de espinha que trabalhara em sua sala de registros uns doze anos antes. Na verdade, quando ela aparecera em junho, oferecendo—se para trabalhar como médica em meio expediente, Duncan pensou em investigá—la para descobrir se se tratava de uma impostora.

O patinho feio retornara como um cisne. Um belo cisne preto.

Mas se, há vinte anos, ele tivesse chegado meia hora mais tarde naquela sala de emergência, Gina não estaria em lugar nenhum | agora. Aquele fora o maior feito de sua vida anterior: salvar alguém ; que faria uma diferença no mundo.

E ele amava a forma que ela começara a jogar palavras novas em cima dele. Um dia ela o superaria, mas não se importaria nem um pouco com isso.

Parece que fiz um favor a todos nós quando coloquei seu intestino de volta no lugar, Gina.

Não pela primeira vez, ele questionou sua mudança de campo, mas apenas por um segundo. Tinham feito essa escolha por ele. Não havia volta.

Mas aonde Gina chegaria com sua inteligência e a educação que conquistara arduamente?

— O que me tira do sério? — disse com lentidão, enquanto começava a reestruturar o platisma de Vincent. — Simplesmente não acredito na Comissão Mista de Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina. — Fez questão de enunciar o nome inteiro da comissão. Dizer simplesmente "comissão mista" não fazia justiça à prepotência de seu título. — Não gosto desse nome, não aprovo essa missão e considero seus membros uns trogloditas arrivistas, novos—ricos, tartufos e presunçosos.

Ele viu os olhos pretos de Gina enrugarem nas pontas.

Eu afiz sorrir.

— Ei, nada de evasivas — disse ela. — Diga—me o que realmente acha.

Ele gostaria de dizer—lhe a verdade, sobre o que tinham feito com sua vida e com sua família, mas isso não levaria a lugar nenhum.

Nunca lamentar, jamais explicar.

— Bem, sei que reviver a velha comissão McCready foi idéia do presidente.

Duncan se empertigou e interrompeu a sutura. Não confiava em si mesmo com um bisturi na mão e McCready na mente.

— Ai de mim! Como nosso querido presidente não conseguiu concluir seu programa nacional de saúde, está tentando ir à forra com a classe médica. Um

projeto de lei sobre diretrizes médicas não seria bom o bastante, não seria amplo o suficiente. Não. Ele quer regulamentar também a ética médica.

Duncan fechou os olhos para controlar a fúria.

— Consegue acreditar nisso? Mark Twain disse que nos Estados Unidos a única classe criminosa definida é o Congresso. Ainda assim, esse bando de hienas vorazes está querendo impor diretrizes médicas a uma profissão que possui um código de ética desde os tempos da Babilônia.

— Nós também não somos perfeitos.

— Se tudo que você tem no coração é malícia, não perderá quatro anos na escola preparatória de medicina e três a dez anos em treinamento de pós—graduação, nem trabalhará centenas de horas semanais em troca de uma remuneração um pouco acima do salário mínimo, apenas pelo privilégio de contrair uma dívida obscena quando abrir seu consultório.

— Claro que não — retrucou Gina. —Você faz isso para trabalhar setenta horas por semana pelo resto da vida.

Duncan sorriu e sentiu os músculos relaxarem. Meu lindo cisne. É bom ter você por perto.

Ele acabou de ressecar e esticar o platisma. Hora de fechar. Ele pediu por linha cirúrgica numa agulha curva. Usando uma técnica subcutânea contínua, começou a suturar.

— De qualquer modo—disse ela — como o senador Marsden é o sucessor de McCready, ele foi chamado para presidir a comissão mista. Sabe alguma sujeira dele?

Por que se mostrava tão interessada?

— Na verdade, não — disse Duncan. — Mas ele não está em campo há muito tempo. Seja paciente. Você sabe o que a comissão vai fazer, certo?

— Realizar audiências públicas para obter informações que os ajudem a escrever o projeto de lei?

— Seu propósito declarado — a mando do presidente — é estabelecer padrões rígidos para a prática médica. Mas o que realmente farão será contar histórias de horror para o público, apresentar um monte de testemunhos parciais sobre os piores casos de negligência e má conduta que puderem encontrar, e pintar a profissão médica inteira como um cartel de bandoleiros inconseqüentes, perigosos e gananciosos que precisam ser postos no cabresto.

— Hum, não acha que está falando como um paranóico? Tenho bons motivos, pensou Duncan.

— Gina, até os paranóicos têm inimigos de verdade. Eles estão lá fora para

nos pegar. Sei que parece paranóia, mas é a forma como vejo. Os políticos estão no fundo do poço em termos de confiabilidade perante o público... e querem desviar a atenção de sua relutância em policiar a si mesmos.

— Mas as comissões éticas deles vivem pegando políticos corruptos.

Duncan riu.

— Ética congressional—eis um oxímoro para você. Ela acontece naquelas raras ocasiões em que a imprensa descobre algum podre, quando eles estão encostados contra a parede e precisam fazer alguma coisa.

— Bem, gostemos ou não, acho que a face da prática médica no futuro será decidida nessas audiências. É por causa disso que eu gostaria de ser uma auxiliar na comissão. Tive uma entrevista no escritório do senador Marsden ontem de manhã.

Duncan ficou imóvel de repente, olhando para ela, e viu que Gina também o fitava.

Os intestinos de Gina estavam amarrados num nó górdio. Devia ter esperado Duncan acabar a incisão para mencionar aquilo.

Por que contei para ele? Provavelmente nunca conseguirei o emprego.

Duncan não disse nada enquanto terminava de fechar a incisão, sem deixar um único ponto na superfície. Apenas uma linha fina como um fio de cabelo ao longo da parte inferior do queixo.

Gina o vira fazer aquilo centenas de vezes, mas ele ainda a surpreendia.

Quando terminou, Duncan voltou a olhar para ela.

— Você o quê!

— Eu... tive uma entrevista com...

— Não dá para entender você. Tem uma mente brilhante, uma formação médica excelente e quer ser uma ratazana do Capitólio?

— Só em meio expediente. Eu só...

— Como podepensar em cooperar com aquela comissão?

— Alguém não tem de tentar fazer com que apurem os fatos corretamente?

— Fatos? Desde quando o Congresso se interessa por fatos? —Afastou—se da mesa e começou a tirar as luvas. — Pensei que estava trabalhando com uma médica, não uma candidata a ratazana do Capitólio.

Aquilo doeu — como um tapa no rosto.

— Duncan...

— Não dá para conciliar as duas coisas, Gina. Quando decidir de que lado está, me avise. — Jogou as luvas no chão e saiu furioso.

Gina temera que Duncan ficasse um pouco chateado, mas não esperara

aquele tipo de reação. Ficou parada na sala de operações, repentinamente silenciosa, com Marie e Joanna evitando encarála.

Imaginou o que teria acontecido se tivesse mencionado seu compromisso com o deputado Allard na manhã seguinte. Como tinha sido, já sentia o chão abrir—se sob os pés.

*** 4**

RECUPERAÇÃO

Com os compromissos da manhã terminados, os corredores do centro cirúrgico ficaram silenciosos. Silenciosos demais. O estômago de Gina ainda doía, enquanto ela completava sua prescrição dos procedimentos para quinta—feira.

Por que abrira sua enorme boca?

Por que ele teria sabido mais cedo ou mais tarde... especialmente quando ela começasse a pedir mais horas de folga.

Mas você jamais conseguirá o trabalho, idiota.

Certo. Absolutamente certo.

Terminou o último exame, desligou o computador e permaneceu sentada.

E agora o quê?

Tinha de encará—lo. Tinha de descobrir em que pé os dois estavam. Ainda era bem—vinda ali como avaliadora pré—operacional e assistente cirúrgica, ou seria despedida?

Só havia uma forma de descobrir.

Tomou coragem e subiu até o andar térreo. Dali bastava uma caminhada curta pelo corredor.

A recepcionista e secretária de Duncan, uma loura jovem e bonita, guardava a porta do escritório.

— Oi, Barbara. Ele está? Ela sorriu para Gina.

— Você acaba de perdê—lo. Ele disse que ia dar uma olhada no senador e depois...

— ... seguir direto para o campo de golfe—completou Gina. Essa era a rotina de Duncan.

— Talvez ainda esteja aqui. Se você correr...

— Obrigada, Barb.

Atravessou, apressada, o corredor na direção da sala de recuperação VIP.

Ao longo do percurso, viu Sharon CoUins, a enfermeira da sala de recuperação, conversando no corredor com Joanna. Reduziu o passo ao cruzar com elas.

— Desculpe, Sharon. Você não está... ?

— Cuidando da sala VIP?—Baixa e morena, Sharon tinha o corpo de uma tartaruga Ninja, mas era uma excelente enfermeira. —Sim. O Dr. D. me disse

que descansasse um pouco enquanto ele verificava os pontos no paciente. Eu estava quase voltando lá.

— Bom. Então talvez eu consiga alcançá—lo.

— Tem certeza que quer isso? — perguntou Joanna. Gina forçou um sorriso.

— Não.

Dobrou o corredor e seguiu até a sala de recuperação VIP — uma porta lisa, sem marcas — e bateu gentilmente. Como ninguém respondeu, tentou de novo.

— Duncan? Ela abriu a porta.

A luz do sol de meio—dia entrava pela janela, filtrada pelas cortinas bege. Carpete em vez de linóleo, mogno em vez de fórmica. Um ambiente com um verniz de sofisticação, mas ainda assim perfeitamente funcional do ponto de vista médico.

Na cama, o senador Vincent, sob o efeito da anestesia geral, ressonou suavemente. Mas nada de Duncan.

Droga. Ela o perdera. Não podia ter ido muito longe. Estava quase saindo quando viu o senador Vincent mover a perna. O lençol estava levantado, revelando um local avermelhado na coxa branca. Ela se aproximou.

Sangue.

Só um ponto. Não mais que uma gota. Mas na perna não deveria haver sangue. No travesseiro, talvez, mas não ali.

Levantou o lençol e olhou para a perna do senador. Um ferimento pequeno e semicircular, menos de meio centímetro de comprimento na parte externa da coxa, ligeiramente na direção da parte posterior.

Gina sondou a área ao redor do ferimento e o senador se moveu de novo.

Entre as bandagens, os lábios se esforçavam para se abrir. Fitou—a com olhos vítreos que em seguida se fecharam de novo.

— Injeção—murmurou.

— Como?

— Me deu uma injeção.

— Quem lhe deu uma injeção?

— Dr. Lathram. — Ele abriu os olhos de novo e sorriu. — Dose especial.

Apenas para pacientes selecionados.

O senador fechou os olhos. Começou a roncar. Gina ficou parada na frente dele. Uma injeção? Desde quando Duncan dava injeções? Nunca.

Vincent devia estar errado... mas ainda assim definitivamente havia uma perfuração na coxa.

Ela puxou de volta as cobertas dele.

Estranho. Muito estranho.

Um ruído atrás dela fez com que se virasse. Era Collins abrindo a porta com delicadeza. Ela olhou em volta.

— Ele já saiu?

— Quando entrei não o encontrei. O Dr. Lathram disse alguma coisa sobre dar uma injeção no senador?

Collins checou o prontuário.

— Não. Só o usual — iyienol#3, dois P—Oq quatro P—R—N.

— Não; estou querendo saber se ele mesmo aplicou alguma injeção.

O rosto redondo de Collins se abriu num sorriso.

— Hum... De onde veio isso? Parece mais um pequeno corte que uma marca de agulha.

— Ele disse...

Collins balançou gentilmente o senador Vincent.

— Senador? Está acordado?

Ele gemeu e seu olhos tremeram, mas não abriram.

— Estou, mamãe — disse ele. Collins sorriu de novo.

— Vê? Estou mais propensa a achar que o Homem da Lua deu uma injeção no senador do que o Dr. D. Além disso, onde está a seringa? E a ampola da injeção?

Collins tinha razão.

— Está certa. — Gina se virou e caminhou para a porta. — Estou saindo.

Vejo você na terça.

Gina não estava convencida, mas preferiu tirar aquilo da cabeça. Tinha outras coisas em que pensar. Como a entrevista com o deputado Allard na manhã do dia seguinte. Outro dos pacientes de Duncan, a propósito. Uma semana antes, Gina assistira a sua lipoaspiração abdominal.

E se não funcionasse com ele, poderia recorrer novamente ao senador Vincent.

Não tivera isso em mente ao se candidatar ao emprego no centro cirúrgico de Duncan, mas essa era uma das vantagens de trabalhar ali: se os ricos e influentes queriam cirurgia plástica, era a Duncan Lathram que procuravam.

* 5

DUNCAN

Eram as primeiras horas da manhã, e o Dr. Duncan Lathram estava entre os clientes no balcão de auto—serviço da 7—Eleven na Rua E Aquele não era exatamente seu ambiente natural. Sentia—se um pouco deslocado vestindo blusa azul—clara, blazer azul e calças compridas marrons, mas ninguém parecia se importar muito com ele.

Observou a fileira de copos parcialmente cheios à sua frente.

Aqui eles deixam a chaleira sobre a boca do fogão, pensou Duncan. Isso é barbárie.

Fazendo uma careta, pegou uma xícara de tamanho médio ostentando o emblema azul e verde da empresa, e serviu—se com um pouco de café sol—disant.

Considerando a cor do café — tinha certeza de que poderia ler o jornal da manhã através dele se a xícara fosse transparente — concluiu que a empresa estava economizando, pondo muita água nos cafezinhos. O aroma—ou melhor, o cheiro acre — indicava que o líquido ficara tempo demais sobre a boca do fogão.

Sempre tomava o café preto e, mesmo sabendo que se arrependeria disso, não estava disposto a mudar de hábito agora. Soprou o vapor da superfície escura, provou...

E fez uma careta. Tinha gosto de... de...

As palavras escaparam—lhe.

Ao lado de Duncan, um homem com camisa de flanela azul clareou seu café com meia medida de leite, e em seguida acrescentou três colheres de açúcar.

— Isso não mata o sabor?

O homem virou—se para Lathram, aparentemente surpreso por alguém estar falando com ele.

— É, acho que sim. Para ser sincero, não gosto de café, mas preciso disso para ficar acordado pela manhã.

— Entendo. Mas quanto a mim, sou abstêmio em tudo, exceto em café. O que não fazemos para ficar cafeinados, não é verdade?

Entrou na fila do caixa, seguido por Camisa de Flanela. A frente dele,

Duncan viu uma mulher esteatopígica, com rolos prendendo os cabelos tingidos de louro, descarregar três latas de Arizona Iced Tea e vinte bombons no balcão, e em seguida pedir dois maços de Parliament — caixinha, por favor.

Virando—se para Camisa de Flanela, Duncan comentou: — Sempre acreditei ser possível vaticinar a sina de uma civilização a partir da observação da culinária nativa, concorda?

— Quê? — redarguiu Camisa de Flanela.

— Exatamente.

Então chegou a vez de Duncan pagar.

— Mais alguma coisa? —perguntou o rapaz, natural do Oriente Médio, atrás do balcão.

— Não, obrigado — disse Duncan. — Meu médico não permite que eu beba mais de uma xícara média de querosene por dia.

— Sim, senhor — disse o homem, pegando o dinheiro de Duncan. — Tenha um bom dia.

Do lado de fora, Duncan caminhou para o sul, cruzou a Constitution e seguiu pelo Mall a passos largos, bebericando com cautela a substância preta na xícara, enquanto se aproximava do Capitólio. Era quarta—feira, dia sem cirurgias. Deveria sentir—se relaxado, mas um leve tremor na mão agitava a superfície do café. Sabia que não era por causa da cafeína.

Admita, disse a si mesmo. Você implodiria se estivesse um pouco mais tenso. Mas por que não estaria? Este era um dia importante. E ainda mais importante para um certo congressista.

Distraiu—se admirando o cenário.

Hoje em dia ele raramente ia ao centro da cidade. Pena. Chovera na noite anterior, e agora uma névoa fina pairava no ar, e o gramado reluzia aos primeiros raios de sol. Ouvia—se o canto de estorninhos, apesar do barulho cada vez maior da manada de funcionários públicos chegando ao trabalho. Esquecera como o Mall podia ser bonito antes da chegada dos turistas.

Duncan se arrependera na última vez que se aventurara ir ao centro da cidade. Isso ocorrera em maio, durante a invasão anual de ônibus abarrotados de estudantes de segundo grau, oriundos de cada cidadezinha a leste das Rochosas. Duncan encontrara a Galeria Nacional cheia de baterias de hormônios descontrolados, embrulhadas em peles salpicadas de sardas e espinhas, para quem a epítome da arte verdadeira e da expressão dos sentimentos era pichar nomes de grupos de heavy metal em muros.

Na época, uma das peças centrais em exibição na Galeria Nacional fora um

mural enorme, de três metros de altura, seis de comprimento, todo impecavelmente branco, exceto por uma faixa vertical bege de sessenta centímetros ao longo da borda esquerda.

Talvez os garotos considerassem tanta brancura um desperdício e quisessem pichar Megadeth Reina no quadro.

Duncan não ia ali desde então.

Logo depois, um homem sujo e de barba por fazer aproximou—se dele, vestindo uma sacola de lixo preta com um barbante amarrado em volta da cintura; a cabeça e os braços saíam de buracos abertos de forma estratégica no plástico.

— Tem um trocado para um velho soldado? — perguntou o maltrapilho.

Duncan parou e enfiou a mão no bolso.

— Em qual você esteve?—perguntou o homem.

— A guerra da Coréia, como chamam agora aquele conflito.

Não era verdade. Na época ele estava na faculdade — cursando a escola preparatória de medicina. Mas queria ver o que o "veterano" diria.

— Eu também. Duncan teve de sorrir.

— E se eu tivesse dito Vietnã?

— Estive nessa aí também. Sou o Soldado Desconhecido. Duncan imaginou que o maltrapilho quisera dizer Soldado Universal, mas era bem provável que ele nem lembrasse o próprio nome.

— Bem bolada a sua roupa de chuva, soldado. Parece bem eficiente.

— Dá pro gasto.

Duncan lhe deu uma nota de vinte dólares. O homem olhou para ele por um instante, antes de conseguir falar.

— Deus, homem! Obrigado! Um milhão de obrigados.

— Por que não? Espero que este seja um bom dia para mim. Talvez seja um bom dia para você também.

O mendigo começou a se afastar, provavelmente para colocar uma boa distância entre os dois antes de Duncan mudar de idéia.

— Vou gastar com sabedoria, moço. Pode acreditar. Duncan riu.

— Tenho certeza que vai.

— E tenha um bom dia.

— Garanto que vou. Um dia muito bom.

Se tudo correr de acordo com os planos desta vez.

A ansiedade fazia seu estômago arder. O mais importante seria agir com precisão, mas com tantas variáveis fora de controle, a sorte também seria um

fator a considerar. E Duncan odiava depender da sorte.

Continuou caminhando até ver a equipe de filmagem se instalando em frente à Casa de Representantes, na base dos degraus que conduziam à entrada oeste do Capitólio.

— Alguma coisa grande acontecendo?—perguntou Duncan.

— Só uma entrevista — respondeu um cameraman barbudo. — Com um congressista.

— Qual?

— Allard.

— Allard! O Kenneth Allard? Aqui? Exatamente aqui? — Duncan bateu palmas. — Ele é um dos meus favoritos!

O câmera sorriu para o operador de som.

— É a primeira vez que vejo alguém falar assim.

— Oh, ele é um grande estadista. Um intelecto maravilhoso. Uma gota de probidade num mar de venalidade.

— Se você diz.

Era óbvio que o cameraman perdera todo o interesse em falar com Duncan.

Não que Duncan pudesse culpá—lo.

Veja se a câmera está funcionando bem, pensou Duncan. Você está para registrar o fim da carreira de um político.

Galgou os quatro lances de degraus de granito que levavam ao Capitólio.

Precisava chegar ao deputado Allard antes que ele estivesse na frente da câmera de TV

Na noite anterior, Duncan ouvira um comentarista de TV anunciar que entrevistariam o deputado Allard a respeito da revitalização da Comissão Mista de Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina.

Duncan decidira chegar cedo. Era uma oportunidade rara demais para perder.

Chegou ao alto dos degraus do Capitólio e, voltando—se, admirou o verde do Mall. A dois quilômetros e meio dali, depois do chafariz do Capitólio, as torres do Instituto Smithsoniano, os museus e as galerias que margeavam o Mall, o obelisco do Monumento de Washington brilhava como uma lança de ferro ao sol da manhã, projetando uma sombra estreita na direção do retângulo branco do Lincoln Memorial atrás dele. No céu, um jatinho descia na direção da pista de pouso do Washington National.

Flanqueando o Mall à esquerda e à direita, as avenidas Pennsylvania, Constitution e Independence Avenue estavam engarrafadas de veículos vindo para o Capitólio.

E ao redor dele um fluxo contínuo de homens e mulheres — a maioria

homens —vestidos em ternos é carregando valises ou pastas de documentos, subindo de forma apressada os degraus. Obviamente não eram turistas — nada de bermudas, câmeras e bonés Washington" — e Duncan sabia que não se tratava de senadores, deputados ou auxiliares. As pessoas que trabalhavam ali, que pertenciam a esse lugar, que se moviam sem parar entre os edifícios do Senado e da Câmara de Deputados, eram lobistas. Munidos de seus talões de cheque, eram eles que engraxavam as engrenagens do Congresso.

A caquistocracia estava em sessão.

Duncan suspirou ao vê—los subir, com pressa e confiança, na direção das câmaras dos deputados e dos senadores. Deus, eram tantos!

O Congresso dos Estados Unidos, pensou ele com um sorriso triste. O melhor governo que o dinheiro podia comprar.

Lá embaixo, na base dos degraus, o operador de som assentiu, enquanto a repórter checava o microfone. Bom. Eles já estavam prontos. Tudo preparado, à espera do deputado federal Kenneth Allard. Duncan estava esperando por ele também.

E então o viu. Allard saiu do lado da câmara de deputados acompanhado por três de seus auxiliares. Tinha mais de sessenta anos, altura média, e ostentava, sobre a protuberância que passava pela cabeça, um tufo de cabelos marrom—escuros que já haviam pertencido a outra pessoa. Allard tinha uma barriga discreta. Fora bem maior antes de Duncan trabalhar nela com o tubo de lipoaspiração. Antes protuberante e trêmula, a barriga agora estava achatada e firme.

Nada mal meu trabalho, pensou, enquanto Allard começou a se mover na direção dele, através do pátio de granito.

Mas com um rosto que apenas um bacteriologista poderia amar.

Um grupo de lobistas sorriu respeitosamente e acenou para Allard enquanto passava. Ele era uma espécie de lenda no Capitólio, admirado, quase reverenciado, pelos colegas na caquistocracia, devido à tática inovadora em relação a fundos de campanha, que empregara na época em que trabalhava na Comissão de Energia e Comércio. Há duas campanhas, quando o deputado Allard ficou ciente que seus fundos de reeleição estavam reduzidos até seu último milhão ou dois, e os lobistas não estavam chegando com dinheiro novo rápido o bastante, ele apresentou uma série de projetos de lei que teriam causado um impacto devastador nas indústrias de carvão, petróleo, gás e madeira. De repente, os lobistas das empresas de energia e das associações de comércio madeireiro, para não mencionar os sindicatos associados que seriam duramente

atingidos pelas novas leis de Allard, estavam ao redor dele com talões de cheques abertos. Ele coletou oito milhões de dólares em três meses — parte deles provavelmente pagou sua cirurgia. Depois de saciado monetariamente, Allard retirou os projetos de lei da comissão.

Desde então, esse procedimento tem sido muito imitado por seus colegas.

Mas nada daquilo tinha qualquer relação com o motivo pelo qual Duncan estava ali hoje.

Ele observou Allard acenar com a cabeça para alguns dos lobistas. Mas o deputado parecia mais interessado em conferenciar com seus auxiliares; parecia um zagueiro ao lado do treinador, só que todos estavam vestidos de terno.

Duncan se perguntou se ele era a única pessoa no Capitólio usando alguma coisa que não fosse um terno executivo.

— Bom dia, Kent—disse Duncan, ao se aproximar do grupo.

Allard levantou os olhos ao ouvir seu apelido e fitou Duncan. Um instante de desorientação—Duncan quase pôde ouvi—lo pensar mas quem droga — e então o reconhecimento. — Doutor...—ele engoliu a palavra.—Duncan! Que está fazendo aqui em cima? Bem—vindo ao Capitólio.

— Parecia mais preocupado que satisfeito em vê—lo.

Não quer me chamar de Dr. Lathram. Deve temer que alguém me reconheça e queira saber que melhoramentos fiz nele.

Duncan estendeu a mão e disse suas falas.

— Estou esperando alguns parentes de fora da cidade. Prometi mostrar—lhes os pontos turísticos... vou me transformar num guia turístico. Você conhece a rotina, tenho certeza.

Suas obturações brilharam ao sol.

— Com toda certeza.

Casualmente, Duncan enfiou a mão no bolso do blazere tocou o volume oblongo dopager. Sentiu o suor concentrando—se nas axilas. Estava perto agora, mas queria ficar mais perto ainda. Só para ter certeza.

— Está com ótima aparência, Kent. As câmeras lá embaixo vão amar você.

—Mas nem de perto tanto quanto você as ama.

Não se preocupe, deputado, pensou Duncan. Não comentarei sobre sua lipoaspiração.

Mas ele não podia resistir a torcer um pouco mais o parafuso.

— O que faz você parecer tão jovem?

O sorriso de Allard retornou, mas agora visivelmente forçado.

— O sono dos justos. Seu filho da puta.

— Devo experimentar isso uma hora dessas.

Ambos riram. Duncan ligou o pager e ele começou a apitar. Tirou—o do bolso. Um modelo antigo, maior que os mais recentes. Olhou para a tela de mensagem em branco, tentando lutar contra o tremor da mão.

— Parece que alguém está me chamando no meu trabalho. Preciso encontrar um telefone e ver o que querem.

Passou entre Allard e os auxiliares, ficando a alguns centímetros do deputado.

Isso é o mais próximo que vou conseguir chegar, pensou.

Seu dedo achou outro botão no pager. O botão especial. Mas ele hesitou.

Depois que o pressionasse não haveria volta.

Velhos questionamentos assaltaram—no outra vez. Estaria indo longe demais? Aquilo valia realmente o risco? E se me pegassem? E o mais perturbador de tudo: essas eram as ações de um homem com pleno domínio sobre suas faculdades mentais?

Então lembrou do que Allard participara havia cinco anos... e de seu comentário sobre o sono dos justos.

Duncan pressionou o botão.

Dessa vez opager não emitiu som algum, mas Duncan o sentiu vibrar na palma da mão.

Allard tremeu e esfregou a coxa esquerda.

— Boa sorte com o pessoal da TV, Kent—disse Duncan. — E pense numa jovem de dezoito anos chamada Lisa.

— Perdão? — disse Allard.

— O nome dela era Lisa. Não se esqueça disso. Quero que esse seja seu último pensamento coerente.

Ele se virou e quase esbarrou numa jovem de cabelos negros.

— Gina!

Gina tentou falar, mas a voz ficou presa na garganta. Não apenas devido ao choque de ver Duncan nos degraus do Capitólio, mas do olhar no rosto do médico quando ele deu as costas ao deputado Allard. Olhos frios como gelo, duros como cobalto, cheios de uma fúria e um ódio tão intensos, que Gina achou que saltariam de suas órbitas. Nunca na vida Gina vira uma expressão intensa como aquela. Por um instante achou que estava encarando um estranho, um selvagem.

De repente a expressão desaparecera. Assim que ele falou o nome de Gina, seu rosto mudou, metamorfoseando—se no Duncan Lathram que ela conhecia.

E então Gina pôde falar.

— Duncan! Você é a última pessoa que eu esperava ver aqui. Ele encarou—a durante alguns segundos. Quando finalmente falou, a voz estava fria, distante.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você... até ontem. Há quanto tempo está parada aqui?

Ela chegara no começo da manhã ao Edifício Raybur para a reunião e soubera que o deputado Allard se atrasaria um pouco devido a uma entrevista que daria à TV Em vez de esperar, Gina optara por atravessar a avenida Independence para assisti—lo ao vivo.

Mantendo uma distância discreta do grupo de congressistas, Gina reparara num homem parecido com Duncan, mas não pôde ter certeza porque ele estava de costas, e além disso, o que Duncan estaria fazendo ali? Ela se aproximara e estivera quase em cima dele quando ele se virara e os dois tinham ficado frente a frente.

Fazia quanto tempo estava parada ali? A resposta parecia muito importante para ele. Muito importante.

O bastante para ouvir você dizer uma coisa muito estranha, pensou ela.

— Apenas alguns segundos. Mas o que você está fazendo aqui?

— Eu? —Ele olhou em volta.—Eu adoro aárea do Capitólio... o Mall... os monumentos... é tudo muito bonito.

— Sabendo o que você pensa dos políticos...

— Digamos apenas que considero o Capitólio uma bela mansão infestada de cupins e toda sorte de vermes. — Seus olhos fixaram—se nos dela. — E você? O que está fazendo aqui?

A pergunta que ela estava temendo.

— Eu... bem, tenho uma reunião marcada com o deputado Allard esta manhã.

Ele fez uma careta.

— Você quer trabalhar no gabinete dele?

— Trabalharei no gabinete de qualquer um. Quero participar dessa comissão de qualquer jeito.

Duncan a fitou novamente.

— Sim. Sim. Estou vendo que quer. Por que não mencionou isso antes?

— Você não me deu chance.

Ele fez um suave som gutural e olhou para o velho pager na mão — umpagerjurássico, com pelo menos quinze centímetros de comprimento.

Estranho, pensou ela. Não notara Duncan carregando umpager. Ele não

costumava atender chamados de emergência, mas ela achava que sempre havia a chance de uma complicação pós—cirúrgica.

De repente Duncan pareceu apressado. Ele começou a falar rápido.

— Quero conversar uma coisa com você, Gina, mas tenho de dar um telefonema, e esta não é a hora nem o local. Vejo você no meu escritório depois do almoço esta tarde. Pode estar lá?

... uma coisa para conversar com você... Ela não gostou da forma como ele disse isso.

— Acho que sim.

— Bom. Vejo você depois.

Ele se virou e caminhou até uma das portas na ala sul. Gina o observou durante alguns segundos e então voltou a atenção para onde o deputado Allard continuava conferenciando com os auxiliares. As idades somadas dos três homens provavelmente excediam em muito pouco a de Allard, mas eram eles que falavam o tempo todo. Penteados impecáveis, ternos caros, rendas com seis algarismos ou quase isso para muitos dos auxiliares mais experientes, e uma aura de "estamos onde o dinheiro está".

Muitos dos ratos do Capitólio que ela conhecera pareciam adotar esse jeito depois de alguns anos no trabalho. Gina prometeu — jurou — que aquilo jamais aconteceria com ela.

Sem dúvida, estavam repassando seus comentários antes de Allard ficar diante da câmera.

Enfim ele pareceu preparado. Assentiu para os auxiliares, arrumou a gravata, ajustou o paletó, ajeitou o topete e começou a descer os degraus.

Gina chegou um pouco para a direita, de modo a ter uma ampla visão dos degraus. Observou Allard descer num ângulo na direção da câmera e do repórter, que o aguardavam. Seus movimentos foram suaves e fluidos durante os dois primeiros lances da escada. Súbito, Allard parou.

Esfregou os olhos, balançou a cabeça como se para clarear os pensamentos, e prosseguiu. No alto do último lance de escada, Allard parou novamente.

Um sinal de alerta soou no cérebro de Gina. Algo estava errado.

Allard se apoiou no corrimão de bronze e pressionou a mão sobre os olhos. Mesmo dali Gina pôde ver que a mão dele estava tremendo.

Ele abaixou a mão e começou a cambalear. Segurou o corrimão e se virou para olhar o Capitólio. Sua expressão era de terror. Parecia perdido, confuso, como se não soubesse onde estava. Tentou dar um passo para a esquerda, mas cambaleou para trás.

Deus, ele vai cair.

Allard agitou os braços em busca de equilíbrio, e os auxiliares gritaram e correram até ele. Mas Allard já estava tropeçando. Conseguiu se voltar para a frente mas não evitou a queda. Bateu contra os degraus de granito e começou a rolar.

Houve gritos da equipe de TV, enquanto a repórter corria até Allard. O cameraman seguiu— a, sem deixar de gravar um único instante. Dois policiais do Capitólio vieram correndo da outra extremidade dos degraus.

Gina já estava descendo quando o deputado Allard atingiu a base dos degraus e permaneceu parado ali, braços estendidos, o topete desgrenhado tapando a orelha esquerda. Vindos das três direções, os auxiliares, a equipe de TV e os policiais aproximaram—se dele.

Gina alcançou o grupo de curiosos que já se reunia em volta do deputado e forçou a passagem entre eles.

— Sou médica! Deixem—me passar!

As pessoas abriram caminho, e logo Gina estava ajoelhada ao lado de Allard. Ele caíra de costas, o rosto todo ensangüentado. Gina afundou os dedos indicador e médio no lado da garganta, procurando a carótida.

Encontrou—a, pulsando rápido, mas forte e regular. Viu que o peito do deputado subia e descia e pequenas bolhas de saliva saíam dentre os lábios ensangüentados, enquanto o ar fluía para dentro e para fora.

Pulso e respiração normais. Bom, mas parecia estar em choque.

— Tudo bem—anunciou ela aos curiosos. — O coração dele está batendo e ele está respirando. Não é preciso ressurreição cardiopulmunar. Mas se afastem. Ele pode ter sofrido dano vertebral. — Ela olhou em volta. — Alguém está chamando uma ambulância?

Um dos policiais do Capitólio apontou para um parceiro, que gritava no rádio.

— Está a caminho — disse ele.

Gina voltou a atenção para Allard. Não podia fazer uma avaliação neurológica ali, mas se tivesse de apostar, investiria num ataque cardíaco. Talvez ele tivesse empurrado um êmbolo até o cérebro.

Levantou a cabeça e viu uma pessoa parada na balaustrada ao longo do portal oeste, olhando para baixo. Gina piscou. Era Duncan. Não conseguiu decifrar a expressão dele. Ele ficou parado ali por um momento, então se virou e desapareceu de vista.

Duncan?, pensou ela. Não vai ajudar?

*** 6**

CAFÉ

Gina só voltou ao centro cirúrgico quando já era quase meio—dia. Ficara ao lado do deputado Allard até os paramédicos chegarem. Observou—os cobrir o rosto de Allard com bandagens, amarrá—lo numa maca e colocá—lo na ambulância antes de saírem com a sirene até o G. W. Medicai Center.

Gina passou no gabinete de Allard para comunicar o que acontecera, e depois de dar todos os detalhes, ficou passeando pela área do Capitólio, pensando, pensando...

Duncan agira de forma muito estranha naquela manhã, e não mostrara a menor preocupação com o estado do congressista, que não era um desconhecido, mas um de seus pacientes.

E quem era a tal Lisa de quem ele falara para Allard? Aquilo parecera um contra—senso.

Pegou a Red Line do metrô até Friendship Hights e prosseguiu o restante do caminho a pé, ainda pensando, ainda imaginando.

Assim que chegou ao centro cirúrgico, Gina ainda não tinha uma resposta.

— Ele disse que queria me ver — disse a Barbara ao parar na mesa da recepção.

— Ele mencionou isso, mas no momento está tendo uma reunião com outro médico. Ordens estritas para não perturbar.

— É mesmo? Alguém que conhecemos? Barbara encolheu os ombros.

— Tudo que ele me disse foi para não ser interrompido durante meia hora, enquanto ele estiver com o "Dr. V.". Agora você sabe tanto quanto eu.

Mas o "Dr. V." é muito atraente. —As sobrancelhas de Barbara oscilaram enquanto a voz adquiria um tom parecido com o de Mae West. — Esta é a segunda visita dele, e espero que não seja a última.

Por que tanto mistério quanto ao nome? Um médico interessado em submeter—se a cirurgia plástica, talvez? Gina deu de ombros. Não era de sua conta.

— Diga—lhe que estou aqui.

— Vou avisá—lo.

Minutos depois Gina estava sentada no laboratório do subsolo, de frente para a mesa de trabalho de Oliver, observando—o preparar cerca de uma dezena de implantes para a cirurgia do dia seguinte. Ela já chegara ao trabalho com dor de

cabeça, e agora o cheiro residual de solventes, somado ao brilho das lâmpadas fluorescentes, conspiravam para torná—la ainda pior. Ela deveria estar trabalhando com Oliver, aprendendo sua técnica, mas não conseguia concentrar —se.

Ela estava com o queixo pousado nas mãos e os cotovelos apoiados na mesa preta. Sentia— se tonta, como se alguém tivesse sugado toda sua energia... a ressaca dos acontecimentos da manhã, mais a certeza de que Duncan iria despedi —la.

— Ele não vai despedir você — disse Oliver.

Gina olhou para ele. Oliver estava parado, com os cotovelos apoiados na mesa, enquanto enchia os implantes com as mãos gorduchas. Ela sentiu simpatia sincera no rosto redondo e pálido e nos olhos azuis por trás das lentes grossas com aro de tartaruga. Era difícil crer que ele e Duncan compartilhavam da mesma herança genética.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ele tem estado irritadiço ultimamente. Desde que reabriram aquela comissão.

— Qual é o problema entre ele e a comissão?

— Bem, anos atrás ele teve alguns problemas...—Oliver perdeu subitamente a voz.

— Que tipo de problema?

— Nada. Esqueça que falei isso.

Gina não esqueceria coisa alguma. Principalmente depois dos eventos daquela manhã. Mas uma questão em particular não lhe saía da cabeça.

— Tudo bem. Diga—me uma coisa, então: Quem é Lisa?

— Lisa?

— Sim. Hoje de manhã ouvi Duncan mencionar alguma coisa sobre Lisa.

O implante que Oliver estava enchendo desmanchou de repente.

— Eu... Eu não sei. Duncan tinha uma filha chamada Lisa.

— Tinha?

— Sim, bem...

O telefone tocou. Oliver atendeu.

— Ela está aqui — disse, passando o telefone para Gina. A voz de Duncan: — Gina, por favor, venha ao meu escritório. Gina sentiu a boca ficar seca.

— Certo.

O telefone foi desligado do outro lado. Aquilo em si não indicava nada — Duncan raramente dizia alô ou até logo ao telefone — mas aquilo deu um nó nas

entranhas de Gina.

— Ele me chamou.

Oliver sorriu.

— Está vendo? Ele já está calmo.

— Eu não teria certeza absoluta disso.

— Se você quiser, falarei com ele.

— Obrigada, mas prefiro lidar sozinha com isso.

Com os nós nas entranhas ainda mais apertados, Gina se levantou e caminhou até o escritório de Duncan. A coisa era séria. Ela já estivera no escritório dele muitas vezes, mas em geral muito rápido, antes de uma cirurgia, para discutir algum problema importante com um dos pacientes. Essa era a primeira vez que realmente a chamava para ir até o escritório dele.

Ele vai me demitir.

Em termos financeiros, aquilo não seria uma catástrofe. Duncan não lhe pagava nenhuma fortuna, e ela sempre podia fazer um turno extra como plantonista no Lynnbrook. Mas ainda assim...

Engoliu em seco.

Demitida... sempre seria difícil ser demitida por qualquer um de qualquer emprego. Mas ser chutada por Duncan Lathram...

Devastador.

Mas ela não voltaria atrás. Não enquanto estivesse convicta de que fazia a coisa certa. Mas como explicar isso a ele? Pelo que podia ver, os dias em que os médicos poderiam se concentrar apenas em seus pacientes e ignorar o que acontecia em Washington eram passado. Estavam extintos, como os dinossauros.

Para o bem dos pacientes, e também o seu, os médicos precisavam envolver—se no processo. E qualquer médico que pensasse de forma diferente seria um dinossauro, já extinto, mas ignorando o fato.

Claro, pensou ela. Era isso. Diga a Duncan que ele é o melhor cirurgião vivo, mas que é um dinossauro. E que ela não será igual a ele.

Gina forçou um sorriso ao se aproximar da mesa de Barbara.

— Ele está me esperando.

— Eu sei — disse Barbara. — Ele me avisou que não atenderia nenhum telefonema.

Oh, fantástico.

Gina hesitou à porta, e então a abriu.

O escritório de Duncan era espaçoso, com uma grande janela de vidro ocupando a parede do fundo quase inteira. Lá fora, os últimos raios do sol da

manhã ainda banhavam o jardim oriental de pedras e o lago koi.

Pouco se via do branco das paredes; os locais onde não havia estantes de mogno, cheias de livros de medicina e periódicos médicos, estavam cobertos com placas, diplomas e certificados de especialização. Na frente da janela havia uma mesa grande e velha, quase uma antiguidade.

Um tapete persa de aspecto glorioso cobria parte do assoalho de tábua corrida.

No lado direito da sala havia um armário feito sob medida para caber no canto. Duncan estava parado diante do armário aberto, de costas para ela, concentrado em alguma coisa.

Ao ouvir a porta bater, virou—se um pouco para Gina.

— Ótimo. Você chegou na hora certa. —Acenou para ela. — Venha ver isto.

Um pouco aturdida pelo cumprimento casual — parecia um desconhecido desde aquela manhã—e mais que um pouco insegura, Gina obedeceu. Ao se aproximar, ouviu um ruído contínuo, como de um moedor elétrico. Quando chegou ao lado de Duncan, Gina ficou estupefata ao ver o que ele estava fazendo.

Café moído.

— Acabei de receber estes aqui. La Minita Tarrazu da Costa Rica. Uma excelente safra de grãos.

Derramou o café moído na abertura aberta de um funil de cromo no topo de uma jarra de vidro.

Gina não viu nada branco dentro do funil.

— Esqueceu o filtro.

— Não se preocupe. Está aqui. Uso filtro de malha de ouro. O papel absorve muitos dos óleos que conferem paladar ao café. Lembre—se disso.

Sempre use um filtro de ouro. E aqui está mais uma coisa para lembrar.

—Abriu o pequeno forno de microondas à esquerda e removeu uma xícara de meio litro, cheia de água quente. Pegou duas colheres de sopa de água e verteu—as pelo funil.

"Sempre lave os grãos antes. Dê—lhes trinta segundos para inchar e depois acrescente o restante da água. Mas não água fervendo.

Você não quer café escaldado. Leve a água para ferver e deixe—a assentar durante um minuto. Em seguida, derrame a água sobre os grãos úmidos. Mas não qualquer uma. Use água mineral. Não aquela porcaria cheia de química que sai da pia.

Esvaziou a xícara no funil e então esfregou aos mãos em antecipação.

— Prepare—se para uma verdadeira experiência, Gina. Possivelmente a melhor xícara de café do mundo. —Voltou—se para ela. —Alguma notícia do escritório de Marsden?

— Não. Eu não estou tão enlevada quanto às minhas chances. — Enlevada?

Ela nunca tinha usado essa expressão. Devia ser influência de Duncan.

—Acho que não lhe disse, mas minha entrevista não foi com o senador Marsden, e sim com chefe de gabinete dele. Mas nós não nos afinamos.

— Barrada pelo sátrapa do senador, hein? E aposto que você também não teve chance de impressionar Allard.

— Não. Ele sofreu uma queda horrível. Teve sorte de estar inteiro quando bateu na calçada.

— — Bem diante das câmeras de TV A CNN não passou outra coisa a manhã inteira. Coitado.

Coitado? Ele estivera lá, observando, e não ajudou. Ou ele não queria admitir isso?

— Ele sofreu algumas lacerações faciais graves. Há uma boa chance de ele fazer uma plástica com você.

— Ele pode economizar os centavos dele. Você já deve ter percebido que não opero pessoas que precisem de cirurgia, apenas as que queiram isso.

A propósito, desculpe por minha explosão ontem de manhã. Você não merecia aquilo.

O mesmo que: Oh, a propósito, desculpe por quase ter—lhe causado um ataque cardíaco.

Mas o alívio foi imediato. Os músculos tensos dos ombros e da parte de trás do pescoço de Gina começaram a relaxar.

— Quer dizer que não estou despedida? Ele riu.

— Deus do céu! Claro que não! Mas preciso ter uma conversinha com você. —O sorriso de Duncan sumiu.—Quero saber por que uma jovem talentosa e brilhante como você quer se envolver com os Harold Vincents e Kenneth Allards da vida. Oh, Deus, ela pensou ao respirar fundo.

Lavamos nós.

— Alguém tem de fazer isso, Duncan. Quando os políticos querem saber o que está acontecendo com médicos e saúde, veja a quem perguntam: companhias de seguros, executivos da American Medicai Association, médicos da rede pública, médicos aposentados, quem estiver disponível.

Duncan fez uma careta de desgosto.

— Ou pior ainda: Samuel Fox.

Gina assentiu, lembrando do quanto rira com os amigos residentes dos comentários asnáticos de Fox durante um debate com Donahue há alguns anos. Mas seu talento para as relações públicas garantira aos seus livros e press releases alarmistas uma posição de credibilidade perante o Congresso.

— Isso mesmo. O congresso coleta informações com médicos que não exercem a medicina.

— Faz sentido — disse Duncan. — Os médicos de verdade estão nas trincheiras. Eles têm muitas pessoas doentes nas mãos para dispor de tempo de passear pelo Capitólio.

— Verdade. Mas isso precisa mudar. Duncan levantou o queixo ao olhar para Gina.

— Porquê?

— Porque o governo está de olho no atendimento médico. O grande pacote de reformas não decolou, mas isso não significa que o governo tenha desistido. Elevai continuar tentando aos poucos, o velho método de fatiar salame. Nada vai detê—lo.

Duncan suspirou.

— Sim, eu sei disso. Não me entenda mal. Não me oponho a todos terem algum tipo de cobertura. Odeio pensar que qualquer pessoa, em especial uma criança, possa não ser tratada com competência. Mas abomino a idéia da caquistocracia planejar e administrar o programa, impondo diretrizes para as decisões médicas que deveriam ser discutidas apenas entre médico e paciente. — Sua voz assumiu o tom de um anunciante de TV — "E agora, dos mesmos realizadores dos escândalos de Watergate e Irã—contras:Atendimento Médico!"—Ele balançou a cabeça. — Eu não acho. Não faz sentido padronizar os cuidados e custos médicos por todo o país?

Seu olhar foi duro como aço.

— Não acha que temos muitas diretrizes para seguir? Gina lembrou da velha Sra. Thompson no Lynnbrook Hospital.

— Bem...

Esse projeto de lei será apenas um livro de receitas para os médicos. O verdadeiro propósito de toda essa legislação não é o controle de qualidade, e sim o controle de custos. Eles economizarão alguns trocados, mas os custos humanos serão imensos.

— Não precisa ser dessa forma. Nós... Duncan olhou para a jarra e levantou a mão.

— O café está pronto.

Ele tirou o funil da jarra e pousou—o na pequena pia cromada ao lado do microondas. Em seguida, encheu duas xícaras de tamanho normal com o café

fresco e fumegante. Passou uma xícara para Gina.

— Isto, sim, é café. Prove.

Gina cheirou — o aroma era fabuloso — e então bebeu um gole. Normalmente ela bebia café preto com pouco açúcar. Aquele não precisava de açúcar.

O sabor era profundo, e rico, e...

É... — Esforçou—se para encontrar palavras. — É como se eu nunca tivesse tomado café de verdade antes. É extraordinário.

O rosto de Duncan se iluminou.

— Vale o trabalho, não acha? Um anódino paraweltschmerz. Vou moer alguns grãos para você levar para casa. Mas use—os logo. E se usar uma cafeteira comum, nunca... nunca mesmo... deixe o bule aquecendo. Sempre decante o café imediatamente antes numa jarra. Mesmo o melhor café fica amargo quando superaquecido.

— Obrigada. Lembrarei disso.

Gina não fazia idéia que Duncan era um connoisseur em matéria de café. Os rituais, as regras... parecia religião. Mas o resultado era excelente.

Os dois beberam em silêncio por um momento. Gina deixou os olhos vagarem pela enorme janela de vidro e admirar o lago koi, o jardim de pedras e as árvores anãs que o cercavam. Prosseguiu a observação passando para a mesa de Duncan. A gaveta superior estava aberta. Dentro, havia um frasco de injeção cheio de um líquido âmbar. Alguma outra coisa também.

Algo metálico, quase como um grande trocarte...

De repente Duncan estava ao lado dela, fechando a gaveta.

— Estava dizendo?

— Onde eu estava? Bem, o que estou querendo dizer é que se eu conseguir integrar o gabinete de um membro da comissão, procurarei fazer com que ele obtenha dados precisos sobre a forma como essas diretrizes afetarão os cuidados médicos. E valerá a pena se eu puder influenciá—lo um pouco, não acha?

Duncan a fitou, balançando lentamente a cabeça.

— Durante algum tempo fiquei preocupado, achando que você não tinha ambição. Receava que você fosse fazer uma carreira como médica de plantão noturno e assistente de cirurgia. Agora eu quase queria que esse fosse o caso.

Ele realmente esúvera pensando no meu futuro?

— Talvez eu simplesmente me rendesse à lexicomania. Duncan pareceu hesitar. Será que ela conseguira pegá—lo dessa vez? Lexicomania — a tendência a usar palavras obscuras e incomuns. A ironia seria fantástica. Como seria

maravilhoso pegálo numa palavra que o descrevia. Duncan riu.

— Onde encontrou essa?

— Não foi fácil, acredite.

— Muito bem. Declaro—me culpado por meu grandiloqüismo compulsivo, e por minha tentativa quixotesca de impedir sozinho que a linguagem inteira caia na banalidade.

Droga. Ele sabia.

— Pois acho que não está dando certo — disse ela.

— O que é lastimável.—Fitou—a com um sorriso.—Léxico— mania... que maravilha! Como posso ficar zangado com você por muito tempo? Mas, falando sério, Gina, você foi treinada para um tipo de trabalho bem superior a ser auxiliar legislativa de algum cabeça—de—bagre pretensioso. Odeio vê—la desperdiçar seus talentos.

Por um momento ficou surpresa como Duncan estava lembrando—lhe Peter.

Ele falara quase exatamente a mesma coisa quando Gina revelara que deixaria Lousiana para se envolver em política médica.

Concentrando—se em Duncan, Gina mordeu a língua e pensou: eu poderia dizer o mesmo sobre suas plásticas.

Como se estivesse lendo a mente de Gina, Duncan abriu um sorriso torto e disse:

— Não que eu seja a pessoa mais indicada para falar sobre desperdício de treinamento.

Por um instante houve dor sincera em seus olhos. Gina sentiu um aperto no coração.

— Duncan... o quê...

Ele levantou a jarra de café.

— Mais?

— Não, obrigada. Posso perguntar?

— Não a invejo, Gina. — Obviamente Duncan Lathram não queria falar sobre Duncan Lathram. — Eu não gostaria de me iniciar na medicina hoje, enfrentando o terreno que a espera.

— Mais um motivo para que os médicos se envolvam. Por que ele não conseguia ver isso?

— Mas o que você espera conseguir? Qual é o seu objetivo lá no Capitólio?

— Diretrizes justas. Diretrizes realistas com as quais todos possamos viver.

— Nunca acontecerá—sentenciou Duncan. Ele suspirou. — Espero que saiba o que está fazendo, Gina.

— Já pensei muito no assunto.

— Mesmo? Eles são um bando de chacais, Gina, e...

— E eu sou influenciável?

— Não. Longe disso. Acontece que, bem, nós médicos somos de uma raça diferente. Nossos valores são outros. Não falamos a mesma linguagem que as outras pessoas. Nãopensamos como elas.

— Isso parece um pouco elitista. Ele deu de ombros.

— Talvez. Mas de vez em quando penso que o peso das decisões de vida e morte separa os médicos do restante da humanidade. Quando você sente ávida de alguém escapando pelas suas mãos, e sabe que é seu dever costurar essa pessoa e mandá—la de volta para sua casa e família, isso provoca uma certa mudança em você. Você vê coisas que as pessoas comuns jamais verão e faz coisas que elas jamais pensarão em fazer. Você encontra as pessoas quando elas estão mais vulneráveis, quando estão despojadas de todas suas pretensões. Você aí torna senhor da vida e da morte, e isso muda você. Isso faz com que você fique sempre a um passo de distância do restante da humanidade.

Durante seu período de residência, Gina esbarrara muitas vezes com essa postura de deus— que—anda.

— É hora de nos livrarmos desse complexo de deus, não acha? — propôs Gina. — Não somos deuses, e estimular esse tipo de reverência é danoso para nós e para os nossos pacientes. Fazemos coisas extraordinárias, coisas aparentemente milagrosas. Mas não somos deuses. Apenas pessoas.

Taciturno, Duncan bebericou o café em silêncio.

— Acho que nunca vamos pensar igual, não acha? — disse Gina, enfim.

— Parece que não.

— Podemos concordar em discordar, então?

— Não acho que eu tenha muita escolha.

— Você poderia me despedir.

— Não quero fazer isso. Mas não espere minhas bênçãos.

— Nunca esperei. —Mas eu quero, droga. Gostaria de não querer suas bênçãos, mas quero. — Acho que nem mesmo vou conseguir o emprego. Mas se der certo, terei de ajustar meu horário para...

— Cassidy pode cobrir você. Daremos um jeito.

Gina sentiu uma onda de calor correr pelo corpo. Isso era um tipo de bênção, não era? Se não era, ela consideraria que sim.

— Obrigada, Duncan. Eu não esperava...

— Quero mantê—la por perto... onde poderei ficar de olho em você.

A onda de calor tornou—se um arrepio. O que ele queria dizer com isso?

— Apenas não se esqueça de nós, Gina—disse ele, seus olhos azuis fitando intensamente os dela. — Não nos traia.

Duncan manteve o olhar frio por mais um instante e então se virou.

— Estou satisfeito por termos tido esta conversa, Gina. A primeira de muitas, espero. Mas tenho certeza que você está atrasada com seu trabalho.

— Estou, sim. Mais tarde nos veremos.

— Assim que souber qualquer coisa de Marsden, me conte. Quanto a mim, estou fora do circuito.—Tirou uma chave do bolso e trancou ostensivamente a gaveta. — Cirurgia amanhã às oito.

Perguntando—se por que ele se dava ao trabalho de trancar uma gaveta, Gina se despediu com um aceno e saiu. Aquele estava sendo um dia muito estranho.

* 7

GINA

— Cuidado agora—disse Oliver em tom suave, olhando por sobre o ombro de Gina, instruindo—a. —Assim. Vá com cuidado... cuidado...

Sem nenhuma notícia do escritório de Marsden ou de Gerry, Gina não tinha como evitar sentir—se sozinha nessa tarde. Assim, combinara passar algumas horas no laboratório de Oliver praticando a técnica de encher implantes. Aprenderia e ainda seria paga por isso.

Gina sentiu cheiro de alho no hálito de Oliver e imaginou o que ele comera no almoço. Pelo visto, nada de baixas calorias. Oliver tinha uma fraqueza por comida italiana e não se preocupava com os efeitos que ela causava em sua cintura. Devia ter sido talharim com molho de frutos do mar e muito alho...

Melhor esquecer os abusos dietéticos de Oliver. Ela precisava concentrar—se no que estava fazendo.

Gina introduzira uma agulha finíssima na extremidade de um dos implantes membranosos de tamanho médio de Oliver e agora o injetava com uma solução salina comum. Se isso fosse para valer, Gina estaria trabalhando sob condições rigorosas de esterilização e enchendo os implantes com o "molho secreto" de Oliver.

Olhando através da lente de aumento sobre a lâmpada fluorescente de exames, Gina observou a membrana tubular de um centímetro de comprimento inchar e esticar. Era como encher de água o menor balão do mundo.

— Está cheio agora—disse Oliver.—Sente a pressão de que lhe falei?

Não tinha sentido nada até agora—motivo pelo qual meia dúzia de membranas jaziam estouradas ao lado da bandeja. Mas dessa vez ela sentiu uma pequena resistência no êmbolo.

— Acredite se quiser, estou sentindo sim!

— Beleza! Agora é hora de fechar.

Gina reprimiu um sorriso ao pegar o cauterizador. Será que mais alguém na terra ainda dizia beleza ? Oliver tinha de ser o último.

Ele era uma espécie de enigma. Não parecia ter uma vida fora do laboratório. Nada de esposa ou família. Ou mesmo algo parecido, até onde ela sabia. Quando

ele convidara a equipe para jantar, Gina saíra da casa dele conhecendo—o tanto quanto antes.

— Certo. Estou pronta.

— Sabe o que fazer. Apenas relaxe.

Gina vira Oliver fazer isso uma centena de vezes mas nunca chegara tão longe. Posicionou a ponta achatada do cauterizador sobre o ponto da perfuração, retirou lentamente a agulha e, finalmente, pisou no pedal arredondado próximo ao pé esquerdo. Um pequeno arco de centelha azul formou—se entre o cauterizador e o implante, queimando e coagulando a membrana proteica em torno da perfuração.

Ela observou através das lentes de aumento, esperando que uma gota de fluido se formasse, o que indicaria a necessidade de outro choque. Mas a membrana permaneceu seca. Ela selara a abertura.

Sucesso. Enfim. Um pequeno triunfo que dificilmente compensaria o fiasco no escritório de Marsden na segunda ou o incidente com Allard nessa manhã, mas que nesse momento significava bastante.

Gina olhou para cima e viu o rosto redondo de Oliver sorrindo para ela.

— Vai ser beleza ter alguém aqui que saiba encher essas coisas. Estou de saco cheio de fazer isso.

— Por que simplesmente não contrata um ou dois assistentes para fazer esse tipo de trabalho?

— Porque não há realmente muita coisa a ser feita neste estágio dos estudos. E eu gostaria de limitar o número de pessoas que sabem com o que estamos trabalhando.

— E exatamente com o que estamos trabalhando?

— Com molho secreto.

— Puxa, Oliver! Não acha que tenho direito de saber?

Ele pensou por um momento.

— Certo. É justo. Mas prometa ficar de bico fechado. Como esta solução não é patenteável, temo que alguém copie a fórmula \ e adquira os direitos sobre ela colocando—a no mercado antes de mim.

— Palavra de bandeirante — disse Gina.

— Tenho certeza que posso confiar em você — murmurou Oliver, como se estivesse percebendo isso naquele momento.

Tirou os óculos grossos com aro de tartaruga enquanto se sentava ao lado de Gina. Começou a falar, rápido, como se alguém tivesse aberto uma válvula. Gina percebeu que havia muito tempo ele devia estar morrendo de vontade de contar a

alguém sobre o molho secreto.

— Você está familiarizada com o trabalho do Departamento de Biologia Celular e Estrutural da Universidade de Manchester, na Inglaterra?

— Não. Nem um pouco.

— Pouquíssimos clínicos estão. Certo, e quanto a cirurgia fetal?

Já viu alguma?

— Um pouco lá em Tulane. Não fazia parte de minha ronda, é claro, mas acabei adquirindo alguma informação por osmose.

— Perfeito. Então você sabe que um feto pode sofrer uma cirurgia no útero e nascer meses depois sem cicatrizes.

— Sim, lembro de ter ouvido os residentes de obstetrícia falarem alguma coisa assim sobre um parto de alto risco que eles haviam feito. O bebê sofrera a remoção da parede abdominal durante a décima sexta semana de gestação, mas nascera sem um único vestígio de incisão.

— Isso mesmo. Mas a cirurgia precisa ser realizada durante os cinco primeiros meses. Qualquer procedimento realizado depois deixa cicatriz, como aconteceria com qualquer adulto. Os biólogos celulares vêm estudando isso há anos. O que acontece lá dentro? Qual é a diferença? O que impede que ocorra o acúmulo usual de colágeno, formando as cicatrizes que todos conhecemos? Há alguns anos o pessoal da Universidade de Manchester chegou

a uma resposta.

Gina estalou os dedos. Ela lembrava alguma coisa... onde tinha sido?

— Algum tipo de fator de crescimento, não é?

Oliver bateu palmas.

— Excelente! O fator beta de transformação de crescimento, para ser mais preciso. Eles identificaram três tipos de fatores beta de crescimento, e descobriram que o terceiro, o beta 3, é reduzido vertiginosamente no final do segundo trimestre de gravidez. A molécula tipo três... eu a chamo de beta—3... vem sendo sintetizada desde então e é o ingrediente—chave do molho secreto.

— Então esse é o segredo dos resultados incríveis de Duncan.

— Não — disse Oliver, meneando um dedo.—Duncan tem os olhos e as mãos que fazem a remodelagem. Mesmo sem uma gota de beta—3, seus pacientes teriam cicatrizes mínimas. Tudo que fiz foi encontrar uma forma de envernizar a emenda.

— Mas por que os implantes? Ele não poderia simplesmente cobrir as incisões com beta—3?

— Não adiantaria de nada. O beta—3 é necessário na fase final da recuperação. Lembra dos três estágios da reparação de ferimentos: inflamação,

proliferação e remodelagem? O beta—3 faz seu trabalho no estágio três, quando o tecido da cicatriz se forma para substituir o tecido granuloso. No momento da sutura o beta— 3 não surte efeito. Você precisa de uma forma de liberação retardada.

— Entra em cena o implante. Oliver sorriu.

— Um caso clássico de sincronia. Lá estava eu, matando—me de trabalhar como psicofarmacologista na GEM Pharma durante o dia, testando antidepressivos em ratos dentro de caixas de papelão, enquanto trabalhava à noite em casa num sistema de liberação contínua de medicamentos. Na época o Norplant era a grande estrela, mas os implantes de Norplant tinham de ser removidos depois de cinco anos. Achei que poderia aperfeiçoar isso, desenvolver um implante que liberaria seu medicamento em doses iguais durante cinco anos, talvez mais, e depois se dissolveria. Grande idéia, não?

— A julgar pelo seu tom de voz, não deu certo.

— Não completamente. Desenvolvi uma matriz de proteínas cristalizadas que era macia e flexível, e que realmente se dissolveria sem deixar resíduos. Contudo, ela era impermeável. Não permitia que uma gota de qualquer coisa saísse através dela... isso só acontecia quando ela se dissolvia, e então todo o conteúdo era derramado nos tecidos circundantes. Tudo que eu conseguira era desenvolver uma forma muito cara e complicada de dar uma injeção em alguém. Fiquei terrivelmente desestimulado.

— E então entra em cena Duncan.

— Isso. Depois de seu... bem, depois que ele deixou a cirurgia vascular, ouvi falar sobre os resultados obtidos em Manchester com o tipo 3 do fator beta de transformação de crescimento e vi o quanto minha membrana, incapaz de liberação gradual, mas perfeita para liberação retardada, poderia ser usada para liberar o beta—3. A FDA autorizou que realizássemos testes clínicos, e os resultados têm sido extraordinários.

Gina tinha visto os pacientes que faziam seus exames pósoperatórios e de como apenas com uma lente de aumento era possível saber que tinham sofrido cirurgia. Subitamente Gina se deu conta do enorme potencial dos implantes de Oliver.

— Mas a cirurgia plástica é só a ponta do iceberg—disse ela. — Pense no que você poderia fazer pela cirurgia geral.

Oliver balançava a cabeça, animado.

— Claro. Os implantes teriam um valor fantástico nos casos de traumatismos, mas eles se tornarão rotina em procedimentos como

histerectomias e apendicectomias. Algumas semanas depois de ser operada, você poderia usar um biquíni... Droga, você poderia ir a uma praia de nudismo — e ninguém saberia que você fora operada.

A mão de Gina subiu até a frente da blusa. Através do tecido, pôde sentir a extremidade superior da cicatriz que corria ao longo da barriga. A cicatriz de Duncan.

Biquíni?, pensou. Nunca comprei nem mesmo um maio decotado. Jamais considerei a possibilidade.

— Contudo, o maior benefício seria na pediatria, porque as crianças cicatrizam mais que os adultos—prosseguiu Oliver. — E algumas dessas cicatrizes podem causar inibições nas crianças, porque, dependendo de onde sejam, não esticam, enquanto o restante do corpo cresce.

E eu não sei?

— Isso parece maravilhoso.

— Será. E agora estamos começando a divulgar discretamente nossos resultados. Outros cirurgiões querem experimentar o implante. Todos os dias empresas nos ligam querendo licenciá—lo, e a FDA nos colocou no topo da lista de aprovações. E é apenas o começo. Duncan teve uma idéia inovadora de como aprimorar o implante, e estou trabalhando como louco no novo modelo aperfeiçoado. E... — levantou a mão e meneou o dedo indicador no ar. —E... alguém muito importante está bastante interessado no uso operatório dos implantes.

— Quem?

— Desculpe. Não posso contar. Pelo menos, ainda não.

Ela não queria, mas a forma como os olhos dele tinham brilhado de entusiasmo despertara sua curiosidade.

— Ora, vamos, Oliver. Você acaba de me contar sobre o beta— 3. Pode confiar em mim a respeito disso também.

— Não. Duncan me mataria. O segredo é dele, afinal. E é grande.

— Certo—falou Gina com seu melhor suspiro de decepção. —Acho que terei de esperar para ler nos jornais.

— Oh, querida. Espero que isso não aconteça. Mas tenho a impressão de que Duncan pessoalmente lhe contará quando for o momento certo.

— Falando em Duncan, você começou a me contar sobre Lisa, a filha que ele "teve". Isso significa o que estou pensando?

Oliver assentiu com tristeza.

— Ela acabara de fazer dezoito quando morreu, há cinco anos.

Da época em que trabalhava como funcionária administrativa no escritório de Duncan, Gina se lembrava vagamente de uma menção ocasional sobre seus dois filhos, um menino e uma menina, ambos mais jovens que ela.

— Há cinco anos... Eu estava na faculdade de medicina nessa época. Nunca soube. O que aconteceu?

— Uma queda. Ela não recuperou a consciência. Foi terrível. Duncan ficou arrasado. Foi a gota d'água para ele.

— Por quê? Aconteceu mais alguma coisa?

— Já falei muito. Se Duncan quisesse que você ficasse sabendo, tenho certeza de que lhe diria. Ele está tentando deixar isso para trás. — Oliver suspirou.—Ele deixou muita coisa para trás. Mas para o aqui e o agora, por que você não aprimora sua técnica enchendo mais algumas membranas? Depois vá para casa.

— Farei isso—disse ela, dando um tapinha no ombro de Oliver. — De uma coisa pode ter certeza, Oliver, esses implantes farão de você um homem muito rico.

— Oh, espero que sim.

— E o que fará com o dinheiro?

— Irei para o mais longe daqui que puder.

— Realmente? Para onde? Havaí?

Ele suspirou.

— Para qualquer lugar onde eu não precise ver Duncan desperdiçando seu talento como ele faz... embelezando figurões e jogando... golfe!

E então saiu apressado da sala, com o jaleco branco adejando atrás dele.

Gina permaneceu olhando para a porta, chocada.

* 8

DUNCAN

Duncan segurou o queixo da menininha entre o polegar e o indicador.

Levantou—lhe a cabeça, abaixou—a, e por fim girou—a para a esquerda e para a direita.

Seu nome era Kanesha e tinha seis anos. Ela não olhava diretamente para Duncan e a mão subia o tempo todo até o canto esquerdo da boca, onde flutuava como um beija—flor sugando néctar. Só que ali não havia nada doce ou bonito como uma flor, apenas uma camada grossa de tecido cicatrizado.

Apele era da cor do leite achocolatado; os olhos, grandes e de um marrom profundo, cor de caputino. Tinha dentes alvos e um sorriso que seria lindíssimo, não fosse aquela cicatriz fundindo os lábios nos cantos, partindo em dois todos os sorrisos.

Estava cheirosa, os cabelos penteados, e as roupas tinham sido passadas e engomadas. Kanesha e a mãe tinham—se vestido de acordo para a visita ao médico.

Duncan gostava daquilo, não simplesmente porque demonstrava respeito pelo médico, mas também por eles mesmos. Algumas das pessoas que o visitavam na clínica tinham cortado relações com todas as espécies de sabão, mas ele não ligava. Que droga, afinal, era uma clínica pública!

Certo. A clínica maxilobucofacial ocupava um canto do quinto andar de um dos prédios mais antigos do Hospital Geral de Washington. As poltronas e os acessórios da sala de espera eram puídos mas limpos; a sala de exame cheirava levemente ao detergente usado para limpar os balcões; a tinta amarela das paredes estava descascada e a mesa de exames precisava de um estofamento novo, mas a equipe era eficiente e, mais importante, eles se importavam com o que faziam.

Duncan se virou para a mãe de Kanesha. — Quando aconteceu isto, Sra. Green? Na ficha de inscrição não constava o nome de nenhum marido para Cindy Green, uma mulher jovem, com vinte e poucos anos, que provavelmente fora pouco mais que uma menina quando tivera Kanesha. De acordo com a ficha, ela trabalhava como garçonete. Era muito bonita, o rosto arredondado e lábios cheios. Duncan estudou aqueles lábios. Aboca de Kanesha seria exatamente como a da mãe, não fosse pela deformidade da cicatriz.

— Há uns quatro anos e meio. Quando ela tinha dezessete meses. Foi tão rápido que nem vi quando aconteceu.

Quantas vezes ele ouvira essa frase? Mas manteve neutro o tom de voz: — As crianças são agitadas nessa idade, não é mesmo?

— Num minuto ela estava sentada no chão brincando com pratos e panelas.

Virei—me para limpar a pia e ouvi o grito. Olhei para ela e Kanesha...

—A voz da mulher embargou. — Estava desmaiada e saía fumaça da boca. Eu sabia que os dentes dela estavam crescendo, mas nunca imaginei que Kanesha poderia morder um fio elétrico.

— Acontece com mais freqüência do que se imagina.

O que era verdade. Obviamente, acontecia mais com crianças negligenciadas, mas ele não achava que esse era o caso de Kanesha.

Apenas um daqueles acidentes trágicos.

Quase trágicos, na verdade.

Duncan poderia consertar.

Estava visualizando as incisões agora... desgrudar o tecido cicatrizado, restaurar a boca até a amplitude total, everter um pouco de mucosa para os lábios...

Não seria a primeira vez que reconstruiria um rosto de criança queimado por eletricidade. E não seria a última. Kanesha tinha sorte. Ela sobrevivera sem danos cerebrais, e a mãe se importava com ela. E agora tinha a ele.

Uma vergonha não poder usar o beta—3 nela, mas uma clínica pública não era lugar para um protocolo experimental. O hospital não aceitaria arcar com as responsabilidades, e Duncan não podia culpá—los. Quando um paciente de clínica pública ouve a palavra "experimental", pensa logo em Frankenstein e teme que alguém o use como cobaia.

— Pode consertar o rosto de minha filha, Dr. Duncan? Quando vi o que o senhor fez pelo pequeno Kennique...

— Quem?

— Kennique LeFave... o senhor sabe... a bochecha dele estava toda...

— Oh, sim, claro. — Que nomes as pessoas inventam hoje em dia! Mas ele lembrava do menininho de três anos que ano anterior caíra de uma janela, rasgando a face direita até o osso. Aquele fora um desafio de verdade.

— A mãe dele não faz outra coisa além de elogiar o Dr. Duncan. Foi assim que decidi trazer Kanesha para o senhor. Acha que pode... ?

Duncan assentiu.

— Será um pouco trabalhoso, mas sim, acho que podemos deixá—la como

nova.

Os olhos da mãe fixaram—se intensamente nos de Duncan.

— Pode? Pode mesmo?

— Estou percebendo uma gota de descrença?

— Não, apenas...

— Sorria para mim — disse Duncan.

— Quê?

— Vamos. Sorria.

A mãe sorriu. Um sorriso adorável, ainda que forçado. Duncan se inclinou para a frente e segurou—lhe o queixo como fizera com Kanesha.

— Quero dar à sua filha um sorriso como o seu.

— Pode fazer isso? — sussurrou a mãe.

Sim, ele podia. Estavam na era dos milagres. E ele era um milagreiro.

Mas ainda assim... nunca prometa muito. E melhor dar—lhes mais do que esperam.

— Depende um pouco de Kanesha. Nem todos têm a mesma recuperação.

Portanto... um sorriso como o seu... isso bastaria?

O novo sorriso foi suave e hesitante, mas, dessa vez, sincero.

— Bom! — Ele pressionou uma campainha na parede. Uma enfermeira negra entrou. — Marge, veja se podemos encaixar Kanesha para uma operação de restauração facial... lado esquerdo dos lábios superior e inferior...

para quarta de manhã.

— Semana que vem? — perguntou a mãe.

— Cedo demais?

— Bem, não, eu apenas...

— Ela já tem essa cicatriz há muito tempo, não acha?

A mulher olhou para ele, fitando—o nos olhos, procurando neles algo que lhe desse coragem.

— Sim — disse, enfim. — Tempo demais.

Quando Marge as levou para fora, Cassie Trainor entrou na sala e ficou atrás de Duncan. Uma loura alta e com um belo corpo, usando um uniforme sob medida para maximizar o efeito dos seios voluptuosos. Quarenta e poucos anos, formosa e sensual. Cassie pousou as mãos nos ombros de Duncan e começou a massagear com os polegares os músculos da parte de trás do pescoço.

— Como está o Dr. Duncan hoje?

Duncan fazia todos na clínica referirem—se a ele como Dr. Duncan. Era uma alcunha legítima que escondia o nome Lathram. Não queria que todos

soubessem que Duncan Lathram fazia trabalhos de caridade. Como explicaria que a mesma pessoa que se recusava terminantemente a fazer acordos com companhias de seguros e a realizar cirurgias plásticas necessárias, estava fazendo operação plástica de graça em crianças pobres?

Estava farto de dar explicações.

— Estou bem, e isso está uma delícia.

— Então, o que vai fazer depois de sair daqui? Está pronto para pagar aquela bebida que vive me prometendo?

Duncan tentou evitar que os ombros ficassem tensos. Vinha evitando Cassie fazia meses. Logo depois de seu divórcio ele e Cassie haviam tido um pequeno caso. Muito quente. Mas, como dizia a canção, não tão quente que não pudesse esfriar. Ela era uma enfermeira excelente e muito desinibida sob as cobertas. Ele lembrou de uma noite quando...

não, agora não era o momento de lembrar disso, não com os dedos dela massageando—lhe os ombros. Eles tinham acabado seguindo seus próprios caminhos, mas de vez em quando Cassie parecia gostar de avivar a velha chama. Duncan sabia que havia muitas velhas chamas no passado de Cassie. E chamas demais eram inquietantes nos dias atuais, quando o sexo livre deixara de ser um passatempo agradável para se tornar um assunto sério, um assunto perigoso, que requeria pesquisa e checagem de antecedentes, especialmente com alguém com um histórico tão variado quanto o de Cassie Tuainor.

Ele odiava que uma coisa básica e maravilhosa como sexo tivesse se tornado uma fonte de paranóia e ansiedade, uma nova seita religiosa com rituais de purificação e eucaristias de borracha.

Merda. Merda de mundo fodido.

Sexo descompromissado era o único tipo de relacionamento para o qual tinha disposição ultimamente, e sexo descompromissado era como uma roleta—russa. Não dispunha de tempo nem sentia vontade para investir num relacionamento duradouro, e não queria procurar um, não depois do que acontecera com seu casamento.

O que acontecera a ele desde o divórcio? Para onde fora sua paixão pela vida? Afastara—se de todos os velhos amigos. Mas não de forma consciente. Nem mesmo se apercebera do processo até estar consumado.

Agora passava tempo demais sozinho, mas isso não o incomodava. Não reconhecia esse homem preocupado e isolado no qual se transformara.

Talvez Lisa não tivesse sido uma aberração. Talvez aquilo fosse de família.

Independentemente do motivo, percebia que se tornara um homem que temia

a intimidade mais que a solidão.

Mas pelo menos agora poderia contar a verdade a Cassie.

— Adoraria, mas vou jantar com meu filho.

— Que pena. Com quantos anos ele está?

— Fez vinte e um no mês passado. — Lisa teria feito 23 na última primavera, já estaria formada havia um ano. — Ele está começando seu último ano de faculdade. Vamos àquele restaurante italiano novo em Georgetown.

— II Giardia? Duncan riu.

— Não tem graça. II Giardinello. Chamaria você para vir conosco, mas vamos conversar sobre o futuro.

— Entendi. Muito bem. Quem sabe na próxima.

— Pode estar certa que sim.

Enquanto Cassie se afastava, Duncan observou o tecido branco do uniforme deslizar para cima e para baixo sobre as nádegas arredondadas. Quase mudou de idéia e chamou—a de volta. Em vez disso, olhou o relógio.

Estava quase na hora de pegar Brad na casa dele.

A casa...

Fora sua também. Agora pertencia apenas a Diana. Queria saber como ela podia morar lá, caminhar pela sala onde...

Duncan esfregou os olhos e se levantou da cadeira. Quando seu relacionamento com Diana finalmente ruíra, ele não sustentara uma ação de divórcio. Deixou Diana ficar com o que ela queria, concordou em pagar—lhe uma generosa pensão e, obviamente, providenciara para que Brad tivesse tudo de que precisava. Amava o filho, queria permanecer junto dele e, mais do que tudo, queria poupá—lo do espetáculo de ver seus pais brigando na justiça.

E Duncan ficou com... o quê?

O que sobrara para mim?

Ele e Diana ainda se falavam, mas apenas em assuntos neutros e práticos, jamais em nível pessoal. E jurou nunca pisar naquela casa outra vez.

Custava a se recuperar, e às vezes nem isso. Não havia implantes cheios de beta—3 para a alma.

Esse fora o motivo que o fizera estar na saída oeste do Capitólio na manhã do dia anterior. Tentando se curar equilibrando a balança, fechando o círculo, impondo uma simetria ao caos que se tornara sua vida. Só então essa raiva cancerosa cessaria sua metástase incansável e lhe permitiria seguir com sua vida.

Sozinho na sala, Duncan deu uma gargalhada. Sua vida! Que vida?

A cabeça de Marge apareceu à porta.

— Dr. Duncan... tudo bem?

— Tudo bem, Marge.

Isso é que é motivo para rir, pensou, acenando para Marge sair. Nada estava bem.

Ontem de manhã... mais um fracasso. Por que nada jamais era simples? Por que as coisas não podiam seguir conforme o planejado?

Nenhum dos dois outros experimentos tinham saído como ele esperara.

Lane e Schulz, ambos mortos, um num acidente de carro, o outro num mergulho de vinte andares.

E ontem... Allard deveria ter perdido a cabeça na frente das câmeras, e não rachado o crânio nos degraus do Capitólio. Duncan não pretendera causar—lhe danos físicos. Droga, qualquer assassino contratado poderia fazer isso. Fora até lá preparado para ver Allard mortalmente embaraçado, terminantemente humilhado, politicamente arruinado. Queria ver o fim da credibilidade dele, e não quase o fim da vida.

Merda! Tanto planejamento inútil. Agora Allard era apenas vítima de uma perigosa queda, um objeto de simpatia, e não de ridículo.

Duncan se admirou com sua própria frieza, mas apenas por um momento.

Guardava ainda algumas emoções no coração, mas não podia dar—se ao luxo de desperdiçá—las com homens como o deputado Allard.

Allard, pelo menos, estava vivo.

Da próxima vez... da próxima vez ele acertaria.

Duncan esfregou os olhos. Seus planos eram de pagar na mesma moeda, e não matar ou aleijar. Queria devastar as carreiras, casamentos e reputações daqueles homens. Queria deixá—los vivendo entre as ruínas.

Morte em vida.

Como a minha.

Embora seu propósito não fosse matar aqueles políticos, as fatalidades não tinham lhe incomodado pessoalmente. Afinal, Lisa estava morta por causa deles, e ela valia dez, vinte, centenas deles.

A presença de Gina no dia anterior representara outra complicação, uma daquelas coincidências perversas que um dia poderiam expor o que ele estivera fazendo.

A possibilidade de que alguém descobrisse tudo lhe causava arrepios.

Acusações de assassinato, um julgamento que seria um verdadeiro picadeiro, e depois o cárcere. O escândalo... o que isso causaria a Brad? Seu filho era uma das poucas coisas importantes que haviam sobrado na vida.

Faria qualquer coisa para evitar isso. Qualquer coisa.

Mas onde estava o risco, realmente? Tinha uma toxina virtualmente não rastreável, e um método de liberação absolutamente invisível. O único que seria capaz de deduzir o que estava acontecendo seria Oliver, mas seu irmão vivia atarefado e quase não percebia o que acontecia fora do laboratório. O único outro risco real seria alguém como Gina. Alguém que conhecesse os pacientes, soubesse sobre os implantes, e fosse inteligente o bastante para juntar as peças.

Por mais remota que fosse, a possibilidade o assustava. E que dilema terrível isso causaria. O que faria se fosse Gina quem descobrisse?

Teria de encontrar uma forma de neutralizá—la. Não poderia permitir que ela...

Balançou a cabeça para desfazer o encadeamento de possibilidades. Isso não aconteceria. Vincent fora o penúltimo. Mais um e então Duncan fecharia esse capítulo de sua vida.

Mas o último seria o grandão. O maior de todos.

* 9

MARTHA

Gina estava protelando para chegar em casa. Não queria ouvir mais nenhuma má notícia. E, quando se tratava do Capitólio, nenhuma notícia era considerada ruim. O golpe de misericórdia seria um recado de Gerry dizendo para ela esquecer os planos para o jantar; ou, pior ainda: nenhum recado de Gerry.

Pelo amor de Deus, pensou, algo tem de dar certo esta semana!

Assim, Gina saiu do metrô na estação do zoológico, caminhou pela Calvert Street e atravessou a Ponte Duke Ellington até o bairro onde morava.

O bairro Adams Morgan às vezes era descrito como perigoso, outras como eclético, mas na maioria das vezes era considerado um lugarzinho esquisito. Gina adorava a área. Um grande triângulo na descida da colina na direção de Círculo Dupont, cercado pela Calvert Street e pelas Flórida e Connecticut Avenues, onde se poderia encontrar jóias étnicas, arte popular e música de vanguarda, enquanto se sentia os aromas exóticos dos restaurantes típicos, que rivalizavam com as Nações Unidas em termos de diversidade. Onde mais na capital seria possível encontrar um restaurante argentino entre um requintado restaurante francês e um bistrô caribenho? E até mesmo restaurantes etíopes. Quem já ouvira falar de restaurantes etíopes? E havia três na vizinhança.

Gina passou um tempo folheando livros numa livraria africana, tateou alguns tecidos guatemalenses, experimentou sapatos turcos e finalmente decidiu que já protelava o bastante. Prosseguiu a pé até seu prédio, uma construção antiga na Kalorama Street, entre a Columbia e a Eighteenth Streets. O prédio era pintado de azul—celeste e tinha uma torre no lado que dava para o sopé da colina. Gina finalmente chegou ao seu apartamento no terceiro andar.

A imobiliária anunciara o apartamento como "mobiliado". Gina achava que "não desmobiliado" teria estado mais de acordo com as leis de defesa ao consumidor. A mobília fora envernizada tantas vezes, que o tipo da madeira sob todas aquelas camadas de tinta era um mistério. Gina suspeitava que o verniz era a única coisa que mantinha juntas algumas das peças. Mas o apartamento era limpo, e adorava sua janela de frente, com vista para a rua. Ela comprara um novo colchão e acrescentara alguns toques pessoais — um tapete amarelo

brilhante e suas três reproduções das Ninfetas de Monet. Ainda tinha planos de tornar o lugar mais aconchegante, talvez com cortinas novas. Assim que tivesse tempo.

Gina foi direto até o quarto. A secretária eletrônica ficava sobre a mesinha—de—cabeceira, apertada ao lado do abajur. A lâmpada indicadora de recados estava piscando. Um bom começo.

O primeiro telefonema era de sua mãe, perguntando quando Gina jantaria novamente com a família.

— Em breve, mãe — disse em voz alta.—Em breve. — Seu horário não lhe permitia muito tempo livre, mas jurara visitar sua velha casa na Arlington Avenue pelo menos duas vezes por mês.

A voz seguinte foi de Gerry.

"Oi, Gina. É Gerry. Olhe, quanto ao nosso jantar... Bem, as coisas não saíram exatamente como eu planejava."

Fantástico. Qualé a desculpa?

"Mas eu gostaria de encontrá—la esta noite de qualquer jeito. O único problema é que teremos de fazer um programa um pouquinho mais popular do que eu planejara. Será que podemos nos encontrar num... bem... num Taco Bell? Tem um na Connecticut. É uma longa história, e explicarei tudo a você quando nos encontrarmos. Se nos encontrarmos. Sinceramente, estou torcendo por isso. Mas se não puder, eu entenderei. Apenas me avise se não puder ir. Do contrário, nos vemos às seis. Hasta la vista."

Gina apertou o botão de repetição. Sim, ouvira direito: Taco Bell. Ela gostava dessa cadeia de fastfood, mas um Taco Bell não constava em sua lista de lugares adequados para encontrar uma velha paixão de ginásio.

Veja o lado bom da coisa: pelo menos ele não lhe dera o bolo.

Mas um Taco Bell?

Gina estava à procura de uma vaga de estacionamento em meio ao fluxo de trabalhadores de Washington que voltavam para suas casas em Maryland. A Connecticut Avenue era mais residencial em sua extremidade norte — ali as lojas alternavam—se com prédios baixos e um ocasional edifício comercial, todos ladeados por carvalhos e olmos magníficos. A avenida ficava apenas a cinco ou seis quilômetros do Capitólio, mas parecia outro país.

Encontrou uma vaga em frente ao Taco Bell, do outro lado da rua, e desligou o motor.

E agora?

Sondou a multidão na calçada em torno da fachada da loja. Nenhum sinal de

Gerry. Não sabia como identificar o carro dele. Não gostava da idéia de entrar apenas para ficar plantada num lugar, esperando. Na verdade, não estava gostando de nada disso. Onde estava a esposa de Gerry, se é que ainda tinha uma? Por que um Taco Bell? E por que tinha ido?

Calma, Panzella.

Cinco minutos observando o fluxo contínuo de corpos de todas as raças e idades, entrando e saindo pela porta, e nada de Gerry.

Muito bem. Vamos acabar com isso.

Gina entrou e olhou em volta. A decoração desse Taco Bell não era tão carregada em motivos country quanto a da filial da Louisiana Avenue; as paredes eram em tijolo cru, mas o balcão de atendimento, a máquina de refrigerantes, as cabines e as mesas obedeciam ao estilo padrão dos restaurantes de fastfood. Nada genérico quanto aos aromas, entretanto. O ar recendia a alho e especiarias. Percebeu que estava com fome.

Gina ouviu chamarem seu nome, virou—se, e avistou Gerry acenando do outro lado de uma divisória. Ele se levantou. Mas enquanto se aproximava da mesa, Gina viu que não estava sozinho, outra mulher ocupava o assento à sua frente. Uma loura adorável, com cabelos curtos e grandes olhos azuis. Tinha cerca de cinco anos de idade e estava comendo um taco com metade do tamanho do braço.

— Sinto muitíssimo — disse Gerry. —A babá tinha planos inadiáveis para esta noite. Esta é minha filhinha, Martha. Martha, diga alô para Gina, quero dizer, para a Dra. Panzella.

Martha acenou e sorriu com a boca cheia de migalhas.

— Martha é vegetariana — disse Gerry. Gina olhou para ela.

— Está brincando.

Ele levantou a mão direita, palma estendida.

— Verdade. Juro. Eu poderia impressioná—la dizendo que se trata de uma postura ética, mas na verdade acho que Martha não gosta de carne. Nunca gostou. Ainda bebê, costumava cuspir a papinha quando estava com muito gosto de carne.

— Mas ela come tacos?

— Burritos de feijão. Ela simplesmente amaburritos de feijão... com molho verde e porção dupla de queijo. Não é, Martha?

Alourinha olhou para cima e assentiu vigorosamente. Era óbvio que estivera prestando atenção a cada palavra.

— Mas sem alho — acrescentou Martha com uma voz esganiçada.

Gerry sorriu para a filha.

— Certo. Sempre sem alho. Por isso que estamos aqui. A Srta.

Chatinha—para—Comer tem um paladar muito limitado, de modo que não vale a pena levá—la a outro lugar. Espero que você não se importe. Prometo que compenso depois.

Gina fora apanhada completamente de surpresa por Martha, mas estava encantada pelo elo caloroso que parecia haver entre pai e filha.

— Não seja bobo. Estou feliz por você tê—la trazido. Na verdade, sinto—me honrada em conhecer Martha.

— Que bom. O que posso trazer para você? "

— Que tal dois burritos de feijão com queijo extra—Ela piscou para Martha — mas sem alho.

Martha sorriu e contorceu um lado do rosto numa tentativa grotesca de retribuir a piscadela. Gina riu e sentou—se em frente a ela.

— Você é doutora de verdade? — perguntou Martha, inclinando a cabeça para o lado. Suas bochechas eram rosas em flor, a pele, impecável.

— Sou sim.

— Você dá injeções?

— De vez em quando.

— Não gosto de injeções.—Ela levantou dois dedos.—Eu levei duas injeções para poder entrar no jardim de infância!

Que fofura. Tão relaxada e à vontade com uma desconhecida. Era evidente que gostava de pessoas, e isso era muito indicativo sobre sua vida familiar.

— As injeções existem para não ficarmos doentes. Ela deu de ombros.

— Mesmo assim, de vez em quando eu fico! Gina foi salva pela volta de Gerry.

— Trouxe—lhe um refresco. Depois de muita pesquisa e experiências, eu e Martha determinamos que a comida do Taco Bell desce melhor com um refresco.

Oba! — exclamou Martha, levantando o copo. Gerry bateu de leve seu copo contra o dela, e então Martha se virou para Gina, olhando—a com ansiedade. Gina bateu o copo contra o de Martha. Feito o brinde, todos beberam.

— Desculpe, mas aqui eles não têm nada com octanagem mais elevada— disse Gerry.

— Como terei de brincar de médica daqui a duas horas, Mountain Dew tem toda a octana de que preciso.

Gina observou Gerry se sentar novamente ao lado da filha. Ela viu a semelhança entre os dois—o mesmo cabelo louro, olhos azuis, nariz e sorriso. E

a forma como ela sorria para Gerry... o sorriso de uma menina que amava o pai.

Gina estava intrigada, talvez até fascinada. Estivera ansiosa por esse encontro porque seria uma forma de amarrar uma das pontas soltas de sua vida. Era uma coisa com que sonhara durante todo o ginásio: sair com o maioral do campus — se era possível chamar aquilo de uma "saída". Mas Gerry era muito mais do que ela esperara. Era caloroso, franco e um pai dedicado. Ela gostava disso. Gostava muito. Queria saber mais a respeito dele. A mera distração que ela esperara encontrar ali estava se abrindo para algo novo.

Entre mordidas e bebericos, Gina e Gerry puseram em dia as mudanças em suas vidas desde o ginásio. Gerry lhe contou sobre ter—se juntado ao FBI depois de se formar em criminologia pela UVA, mas não mencionou ter—se casado ou de onde viera Martha. Gina precisou reunir toda a força de vontade para não perguntar. Gerry ouviu, com atenção e sorrisos de estímulo, Gina contar sobre sua formação, mas estremeceu ao ouvir o nome Duncan Lathram.

— Você trabalha para Lathram? O cirurgião famoso?

— Ele não é famoso. Apenas seus pacientes.

— Sim. E você precisa ser uma celebridade para ser tratado por ele.

Gina ficou intrigada com o súbito tom de hostilidade na voz dele.

— Todos os dias ele trata de pessoas das quais ninguém nunca ouviu falar.

Gerry se inclinou sobre a mesa e apontou para as leves cicatrizes no rosto.

— Ele não me aceitou.

— Como foi isso?

— AVM — Ele olhou rapidamente para Martha. — Conto em outra hora.

Acidente em veículo motorizado. Isso explicava as cicatrizes.

— Mas quem trabalhou em você fez um excelente serviço.

— O Dr. Hernandez é um dos melhores. Mas o primeiro a quem procurei foi Lathram e ele nem mesmo me recebeu para uma consulta.

— Duncan só pega certos tipos de casos.

— A seguradora estava pagando a conta. O problema não era dinheiro. Por que ele não me ajudou?

Gina ficou tentada a responder. Porque ele não opera ninguém que precise dele. Só realiza cirurgias estéticas, e quanto mais supérfluas e narcisistas, melhor. Nada de cirurgias reparadoras. Mas como Gina poderia explicar algo que nem mesmo ela entendia? Melhor evitar o assunto.

— Não sei, Gerry. Ele tem algumas idéias pessoais a respeito de quem aceita como pacientes.

— E alguns de seus pacientes vêm tendo muito azar ultimamente.

— Está se referindo ao deputado Allard? Gerry se empertigou no assento.

— Aquele sujeito que sofreu uma queda hoje de manhã? Nos degraus do Capitólio? Ele também era paciente de Lathram?

— O que você quer dizer com "também"?

Gerry não respondeu de imediato. Seus olhos fixaram—se no nada. O que estava pensando? E como o FBI sabia quem era e quem não era paciente de Duncan? E por que se preocupariam com isso?

A mente de Gerry estava a mil por hora. Seus olhos desfocaram a imagem de Gina à sua frente, concentrando—se na foto dasfajitas de frango atrás dela.

Allard também era paciente de Duncan Lathram. Aquilo somava três... três pacientes de Lathram que haviam sofrido acidentes fatais ou quase fatais nos últimos dois meses. O que poderia...?

— Gerry?

Ele balançou a cabeça para se livrar das especulações e se concentrou em Gina novamente.

Deus, sentia—se atraído por ela. Gostava daqueles cabelos negros, dos olhos marrom— escuros... e amava a forma como a boca se curvava nos cantos quando ela sorria. Jamais notara nada daquilo quando era uma adolescente obesa. Mas nunca olhara muito para Gina quando ela era Pizza Panzella.

Aquilo fazia parte da atração. Os dois tinham uma história juntos. Ele a conhecera nos Maus e Velhos Tempos quando não passava de uma garota obesa, e novamente, agora, quando era magra e capaz de virar a cabeça de qualquer homem.

Mas ele não a conhecera naquela época, não realmente. E decerto não a conhecia agora. Mas sentia que ela possuía muita força interna e confiança, e aquilo era tão sensual quanto seu exterior.

Ela se refizera. Havia decidido como queria ser, quem queria ser, e se tornara essa pessoa.

E agora essa pessoa estava esperando por uma resposta.

— Dois políticos influentes morreram no mês passado. O deputado Lane e o senador Schulz. Ambos eram...

— Pacientes de Duncan Lathram. Sei disso. Mas as mortes foram acidentais. Certo?

— É o que parece, até agora.

— Como sabe que ambos eram pacientes de Duncan?

Gerry estreitou os olhos e disse "tenho meus meios...", enquanto a mente planejava o próximo passo, calculando o quanto deveria contar—lhe.

— Estou falando sério, Gerry.

Ela pareceu irritada. Por quê? Lathram era apenas seu chefe. Ou representava mais que isso?

— Foi simplesmente algo que cruzou com nossas investigações.

— Ouvi falar sobre as investigações. Por quê?

— Dois figurões políticos morrem violentamente num espaço de algumas semanas? O FBI investiga. Se houver uma conexão, queremos ser os primeiros a saber.

— Oh, acho que faz sentido — disse ela, recostando—se no assento.

— O acidente de Allard não foi fatal, mas ele não vai estar envolvido com política por um bom tempo.

— Como assim?

— Parece que ele não tem dito coisa com coisa desde que chegou ao hospital.

— Mesmo?—disse Gina, franzindo a testa.—Deve ter sido algum tipo de síndrome de pós— concussão. Pobre coitado.

— Deve ter sido isso.

— Três acidentes... dois fatais... e todos pacientes de Duncan Lathram.

Desculpe—mas—o—doutor—não— trata—de—traumatismos Gerry gostaria de saber quais seriam as outras ligações dos três homens com o bom doutor.

— Com licença, papai.

Gerry olhou para o lado. Martha o empurrava com o quadril.

— Aonde acha que está indo, mocinha?

— Preciso de outro refresco.

— Acha que consegue se virar sozinha? Ela revirou os olhinhos.

— Pa—pai!

— Certo, mas beba só um copo.—Ele se levantou do banco para deixá—la passar. — Tem dinheiro?

Mais uma vez os olhinhos azuis reviraram.

— As doses extras são grátis, papai!

— Certo. Eu sabia disso.

Sentou—se outra vez, mas não tirou os olhos da filha, enquanto ela caminhava até a máquina de refrescos. Ela sabia exatamente o que fazer, e metade de sua diversão em ir ali era segurar o copo sob o dispensador de gelo, deixar os cubos caírem nele, e em seguida enchê—lo novamente na torneira de refresco. E assim ele a deixava fazer isso sozinha. Mas Gerry ficou atento para a

menina e para todo mundo ao seu redor. Se alguém causasse o mínimo transtorno a Martha, Gerry saltaria até ele como um pit buli sobre um filé.

— É uma bonequinha—disse Gina.

— Se é — replicou, nunca tirando os olhos dela.

— Você não falou sobre a mãe dela.

Olhou para Gina, e então de volta para a máquina de refrescos.

— Lembra—se de Karen Shannick? A loura alta?

— A líder de torcida? Claro.

— Bem, ela também cursou a UVA. Começamos a namorar firme na faculdade e nos casamos depois da formatura. Martha nasceu um ano mais tarde.

— Ainda estão juntos?

Ele apontou para as cicatrizes no rosto e começou a falar rápido, de modo a contar a história toda antes de Martha voltar.

— Foi o pára—brisa que fez isso. Uma noite chuvosa na Rota 50. Um caminhão surgiu à nossa frente, formando um ângulo de noventa graus. Eu estava dirigindo. Karen estava ao meu lado, e Martha no assento de bebê, atrás de mim. Derrapamos direto contra o caminhão. Martha ficou bem, meu rosto virou hambúrguer e Karen... Karen não resistiu.

Com o canto dos olhos, Gerry viu Gina levar a mão à boca.

— Deus! Eu sinto muito! Não tanto quanto eu senti.

— A parte realmente triste é que Martha não lembra da mãe. Temos fotos, mas isso é tudo que Karen é para Martha. Eu queria...

Sentiu um nó na garganta. Karen costumava ser mais cuidadosa que ele.

Naquela noite ela estava usando cinto de segurança. Gerry estava sem o seu. Ainda assim, Karen estava morta, e Gerry, vivo.

Não era justo.

Ele viu outra vez o carro derrapar pelo asfalto molhado, desgovernado, suas mãos agarradas ao volante, enquanto ele pisava fundo nos freios, observando a traseira do caminhão agigantarse na janela do passageiro antes de arrebentar o vidro do lado de Karen...

Não era justo.

Depois daquilo, ele descera até o fundo do poço, e seu rosto cortado apenas aumentara o sofrimento. Martha não o reconhecera e gritava sempre que o via. Parecia o monstro de Frankenstein. E o Dr. Duncan Lathram se recusara a tratar dele...

Ele piscou e viu Martha correndo de volta segurando com as mãos seu copo plástico cheio de refresco até a borda. Ela jamais beberia aquilo tudo, mas e daí?

Tinha ido até lá e enchera o copo sozinha.

— E assim Martha e eu estamos nos virando sozinhos — disse ele, enquanto ajudava a menina a sentar de novo. — E tentando passar juntos o máximo de tempo que meu horário permite.

O que representava muito menos que ele gostaria. Mas o que poderia querer, sendo agente federal? Porém, esperava que isso não durasse muito tempo. Assim que lhe oferecessem um cargo de supervisor de agentes especiais, ele aceitaria— independentemente de onde fosse — para trabalhar em horário comercial e poder estar mais tempo com a filha.

Agora ela passava a maior parte do tempo no jardim de infância e depois na escola da Sra. Snedecker. Graças a Deus pela Sra. Snedecker.

Alisou a franja loura de Martha e arrumou o prendedor de cabelo de Minnie. Incrível o quanto aprendera. Sabia dar banho em Martha, ensaboar os cabelos com xampu, lavar roupas, passar vestidos, comprar calcinhas. A mãe dele ajudara muito, mas no ano passado o coração dela parara de vez.

E assim, sobraram apenas Gerry e Martha. E Deus sabe como estava feliz por tê—la. Ela preenchera um pouco do vácuo que Karen deixara em sua vida. Ele ficou em pedaços, mas precisou se reerguer por Martha.

Ainda tinha Karen. Ela o visitava em seus sonhos. Gerry lhe perguntava como ele estava se saindo com Martha mas ela jamais respondia.

Como ele estava se saindo?

Martha sorriu para ele e o beijou na testa.

— Mas já falamos muito de mim — disse a Gina. — O que estava fazendo ontem de manhã no edifício Hart? Ali não é exatamente ponto de encontro de médicos.

Gina contou sobre sua luta para poder colaborar com o projeto de lei das diretrizes, a entrevista desanimadora com o chefe de gabinete do senador Marsden e seu encontro abortado com Allard.

— Todo esse treinamento médico, e você quer trabalhar para os políticos?

Ela riu.

— Você está falando como Duncan!

— Bem, talvez ele tenha razão.

— Não é tudo que quero fazer. Apenas uma parte. E vou conseguir. Farei tudo que quero. —Ela balançou os cubos de gelo no copo. —Acho que também vou beber outro.

Gerry pegou o copo de Gina e começou a se levantar.

— Deixe que eu...

— Obrigada—disse ela, tirando o copo da mão de Gerry— mas talvez queira outro sabor.

Gerry a observou caminhar até a máquina de refrigerantes e observou a maioria dos outros homens seguirem—na com o olhar. Sim, Gina Panzella definitivamente valia uma segunda olhada. Até uma terceira.

E vou conseguir. Farei tudo que quero.

A determinação irrascível nos olhos tornava—a ainda mais atraente. Uma mulher que se fizera sozinha. De uma garota que só podia ser descrita como uma baranga, para uma mulher com possibilidades ilimitadas.

— Martha — sussurrou ele — tenho a impressão que estou ficando apaixonado.

Martha não olhou para cima.

— Devem ter sido os feijões na comida.

Gerry riu alto.

— Mas não se preocupe—disse Martha.—Podemos falar sobre isso com Gina.

Ela fará você se sentir melhor. Ela é médica.

— Não, não—disse Gerry, pressionando gentilmente um dedo sobre os lábios da menina.— Não vamos contar nada disso a Gina. Pelo menos por enquanto.

* 10

DUNCAN

Duncan e Brad saíram do II Giardinello para o ar sulfuroso da M Street de Georgetown. O trânsito estava engarrafado, e o monóxido de carbono dos carros misturava—se ao nevoeiro fino que se levantava do rio Potomac. A mistura pairava no ar como uma mortalha tóxica.

Dobraram a Leste e voltaram para o carro, passando por uma confusão de restaurantes, bares, bistrôs, lojas de roupas para obesos, joalherias, lojas de música alternativa e, sim, até mesmo uma loja especializada em camisinhas.

— O jantar não foi mal — disse Brad.

— Não, nada mal se você gosta da sua massa amolecida, da vitela praticamente crua, do ar carregado de fumaça, e de um ambiente tão ruidoso, que mal era possível ouvir os próprios pensamentos. O serviço foi, na melhor das hipóteses, vagaroso e indiferente. A decoração parecia saída de um pesadelo dos Bórgia, a carta de vinhos seria condenada por qualquer revista especializada e o café expresso...

— Duncan estremeceu. — Execrável. — Subitamente, sorriu. — Preciso lembrar de recomendar este lugar à sua mãe.

Brad sorriu para o pai e deu—lhe um soco de leve no ombro.

— Ora, vamos. Chega disso.

— Está bem.

— Aposto que não voltaremos aqui tão cedo.

— Claro que voltaremos. Assim que ele mudar de nome, proprietário e mestre—cuca.

Brad apenas balançou a cabeça, sorrindo.

Duncan amava esse jovem de vinte e poucos anos de rosto franco, olhos azuis expressivos, corpo comprido e esguio, e cabelo castanho e longo demais. Duncan amava a forma como ele jamais usava meias, não apertava a gravata até o fim e nunca abotoava o botão de cima da camisa.

As memórias dançaram ao seu redor como folhas começando a cair das árvores — lições de natação na escola primária, os trabalhos de ciência do segundo grau, o trauma de não ser escolhido para o time de basquete do segundo grau, todos os altos e baixos de se criar um filho.

De algum modo, pensou, saiu tudo bem com Brad. Não fomos os melhores pais do mundo, ainda mais com nossas preocupações com Lisa e todos os problemas dela, e sem contar meu próprio egoísmo. Mas, de algum modo, apesar de tudo, Brad deu certo. Um testamento da primazia da natureza sobre o ambiente.

Impulsivamente, Duncan jogou um braço sobre o ombro do filho e puxou—o para si. Não era chegado a demonstrações gratuitas de afeto, mas Deus, como amava esse rapaz.

— Obrigado por me aturar.

Brad pôs o braço em torno da cintura do pai.

— Alguém tem de fazer isso.

Cada um com um braço em volta do outro, cruzaram a Wisconsin e seguiram o declive suave da M Street na direção de Rock Creek.

— Então não está desapontado? — perguntou Brad.

— O que preciso fazer, tatuar isso na testa? — perguntou Duncan.—Não estou desapontado.

— Você não imagina como me sinto aliviado.

Brad lhe dissera que queria encontrar com Duncan para conversar sobre o futuro—seus planos para seu próprio futuro. Duncan sugerira que jantassem. No fim, Brad não falou tanto sobre o que queria fazer no futuro, e sim sobre o que não queria fazer.

E não planejava fazer faculdade de medicina.

Anos atrás, antes que a profissão médica fosse lapidada publicamente pelo Comitê de Diretrizes, e esmagada pelos tentáculos das empresas de saúde, Duncan teria ficado terrivelmente desapontado.

Mas essa noite se sentia quase eufórico. — — Por que eu ficaria chateado por você não querer passar mais oito anos queimando os miolos de tanto estudar apenas pelo privilégio de comparecer a audiências presididas por políticos? A única coisa que não mudará na medicina é que ela continuará representando garantia de trabalho.

— Sim, as pessoas sempre precisarão de médicos, eu acho.

— Precisarão sim. Mas o relacionamento entre médico e paciente esta desmoronando. Já houve um elo quase sagrado entre o médico e o paciente, um elo que ninguém podia romper. A sala de exames era o equivalente a um confessionário. Os segredos íntimos, que costumávamos registrar através de hieróglifos e guardar entre as paredes invioláveis de nossos consultórios, agora são abertos a qualquer político ou mercenário de companhia de seguros que

queira vê—los.

— Portanto, é melhor eu ter cuidado com que digo ao meu médico.

— Todo o cuidado do mundo. E para seu bem ele precisa ter muito cuidado com o que registra em papel.

— Parece terrível. Mas nada disso pesou na minha decisão. O principal motivo é que não tem nada a ver comigo.

Duncan apertou gentilmente o ombro de Brad.

— E o que tem a ver com você, meu filho?

— Não sei, pai. Simplesmente não sei.

Duncan suspirou. Muitos dos membros da chamada Geração X pareciam não ter nenhuma idéia do que queriam fazer ou para onde estavam indo.

Duncan não conseguia compreender isso. A vida inteira ele quisera ser médico. Para alcançar esse objetivo, ele estabelecera um curso de vida desde criança. Não conseguia lembrar de nenhum momento de incerteza.

Talvez fosse esse o motivo que o fizesse sentir tanta afinidade por Gina. Ela era tão determinada a fazer as coisas da sua própria maneira quanto ele fora na idade dela. A forma dela não era a dele, mas poderia perdoá—la por isso—ela acabaria vendo o erro de seus atos.

Considerava—a uma filha. Talvez ele subconscientemente tivesse colocado Gina naquele local que Lisa deixara vago. Sim... como uma filha.

Afinal, de certo modo, ele lhe dera vida, colocando seu intestino devolta no lugar.

Mas não saber o próximo passo... isso devia causar uma ansiedade enorme.

Que incertezas atormentavam a mente de Brad quando ficava deitado na cama à noite, perguntando à escuridão para onde a vida o levaria?

— Pode contar com meu apoio, qualquer que seja sua decisão. A qualquer momento que você...

— Ei, bichas!

Duncan se assustou ao ouvir a palavra e virou—se para olhar. A sua direita, três homens estavam parados em poses predatórias, cada um com uma garrafa ou lata de cerveja na mão. A luz da rua refletia em seus escalpos nus. Duncan ficou imóvel.

— Skinheads — sussurrou Brad e começou a tirar o braço da cintura de Duncan.

Duncan segurou o pulso dele.

— Nem pense nisso.

— Pai, eles pensam que nós...

— Vamos deixar que eles sejam os árbitros de como um pai e um filho devem caminhar na rua?

— Conheço o lema de nunca lamentar, jamais explicar, mas esses caras são malucos.

Duncan levou a mão livre até o bolso do paletó e segurou com os dedos o cilindro de metal que guardava ali.

— Talvez eu seja mais maluco ainda.

A área entre a M Street e a Wisconsin Avenue sempre abrigara a vanguarda cultural de Georgetown. Um aglomerado de lojas de roupas caríssimas, bares, clubes e restaurantes de todos os tipos, variando desde comidas típicas até pequenas lanchonetes. As pessoas iam até lá em busca de diversão. Os cantores folclóricos, que haviam freqüentado os bares no começo dos anos sessenta, deram espaço aos hippies no fim dessa década.

As discotecas apareceram e sumiram nos anos setenta. E durante esse tempo todo, as pessoas das ruas de Georgetown tinham mantido uma nobre tradição de permanecer dissolutas, mas em geral amistosas.

Até recentemente. Caminhar pela área agora era como navegar por um bazar do Terceiro Mundo. As lojas de roupas eram freqüentadas por uma clientela menos requintada. Ninguém parecia falar inglês ou saber a utilidade de uma barra de sabão, e marginais infestavam as esquinas.

Osgrunges eram tão sujos quanto os hippies do passado, mas careciam de seu estilo e senso de humor. A atmosfera continuava tão estranha quanto antes, mas agora estava mais sombria.

A despeito de um novo shopping center e de novos postes de iluminação, a cena nas ruas de Georgetown estava mudando para pior. Assim como tudo mais.

Que mundo. Que porra de mundo.

Eles saíram da calçada e viraram à direita na 29th Street. Duncan estacionara a mercedes na colina que descia na direção do Canal C&O.

Estava virando a chave na fechadura quando alguma coisa passou zunindo pela sua cabeça e explodiu na calçada a alguns metros dele.

— Bichas!

A iluminação de rua não era boa como a da M Street, mas Duncan não teve nenhum problema em reconhecer os skinheads.

Três deles desciam correndo a colina. Deviam pertencer a alguma espécie de gangue, porque todos usavam jeans, casacos de couro preto e luvas de couro sem dedos. Um carregava uma lata de cerveja, outro estava com as mãos vazias, mas socava repetidamente o punho na palma da mão, e o líder carregava algum tipo

de cano de ferro.

— Merda, pai! — disse Brad. —Vamos sair daqui.

A boca de Duncan ficou seca. Suas pernas ordenavam—no a correr, mas seus pés pareciam ancorados à calçada. Os marginais estavam perto demais e se movendo muito depressa. Não haveria tempo de entrar no carro, dar a partida e manobrar para fora do estacionamento. Seu coração começou a martelar, enquanto ele tirou o cilindro do bolso e segurou—o ao lado do quadril, fora de vista.

— É hora de fazer alguns bichabúrgueres! — gritou o líder, rindo ao levantar o cano e investir contra os dois. Os companheiros vinham logo atrás.

— Ei, ouça! — gritou Brad. — Não somos...

— Calado, Brad!

O polegar de Duncan encontrou o gatilho no topo do pequeno cilindro. Ele quase escorregou dos dedos umedecidos pelo suor. A mão tremia, enquanto ele levantou o recipiente e disparou um jorro de líquido no rosto do líder.

Errou. O jorro descreveu um arco acima do cano em riste, terminando sobre a garganta e o peito do homem que vinha atrás. Enquanto esse tossia e levava as mãos aos olhos e boca, Duncan ajustou o jorro e acertou o líder bem no rosto. Ele deixou cair o cano e tombou de joelhos, tossindo e esfregando os olhos. Enquanto isso, o terceiro skinhead tinha corrido até o segundo, que jazia no chão em posição fetal. O primeiro rolou pelo chão até se chocar contra o segundo.

— Sacanagem! É gás paralisante! — gritou o terceiro. Duncan o atingiu bem na boca com um jorro do líquido do cilindro. O skinhead se calou.

Duncan se encostou no carro, tossindo e ofegando, como se tivesse corrido uma maratona. Poderia sentir a cueca agarrada à pele pelo suor. Quanto tempo durara? Três segundos? Cinco? Parecia muito mais. Qualquer que fosse o intervalo, os três atacantes tinham sido reduzidos a montes de carne cega tossindo, gemendo e praguejando.

— Graças a Deus, papai! — exclamou Brad. — Não sabia que você carregava gás paralisante.

Na verdade era um spray de pimenta—com cinco por cento de capsicum.

Duncan nunca tivera oportunidade de usar antes. Estava impressionado, e quase eufórico de alívio. Levantou o cilindro para a luz.

— Sei que John Wayne não se sentiria orgulhoso — disse Duncan. — Mas como não sou exatamente um lutador de rua, achei que era o mais prudente a fazer. — Colocou o recipiente de volta no bolso. — Talvez devamos...

Um ruído de metal contra o concreto fez Duncan se virar. Um dos skinheads

apanhara o cano e estava de pé, cambaleando na direção deles.

Seus olhos estavam cerrados, e lacrimejavam sem parar. Não via nada. Só podia estar se orientando pelas vozes. Duncan se esquivou ao ver o cano vindo em sua direção. O golpe acertou a carroceria do carro, perto do lugar onde Duncan estivera encostado instantes antes.

Duncan foi tomado pela raiva. Impulsivamente, segurou a ponta do cano e arrancou—o da mão do skinhead cambaleante. Em seguida empunhou—o como um bastão de beisebol e acertou o marginal no lado da cabeça. O marginal cambaleou para trás, caindo sobre os companheiros, que tinham conseguido ficar de gatinhas.

Duncan se viu parado diante deles, meneando o cano. Murmurou entre dentes:

— Seus... animais... —Acertou uma cabeça. —... desgraçados... —Atingiu uma costela—... sujos.... — esmagou um nariz —e fedorentos.

Então alguém segurou—lhe o braço, e uma voz familiar gritou em seu ouvido.

— Pai! Pelo amor de Deus! Pai!

Virou—se. O rosto de Brad estava a centímetros do dele, fitando—o com olhos grandes e assustados.

— Pai, você vai matá—los!

Duncan olhou para a pilha de atacantes ensangüentados. Deixou cair o cano e virou—se para o carro.

— Vamos sair daqui. —As chaves chocalharam—lhe na mão trêmula quando as pegou no bolso do terno. — É melhor você dirigir.

Os minutos seguintes se passaram como um borrão, um momento de confusão durante o qual ele se manteve vagamente cônscio de que o carro estava correndo para se juntar ao fluxo de tráfego na M Street. Permaneceu imóvel no banco do passageiro, tremendo devido aos efeitos colaterais da adrenalina que correra pelo seu sistema momentos antes. Foi trazido devolta por ruídos curtos e agudos.

Brad estava apertando os botões do telefone do carro.

— O que você está fazendo?

— Ligando para a emergência.

Duncan puxou gentilmente o telefone dos dedos do filho e o desligou.

— Nada de polícia. Deixe que eles se arrastem de volta até a caverna deles e lambam os ferimentos. Talvez isso os faça pensar duas ou três vezes antes de pularem em cima de outro "bicha".

— Não deveríamos comunicar...?

— Sabe o que vai acontecer se nos envolvermos? Nós seremos julgados por atacá—los. Essa é a forma como nosso sistema legal funciona.

Os dois dirigiram em silêncio durante algum tempo antes de Brad voltar a falar.

— Por que não disse a eles?

— Por que não disse o quê?

— Que não éramos gays.

Gay. Duncan odiava esse termo. Não conseguia imaginar nada "alegre"

quanto a ser um homossexual. E estava um pouco desapontado com Brad.

Ele não entendera o sentido da coisa.

— A questão aqui não é esta. Se quero abraçar meu filho no meio da rua, isso é da minha conta. Não preciso da permissão de ninguém além de você. Jurei não acatar ordens de mais nenhum troglodita, seja essa espécie das ruas ou aqueles acéfalos engomadinhos do Capitólio.

Depois que você abaixa a cabeça, não consegue mais levantá—la. Portanto, não abaixe a cabeça para ninguém.

— Mas o que aconteceu com você lá atrás, pai? Eu nunca tinha visto você agir daquele jeito.

— Porque eu nunca agira daquele jeito antes.

Ele estava perplexo com a volatibilidade da fúria ardendo em seu íntimo.

Havia muito estava ciente de sua presença, mas achava que conseguira focalizá—la para os alvos apropriados. Duncan não percebera que sua fúria ainda estava tão próxima da superfície, tão prestes a se libertar e arremetê—lo contra o alvo mais próximo.

— Você é um sujeito assustador, pai. Ele assentiu.

— Às vezes assusto até a mim mesmo.

* 11

GINA

Gina acabara de checar um paciente com dor no peito na enfermaria Norte Três, no Lynnbrook Hospital. Não conseguia parar de pensar em Gerry e como fora agradável o tempo que passara com ele e Martha naquele pequeno Taco Bell. Um jantar no Palms não teria sido tão agradável. Ela odiou ter de ir embora.

Enquanto passava pelo balcão de enfermagem, Gina viu o Dr. Conway debruçado no balcão, prescrevendo medicamentos. Estava surpresa em vê—lo. Era quase meia—noite, e em geral Gina era a única médica de plantão àquela hora.

Ele levantou os olhos e sorriu, enquanto ela se sentava do outro lado do balcão. Ele deu um tapinha no prontuário à sua frente.

— Ei, Panzella, se soubesse que estaria de plantão esta noite, teria deixado este sujeito para você.

— Talvez devesse. Você parece abatido.—Ela não estava exagerando. O médico estava com olheiras. —Vá dormir um pouco.

— Vou embora assim que terminar este relatório de progresso. Gina viu o prontuário de Harriet Thompson e tirou—o da prateleira.

— Vejo que sua velhinha favorita continua aqui.

— Harriet?—Ele assentiu e suspirou.—Sim. E infelizmente ainda não está pronta para ir para casa. — Diz que se sente fraca como um passarinho.

Gina folheou o prontuário.

— Todos os exames dela parecem muito bons.

— Perfeitos.

— Acha que pode ser um problema secundário? Como de repente ela receber mais atenção aqui do que em casa?

— Não. Trata—se de uma senhora realmente independente. Odeia isto aqui.

Acho que ela está com algum tipo de astenia causada por infecção hospitalar. Já vi isso antes, especialmente depois de uma pneumonia como a dela. Não é possível ver nem tocar essa astenia, nem há qualquer teste de laboratório que a confirme. A maior parte do diagnóstico é por exclusão.

— A administração ainda está pegando no seu pé?

— Essa é apenas metade da história. — Ele balançou a cabeça, preocupado.

—A coisa está ficando feia. Eles trouxeram reforços. Tenho recebido telefonemas do chefe da seção de atendimento familiar e do próprio supervisor de equipe. Não disseram com todas as letras, mas deram a entender que eu talvez venha a ter um pouco de dificuldade em passar a trabalhar aqui em tempo integral se não provar que sei jogar em equipe.

Não era de admirar que ele parecesse abatido.

— Não dá para envolver nenhum parente dela?

— Telefonei para a filha dela em San Diego. Falei com ela pessoalmente.

Ela não pode vir para cá. Parece que não é um "momento bom" para ela.

— E então, qual é seu próximo passo?

— O de sempre. Eles que se danem. Ela fica até estar apta para ir.

Fechou o prontuário, deixou—o onde a enfermeira encarregada pudesse vê—lo e se afastou do balcão.

— Vejo você depois, Panzella.

— Estarei por aqui — disse ela, enquanto o via se afastar. Gina estava preocupada. Os problemas de Conway aumentariam se ele não cedesse.

Seus pensamentos vagaram de volta para Gerry e o que ele lhe dissera sobre os pacientes de Duncan. Lane, Schulz e agora Allard... Gerry parecia suspeitar de uma conexão. E o que ele estaria pensando agora se Gina tivesse lhe dito que vira Duncan na entrada do Capitólio naquela manhã, falando com Allard pouco antes dele cair?

Mas como ela descreveria o olhar assustador nos olhos de Duncan quando ele deu as costas ao deputado? A lembrança daquela expressão ainda a fazia sentir arrepios.

Aquilo era bobagem. Que conexão poderia haver entre o deputado Allard e a filha de Duncan? Ela morrera cinco anos atrás. Gina levantara o histórico pré—cirúrgico de Allard e estava absolutamente certa de que o deputado não conhecia Duncan antes de consultar—se com ele.

Mas, ainda assim... aquilo a incomodava. Prometeu a si mesma que quando tivesse algum tempo pesquisaria, por conta própria, a respeito da falecida Lisa Lathram.

Gina estava acabando de chegar ao primeiro andar quando recebeu outra mensagem pelopager. Foi telefonar da cabine telefônica na sala dos médicos.

— Ligação pessoal—disse a telefonista. — Interurbano. Quem, perguntou—se Gina, ligaria de outro estado para ela no hospital?

— Gina? — disse uma voz familiar. — Gina, é você?

— Peter! Como me encontrou aqui?

— Não foi fácil.

Ela sentou no banquinho da cabine e se recostou. Os olhos negros e as feições fortes e angulares de Peter Hanson flutuaram à frente dela.

— É tão bom ouvir sua voz.

— Sinto saudades de você, Gina.

— Oh, também estou morrendo de saudade.

Gina quase se sentiu culpada por ter jantado com Gerry e gostado tanto.

Eles eram dois tipos tão diferentes...

Mas por que estava pensando em Gerry enquanto falava com Peter ao telefone?

Ele falou sobre como seu velho apartamento parecia vazio sem ela, sobre como ele estava se sentindo solitário.

— Poderíamos realmente incluir outro médico em nosso quadro, Gina.

Alguém com seu talento e personalidade seria uma clínica geral extraordinária em três meses. Precisamos de você, Gina. Eu preciso de você.

Ser necessária... isso seria delicioso. Ninguém parecia precisar realmente dela ali em Washington.

Ela passara os dois últimos anos de sua residência com Peter. Ele se juntara a um grupo médico multidisciplinar em Baton Rouge. Gina recebera uma oferta do mesmo grupo mas a recusara. Optara por ir para Washington e quisera que Peter a acompanhasse. Os dois conversaram muito sobre o assunto, mas finalmente voltara para o leste, sozinha.

Ouvindo avoz do antigo namorado, percebia como sentia falta dele e de Lousiana, com seu ritmo mais calmo e a comida temperada e saborosa.

E agora, depois da recepção fria no escritório do senador Marsden, era tentador demais desistir de tudo ali e correr de volta para Nova Orleans.

Estava morrendo de vontade de ficar novamente com Peter, mas não poderia se permitir isso. Nem mesmo para uma visita.

Porque ela jamais conseguiria partir, nunca reuniria forças para dizer adeus outra vez.

— Peter, preciso ver se consigo entrar nessa comissão.

— Você não precisa de nenhuma droga de comissão. Você precisa clinicar.

Eles já haviam tido essa conversa dezenas de vezes, e ela sempre acabava da mesma forma: Peter com raiva e Gina transtornada.

Como diria isso sem magoá—lo?

Peter, ainda tenho sentimentos profundos por você, mas o poder aqui, a enormidade das decisões tomadas todos os dias... é um fluxo de adrenalina que não existe em nenhum outro lugar do mundo. E... bem... é facinante.

Ela optou pela velha tática de manter Peter esperando.

— Já conversamos sobre isto milhares de vezes, Peter. Ainda não estou pronta para me dedicar à medicina. Há algumas coisas que quero experimentar primeiro, e este é o único lugar onde posso fazer isso.

— Por quanto tempo devo esperar?—perguntou com um tom de voz já irritado.

— Eu também estou esperando, Peter. Estou quase enlouquecendo de tanto esperar.

Ele suspirou.

— Tudo bem. Eu continuo na geladeira. Conte—me quando souber o que vai fazer. Assim que souber o que irá fazer.

— Prometo. E sinto muito.

— Somos dois. Tchau, Gina. Ligue—me logo.

Ficou sentada na sala dos médicos por um longo tempo com o telefone pousado no colo, imaginando se seria possível que estivesse certa enquanto o restante do mundo estava errado. Seu pager bipou novamente antes de chegar a uma conclusão.

Queriam—na na Sul Dois.

* A Semana de 24 de Setembro

* 12

GINA

Passara uma semana desde a entrevista, e Gina ainda não recebera nenhum telefonema do escritório do senador Marsden. As chances de um telefonema de Joe Blair pareciam quase nulas, mas Gina continuava torcendo para que o próprio senador intendesse. Durante toda a reunião com Blair, ela tivera a impressão de que ele apenas estava se dando ao trabalho de entrevistá—la porque seu chefe queria isso.

A espera estava afetando sua concentração. Tinha de resistir ao impulso de correr até a secretária eletrônica de hora em hora. As audiências da comissão de Diretrizes começariam em uma semana. O tempo estava cada vez mais curto.

Contudo, fiel à sua promessa, não estava esquecendo de pesquisar Lisa Lathram. A questão era como faria isso. Tinha a sensação de que Oliver revelara tudo que pretendia dizer, e ela não poderia perguntar nada disso a Duncan.

Será que a morte súbita da filha de um cirurgião proeminente da localidade teria merecido alguma cobertura jornalística?

Provavelmente. Ela telefonou para a Biblioteca Pública de Washington, e colocaram—na em contato com o responsável pela seção de periódicos. Ele foi muito prestativo, mas só conseguiu obter uma referência sobre Lisa Lathram: seu obituário, no exemplar de 17 de agosto do Washington Post.

Gina passou na sede da biblioteca, na G Street, e encontrou o obituário em microfilme.

Não havia ali nada que a ajudasse. Exceto pela menção dos parentes que ela deixara, o texto poderia pertencer a um anuário escolar.

Mas não desistiria fácil. Quando Gina deixara Washington para fazer a faculdade de medicina, Duncan era um respeitado cirurgião vascular de Virgínia com uma esposa e dois filhos; quando ela retornara de seu período de residência, encontrara um cirurgião plástico de Maryland, divorciado e com apenas um filho.

Alguma coisa acontecera naquele intervalo. Algo que virara a vida de Duncan de cabeça para baixo. A morte de Lisa? Talvez. Ou talvez isso apenas fizesse parte do todo. Talvez houvesse mais. E Gina decidira que descobriria tudo.

Enquanto estava na enfermaria Norte Três, Gina passou pelo quarto da Sra. Thompson e decidiu ver como ela estava. Enfiou a cabeça pela porta e viu a velha caminhando com dificuldade entre a cadeira e a cama. Ela tropeçou e teria caído se não tivesse se segurado na cabeceira.

Gina entrou no quarto, enquanto Harriet se acomodava novamente na cama.

— Você deveria ter chamado uma enfermeira antes de tentar uma coisa assim — disse Gina, enquanto a ajudava a deitar—se.

— Estou praticando. Preciso voltar para casa. Não quero arranjar problemas para o Dr. Conway.

Curiosa, Gina sentou—se na extremidade da cama.

— O que a faz pensar que ele está com problemas?

— Ouvi duas enfermeiras conversando. Elas falaram que o hospital estava implicando com ele por minha causa.

— Não se preocupe com o Dr. Conway. Ele pode cuidar de si mesmo.

Preocupe—se apenas em ficar mais forte.

— Não se preocupe. Estou ficando forte o bastante para ir para casa logo. Pode contar com isso. Muito em breve.

— Bom para você — disse Gina. — E lembre—se: chame a enfermeira quando precisar se levantar. Se cair e quebrar a bacia nunca sairá daqui.

— Isso não vai acontecer. Não serei mais um fardo para ninguém. Estarei fora daqui antes do que você imagina.

— É assim que se fala.

Gina gostou da determinação da velha senhora. Talvez as coisas não saíssem tão mal para o Dr. Conway, afinal.

Uma tempestade de setembro castigava a cidade quando Gina entrou em seu apartamento, quase se arrastando. Já eram quase oito e meia da manhã.

No caminho até o quarto notou que a lâmpada indicadora de mensagens da secretária estava piscando. Devia ser Gerry de novo. Ela e ele vinham brincando de esconde—esconde telefônico desde aquela noite no Taco Bell. Seus horários não coincidiam. Quando ele ficava livre, ela estava no plantão noturno. Mas os dois tinham conseguido se encontrar na última sexta, quando Gerry cumprira sua promessa de levá—la para sair para "um restaurante de verdade".

E aquela fora uma noite deliciosa. Um pequeno restaurante francês na

Massachusetts Street. Bom vinho, boa comida, ótima conversa. Falaram sem parar, bebericando café até o maitre informar—lhes que estavam fechando. Ela descobrira que Gerry Canney não era apenas um pai dedicado, mas também um dedicado agente do FBI.

Bocejou. Sentia—se cansada. Essa não era forma de viver. O restante da cidade estava acordando e começando o dia, enquanto o dela estava terminando. Com sorte não precisaria assistir Duncan hoje.

Sentou—se à janela observando a chuva bater contra a vidraça, e em seguida verificou sua correspondência. A maioria, panfletos destinados ao "Morador" e os jornais médicos que tinham descoberto seu paradeiro.

A pilha incluía duas cartas, ambas de recrutadores de pessoal procurando por clínicos ou médicos de família para ocuparem vagas na atenção primária. Ela recebia meia dúzia de ofertas por semana.

Cansada da agitação da cidade?Precisa de uma mudança de cenário?

Para falar a verdade, sim.

Mude—se para a ensolarada Nevada.

Continuou lendo. Um novo super—hotel em Las Vegas estava abrindo uma clínica para seus dez mil empregados.

Não, obrigada.

A outra carta fazia segredo sobre a localização precisa, mas garantia um salário inicial de 120 mil dólares anuais mais benefícios como o quinto membro de um grupo de médicos de família "localizado a apenas noventa minutos da praia, das montanhas e da capital".

Gina pensou no salário inicial de 120... seria bom. Havia anos a profissão vinha precisando de médicos na atenção primária, provavelmente porque eles ocupavam o nível mais baixo em prestígio e renda. Mas a expansão dos planos de saúde criara uma demanda súbita por clínicos gerais. Mais de 2.300 dólares por semana, provavelmente por menos horas de trabalho do que ela tinha agora. Tentador.

Mas ainda não.

Colocou as cartas no colo e olhou para a rua, observando as folhas amarelas rodopiarem na água da vala em direção à 18 Street Estaria se enganando? Essa idéia de entrar na Comissão de Diretrizes seria um grande erro? Peter estaria certo? Será que estava desperdiçando seu treinamento fazendo avaliações pré—cirúrgicas nos pacientes de Duncan enquanto poderia estar atendendo aos seus próprios?

Talvez. Mas isso não duraria para sempre.

Falou silenciosamente para a cidade do outro lado da janela.

Sei que parece que estou dando nós em pingos d'água, pessoal, mas acreditem em mim: realmente sei aonde quero chegar. O único problema é que a corrente não tem estado a meu favor. Mas não se preocupem. A maré vai mudar.

Pelo menos ela rezava por isso.

Estou ficando deprimida, pensou Gina. E como não estaria? É uma manhã fria e úmida, trabalhei a noite inteira, minha energia está em seu nível mais baixo e sinto—me exausta.

Definitivamente, não é o melhor momento para tomar decisões importantes.

Jogou as ofertas de emprego e as propagandas na cesta de papéis e colocou os jornais num canto para folheá—los depois. Em seguida, apertou o botão da secretária eletrônica. Seria bom ouvir a voz de Gerry.

Mas em vez de Gerry, a voz era de uma mulher desconhecida.

— Srta. Panzella. Aqui fala do gabinete do senador Marsden. O Sr. Blair pediu—me para informar—lhe que o senador deseja entrevistá—la pessoalmente amanhã, às quatro da tarde. O senador não poderá marcar outro horário, caso a senhorita não chegue a tempo. Por favor, telefone para confirmar se comparecerá.

Ela deixou um número e um ramal.

Gina pôs a fita para tocar novamente. Só encontrara Joe Blair uma vez, mas era capaz de sentir o cheiro dele naquela mensagem. "Senhorita." — incapaz de chamá—la "doutora". O horário arbitrário e a impossibilidade de remarcar. Ela quase podia ouvir sua voz: Obedeça ou morra, Panzella.

Sentiu que ocorria alguma espécie de conflito de poder. O que poderia ser? O senador escolhendo novos assessores e seu chefe de gabinete sendo hostil com estranhos? Aquilo poderia gerar uma atmosfera tensa.

Ela queria ser apanhada no meio dessa situação? Ter Joe Blair contra ela e precisar desmascará—lo para fazer as coisas de seu jeito?

Ela adoraria isso.

Com um sorriso determinado, Gina pegou o telefone e digitou o número.

Depois de confirmar a entrevista, retornou para a janela e olhou para a Kalorama Road.

Estão vendo, pessoal? Eu não disse? A maré está mudando.

* 13

DUNCAN

— É espantoso—disse o senador Vincent. Mesmo isolado na sala de exames de um médico, ele falava como se estivesse discursando. — Eu já tinha ouvido dizer o quanto a sua cirurgia curava rápido, mas não imaginara que seria tão rápido até começar a ver com meus próprios olhos. É

realmente espantoso.

Duncan se conteve para não fazer nenhum comentário sobre a vaidade de Vincent e continuou verificando, com a lupa iluminada, as incisões finíssimas sob o queixo do senador. Sim, o beta— 3 estava fazendo seu trabalho. Ele fora operado havia apenas uma semana e, a despeito de algumas equimoses quase invisíveis, virtualmente todos os traços da cirurgia tinham desaparecido.

Pena que eu não tenha podido fazer a reversão para porco. Isso você realmente acharia espantoso.

Em algum momento depois da cirurgia, Vincent fizera permanente no cabelo, e agora os fios saíam enroscados da cabeça, fazendo—o parecer um poodle de comercial de TV.

Duncan recuou, examinou a garganta de Vincent pela esquerda e em seguida a direita.

— Puxa, como meu trabalho é bom! Vincent riu, tenso.

— Então acho que estarei seguro na TV na semana que vem.

— Oh?—Duncan comentou com toda ingenuidade que pôde reunir.

—Pronunciamento para a nação?

— Não. Mais importante. As audiências. Sobre o projeto de lei das Diretrizes.

— Semana que vem? Não sabia que começariam tão cedo.

— Sim. Estamos mais apressados, agora que estamos sem Lane e Allard. A primeira audiência será na quarta—feira.

Estão de olho em algum alvo específico? perguntou—se Duncan. De quem será a vida que vocês arruinarão desta vez?

— Sabe, nunca estive numa dessas audiências—disse Duncan, lentamente.

—Acha que poderia conseguir que eu assistisse à seção inaugural?

O senador Vincent coçou a cabeça.

— Não sei. É uma entrada muito disputada. E a sala de audiência não é tão grande assim...

— Bem, tenho outros pacientes na comissão que podem me conseguir isso.

Não tem problema.

— Outros pacientes?—perguntou o senador, seu tom variando entre o indignado, devido à insinuação de Duncan de que alguém na comissão teria mais influência que ele, e o curioso, porque queria saber quem mais fizera plástica para as audiências.—Quem são eles?

Duncan meneou um dedo.

— Não, não, não. Você sabe que essa informação é confidencial.

— Sim, é claro. Mas se você realmente quer um lugar, Dr. Lathram, terá um. Amanhã meu diretor legislativo ligará para você. Não tem problema.

— Obrigado, senador. Eu sabia que podia contar com você. Parece que será um grande espetáculo. E aposto que você será um dos maiores astros desde o primeiro dia.

Aliás, eu garanto isso.

Mais tarde, Duncan passou no laboratório de Oliver. Ele precisava descer até o Hospital Geral de Washington para operar a pequena Kanesha Green, mas primeiro queria checar o progresso do irmão no último avanço do implante.

Encontrou Oliver sentado com vários implantes vazios numa bandeja à sua frente. Deu a Duncan um que rolou para a frente e para trás em sua palma. Era leve como uma pena.

— Quando o novo modelo poderá ser colocado na gordura subcutânea sem dissolver?— perguntou Duncan.

Oliver deu de ombros.

— Como posso saber? Em seis meses, dois anos. Ou nunca. Ainda não testamos esses novos implantes. Teremos de fazer estudos em animais.

Mas Duncan, francamente, ainda nem mesmo terminamos os testes clínicos nos implantes comuns e aqui está você pedindo para que eu trabalhe num tipo inteiramente novo!

— Precisamos pensar no futuro, Oliver. Se pararmos de inovar, outros se apoderarão de nosso trabalho e nos passarão para trás.

— Mas por que este novo modelo? Pensei que a idéia básica era um implante que dissolvesse logo depois da cirurgia.

— Porque prevejo um tempo quando poderei querer um implante que dissolva quando eu ordenar que ele faça isso. Por exemplo, em casos de

traumatismos com ferimentos amplos e profundos, a liberação prematura de beta—3 seria contraprodutiva.

Precisava escolher as palavras com cuidado. Oliver era brilhante mas não tinha a menor idéia do que havia por trás da insistência de Duncan por um implante que se dissolvesse ao comando; e nenhuma pista sobre o que Duncan já fizera com o modelo atual.

Duncan jogou o implante vazio ao ar e pegou—o.

— Mas você acha que seria possível uma destas coisas permanecer na camada de gordura durante alguns anos?

— Creio que sim. Mas não consigo imaginar por que alguém desejaria que ela ficasse assentada ali durante tanto tempo. O momento em que sua dissolução seria benéfica já teria passado.

Não exatamente, pensou Duncan. Não se estivesse cheia da substância certa e escondida nos tecidos da pessoa certa.

— Só estou imaginando—disse Duncan. Oliver franziu os olhos.

— Mas você mencionou restauração de traumatismos. Está pensando em voltar a ser um cirurgião de verdade?

Duncan riu.

— Está se referindo à cirurgia vascular? Deus do céu, não. Por que eu desejaria voltar a trabalhar vinte e quatro horas por dia e ter de levantar da cama todas as noites para atender chamados de emergência?

Para quê? Que bem isso faria a mim?

— Você é um grande cirurgião, Duncan. Deveria colocar seus talentos para os melhores fins. Isso não faria bem apenas aos outros, mas também a você.

Comovido com a preocupação do irmão, e temendo que Oliver visse alguma coisa em seus olhos que não deveria, Duncan desviou o olhar. Oliver era uma boa alma, o homem mais decente do mundo. O prestativo, assíduo e dedicado Oliver. Sua presença conciliadora e seus comentários gentis funcionavam como um bálsamo para a alma de Duncan.

E ele também me admira.

Em momentos como esse, Duncan se odiava por usar a descoberta de Oliver para fins que deixariam o irmão horrorizado. E o próprio Duncan vivia aterrorizado com a possibilidade de que, caso suas maquinações fossem trazidas à luz, a personalidade radiante e indefectível de Oliver fosse maculada.

Mas isso não me impedirá, não é verdade?

Mais uma vez se perguntou o que faria se Oliver descobrisse tudo. Ou Gina. Do que ele seria capaz para se proteger?

— Por que voltar à cirurgia vascular me faria bem, Oliver?

Sabe o que aconteceu quando eu estava na cirurgia vascular. A mesma coisa pode voltar a acontecer. Por que eu deveria me expor de novo?

Olhe para mim agora. Estou com menos horas de trabalho e não preciso atender chamadas no meio da noite... quem já ouviu falar de uma cirurgia de emergência para barriga flácida? Estou ganhando muito mais com metade do esforço.

— Você nunca ligou para dinheiro.

— O público sim.

— E naquela época você salvava vidas.

— Mas enquanto eu estava salvando ou melhorando todas aquelas vidas, fui apedrejado publicamente por ganância. Lembra daquela época, Oliver?

Lembra?

Oliver assentiu.

— Lembro.

— Agora estou me enchendo de dinheiro apenas para ressuscitar a vaidade da nobreza local, e ninguém diz uma palavra. Ninguém levanta um dedo.

Vivemos numa sociedade notável, Oliver. Uma sociedade notável.

Que mundo, pensou Duncan, lutando para conter a lava que jorrava de seu peito, descendo pelas tripas. Que mundo maldito. Oliver o fitava.

— Não devia ter deixado que o desanimassem, Duncan.

— Ora, ora, Oliver. Já falamos sobre isso milhares de vezes. Deixar a cirurgia vascular foi uma decisão minha. E foi a melhor coisa que fiz na minha vida.

— Mas você poderia ter escolhido outro campo cirúrgico no qual tivesse realmente valor.

— Mas você descobrira essa nova membrana, Oliver, e logo depois os ingleses apareceram com o beta—3. A cirurgia plástica era a escolha perfeita.

Na verdade, ele decidira jamais lidar novamente com planos de saúde privados ou governamentais, ou com qualquer mistura dos dois. A cirurgia plástica tinha sido mesmo a melhor escolha. Apenas alguns raros planos de saúde cobriam cirurgias plásticas, e Duncan podia limitar seus pacientes aos que queriam fazer a cirurgia e excluir os que precisavam.

— Se esse é o caso — disse Oliver —, então eu gostaria de jamais ter desenvolvido esta membrana.

Duncan pôs a mão no ombro do irmão.

— Jamais diga uma coisa dessas, Oliver. Esses implantes vão transformar

muitas vidas. Pessoas do mundo inteiro e mães de crianças que ficariam com cicatrizes horríveis pelo restante de suas vidas abençoarão seu nome. E quanto a mim, estou em paz com o passado. Acredite em mim, Oliver. Estou em paz. — Duncan olhou as horas. — Epa. Está na minha hora. Tenho de chegar a tempo no clube.

Oliver ainda parecia decepcionado.

— Você não pode jogar golfe hoje, Duncan. Está chovendo.

— Pôquer, Oliver — disse ele, cutucando as costelas do irmão. Quando chove, jogamos pôquer. Quer vir comigo?

— Não — ele suspirou, voltando para os implantes. — Tenho trabalho a fazer.

Por um momento Duncan ficou tentado a dizer ao irmão aonde ele realmente estava indo. Aquilo bastaria para Oliver ganhar o dia — ou melhor, o ano. Mas o querido Oliver era um tagarela. Ele diria a todos que quisessem ouvir que o irmão não era o desgraçado de coração frio que fingia ser. Ele era um santo disfarçado.

Não, Oliver teria de continuar desapontado com o irmão que admirara um dia. E Duncan rezou para que Oliver jamais descobrisse como seus implantes estavam sendo usados.

— Vejo você amanhã.

Duncan atravessou correndo o estacionamento sob a chuva, entrou em sua mercedes e ligou o motor. Mas em vez de colocar o carro em movimento, ficou parado olhando para o volante.

Estou em paz com o passado. Confie em mim, Oliver. Estou em paz.

Como as mentiras saíam fácil agora. O que era paz? Ele não tivera nenhum momento de paz desde que descobrira Lisa caída na sala em meio a uma poça de sangue.

Se ao menos...

Luzes fortes nos olhos de Duncan trouxeram—no de volta ao presente. O

sol aparecera entre as nuvens. Ele balançou a cabeça para espantar as lembranças e deu a partida na mercedes.

Se aquilo não tivesse acontecido, hoje eu teria uma boa vida. E teria continuado bem se o presidente não houvesse ressuscitado o maldito projeto de lei das Diretrizes. Aquilo fez tudo voltar — a dor, a raiva.

Tudo por culpa do presidente.

Mas ele ainda pagaria por isso. Sua vez estava chegando.

*** 14**

NO CAPITÓLIO

Gina permaneceu na sala de espera do senador Marsden durante alguns minutos, até finalmente ser convidada a entrar.

A sala do senador era exatamente como ela lembrava—pastas de arquivo empilhadas, prateleiras abarrotadas de livros, e a miniatura de cesta de basquetebol sobre a lixeira.

Joe Blair estava lá, novamente de branco, camisa de mangas curtas, outra gravata também discreta e calças pretas. Gina estranhou quando Blair a saudou calorosamente, abrindo um sorriso sob o bigodinho, enquanto se aproximava para apertar—lhe a mão e conduzi—la à velha mesa do senador.

Gina não estava certa do que pensar sobre o cavalheirismo súbito de Blair. Estaria representando na frente do patrão? Era em homenagem a Blair que Gina estava usando uma saia mais comprida hoje.

O senador Hugh Marsden se inclinou sobre a mesa e estendeu—lhe a mão.

Tinha estatura mediana, cerca de sessenta anos, era calvo e corpulento, mas possuía uma presença imponente. Eram os olhos, decidiu Gina, intensos e de um azul penetrante. Aqueles olhos capturaram—na e a mantiveram cativada, enquanto o senador apertava—lhe a mão. Tinha a voz grave e igualmente imponente.

— Dra. Panzella. Seja bem—vinda.

Havia uma terceira pessoa na sala. Uma mulher baixa, compacta, com cerca de quarenta anos. Ela se apresentou.

— Olá, Dra. Panzella—disse a mulher, estendendo—lhe a mão. Tinha um sorriso caloroso e franco, e brilhantes olhos castanhos. Gina simpatizou com ela na hora. — Sou Alicia Downs. Assessora de imprensa do senador.

— Gina. Por favor, chamem—me Gina.

— Muito bem, Gina—disse o senador. — Puxe uma cadeira. Espero que não se importe se formos direto ao assunto. O senador Moynihan adiantou para as quatro e meia um compromisso que a princípio seria às cinco.

Portanto, estamos com pouco tempo.

Ele se sentou na cadeira de encosto reto atrás da mesa e empurrou para o canto três pastas que estavam à sua frente. Gina se sentou numa das duas cadeiras em frente à mesa. Alicia pegou a outra. Blair permaneceu em pé, pairando acima delas. Posicionando—se onde poderia olhar melhor as pernas

dela, talvez?

— Não consegui evitar minha curiosidade com o fato de uma jovem médica com suas qualificações querer este posto—disse o senador. — Diria que você é superqualificada. O que espera fazer aqui?

Lavamos nós outra vez.

Começou seu discurso sobre como achava que o impacto da Lei das Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina seria importante para o futuro de sua profissão, e como não poderia simplesmente ficar parada sem tentar contribuir em alguma coisa.

— As diretrizes não poderão sufocar a individualidade—concluiu Gina.

—Você quer que todos os médicos façam exatamente a mesma coisa? Espero que não. É claro que deverá haver padrões mínimos de treinamento e atendimento. Mas o ideal seria permitir uma variedade em estilo de prática. Cada prática deve ter sua própria personalidade, porque do contrário a lei privará os pacientes de sua liberdade de escolha.

O senador estudou—a por um momento em silêncio, os olhos azuis fixos em Gina. Começava a sentir—se desconfortável quando ele finalmente falou.

— Sabe que este é um posto de meio expediente para o qual duvido que possamos pagar vinte mil dólares anuais, se tanto?

— Expliquei isso a ela, senador — disse Blair. Ele parecia vagamente ansioso. Embora não estivesse realmente se movendo, dava a impressão de estar marchando sem sair do lugar.

— O dinheiro não é importante—disse Gina.—Tenho o resto da vida para fazer dinheiro. Esta é uma oportunidade de fazer algo importante, de ser parte de alguma coisa que afetará o resto da minha vida profissional. Se eu já estivesse exercendo a medicina, pagando prestações de casa própria e criando filhos, eu provavelmente não poderia largar tudo e devotar meses de minha vida a esta comissão. Mas não tenho nenhum compromisso. Só tenho a mim mesma com quem me preocupar. Esta é uma coisa que quero fazer, algo que posso fazer... e fazer bem. E se eu não for agora, nunca farei. E... — deveria ousar dizer isso? — seu comitê será mais pobre sem a minha colaboração.

— É isso? — perguntou o senador Marsden com um leve sorriso nos lábios.

Com o canto do olho ela viu Blair morder o lábio superior e balançar levemente a cabeça.

Será que exagerei? pensou Gina.

— Pelo menos essa é a minha opinião.

— Sim, bem, o que você diz tem fundamento. Pode me dar um dia para

chegar a uma decisão final?

— Claro.

E tenho escolha?

— Ótimo. — Ele olhou para o relógio, levantou—se e estendeu—lhe a mão. —Desculpe terminar isto tão rápido, mas é a reunião do orçamento, você sabe.

Gina sorriu, enquanto apertou a mão dele.

— Compreendo.

— Vou acompanhar você até a saída — disse Alicia.

Gina olhou para trás, enquanto saía, e viu Joe Blair debruçado sobre a mesa do senador, falando com ele em voz baixa.

— Acho que seu chefe de gabinete não foi com a minha cara —disse Gina, enquanto ela e Alicia passavam pelos cubículos de trabalho.

Alicia riu furtivamente.

— Joe é um babaca. Está puto porque disse ao senador que você não é adequada ao trabalho e o chefe insistiu em conversar com você pessoalmente.

— Então ele está lá atrás tentando dissuadir o senador de me aceitar?

— Talvez. Não veja isso como uma ofensa pessoal. Ele é um maníaco por controle. Ele quer que o gabinete seja dele... escolhido a dedo por Joe Blair.

— Isso é justo, acho—disse Gina, com um tom de voz surpreendentemente sereno.

— Pode ser, mas ainda assim ele é um babaca.

— Gina!

Estava quase chegando aos elevadores. Virou—se e viu Joe Blair correndo atrás dela.

— Ainda bem que a alcancei.

— O que aconteceu?—perguntou, observando—o de perto.

— Será que ele mudara de idéia?—Não conseguia acreditar que esse sujeito existia. E havia alguma coisa nos olhos dele...

— Apesar de minha recomendação pessoal, o senador ainda está indeciso. É mais uma questão de problema orçamentário do que com suas qualificações.—Ele desdobrou o pedaço de papel que segurava e passou—o para ela.—Mas precisamos pensar numa maneira de reagir quando ele vir isto.

Nós? Desde quando éramos um nós?

Ela olhou para a folha e reprimiu um gemido. Era uma xerox de um artigo que ela escrevera para o New Orleans Times—Picayune durante seu segundo ano de residência. Naquela época ficara particularmente irritada depois de ler uma série de artigos naquele jornal sobre o que estava errado com a medicina nos Estados Unidos. Gina escrevera uma carta longa exprimindo com veemência

seu desagrado com a forma como tinham delineado os problemas e as soluções que haviam proposto. O jornal dissera—lhe que se ela aumentasse a carta, eles a publicariam como um artigo opinativo. Excitada com a perspectiva de ter um público, Gina disparara todos os seus canhões. Era uma invectiva da qual o próprio Duncan teria se sentido orgulhoso.

Mas... um artigo muito negativo, muito estridente, sem nenhuma intenção de apresentar um argumento equilibrado. Gina sentira arrepios ao relê—lo no dia que foi publicado. Se tivesse colocado aquele texto numa gaveta durante uma semana antes de remetê—lo, certamente teria atenuado alguns de seus comentários.

Ela não escrevera mais nada desde aquela época, e de repente ali estava o artigo, ressuscitado e parado diante dela.

— Essa não é exatamente a forma como penso—disse Gina.

— Estou certo que não. — Blair tocou—lhe a mão de forma solícita.—Mas poderíamos nos encontrar para analisarmos nossas opções, caso este artigo apareça à mesa do senador.

Ela recuou um centímetro e a mão dela rompeu o contato. Lá estava de novo: nós.

— O que sugere?

— Oh, que tal a minha casa? — disse Blair com naturalidade. — Esta noite. E vista algo bonito.

Gina sentiu as mãos fecharem—se em punhos. Teve vontade de socar o nariz de Blair e em seguida arrancar aquele bigodinho, um fio por vez.

— Desculpe — respondeu com calma, movendo a boca amplamente, de modo a não falar entre dentes cerrados. — Tenho planos para esta noite.

— Amanhã à noite, então. Não temos muito tempo.

Não temos nenhum tempo. Ela respondeu—lhe com frieza.

— Não. Desculpe. Estou ocupada. Esta noite, amanhã à noite, toda noite.

Blair olhou para ela, obviamente confuso. Então seus olhos se estreitaram, mas apenas por um segundo. Encolheu os ombros e deu—lhe as costas.

— Tudo bem—disse sobre o ombro. —Você é que sabe. Mas não diga que não ofereci ajuda.

— Não direi — replicou Gina, suavemente, enquanto levava um dedo trêmulo ao botão do elevador.

Enquanto esperava o elevador chegar, Gina tentou controlar a raiva e a humilhação que sentia. Não era para ser assim, não era para funcionar dessa forma.

Finalmente o elevador chegou. As portas fecharam—se atrás de Gina, e ele começou a descer. Sozinha, isolada no elevador, Gina quis gritar, chorar. Não fez uma coisa nem outra. Enxugou uma lágrima solitária no olho direito e sussurrou uma única palavra.

— Merda.

Encontrou Gerry a esperando no pátio. Ela forçou um sorriso e rezou para que os olhos não estivessem vermelhos.

— O que está fazendo aqui?

— Esperando por você. O que mais poderia ser?

Ele estava com uma ótima aparência. Mesmo no fim de um dia de trabalho, Gerry parecia bastante bem. Mas a empolgação que Gina sentira nas últimas duas vezes em que os dois tinham estado juntos ausentara—se hoje. Ela não queria estar com ninguém agora.

— Mas como você sabia?

— Você me contou. Lembra? Ao telefone? Há umas cinco horas?

— Tudo bem.

Sua mente não estava trabalhando direito naquele momento.

— E então, que tal uma bebida?

Uma negação educada começou a se formar em sua garganta, mas Gina a engoliu. Fora magoada e seus instintos a impeliam a correr para um canto e ficar sozinha. Mas aquilo seria o que Pizza teria feito.

— Claro. Eu adoraria.

— Ótimo. Conheço o lugar certo. Pegaremos um atalho. — Tomou—a pelo braço e conduziu—a à saída dos fundos do Edifício Hart. —Vamos beber para comemorar, espero.

— Não. Eu temo que não — disse lentamente.

— Está brincando. O quê...

— Vou lhe contar tudo.

Gerry fechava e abria os punhos sob a mesa, enquanto Gina contava sua história.

Estavam sentados numa mesa isolada perto da janela. Gerry levara Gina ao Sommelier, um pequeno bar de vinhos, porque descobrira que ela preferia vinho a licor, e em especial tintos italianos.

Ele gostava de uísque irlandês, de preferência Black Bush. Mas se vinho fosse a única opção, normalmente se contentava com um zinfandel branco.

Em geral, não ficava encantado com nenhum vinho.

Podia ver que Gina estava magoada. Ela falava lentamente, quase em tempo

real, enquanto girava o copo de valpolicella e bebericava. Avoz estava calma, assim como as mãos. Parecia completamente controlada, mas Gerry sentia sua dor.

Quando Gina começou aparecer mais deprimida, ele desejou não tê—la levado ali. As superfícies polidas de bronze, cromo e mármore do Sommelier eram limpas e luminosas demais para a história que estava sendo contada. Deviam ter ido a um bar sombrio.

Não. Aqui é melhor. Limpeza e luz combinavam com Gina. Era apenas a terceira vez que estavam juntos, e já sentia uma necessidade em protegê—la. E muita atração também. Gerry não se sentia assim desde a faculdade, quando ele e Karen haviam começado um namoro sério. Um sentimento bom. Estava começando a pensar em Gina enquanto trabalhava.

Surpreendera—se pensando nela nos momentos mais inconvenientes, imaginando o que Gina estaria fazendo e se perguntando se também estaria pensando nele.

E agora Gerry estava compartilhando a raiva e a dor de Gina, que tinha expectativas melhores quanto a trabalhar no gabinete de um senador americano. Ela merecia coisa melhor.

Às vezes Gerry odiava essa maldita cidade.

— Washington é assim — sentenciou Gerry. — Não é apenas com você. Isso acontece com todo mundo.

— Quer dizer que eu não deveria levar isso para o campo pessoal? — Seus olhos faiscaram. — É isso que está dizendo?

— Sim e não — respondeu com lentidão. Precisaria escolher bem suas palavras. Não queria provocar uma explosão de fúria e raiva. —Você deve sentir —se ofendida, com raiva e até humilhada. Mas entenda também que Blair está simplesmente agindo da mesma forma que todos no Capitólio.

Está apenas jogando pelas regras que aprendeu.

— Rato do Capitólio — disse Gina, meneando a cabeça. — Puxa, nunca imaginei que esse termo caberia tão bem numa pessoa. — Mas não existem leis...?

— Sim, provavelmente escritas pelos próprios Ratos do Capitólio e creditadas aos seus chefes. Mas essas leis se aplicam a outras pessoas, aos constituintes. Elas não se aplicam ao Capitólio. Você acaba de entrar numa zona ética Além da Imaginação.

— Você parece encarar isso com tanta naturalidade...

Era mesmo? Ela estaria certa? Será que ele estava investigando corrupção

política fazia tanto tempo, que coisas desse tipo pareciam naturais como o ar?

Talvez. E ele não gostava dessa resposta.

Mas Gerry não estava falando sobre corrupção explícita. Não, era uma atmosfera, um ambiente. Um conjunto diferente de valores.

— Não posso ver com naturalidade magoarem você.

Ela deu um pequeno sorriso. Ele adorava a forma como seus lábios se contraíam nas extremidades quando ela sorria. Os olhos de Gina diziam obrigado.

Gerry segurou a mão de Gina. Ela não recuou.

— Entenda, Gina, se quer fazer parte do esquema no Capitólio, terá de aprender a jogar pelas regras deles. As pessoas aqui em cima não vão mudar só por sua causa.

— Nunca esperei que fizessem isso, mas...

— Imagine que entrou na maior feira livre do mundo, onde tudo está àvenda, mas os preços não estão nas mercadorias. Amoeda corrente é a influência, e os melhores jogadores saem com as sacolas de compras mais cheias.

— É um quadro muito sombrio, Gerry.

— Gina—disse Gerry inclinando—se para a frente.—Tenho certeza de que está acostumada com o tráfico de influências na política hospitalar, mas aquilo não é nada em comparação ao que ocorre aqui. Você está agora na primeira divisão. Esse tal Blair exerce sobre o senador a influência necessária para conseguir o que você quer; você, por sua vez, tem alguma coisa que ele quer. Ele me parece um jogador muito experiente, que sabe agir de forma discreta. Essa conversa que vocês tiveram foi uma negociação. E não ache que ocorreu num corredor vazio por acidente. Não foi uma proposta equivocada, apenas uma oferta generosa em ajudá—la com um possível problema em sua entrevista. E sem testemunhas. Muito astuto.

— Você fala quase como se o admirasse.

— Admiraria meu punho na cara dele, se o encontrasse. Gerry foi recompensado com outro sorriso, dessa vez grande o bastante para revelar os dentes brancos e reluzentes de Gina.

— Não arranje problemas por minha causa.

— É uma boa causa.

— Isso significa que posso fazer uma requisição profissional?

— Profissional?

— Sim. Trabalho de detetive. Estou investigando a filha de Duncan Lathram.

Gerry sentiu as entranhas apertarem ao ouvir o nome de Lathram.

— O que tem ela? Está com algum problema?

— Não. Ela morreu num acidente há cinco anos.

— Que tipo de acidente?

— Uma queda. Em casa.

— Está suspeitando de alguma coisa?

— Não. Eu não estou suspeitando de nada. Só quero descobrir alguma coisa sobre ela. Ninguém fala nada.

— Pura curiosidade, então?

Pelo comportamento de Gina, ele percebia que não era apenas isso. Ela estava escondendo alguma coisa.

— Não sei realmente o que estou procurando. Só imaginei que você talvez pudesse conseguir uma cópia do atestado de óbito dela.

Isso era um pedido estranho. Mas nem um pouco difícil se você sabe para quem telefonar. E perfeitamente legal. Atestados de óbito são registros públicos.

— Sem problema. Só preciso saber onde ela vivia na época. O resto é moleza.

— Alexandria, acho. Virgínia do Norte, com certeza.

— Certo. Consigo para você daqui a um ou dois dias. — E ele conseguiria mesmo. Mas primeiro daria uma boa olhada no atestado. Agora quem estava curioso era ele. —A não ser que você esteja com muita pressa.

Observou—a com cuidado quando ela respondeu.

— Não. Sem pressa.

Terminado esse assunto, quase pôde vê—la afastar—se enquanto caía em silêncio. Ela suspirou.

— No que você está pensando?—perguntou Gerry. Seria em Lisa Lathram, nesse tal Blair ou em outra coisa?

— Talvez você e Duncan estejam certos. Talvez eu não tenha sido talhada para esta cidade.

Então... tínhamos voltado a Blair. Uma dor cresceu dentro de Gerry quando ele sentiu a decepção em sua voz e viu linhas de preocupação formarem—se em seu semblante. Tinha de fazer alguma coisa, só não sabia o quê.

— Não abra mão da esperança. As coisas sempre acabam funcionando.

— Talvez de vez em quando — disse ela. — Não desta vez. Ele bebeu seu zinfadel branco.

— Nunca se sabe, Gina. Nunca se sabe.

Gerry parou no corredor fresco e bem iluminado de um prédio do Watergate —at—Landmark, um condomínio luxuoso em Virgínia do Norte, e esperou que

atendessem a campainha.

Ele sabia que Blair estava em casa—confirmara isso telefonando para seu apartamento e desligando quando ele atendera. Gerry torceu para que estivesse sozinho. Caso contrário, seria preciso improvisar. Mas de uma forma ou de outra, ele faria o crápula ver a luz. Assim que deixara Gina no carro dela, Gerry correra pela Pennsylvania Street até o FBI.

Checou Blair, mas não encontrou nenhuma ficha criminal. Pena. Isso teria facilitado as coisas. Portanto, teria de blefar.

Gerry mexeu os ombros para aliviar um pouco a tensão nos músculos. Esse tipo de visita oficiosa poderia colocá—lo em sérios problemas se Blair descobrisse que ele estava blefando.

Mas Gerry sabia como operavam esses Ratos do Capitólio bem pagos. Não podiam votar, mas muitas vezes detinham controle absoluto sobre os textos dos projetos de lei, o que poderia ser bem mais importante que o direito de dizer Sim ou Não. Os lobistas cortejavam— nos com viagens, presentes e honorários por discursos, exatamente como faziam com seus patrões. Gerry lembrava de um caso, ainda mencionado em tom reverente pelos Ratos do Capitólio. Dois assistentes políticos, John Michaels e BUI Patterson, tinham angariado um total de 28 mil dólares de um monte de lobistas em 48 horas.

Sem dúvida Blair sonhava bater esse recorde. O plano de Gerry era perturbar esses sonhos. Se Blair estava pensando em colocar todas as suas fichas de influência no projeto de lei das Diretrizes para faturar alto, a última coisa que desejaria era um agente do FBI observando cada movimento seu.

Mas Gerry não dispunha de muito tempo. A Sra. Snedecker concordara em ficar com Martha mais algumas horas. Ele precisava acertar os ponteiros com Blair bem rápido.

A porta do apartamento abriu, e um rosto pálido olhou para ele através da abertura. Como se tratava de um condomínio fechado, era muito raro ocorrerem visitas sem aviso prévio.

— Sim?

Gerry exibiu o mesmo distintivo que usara para passar pelo porteiro.

— FBI, Sr. Blair.

Blair abriu um pouco mais a porta para olhar melhor. Forçou os olhos para ler o distintivo.

— O que é? O que você quer?

Gerry fechou a carteira de couro do distintivo e deu um passo à frente, colocando discretamente o pé no vão entre a porta e a parede. Enfiou a carteira

de volta no bolso.

— Não se preocupe. Não se trata de assunto oficial.

— Então o quê...

Gerry encostou a mão no peito de Blair e gentilmente empurrouo de volta para o apartamento. Havia momentos certos para a sutileza. Esse não era um deles.

— Você e eu, Blair. Vamos ter uma conversinha.

* 15

GINA

Gina bocejou enquanto caminhava até a sala dos médicos. Uma noite atarefada no Lynnbrook. De vez em quando, podia tirar um cochilo durante o turno. Não dessa vez.

Não que fosse conseguir dormir muito mais se tivesse ficado em casa.

Sentia—se péssima. Pior do que quando esperara o resultado do concurso para residência. Quase tão ruim quanto os meses de espera para saber se fora aceita pela faculdade de medicina.

Encontrou novamente o Dr. Conway.

— Vejo que a Sra. Thompson finalmente foi para casa. Deve ter sido um alívio.

— Acho que sim. Os diretores estão felizes da vida comigo porque pensam que colaborei com eles. Na verdade, o crédito é da Sra. Thompson. Ela deu uma virada dramática, quase miraculosa. Num dia estava se arrastando, e no outro estava animada e exigindo ir para casa.

Um sinal de alerta soou no cérebro de Gina.

— Quando foi isso?

— Quarta—feira.

— Sabe, conversei com a Sra. Thompson na noite anterior — disse Gina, insegura.—Ela contou que ouvira comentários de que você estava tendo problemas por causa dela. Lembro que ela disse alguma coisa como "Não quero ser um faraó para ninguém. Estarei fora daqui antes do que você imagina."

Conway fitou Gina.

— Deus! Isso seria típico dela.

Ele pegou o telefone e ligou para a sala de registro. Anotou o número de telefone da Sra. Thompson e discou. E esperou. Discou e esperou novamente. Enfim desligou.

— Ninguém atende. Estou indo para lá.

— Ela pode ter saído — disse Gina.

— Às sete da manhã? Uma senhora de setenta e oito anos?

— Vou com você.

— Você está de serviço. Direi depois como foi.

Gina passou a hora seguinte imaginando o que Conway encontraria. Quando não se achava pensando nele, estava concentrada na comissão. Em dado momento pegou—se ligando para o seu apartamento, rediscando para ativar o modo remoto da secretária eletrônica.

— Que estou fazendo? —pensou e desligou.

Era cedo demais. Ninguém do escritório de um senador ligaria antes das dez. E era mais provável que acontecesse depois do meio—dia.

Estava prestes a sair quando um recado apareceu na tela de seu pager. O Dr. Conway estava requisitando sua presença na emergência.

Gina o encontrou parado ao lado da caixa de raios X, estudando uma chapa de tórax. Ela deu uma olhada no pulmão direito opaco e disse: — Espero que não seja o de Harriet. Conway balançou a cabeça de forma afirmativa.

— Encontrei—a à porta dos fundos da casa. Estava semiconsciente, com um punhado de migalhas de pão na mão. Acho que saiu para alimentar os pássaros ontem à noite e desmaiou.

— Ela ficou ao relento a noite inteira?

— É o que parece. Está em choque, hipotérmica e hipoxêmica. Além disso — ele deu um tapa na chapa do tórax —, está com três costelas fraturadas e possivelmente com um hemotórax. Liguei para Fielding. Ele vai intubar a Sra. Harriet e colocar—lhe uma máscara respiratória. Depois disso, é com a equipe da UTI. — Puxou o filme da caixa de raios X — Merda! Eu não devia tê—la mandado para casa!

— Ela lhe disse que estava bem. O que mais você poderia ter feito?

— Eu devia ter entendido a situação. Acreditei nela porque eu queria acreditar. Fiquei tão feliz porque isso tiraria o conselho do meu pé, que agarrei a chance de dar—lhe alta.

— Não seja tão duro consigo mesmo. Onde ela está?

Conway apontou com o dedão por sobre o ombro dela na direção das alcovas cobertas por cortinas. Gina não teve certeza em qual estava a Sra.

Thompson até ver Fielding, o pneumologista, sair de um dos cubículos e caminhar até o posto de enfermagem. Gina entrou no cubículo.

Harriet Thompson estava praticamente irreconhecível. O lado direito do rosto estava inchado e púrpura onde ela devia ter atingido o chão. Um tubo plástico saía do canto da boca, conectando—se por um tubo maior a um respirador que inflava e soprava. Os olhos estavam entreabertos mas não viam nada. Gina segurou—lhe a mão e a apertou.

— Agüente firme, Harriet. Está em boas mãos.

Gina não podia fazer muita coisa. Conway e a equipe de UTI cuidariam de tudo. Ao sair, Gina deu um tapinha nas costas do Dr. Conway e desejou boa sorte a ele e a Harriet.

Sentou—se à frente do volante de seu Sunbird e esfregou os olhos, que ardiam. Essa manhã ela ainda deveria assistir Duncan numa cirurgia.

Apesar da fadiga que estava sentindo, aquilo tinha um lado positivo: o tempo passaria mais rápido. Mas primeiro um banho.

Notou a luz de mensagens piscando na secretária eletrônica. Correu até ela mas o dedo hesitou, permanecendo paralisado sobre a tecla replay.

Gina foi tomada por uma ansiedade enorme. Seria agora? O grande "não"?

Balançou a cabeça. Estava ficando nervosa sem motivo. Não havia chance alguma de ser do escritório de Marsden.

Ela apertou o botão. Era Gerry. Gina foi invadida por uma onda de calor ao ouvir a voz dele. Ele se mostrara muito simpático no dia anterior.

Oi, Gina. Agora são quase onze horas. Esqueci que você estava no plantão noturno hoje. Deve ouvir esta mensagem amanhã de manhã. Por favor, telefone para mim assim que tiver alguma notícia do escritório de Marsden. Aposto que você vai saber cedo. Quando souber alguma coisa, ligue para mim. Estarei em casa até umas nove horas. Boa sorte. Mas será sorte deles se aceitarem você. Tchau.

Como é gentil, pensou Gina, sorrindo ao apertar a tecla de apagar mensagens. Gentil e inocente. Ela não receberia nenhuma notícia cedo.

Mas que engraçado, como Gerry parecia certo de que ela teria notícias cedo! E ele era tudo, menos inocente.

Gina estava saindo do chuveiro quando ouviu o telefone tocar. Ainda pingando, envolveu—se numa toalha e correu até o quarto para atender.

Era Alicia Downs.

— Você está dentro, Gina. Gina ficou afônica.

— Alô? — perguntou Alicia. —Ainda está aí?

— Sim, ainda estou. Apenas não consigo acreditar. Fui aceita?

— Foi. Ouvi Blair mandar uma das secretárias ligar para você e lhe dar a notícia. Estou fazendo isso no lugar dela.

— Mas como...

— Não me pergunte. Votei em você. Não sei quanto a Blair. Só sei que o senador tomou sua decisão em algum momento entre a noite de ontem e esta manhã. Você é a nova assistente legislativa na pasta de medicina.

Gina se sentiu fraca.

— Isto é... maravilhoso. Obrigada por ter ligado. E pelo seu apoio.

— Não me agradeça. Eu a acho brilhante e uma boa pessoa. Estou certa que fará um bom trabalho, mas a quero por outras razões. Você será um trunfo em relações públicas.

— Um trunfo. Uau. Alicia riu.

— Ei, você não é apenas uma médica, é uma mulher brilhante e atraente, que acaba de sair de seu treinamento em medicina. Você não é Washington. É uma estranha, sem conexões com a burocracia. Você é o agora. Sua presença demonstra que o senador tem uma mente aberta para idéias novas da profissão médica.

Gina de repente sentiu frio, e a causa não era a água escorrendo pelas pernas.

— Olhe, se estou entrando apenas para ficar na vitrina, você pode dizer...

— De forma alguma. Não com este senador. Ele quer você como uma especialista. Sou eu que estou preocupada com as aparências.

— Isso é um alívio. Acho. Ela riu de novo.

— Relaxe, Gina. Você está dentro. E está com um dos mocinhos. Eu já ganho a vida nesta cidade há quarenta anos, e o senador Marsden é o primeiro cara em muito tempo que restaurou minha fé no processo eleitoral. Não faz idéia como é agradável polir a imagem de um cara de quem você gosta realmente.

— É bom ouvir isso. É muito bom.

— Então você aceita?

— Claro.

— Ótimo. Nossa equipe se reunirá amanhã às dez em ponto. Espero que não tenha nenhum plano importante para o fim de semana.

— Bem, nada firme.

Ela estava pensando em se encontrar com Gerry.

— Bom. Com as audiências começando semana que vem, é bem provável que você tenha de trabalhar no fim de semana. Bemvinda a bordo. Vejo você amanhã.

Gina desligou e ficou parada no centro do quarto, rindo como uma boba, deixando cair a toalha enquanto se apercebia da realidade.

— Con... con... consegui! Ela socou o ar.

— Viva!

Enxugando o cabelo, começou a dançar pelo quarto e, com os olhos cobertos, saiu para a sala, girando como uma louca, ondulando os quadris ao ritmo da música de reggae que tocava no rádio.

Aqui está ela, senhoras e senhores! A última, a maior, a mais fantástica assistente legislativa na capital da nação, apresentando—se com seu nome artístico, Pizza Napolitana, em sua interpretação exclusiva da dança da Ratazana do Capitólio.

Gina abaixou a toalha do cabelo e se viu diante da janela da sala, parada de frente à Kalorama Road, nua como veio ao mundo.

— Ô!

Abaixou—se e correu de volta até o quarto. Enquanto abria a gaveta de calcinhas e sutiãs, viu—se no espelho de corpo. Virou—se para olhar o corpo mais de perto, virando—se para um lado e para o outro, de modo a obter ângulos diferentes dos seios e nádegas.

As nádegas eram um pouco mais generosas do que ela gostaria. Mas a barriga era bonita e plana. Correu os dedos sobre a cicatriz da antiga incisão, e percebeu uma linha fina de pêlos descendo até o emaranhado negro sobre o púbis. Hora de mais um pouco de cera depiladora.

Nada mal, pensou. Nada mal para uma quase balzaquiana.

Tinha duas carreiras agora. Por que não uma terceira como Pizza Napolitana, a dançarina do ventre? Não... havia outro termo para isso, uma palavra "ducaniana". Que era...?

Dançatriz surgiu em sua mente.

Certo. Regina Panzella: médica, assistente legislativa e dançatriz.

Uma dançatriz bem desajeitada.

Ah, bem.

Virou—se e começou a remexer nas roupas íntimas.

Depois de vestida, seu bom humor arrefeceu ao lembrar de Harriet Thompson. Gina ligou para a UTI do Lynnbrook Hospital e soube que o estado de Harriet se estabilizara. Bom.

Em seguida ligou para Gerry. Ele pareceu de fato feliz por ela, mas não tão surpreso quanto ela esperara.

— Viu o que eu disse? As vezes as coisas funcionam. Não vale a pena ser cínica o tempo inteiro. Trabalho duro e persistência ainda compensam.

— O tempo todo eu sabia que você era a pessoa certa para o serviço.

Agora acho que esse tal de Blair e o senador também sabem. Mas o que é realmente bom é que isso significa que você estará na minha vizinhança com mais freqüência.

— É verdade — não pensara nisso. — Estou feliz com isso também.

Gostava mais de Gerry a cada vez que falava com ele. Talvez um agente do

FBI não fosse tão glamouroso quanto um clínico cheio de poder como Peter, mas sentia uma grande candura em Gerry. Se isso continuasse...

— Mas mudando de assunto, encontrei o atestado de óbito de Lisa Lathram no distrito de Fairfax.

Gina perdeu a respiração. Parte dela queria dizer—lhe que esquecesse, que era melhor deixar os mortos em paz. Outra parte não descansaria até que todas as questões tivessem sido respondidas. Tentou manter um tom de voz natural.

— Foi rápido. O que diz nele?

— Está chegando para mim. Telefono assim que receber.

— Obrigada, Gerry. Você está ficando indispensável.

— Tomara que sim.

— Acho que terei de reduzir algumas de minhas horas aqui.

Gina e Duncan estavam no meio de uma cirurgia abdominal. Gina estava com um retrator amplo enganchado em quinze centímetros de parede abdominal, posicionando—a onde Duncan poderia fazer uma recessão das camadas abundantes de gordura amarela. Ela não tinha planejado contar a ele até que a cirurgia estivesse terminada, mas Duncan começara a falar sobre uma cirurgia no dia seguinte, e ela não teve mais como fazer segredo.

— Oh? — disse ele. — E por que isso?

— Eu... eu consegui o trabalho no gabinete do senador Marsden. Pronto.

Eu disse.

Observou—o com cuidado, lembrando de sua explosão na outra vez. Como ele reagiria agora?

Seus olhos azuis levantaram—se para ela por um ou dois segundos, e em seguida retornaram ao campo cirúrgico.

— Congratulações. Quando começa?

Gina não respondeu imediatamente. Preparara—se para uma reação de raiva.

Esta aceitação pacífica era quase intimidante.

— Bem, neste fim de semana.

— Então você terá de nos deixar agora mesmo.

— Cassidy disse que pode me cobrir.

— Espero que você ainda tenha algum tempo para a medicina.

— Terei de reduzir um pouco minhas horas de trabalho, mas não pretendo desistir.

— Bom. Não quero perdê—la. Seu trabalho aqui tem sido excelente.

— Muito obrigada—respondeu, surpresa com o raro elogio.

— O Capitólio será educativo para você—disse Duncan. — Vai lhe dar uma

chance de ver a caquistocracia funcionar. Testemunhará em primeira mão a corrupção desabusada dos sofistas congressionais. Eles irão...

— Ai, não. Lá vamos nós de novo — resmungou Marie, a anestesista.

Joanna olhou para Gina, fingindo raiva.

— Estava tudo tranqüilo até aqui. Tinha de provocá—lo?

— Desculpe.

— Tudo bem, tudo bem — disse Duncan, olhando em volta e sorrindo por trás da máscara. Apele em torno de seus olhos franziu. —A despeito de sua presunçosa insubordinação, eu as pouparei de uma palestra desta vez. Mas deixem—me dizer apenas uma coisa...

Marie resmungou de novo.

— Espere um pouco — disse Duncan. — Tudo que vou dizer é que quero que vocês ouçam e lembrem que ouviram isto aqui primeiro: Gina não suportará a corrupção e a hipocrisia do Capitólio por mais de um ano.

— Sempre há uma chance de acontecer isso — disse Gina, pensando em Joe Blair. — Mas sei que essas audiências serão interessantes. Mal posso esperar que elas comecem.

Duncan a fitou.

— Nem eu, meu bem. Nem eu.

Gina o fitou também. Alguma coisa naqueles olhos azuis e brilhantes...

alguma coisa quase selvagem, parecida com a sua expressão naquele dia na entrada do Capitólio, quando ela o vira com o deputado Allard. Gina sentiu um arrepio atravessando—lhe a espinha.

Gina deixou o escritório de Lathram cedo e, ao chegar ao seu apartamento, ligou novamente para a UTI.

— Ela está tendo alguns problemas de pressão — disse a enfermeira encarregada. — Problemas graves. O Dr. Conway está aqui. Quer falar com ele?

— Não. É melhor não incomodá—lo. Apenas lhe diga que telefonei para saber como ela estava.

Gina desligou. Merda. Aquilo não soara bem. Em seguida telefonou para seus pais. A mãe atendeu, e Gina contou—lhe as boas novas.

— É isso que você quer, Gina? — perguntou—lhe a mãe. Por que todo mundo lhe perguntava isso?

— Sim, mamãe — respondeu em tom paciente. — Pelo menos por enquanto.

— Então, que bom. Estou contente por você. Esperamos você às seis.

— Esperam—me onde?

— Aqui, claro. Vamos comemorar. Abriremos um vinho. E farei seus pratos

favoritos: ravióli e lasanha aos três queijos.

Gina ficou com a boca cheia d'água. Mas estava cansada demais. E aquele era o tipo de comida que transformara a pequena Regina na grande e gorda Pizza Panzella.

— Sinto—me realmente exausta mãe. Eu estava para...

— Gina, Gina — disse ela naquela voz que sempre a comovia. — Há tanto tempo que você não aparece aqui... Vive a cinco minutos de distância e nunca visita a família. Vai esquecer sua mama epapai Gina reprimiu um suspiro.

— Que horas mesmo?

— Seu pai chegará em casa às seis. Durma um pouco e nos veremos a essa hora.

Gina caiu na cama e deixou—se levar pelo sono.

*** 16**

FAMÍLIA

Gina estacionou na Arlington Avenue, em frente à casa de sua família, e fitou a fachada de tijolos aparentes. Durante os primeiros doze anos de sua vida a casa fora um cubo de tijolos de dois andares, ao lado de todos os outros cubos do pequeno projeto habitacional do pós— guerra.

Recordou de quando aprendera a andar de bicicleta pelo aclive suave da rua, das manhãs que passara observando o trânsito pela janela de seu quarto no segundo andar, e das tardes de primavera ajudando papa a catar dentes—de—leão no gramado. Papa e seu jardim, pensou Gina, olhando para a grama verde e bem aparada. Ainda era perfeito.

Quando papa expandiu seu açougue, transformando—o numa delicatessen especializada em comida italiana, começou a sobrar um pouco de dinheiro no orçamento. Assim, eles cercaram o jardim da frente, aumentaram os fundos da casa, ampliando a cozinha e o quarto do casal, e construíram uma varanda. Agora se transformara numa bonita casa, espaçosa e confortável. Os pais viviam ali havia trinta anos, e provavelmente planejavam viver outros trinta. Não gostavam de mudanças.

Gina balançou a cabeça. Mudança? Ambos tinham nascido na América. Papa estava com uns cinqüenta anos e mama fizera cinqüenta em abril último.

Mesmo assim, sob muitos aspectos, ambos ainda pertenciam ao velho mundo e à Itália. Em termos de comportamento, mal tinham entrado no século XX.

Até mesmo haviam—na prometido em casamento quando Gina tinha dois anos.

Graças a Deus, aquilo não era mencionado fazia muito tempo. Ela e seu pretendente tinham engordado durante a adolescência, levando as famílias a reconsiderarem.

Subiu os dois degraus da porta da frente e entrou sem bater. Sentiu um odor delicioso de alho sautéing. Como amava aquele cheiro!

O pai, que estava sentado diante da TV, saltou da poltrona. Era apenas dois centímetros mais alto que Gina, com ombros largos e braços musculosos. Tinha a cabeça ainda cheia de cabelos negros, mas pareciam mais grisalhos cada vez que Gina o via. Papa possuía a vitalidade de um rapaz de vinte anos.

— Gina! — Envolveu a filha nos braços de urso e girou—a.

— Como vai a minha pequena scungila?

Ela abraçou—o em torno do pescoço e beijou—lhe uma vez em cada face.

— Estou bem, papa.

Relaxou o abraço mas continuou segurando—a.

— Então, ser médica não bastava para você? Agora também é política?

— Eu não...

— Gina!—Eramama, limpando as mãos no avental enquanto saía apressada da cozinha. Mais beijos e abraços.

Era sempre daquela maneira. Gina vinha jantar em casa e tratar assuntos de família a cada duas ou três semanas, mas cada vez os dois agiam como se ela estivesse afastada havia um ano. Ela achava isso comum entre pais e filhos únicos.

Logo os três estavam andando pela cozinha, bebericando vinho e mergulhando pedaços de pão no molho de mama, rindo, recordando, falando sobre o futuro.

Era tão bom estar ali. Momentos como esse faziam—na querer visitá—los com mais freqüência. Ela amava o calor, a segurança. Ali Gina não tinha de provar nada, não corria o risco de estar cansada o tempo todo por precisar correr em quatro direções para fazer várias coisas ao mesmo tempo, tentando conferir sentido à sua vida.

Ali sua vida tinha um sentido.

" Mas sabia que o lugar era uma armadilha de veludo. Por mais que amasse os pais, sabia que ali ela enlouqueceria. A despeito de toda a correria e o estresse da vida que levava, Gina sabia que não gostaria de viver de outra forma.

Mas o motivo principal era que os pais ainda não a tinham aceitado desse seu modo de ser. Por mais que se orgulhassem dela, Gina sabia que viviam imaginando quando ela teria tempo para dar—lhes netos—bambinos para pularem em seus colos. Ela sabia que no fundo de suas mentes pensavam que a filha estaria melhor casada com um médico que sendo uma.

Um bom médico italiano, claro.

Sabiam alguma coisa sobre Peter mas nem imaginavam que ele e Gina tinham vivido juntos.

Deus do céu, Peter. Ela devia ter ligado para ele e lhe contado sobre o emprego novo. Seria a primeira coisa que faria quando chegasse em casa.

Peter... como podia ter esquecido?

Por volta de dez e meia Gina chegou em casa, entupida de comida e tonta devido ao vinho e o chianti especial que papa abrira para a ocasião.

Tomou um banho, escovou os dentes e seguiu direto até o quarto. Mas antes

de se jogar na cama, discou para a CTI do Lynnbrook Hospital.

— Alô, aqui é a Dra. Panzella. Só quero saber como está a Sra. Thompson.

— Quem?—disse o atendente. Gina se sentiu enjoada de repente.

— Harriet Thompson. A paciente do Dr. Conway. Ela sofreu um hemotórax e estava num respira...

— Ah, sim. Aqui está. Desculpe, Dra. Panzella. Acabo de chegar. Ela faleceu há um pouco mais de uma hora. Às nove e trinta e quatro, para ser preciso. O Dr. Conway estava aqui.

Gina sentiu um aperto no coração. Disse um débil "obrigada" e desligou.

Socou o colchão. Porra, porra, porra! O atestado de óbito de Harriet Thompson provavelmente apontaria a causa mortis como falha respiratória devido a um hemotórax causado por complicações do fraturamento das costelas num tombo.

Mas não fora nada daquilo.

Na verdade fora morta pelo conselho do hospital, homens que não a tinham examinado e que nem mesmo a conheciam, mas que haviam tomado decisões a respeito de seu atendimento médico. Homens mais preocupados com a renda do hospital do que com os pacientes.

Harriet Thompson morrera de diretrizes médicas.

Gina puxou as cobertas e se enfiou entre os lençóis. O senador Marsden cansaria de ouvi—la falar durante o fim de semana.

Uma última coisa a fazer antes de dormir: telefonar para Peter.

Ele estava em casa, e acordado — afinal era uma hora mais cedo em Lousiana —, e ficou satisfeito em ouvi—la. Pelo menos ele estava no início. O tom de voz de Peter mudou quando ela lhe contou sobre o cargo no gabinete de Marsden.

— É isso realmente que você quer?

Começava a ficar farta dessa pergunta. A única pessoa que parecia estar completamente ao seu lado era Gerry.

— Você não imagina como eu gostaria que as pessoas parassem de me perguntar isso.

— Se está ouvindo isso com freqüência, talvez haja algum motivo por trás.

— Peter, não quero discu...

— Não nos damos bem juntos, Gina? Você conhece algum casal que se dê melhor que nós dois? Lembra das noites em que passeávamos pela cidade, bebendo vinho e ouvindo músicos de rua, e depois voltávamos para o apartamento e...

— Peter, por favor! —Aqueles tinham sido bons momentos. Momentos maravilhosos. —Já estou me sentindo solitária demais sem ter de lembrar disso.

— Estamos ambos solitários. Não é estupidez? Volte, Gina. Seu lugar é aqui. Você sabe disso.

Tão tentador, e se tivesse sido rejeitada pelo gabinete de Marsden nessa manhã, talvez agora estivesse com as malas abertas sobre a cama.

Mas...

— Sei que tenho uma oportunidade aqui e não posso perdêla. Jamais me perdoaria por isso. Você não consegue entender isso, Peter?

Houve um silêncio prolongado do outro lado. Quando falou, Peter estava com a voz embargada.

— Acho que chegamos ao fim, então. Torci para que você não conseguisse esse emprego no Senado, finalmente recobrasse a razão e voltasse para seu lugar. Para mim. Mas acho que isso não vai acontecer agora que está no gabinete de outra pessoa.

— Peter...

Gina se descobriu incapaz de falar qualquer coisa para tranqüilizá—lo.

Estava certo. Ela não tinhavisto que integrar o gabinete de Marsden significaria derrubar a última ponte de volta para Peter.

Estava acabado. Seu relacionamento vinha agonizando havia meses, mas essa noite, sem perceber, Gina declarara oficialmente sua morte.

— Sinto muito, Peter.

— Eu também. Adeus, Gina.

E então não havia mais ninguém na linha. Gina desligou o telefone sem fio, apagou a luz e puxou as cobertas até o queixo.

Deus, espero estar fazendo a coisa certa. Espero que isso tudo valha a pena.

Então os soluços e lágrimas começaram. Eram por Peter, mas talvez fossem também por Harriet Thompson. Fazia muito tempo não chorava antes de dormir. Desde os tempos de Pizza Panzella.

— Quê...?

Gina abriu os olhos. Escuro. E barulhento. Uma campainha tocando. Alto.

Quase em seu ouvido. O telefone. Atendeu—o e ouviu uma voz familiar.

— Gina? É Gerry. Descupe ligar a esta hora, mas estou numa fria.

Que horas são?

Ela olhou o relógio: 2:33

— Algo errado?—perguntou Gina. A tensão na voz de Gerry soprou a neblina do sono para longe.

— Fizemos uma pausa na investigação de um caso de seqüestro, mas terei de voltar logo.

— Que seqüestro?

— Não posso contar. Vamos escondê—lo da imprensa. Mas estou ligando porque a Sra. Snedecker não pode vir e estou sem ninguém para ficar com Martha. Assim, eu pensei...

— Estou indo.

Ele lhe disse como chegar ao prédio na Arlington Avenue. A ironia fez Gina sorrir. Havia algumas horas estivera a apenas alguns quilômetros dele.

Gina encontrou Gerryparado em frente aporta de entrada do duplex, chaves na mão. Aparentemente, ele se barbeara, vestira roupas limpas e estava em alerta e pronto para agir. Até mesmo naquela hora indecente Gerry estava com uma boa aparência.

Melhor que eu, pensou ela. Sabia que parecia desleixada — sentia—se desleixada em sua camisa de malha, jeans e capa de chuva — mas viera o mais rápido possível.

— Você é rápida.

Ele a beijou. Um beijo amigável na face. Sua voz saiu como de uma metralhadora:

— Não posso lhe dizer como isto é importante para mim. Jamais teria lhe pedido uma coisa dessas se tivesse outra pessoa a quem recorrer.

— Não seja bobo. Eu...

— Martha está no andar de cima. Ela tem sono pesado. É melhor você dormir também. Voltarei assim que conseguir me livrar, mas não sei exatamente quando.

— Fique calmo—disse Gina.—Ficarei o tempo que for preciso. Não tenho nenhuma cirurgia marcada para hoje.

Deu—lhe novamente um pequeno beijo—dessa vez nos lábios.

— Você é fantástica. Te vejo logo.

E então ele estava correndo para o estacionamento. Ao alcançar o carro, virou—se e gritou:

— Já ia esquecendo. Deixei alguma coisa para você sobre a mesa da cozinha.

Gina o observou sair com o carro. Em seguida, entrou e fechou a porta atrás de si. Gina balançou a capa de chuva, atravessou a sala e entrou na sala de jantar adjacente, cujo assoalho era coberto por carpete. A mobília era moderna e reluzente. O duplex de Gerry era bonito, limpo e funcional. Sem muita personalidade. Sem odores que identificassem a comida favorita dos moradores.

Gina teve dificuldade de acreditar que alguém realmente vivia ali até chegar à cozinha. Era uma galeria de arte em literatura. Em todos os lugares para onde Gina olhava—as paredes, o quadro de cortiça, a geladeira — o aposento estava cheio de folhas de papel com desenhos de criança. Uma rebelião de cores. Martha parecia gostar de usar cada lápis de cera da caixa, e devia ser uma grande caixa. Contudo, seu gosto para cores não era exatamente tradicional. Num desenho havia pessoas verdes ao lado de árvores rosas em gramados amarelos sob céus cor de laranja, enquanto em outro o esquema de cores variava totalmente.

Uma pequena Van Gogh. Com um pai que obviamente amava cada rabisco que ela punha no papel.

Olhou a geladeira. Havia refeições congeladas no freezer. Exatamente o que ela esperava na casa de um pai solteiro.

Então lembrou o que Gerry dissera sobre ter deixado alguma coisa sobre a mesa da cozinha. Virou—se e não viu nada na mesa... apenas uma folha de papel. Reconheceu o que era antes de apanhála. Um atestado de óbito.

O nome Lisa Lathram estava datilografado na linha pontilhada. Gina notou que o atestador fora Stanley Metelski, médico legista da polícia de Fairfax na época do acidente. O que significava que a morte de Lisa fora considerada suspeita. Claro que sim. Em geral, a morte de qualquer estudante de dezoito anos era investigada.

Passou os olhos pelo atestado e parou na causa da morte.

Causa imediata da morte: hemorragia intracerebral.

Devido a ou como conseqüência de: fratura do parietal esquerdo do crânio.

Devido a ou como conseqüência de: overdose intencional de drogas.

Gina quase deixou a folha cair. Suicídio?

Subitamente abalada, deixou—se cair numa cadeira e inclinou—se sobre a mesa.

Deus. Pobre Duncan. Não era de admirar que ele não quisesse falar sobre aquilo. Devia ter pedido favores a um monte de gente para impedir que aquela última linha chegasse ao público.

Teria sido isso que o fizera terminar seu casamento, parar de clinicar e deixar de ser um especialista vascular de Virgínia para se tornar um cirurgião plástico de Maryland?

Ou haveria mais?

A overdose de drogas... por quê? A queda... obviamente o magistrado concluíra que ocorrera em conseqüência da overdose. Teria sido mesmo assim?

Gina pensara que o atestado responderia a algumas perguntas, mas apenas suscitara outras.

Levantando—se, deixou a folha de papel cair na mesa da cozinha e caminhou até a sala. Empurrou Lisa Lathram para o fundo de sua mente e puxou Martha Canney para a frente e o centro. Gina sentiu uma vontade súbita devê—la.

Subiu as escadas em silêncio. Havia dois quartos e um banheiro na parte de cima. Espiou o primeiro. No quarto ligeiramente iluminado Gina viu a cabecinha de Martha enquadrada pelo travesseiro e lençóis. Havia um monte de personagens Disney nas paredes e nas prateleiras. Gina se aproximou mais e puxou as cobertas até mais perto dos ombros da menina.

Ao se voltar, viu uma foto emoldurada sobre a penteadeira de Martha.

Pegou—a e inclinou—a na direção da luz.

Uma loura jovem e muito bonita. Embora andassem em círculos inteiramente diferentes durante o segundo grau, Gina reconheceu Karen Shannick. A falecida Sra. Gerald Canney. Mãe de Martha.

Como era bonita! Uma aparência clássica de moça americana. Casara com o americano clássico. E haviam tido uma filha. Uma vida de Família Walton até...

Pensou em Harriet Thompson, também falecida, mas que chegara aos setenta e oito anos. A pobre Karen talvez tivesse um terço disso quando morreu.

E era lamentável ela não ter conhecido melhor a bonequinha que trouxera ao mundo.

Às vezes a vida era realmente uma merda.

Gina fitou Martha por um momento e de repente compreendeu que aquela menina tinha apenas a Gerry. Essa pequena criatura era totalmente dependente dele, que era completamente responsável por ela. Procurou imaginar como seria aquilo.

Assustador. Muito assustador.

Recolocou a foto sobre a penteadeira, mas o suporte da moldura escorregou, e ela caiu no tampo da penteadeira.

Gina estremeceu. Não fora um ruído muito forte, mas soara como um tiro naquele pequeno quarto.

— Papai? Ai, não!

Gina se virou e ajoelhou ao lado da cama. Martha estava sentada, esfregando os olhos, ainda não completamente desperta. Olhou para Gina.

— Onde está papai?

— Ele precisou sair—sussurrou Gina.—Pediu—me que ficasse com você.

Lembra de mim? Gina? Do Taco Bell?

— Você é a médica.

— Certo. Você tem ótima memória.

Implante V 173

— Não pôde vir. Por isso estou aqui.

Estou fazendo isto certo?, perguntou—se Gina. Se Martha estivesse doente, Gina saberia exatamente o que fazer, mas como nunca tivera sobrinhos, não sabia se estava agindo de acordo. Fazêla dormir de novo parecia ser a medida mais acertada. Arrumou os lençóis.

— Por que não deita novamente e fecha os olhos? Estarei logo ali embaixo. Se precisar de qualquer coisa, basta chamar que virei correndo. Certo?

Martha não disse nada enquanto puxava os cobertores. Gina arrumou—os em torno dela e então, num impulso, abaixou—se para beijá—la na bochecha.

— Boa noite, Martha.

Enquanto Gina se levantou e se virou na direção da porta, ouviu um som de choro vindo da cama. Ajoelhou—se novamente.

— O que houve, Martha?

— Fico com... com medo quando papai não está aqui de noite. — Ela começou a chorar.

— Ele voltará logo, Martha—disse Gina, procurando confortála. — E se eu ficar aqui em cima com você?

Martha fungou e se sentou.

— Pode?

— Claro. Será divertido.

— Pode se deitar comigo? — Ela se arrastou para um lado de modo a deixar espaço. Seus temores pareciam ter evaporado. — Será como uma festa do pijama!

Gina hesitou, e então deu de ombros. Não havia muito espaço naquela cama tão pequena, mas e daí? Tirou os tênis e se enfiou entre os lençóis.

Martha logo se aninhou na curva do braço de Gina. Minutos depois estava dormindo.

Gina permaneceu ali, ouvindo o som leve da respiração de Martha.

Acariciou—lhe o cabelo macio e sentiu—se estranhamente feliz, em paz.

Paz... uma sensação estranha, entranhando—se nela como água morna numa esponja seca. Gina sentiu todos os motores que impulsionavam seu corpo e cérebro desacelerarem e finalmente se desligarem.

E junto com a paz veio uma necessidade ancestral, até hoje despercebida em

meio ao fluxo de adrenalina de sua vida cotidiana.

Puxou Martha mais para perto. Era isso que estava faltando? Era a isso que se resumia tudo? Sentiu um nó na garganta. Uma criança minha? Deus, ano que vem entrarei na casa dos trinta...

Droga! Onde estavam minhas prioridades? O que era melhor que isso?

Gerry estacionou em sua vaga na frente da casa. A aurora prenunciava—se.

Ouviu um pássaro cantar em algum lugar entre as árvores.

Caminhou até a porta da frente. Sentia—se exausto. E aliviado. A operação daquela noite fora bem—sucedida. No último minuto o FBI convocara todos os agentes disponíveis—o seqüestrador cometera um erro — e eles tinham apanhado o filhinho dos Walter e o devolvido são e salvo aos pais. Gerry gostaria de ter ido comemorar com os rapazes, mas esse caso o deixara ansioso para retornar à sua própria filha.

E reforçara sua determinação em ser promovido para um posto com horário de trabalho regular. E logo.

— Gina?

Gerry entrou no apartamento e olhou em volta na sala vazia. Viu o casaco de Gina, mas onde estava ela?

— Gina? — Um pouco mais alto.

Lá em cima com Martha? Tinha de ser. Mas um medo irracional tomou conta de Gerry, fazendo—o galgar os degraus três por vez o mais silenciosamente possível, e correr até o quarto de Martha. Parou à porta, maravilhado com a visão de sua filha aninhada no braço protetor de Gina. Ambas dormiam. Banhados pela luz que começava a encher o quarto, seus rostos pareciam inocentes e relaxados.

Fora um risco pedir que Gina o ajudasse essa noite. Gerry não tinha como prever sua reação, mas sentira uma afinidade entre Gina e Martha durante seu primeiro encontro e, bem, estava morrendo de vontade de vê—la. E quem melhor para cuidar de uma menina que uma médica capacitada?

Mas isso?

Ficou ali parado, absorto pela perfeição da cena. Era como se o pequeno duplex, seu pequeno mundo e de Martha, tivesse mudado: por um instante, sua família fragmentada voltara a ficar inteira.

Percebeu que lágrimas corriam pelas faces.

Seu lugar é conosco, Gina.

Enxugou as lágrimas e teve de lutar contra o impulso de juntar—se a elas. Além disso, não haveria espaço naquela cama.

Assim, Gerry puxou a cadeira de balanço que Karen comprara para embalar Martha e ficou ali, observando as duas mulheres de sua vida até o nascer do sol.

* A Semana de Primeiro de Outubro

* 17

A AUDIÊNCIA

— Relaxe, Gina — disse o senador Marsden, enquanto juntava os papéis sobre a mesa. — Parece até que você vai saltar da própria pele.

A mesa de Marsden estava cheia de documentos yâx, tabelas, gráficos e análises detalhadas de estatísticas médicas. Joe Blair chegara mais cedo para repassar com o senador as estratégias de último minuto.

Estava sendo frio e profissional com Gina, decididamente distante. E Alicia estava a toda, entrando e saindo do escritório como um beijaflor com excesso de peso. Ela designara alguns dos auxiliares legislativos para atender aos telefones, que tocavam sem parar. Esse era o grande dia, e ela parecia gostar da pressão.

Os últimos quatro dias tinham sido um turbilhão de atividade. Gina tinha a impressão de que se mudara para esse escritório. Tinha conhecido Charlie e Zach, os outros dois auxiliares legislativos designados para a Comissão de Diretrizes, e ficara impressionada com a quantidade de dados que haviam coletado. Tinham cópias das diretrizes e códigos de éticas de cada estado do país. O volume de material a ser analisado e resumido era desanimador. Ela e o restante da equipe estavam se matando de trabalhar.

— Logo estarei bem—disse Gina ao senador.

E estaria, com toda certeza. Não se sentia nervosa apenas porque esse seria seu primeiro dia como participante de uma audiência do Congresso, mas porque o presidente da comissão dependeria de seu conhecimento em medicina para interpretar os testemunhos, que seriam prestados diante de câmeras para toda a nação.

Por causa disso, suas mãos estavam frias, as palmas suavam e o estômago parecia ter encolhido até o tamanho de uma noz.

Mas estava preparada: tinha um bloco, um suprimento de canetas e sua foto nova no crachá de identidade pendurado a uma corrente em volta do pescoço.

— Sei disso. Lembre—se: seu trabalho é ouvir e fazer anotações.

Alerte—me imediatamente... passe um bilhete ou cutuque meu ombro e sussurre... sempre que achar que alguém está tentando me ludibriar com jargão médico. E não esqueça: imediatamente. Não quero descobrir dias depois que alguém me enrolou. Sua função é manter a honestidade dos testemunhos médicos.

Ela levantou o bloco de estenografia e canetas. Não sabia estenografia, mas o bloco apropriado tinha um tamanho conveniente.

— Estou pronta!—Torceu para que sua voz estivesse denotando confiança.

Começava a sentir o peso da responsabilidade que assumira. E teria de carregá—la em público.

Assistira a audiências do Congresso na TV e vira auxiliares passando bilhetes ou sussurrando nos ouvidos dos membros da comissão; era difícil acreditar que estaria fazendo o mesmo hoje. O pai dela não iria à loja essa manhã para ficar em casa assistindo à C—SPAN.

O senador Marsden piscou para ela.

— E talvez quando isso acabar você possa escrever outro artigo mais justo para o Times— Picayune.

Gina sentiu um arrepio.

— Você sabe daquilo?

— Claro. Joe me mostrou logo depois da entrevista. O trabalho dele é descobrir tudo a respeito de todos que se candidatam ao meu gabinete.

— Eu temia que o senhor me rejeitasse por causa disso. Ele levantou e enfiou sob o braço uma pasta de arquivo estufada de papéis.

— Estou há quarenta anos no ramo. Sei que a pior coisa que você pode fazer é cercar—se de autômatos. É por causa disso que gosto de ter um advogado do diabo por perto.

Gina sentiu uma admiração repentina por este homem. Alicia o classificara como "um dos mocinhos", e agora Gina acreditava nela.

— Farei isso.

— Então vamos embora.

Magnífica, a sala de audiências era apainelada do chão ao teto com mogno lustroso. O teto esculpido não destoaria no Palácio de Versalhes — tinha quase seis metros de altura e era branco com desenhos azuis delicados, pintados à mão. Um tapete vermelho e felpudo estendia—se de parede a parede. Três janelas altas, que corriam quase até o teto, estavam decoradas com crepe preto em honra ao recém—falecido membro da comissão, o deputado Lane. Entre as janelas e o teto, por toda a extensão da sala, havia uma fileira de castiçais de parede, desenhados como tochas dignas do senado romano. Cada castiçal projetava um foco de luz no revestimento de mogno acima. Toda a mobília—o tablado curvo no qual os membros da comissão sentavam—se como cavaleiros a uma mesa semicircular, a mesa das testemunhas e as cadeiras dos visitantes — era em mogno, combinando com o revestimento das paredes. O couro vermelho dos

assentos e dos encostos das cadeiras — dispostas em fileiras para visitantes e testemunhas e encostadas contra a parede no fundo do tablado para os auxiliares dos membros da comissão — era do mesmo tom do tapete e dos marchetes de couro nos tampos das mesas de imprensa que ladeavam a sala.

Reinava o caos. Fotógrafos acotovelavam—se para conseguir a melhor posição no espaço que a eles era destinado, repórteres atravessavam a multidão de congressistas, testemunhas e visitantes, buscando comentários e ouvindo rumores, enquanto os técnicos da C—SPAN faziam os últimos ajustes em suas câmeras, uma próxima ao tablado e a outra no fundo da sala, bem ao centro.

— Gina seguiu o senador Marsden até o tablado — por que passar pela placa "Restrito a Membros e Assessores" fazia—a sentir—se tão especial?—e sentou —se na cadeira atrás de Marsden, bem no ápice do semicírculo. Jack estaria com ela. Charlie ficara no escritório.

Enquanto Marsden começou a arrumar os papéis, Gina olhou para a multidão e ficou chocada ao reconhecer um rosto. Duncan.

— Senador, tenho tempo de ir falar com uma pessoa?

— Claro—respondeu Marsden, apontando com a cabeça para a desordem à sua frente.— Levarei quinze minutos para pôr ordem nisto.

Enquanto descia do tablado, Gina sentiu alguém cutucar—lhe o ombro.

Outro rosto familiar — um que ficou muito satisfeita em ver.

— Gerry! O que faz aqui?

— Só passei para dizer olá.

— Mas como conseguiu entrar? Ele exibiu a identificação do FBI.

— Jamais subestime o poder do Departamento de Justiça. Eu sabia que esse era o seu grande dia e só queria desejar boa sorte. Teria mandado flores, mas...

— Oh, estou feliz por não ter mandado. Nunca sei o que fazer com elas.

Ele se inclinou e beijou—a na face.

— Acabe com eles, Gina. Ela abraçou—o.

— Obrigada. Isso é muito importante para mim.

E era mesmo. Ninguém mais lhe desejara sorte, ou mesmo imaginara que ela poderia estar ali. Observou—o sair, e então localizou Duncan no fundo da sala. Estava falando com um dos membros da comissão: o senador Vincent. Ambos pareciam ter a mesma idade e usavam ternos de corte semelhante, mas a figura esguia e o porte aristocrático de Duncan de algum modo deixava o senador parecendo um parente pobre. E o que o senador fizera no cabelo? Um permanente?

Ela cutucou o ombro de Duncan.

— Perdão, senhor — disse num tom de voz formal. — Tem um passe?

Duncan a saudou com um sorriso caloroso e pôs um braço em torno de seus ombros.

— Estava imaginando quando você apareceria. Senador Vincent, quero que conheça a mais nova assistente do senador Marsden, a Dra. Gina Panzella. Ela também é minha assistente cirúrgica. Assistiu—me na sua operação.

O senador Marsden olhou em volta, enquanto apertava a mão de Gina.

— Eu gostaria que você não...

— Não se preocupe, senador — disse Duncan. — Gina é a alma da discrição, como todos os outros membros de minha equipe. O senhor sabe disso.

— O senhor está com ótima aparência, senador—disse Gina, com absoluta sinceridade. Exceto pelo cabelo. Mas no que dizia respeito à cirurgia, o aprimoramento era notável. Era surpreendente como toda aquela carne redundante sob seu queixo o envelhecia. O senador parecia pelo menos quinze anos mais jovem.

Mas o cabelo... Argh!

— Então estou bem? Não há sinal que fiz... que alguma coisa foi feita?

— Nem um pouco—disse Duncan.—Prevejo que o senhor será a próxima estrela brilhante no firmamento da C—SPAN. O senador Vincent riu, nervoso.

— Estou falando sério — disse Duncan. — Depois do seu desempenho aqui hoje, o senhor aparecerá em todos os canais. Anote minhas palavras.

Naquele instante um bip soou. Duncan levou a mão ao bolso do casaco.

Gina o observou pegar o pager gigantesco, o mesmo que ela o vira usar naquele dia na entrada oeste do Capitólio... ... no dia que o deputado Allard caiu na escadaria.

— Ora, quem pode ser? — resmungou Duncan.

Ele olhou para a tela de mensagens e pressionou um botão. Naquele momento os alto— falantes da sala de audiências emitiram um uivo de feedback, e Gina notou o senador Vincent estremecer. Em seguida, começou a massagear a parte externa da coxa direita.

— Alguma coisa errada?—perguntou Gina.

— Não sei. Por um segundo senti como se tivesse levado uma picada de abelha. Mas estou melhor agora. — Olhou para o relógio pendurado na parede. —Vamos começar daqui a pouco. Com sua licença...

Gina se virou para Duncan, enquanto o senador Vincent se afastava.

— Algo importante? Duncan já guardara opager.

— Um dos meus companheiros de golfe. Provavelmente para confirmar a hora da nossa partida. E agora é minha vez de perguntar: quem era aquele

homem com quem você estava realizando uma manifestação pública de afeição?

— Gerry Canney. Um velho amigo do segundo grau. Agora é agente do FBI.

— E você abraça todos os seus velhos amigos de escola quando os encontra?

Gina enrubesceu.

— Ele é um pouco mais que um amigo.

— Entendo—disse Duncan, soerguendo as sobrancelhas. — Bem, fico feliz por você.

Gina olhou atentamente para Duncan. Havia algo diferente nele essa manhã. Parecia agitado. Como o dono de um puro—sangue antes de uma grande corrida.

— Adivinhe quem era a última pessoa que eu esperava ver esta manhã?

As sobrancelhas de Duncan se levantaram novamente.

— Eu? Não perderia este espetáculo por nada no mundo!

— É a entrada mais cobiçada da cidade. Como conseguiu?

— Considere por um momento os nomes no meu arquivo de pacientes, Gina, e me diga quem neste Circus Maximus tem melhores conexões do que este que lhe fala. — Apontou com a cabeça para o senador Vincent. — Foi o próprio senador quem conseguiu um passe para mim.

— Você provavelmente veria melhor assistindo à TV pela CSPAN.

— Nada se compara a estar realmente aqui. — Ele cheirou o ar. — Sente isso, Gina? O eflúvio do poder puro esperando para ser libertado? Droga da boa.

Gina riu.

— Tem razão.—Ela olhou para o tablado e viu os membros da comissão sentar—se.—Tenho de correr. Divirta—se, Duncan.

Seu sorriso pareceu forçado.

— Estou torcendo por isso.

Gina estava com as palmas úmidas quando subiu o tablado. Esperava não estar aparentando um décimo do nervosismo que sentia.

Como é, pessoal? Vamos parar com a embromação e botar esta joça pra funcionar!

Sabia que se sentiria melhor durante a audiência. Era a espera que a estava matando.

Checou o tablado. Todos os membros da comissão estavam em seus lugares, com exceção do senador Vincent. Onde estava ele?

Olhou para a parte baixa da sala de audiências e localizou o senador Vincent. Voltara para o lado de Duncan. Ela viu Duncan dizer alguma coisa ao homem e se afastar. Gina não conseguiu ver o rosto de Duncan, mas o senador Vincent parecia perplexo.

Gina teve uma sensação de déjà vu... Duncan... seupager... um comentário ao pé do ouvido...

Mordeu o lábio, enquanto o senador subiu o tablado e dirigiu—se até sua cadeira. Ela sabia que era tudo coincidência, mas queria saber o que Duncan dissera ao senador.

Porém, agora não era o momento adequado. Mas logo depois da audiência Gina encontraria uma forma de perguntar.

Duncan estava literalmente sentado na ponta da cadeira, os dedos entrelaçados entre os joelhos. Lutava para parecer calmo, para esconder a adrenalina que corria dentro dele.

Nada de fiascos hoje. Dessa vez tudo tinha de sair de acordo com os planos. As condições eram absolutamente perfeitas.

Esperara para ver onde o senador Vincent se sentaria antes de escolher seu próprio lugar. Quando viu Vincent se sentando a três cadeiras à direita de Marsden, Duncan escolheu um lugar no fundo da sala de onde teria uma visão perfeita do senador. Olhou o relógio. Faltapouco.

Enquanto Marsden punha a sala em ordem, Duncan observou Gina sentada atrás dele numa cadeira encostada na parede. Parecia tensa e rígida. Em seu discurso de abertura, o senador fez breves comentários a respeito dos membros ausentes, oferecendo condolências à família de Lane e desejando uma recuperação rápida ao deputado Allard. Em sinal de respeito, disse ele, as placas com seus nomes permaneceriam diante de seus lugares até que os substitutos fossem escolhidos.

Duncan sabia que estava desafiando a sorte ao tentar fazer isso com Gina ali, mas tinha poucas escolhas. Mais uma das reviravoltas perversas que vinham lhe afligindo ultimamente. Ainda assim, não havia como Gina poder ligá—lo ao que estava prestes a acontecer com o senador Vincent.

Ah, Gina, meu lindo cisne, olhe só para você. Está crente que pode influenciar o que será resolvido aqui, mas tudo será decidido de forma antecipada. Não será nesta sala que serão tomadas as decisões que determinarão se a medicina americana será exercida através de livros de culinária do governo e se os clínicos viverão soterrados sob montanhas de regulamentos, passando mais tempo preocupados em se esquivar de armadilhas burocráticas e penalidades do que cuidando da saúde de seus pacientes. Não, essas decisões serão tomadas em salas fechadas e corredores, onde um voto para a lei das Diretrizes será trocado por uma ponte ou um desvio de rodovia.

A primeira testemunha foi chamada: Samuel Fox, médico. — Típico, pensou

Duncan. O médico de estimação favorito do Congresso, o médico que odeia médicos.

Fox se fazia passar por um defensor do consumidor, mas não passava de um fanfarrão. A audiência estava correndo exatamente conforme o esperado.

Enquanto o prolixo Fox iniciava a leitura de um discurso, Duncan manteve os olhos fixos em Vincent, atento aos primeiros sinais.

Seus pensamentos retornaram ao dia que o deputado Hugo Lane aparecera em seu consultório. Isso acontecera no começo do ano, logo depois que o presidente instigara a anabiose da comissão. Alcoólatra notório, Lane procurara Duncan para remover as manchas em forma de aranha que se espalhavam pelo seu rosto e pela parte superior do tronco. Supostamente sol demais. Duncan logo reconheceu as manchas como angiomas arteriais, conhecidos no ramo como "flores de bêbado". Significavam um fígado gordo e cirrótico. Sol demais? JohnnyWalker demais, isso sim.

Precisara de toda sua capacidade de controle para não surrar o homem ali mesmo na mesa de exame. O maldito ébrio! Lane fora membro da comissão McCready original, um participante na devastação da carreira e da vida de Duncan, e nem mesmo lembrava dele.

Como dizia a velha canção: É tão fácil esquecerem de mim? Ele fizera parte do processo que matara Lisa e nunca nem mesmo ouvira seu nome.

Duncan lembrou de tê—lo fitado embasbacado. Temos um passado em comum, o tempo mais traumático da minha vida inteira, e você não tem a menor lembrança.

Se não estivesse furioso por terem revitalizado a comissão, e se Lane não tivesse sido indicado novamente para ela, Duncan poderia simplesmente ter explicado quem era, o que o deputado e seus comparsas tinham feito com sua vida e expulsado o bastardo a pontapés.

Mas, dadas as circunstâncias, Duncan respondeu: Sim, deputado. Sem problemas. Podemos cuidar de todas essas áreas afetadas pelo sol.

Cauterizaremos aveia central de cada uma delas com um laser ultrafino.

Fácil como cortar uma torta. Barbara marcará com. o senhor o dia e o horário da operação. Enquanto isso, arranjo uma coisinha extra para você. E assim o deputado Lane fora o primeiro. Duncan planejara fazê—lo de idiota perante seus colegas na embaixada francesa. Duncan estivera lá, observara e esperara, mas Hugo Lane se comportara como sempre: bebera demais, comera demais e falara muito alto. Talvez o culpado tenha sido todo aquele álcool em seu organismo, talvez seu fígado gordo não tenha filtrado a droga. Qualquer que fosse o motivo,

Lane permanecera normal até a hora em que dirigia de volta para casa. De acordo com as testemunhas, seu carro ziguezagueara pela estrada antes de bater contra uma barreira e descer por um barranco em Rock Creek Park.

Duncan ficou chocado e desanimado. Não queria que Lane morresse — ele devia apenas perder a razão numa sala cheia de colegas. E que talvez permanecesse insano por alguns anos.

Não havia por que temer que o pegassem. O nível de álcool no sangue de Lane era uma explicação plausível para o acidente. Mas mesmo se o médico legista tivesse procurado por outras causas, não encontraria nada. Os exames toxicológicos podem encontrar apenas aquilo que estão procurando, e ninguém procuraria pelo que Duncan pusera em Lane. Apenas algumas pessoas estavam cientes de sua existência.

Schulz fora o seguinte. Também esse deputado não tinha nenhuma lembrança do médico que sua comissão flagelara anos antes, nem conhecimento da adolescente que morrera em conseqüência disso. Duncan percebeu então por que eles não lembravam: aquilo jamais fora importante para eles.

Duncan Lathram era um nome num pedaço de papel entregue a eles por seus auxiliares cinco anos antes. Eles o insultavam, enquanto os microfones estavam ligados, mas nem pensavam nele entre as audiências e algumas semanas depois nem mais lembravam de seu nome.

Schulz... um mulherengo vaidoso e arrogante cuja tentativa de manter—se continuamente bronzeado acabara transformando seu rosto numa massa de rugas. Ele procurara Duncan por recomendação do bom amigo, o deputado Lane. Ele tentara alguns remédios, sem resultados. As rugas pareciam determinadas a ficar onde estavam. Será que Duncan poderia ajudar?

Claro, senador. Duncan alisou—lhe o couro enrugado e deulhe uma coisinha a mais.

Duncan não decidira ainda qual seria o lugar e o momento mais adequados para sua experiência com Schulz quando soube da morte do senador.

Duncan ficara intrigado até saber que a última coisa que o bom senador fizera antes de mergulhar para a morte fora submeter—se a fisioterapia.

Essa provavelmente era a explicação.

Ou talvez Schulz simplesmente tivesse a consciência pesada.

O que não era provável.

Mais uma vez, nenhuma perda para o mundo. Mas novamente ele fora privado da catarse pela qual ansiava.

Allard tinha sido o que chegara mais perto das intenções de Duncan, mas ele

também se mostrara um fracasso.

Hoje seria diferente. Duncan podia sentir isso nos ossos. E quando notou o canto da boca do senador começando a tremer, teve certeza absoluta.

Gina se inclinou e colocou outro bilhete na frente do senador Marsden.

Ela encontrara diversas brechas na exibição de estatísticas dúbias do Dr. Fox, mas estava passando para Marsden apenas os erros mais grotescos. O senador não teria tempo de considerar todos.

Enquanto recuava, notou um pequeno caroço na aurícula da orelha esquerda do senador. Lisa como uma pérola. Numa área exposta ao sol, aquilo era uma célula basal de carcinoma, até que fosse provado o contrário. Não era sua médica, e às vezes era delicado apontar um problema de saúde a alguém que não pedira isso, mas decidiu mencionar o assunto com Marsden depois.

Ouviu um lápis cair. Não, era uma caneta. Caíra perto do senador Vincent. Talvez ele a tivesse deixado cair, mas ele não pareceu notar.

Ela estava forçando sua atenção de volta para o Dr. Fox quando notou o senador Vincent pular na cadeira. Observou—o fazer isso de novo. Um movimento espasmódico, como se alguém o houvesse espetado com um alfinete, ou como se ele tivesse sentido subitamente um calafrio. A sala estava fria, mas Vincent parecia suar. Ele correu uma mão trêmula pelo cabelo cacheado.

Ele está bem?, perguntou—se Gina.

Observou—o mais um pouco, e ele pareceu acalmar—se. Nada mais de pulos ou estremecimentos. Mas continuava suando, e agarrando a ponta da mesa como se ela estivesse ameaçando flutuar até o teto.

Concentre—se no testemunho, disse Gina a si mesma. Esse é o seu trabalho aqui. Não a ressaca do senador Vincent ou o que quer que o estivesse incomodando.

Concentrou—se nas palavras de Fox e foi no meio de outra anotação quando...

— Um minuto, por favor. Desculpem—me.

Gina levou um susto. O senador Vincent interrompera de repente o Dr. Fox falando perto demais do microfone. Sua voz saíra estridente nas caixas.

— Sim, senador? — disse o senador Marsden em tom calmo.—Será que podemos permitir que o doutor termine sua declaração antes de questioná— lo?

— Não! — gritou Vincent, golpeando a mesa com o punho. Seus olhos estavam arregalados quando fitou o senador Marsden. —Não podemos fazer isso! Não enquanto esse filho da puta estiver denegrindo minha esposa!

Gina ficou intrigada. Fox estivera falando sobre superutilização de serviços.

Viu todos na sala virarem a cabeça na direção de Vincent.

Ambas as câmeras da C—SPAN giraram para focalizar Vincent, e os fotógrafos estavam ajustando os focos de suas máquinas para fotografá—lo. Os repórteres, até ali sonolentos, tinham voltado à vida e estavam rabiscando nos blocos ou digitando enlouquecidamente em seus laptops.

E no tablado ela viu os outros membros trocarem olhares intrigados.

Marsden parecia o mais preocupado de todos.

Ele limpou a garganta.

— Senador Vincent, não creio que o Dr. Fox tenha mencionado a esposa de alguém. Ele estava falando sobre...

— Não me diga o que ele disse ou não disse, seu moleque! — gritou Vincent —Eu já ouvia testemunhos quando você ainda mijava nas calças! E

não fique do lado dele contra mim!

— Senador—disse Dr. Fox da cadeira de testemunhas. Sua expressão denotava assombro e confusão. —Asseguro—lhe que em momento algum eu quis...

Vincent ficou de pé. Afastara—se do microfone agora, mas sua voz estridente atravessou a sala de audiências quando ele apontou um dedo trêmulo para Fox.

— Não minta para mim, seu merdinha! Claro que você quis! —Ele fez um gesto largo.— Todos ouviram você. Ouviram cada palavra. Ele fitou os visitantes, que estavam com os olhos arregalados e os queixos caídos. — Não ouviram? Não ouviram?

Silêncio... exceto pelos ruídos das câmeras e do sibilar de filme avançando.

Vincent começou a balançar a cabeça.

— Ah, então é isso. Vocês todos estão nisso juntos! Bem, não há problema. Eu irei apenas... — Súbito, voltou—se para o senador Marsden.

— O que disse?

Gina viu o senador Marsden recuar de susto. Não podia culpálo. A fúria nos olhos de Vincent era assustadora.

— Eu... eu não disse nada, Harold. Talvez devamos pedir um recesso até...

— Não! Nada de recesso!—Ele estava começando a cuspir saliva enquanto gritava.— Ninguém sai daqui! Nós vamos...

De repente ele enrijeceu. Os braços ficaram paralisados, enquanto a cabeça foi jogada violentamente para trás. Gina viu seus olhos voltarem—se para cima e percebeu que ele estava prestes a ter convulsões. Gina já levantara da cadeira e aproximava—se de Vincent quando ele caiu ao chão e começou a tremer.

Gina se agachou ao lado dele e segurou—lhe a mão trêmula. Os olhos estavam abertos, mas ele não via nada. Ela ouviu o sibilar do ar entrando e saindo por entre os dentes cerrados. Bom. Pelo menos ele não engolira a língua.

— Alguém chame a equipe de emergência! — gritou Gina. Ela afrouxou a gravata de Vincent, dobrou—a e colocou—a entre os dentes. O senador logo precisaria de uma dose de diazepam.

Ela olhou para cima e viu Samuel Fox em meio aos rostos e lentes de câmeras que começavam a formar um círculo em torno deles.

— Dr. Fox! Que tal me dar uma mão aqui? Fox não se mexeu. Ele balançou a cabeça.

— Não posso... eu nunca... nunca cliniquei.

— Fantástico — murmurou Gina.

De repente o senador Marsden estava ao lado dela.

— Os paramédicos estão a caminho. O que quer que eu faça? Gina abriu um sorriso rápido e agradecido.

— Segure os braços dele. Não tente impedi—lo de se mexer, apenas evite que faça movimentos muito bruscos para não fraturar um osso.

— Farei isso.

Levou um minuto — pareceu muito mais tempo — até que as convulsões parassem e os membros do senador Vincent relaxassem. O corpo ficou flácido. Os olhos se fecharam. Ele começou a arfar.

— Ele tem um histórico de ataques? — perguntou Gina ao senador Marsden, enquanto ele largava Vincent.

— Não que eu saiba. Se bem que isso não é algo que você diga a todo mundo quando tem uma vida pública.

Certo. Os eleitores talvez pensassem duas vezes antes devotar num epiletico. Mas e quanto a um comportamento paranóico estranho logo depois do ataque?

Os paramédicos finalmente chegaram. Enquanto colocavam o senador Vincent numa maca e o punham no soro, Gina lhes disse que ele sofrera um ataque e sugeriu que chamassem um neurologista imediatamente.

— Fiquem com dez miligramas de diazepam preparados para colocar no tubo intravenoso se ele se agitar novamente — disse—lhes enquanto estavam saindo.

Voltou—se para o senador Marsden.

— Obrigada pela ajuda.

Ele assentiu distraído, e em seguida olhou em volta.

— Nada como começar com um estardalhaço — disse com um suspiro.

— O senhor pedirá um recesso? Ele assentiu.

— Um recesso indefinido.

— Como assim?

Sua expressão estava sombria.

— Inaugurei as audiências com dois membros a menos. Agora temos três membros a menos. Estou com metade da comissão. Mesmo que o senador Vincent se recupere logo, não acho que deva aparecer diante das câmeras durante algum tempo. Concorda?

— Sim. Acho que sim.

— Portanto terei de esperar até que pelo menos um daqueles assentos vazios seja preenchido.

— Quanto tempo isso levará?—perguntou Gina, o coração afundando. Ela começara esse trabalho uma semana antes, e agora ele estava evaporando diante de seus olhos.

— Pode levar algum tempo.

A expressão de Gina deve ter revelado sua decepção. Ele sorriu e colocou a mão sobre o ombro dela.

— Não se preocupe. Terei trabalho para você enquanto isso. E quem sabe?

Talvez não tenhamos de esperar muito se eu conseguir envolver o presidente no processo. Ele quer este projeto de lei pronto antes do fim do ano. Talvez ele possa acelerar o processo.

O senador retornou até sua cadeira no tablado, bateu o martelo duas vezes e anunciou que as audiências estavam suspensas até segunda ordem.

Gina lembrou de Duncan. Procurou—o em meio à multidão, mas ele desaparecera.

Essa era a segunda vez que Duncan estivera presente quando alguma catástrofe caíra sobre um de seus pacientes congressistas.

O que ele teria dito ao senador Vincent minutos antes dele enlouquecer?

Gina teve o estranho pressentimento de que ele lhe dissera que se lembrasse de uma garota chamada Lisa.

Mais tarde, Gina retornou ao Edifício Hart pela passagem subterrânea e ficou surpresa em ver Gerry esperando por ela no átrio.

— Estou contente emvervocê.

Ela precisava de alguém com quem conversar, precisava repassar os eventos da manhã. Abraçou Gerry e sentiu a tensão nos músculos dele.

Gerry não parecia estar com humor para ser um bom ouvinte.

— Precisamos conversar. A expressão dele era séria, quase sinistra.

— Alguma coisa está errada?

— Talvez. Podemos conversar sobre isso enquanto almoçamos?

— Não é nada com Martha, é?

Ele a fitou, e então colocou a mão sobre seu ombro.

— Não. Nada a ver com Martha.

Os dois saíram do prédio. Enquanto caminhavam, Gerry tentou conversar sobre futilidades, mas não fez um bom trabalho.

O verão ainda não estava disposto a partir. O sol continuava alto e o ar quente. A um quarteirão e meio da Union Station, Gerry apontou para uma fileira de guarda—sóis brancos e vermelhos num pátio em frente a uma casa convertida em restaurante.

— Que tal o T—Coast? — sugeriu Gerry.

Gina olhou a placa: Tortilla Coast. Comida mexicana.

— Não é um Taco Bell, mas acho que dá para o gasto. Sentia—se agitada demais para comer, mas apenas sentar ao sol seria bom.

Os dois conseguiram uma mesa num canto perto da calçada.

— E então, qual é o problema? — perguntou Gina, quando a garçonete deixou—os com seus cardápios.

— Soube do senador Vincent.

— Foi horrível.

— Você se deu conta de que ele foi o terceiro membro da comissão a morrer ou ficar incapacitado?

— Sim. O senador Marsden e eu estávamos falando sobre isso ainda há pouco. Mas o quê...?

— Investiguei o senador Vincent. Chequei se fizera alguma cirurgia recentemente. — Ele parou, fitando Gina. —Você sabe o que vou dizer, não é?

Não era uma pergunta. O que ele estava procurando? Por que o FBI estaria interessado?

— Duncan.

— Certo. Agora são quatro.

— Quatro o quê?

— Quatro congressistas mortos ou incapacitados... dois senadores, dois deputados... todos pacientes de Lathram. Três deles membros da Comissão de Diretrizes. Será que o seu Dr. Lathram tem alguma coisa contra essa comissão?

Gina se sentiu subitamente um pouco tonta. Gerry estava tendo os mesmos pensamentos insanos que ela.

A garçonete voltou. Gina concordou em repartir o prato de nachos de Gerry e

pediu uma Pepsi. Considerando como fora a manhã, ela bem que gostaria de uma bebida mais forte—aprendera a gostar da Dixie quando estudava na Tlilane —, mas não queria aparecer no gabinete do senador à tarde com bafo de cerveja.

— Ele estava lá esta manhã, sabia? — disse Gina quando os dois ficaram a sós novamente.

— Quem?

— Duncan. E ele também estava na escadaria do Capitólio quando Allard caiu.

— Você estava lá? Não me contou isso. Ele estava perto de Allard?

— Está querendo saber se ele o empurrou? Pelo amor de Deus. Mas ele...— Ela hesitou um pouco, em dúvida se deveria mencionar isso.

Finalmente disse: —A última coisa que Duncan disse para Allard foi alguma coisa sobre Lisa.

— A filha dele? Aquela que...

— Cometeu suicídio. Acho que sim. Ele disse alguma coisa sobre uma jovem de dezoito anos chamada Lisa. Só podia ser ela.

Gerry ficou em silêncio por um momento.

— Investiguei sobre Lisa—disse enfim. —Vasculhei um pouco mais depois que li seu atestado de óbito. Consegui uma cópia do relatório do médico legista da polícia.

O coração de Gina começou a bater mais rápido.

— Está com você agora?

— Não. Está no meu escritório. Mas o li algumas vezes. Ele resume todo o histórico médico da garota. De uma coisa podemos ter certeza: Lisa Lathram era uma jovem problemática.

— Está dizendo que ela tentou antes? Ele assentiu.

— Duas vezes. Uma com pílulas. Outra cortando os pulsos com uma navalha.

Gina se mexeu na cadeira.

— Que horrível.

— Aparentemente, nenhuma das duas tentativas foi séria.

— Mas da terceira vez ela fez tudo certo.

— Foi uma verdadeira tragédia. Segundo o relatório, Lisa estava reagindo extremamente bem ao Prozac, que pelo visto era bastante recente na época. Então de repente... buml... alguma coisa aconteceu, e ela passou dos limites. Engoliu todos os velhos antidepressivos que vinha armazenando durante os anos. Mas a pior parte foi que isso não pareceu o bastante para matá—la. Apenas a

deixou entorpecida. Ela caiu sobre o corrimão da escada e isso a matou. O Dr. Lathram estava em casa e a encontrou.

— Ai, Deus! Pobre Duncan.

Isso explicava uma coisa: a mudança radical na vida de Duncan. Ele deve ter visto o mundo ruir ao seu redor.

Mas não explicava por que ele mencionara Lisa a Allard duas semanas atrás.

— Encontrou no relatório alguma pista sobre a conexão entre Lisa e o deputado Allard?

Gerry balançou a cabeça.

— Não que eu tenha visto. Claro, eu não estava procurando por uma. Vou tirar uma cópia para você. Mas enquanto isso... — Ele se inclinou para a frente. — Sei que Lathram coloca algum tipo de implante nos pacientes.

— Como... como sabe disso? Ele deu de ombros.

— Não é segredo. A FDA concedeu—lhes a aprovação para fazer estudos clínicos. O que há naqueles implantes, afinal?

— Apenas algumas enzimas e coisas do tipo. O propósito é reduzir a formação de cicatrizes.

— Bem, poderia haver alguma coisa errada com... Gina foi tomada por um impulso de defender Duncan.

— Gerry, ele tem mais de uma dúzia de casos por semana. Pessoas extremamente públicas. Se houvesse algo errado com os implantes, não existiria mais ninguém para ir a todas aquelas festas nas embaixadas.

— E se ele colocasse alguma coisa diferente em determinados implantes... ele poderia fazer certas pessoas...

— Está ouvindo o que está dizendo, Gerry? O Dr. Duncan Lathram está misturando em seus implantes alguma substância misteriosa que faz as pessoas ficarem bêbadas e baterem com seus | carros, cometerem suicídio, caírem de degraus ou terem ataques, Essa é uma droga bastante versátil.

— Quem está dizendo que tem de ser uma droga?

— Muito bem. Vou lhe dar então o benefício da dúvida. Mas apanhemos o senador Vincent como exemplo. Está dizendo que Duncan exerce sobre essa droga um tipo de controle que lhe permite determinar quando ela surtirá efeito? Como bem no meio de uma audiência? É isso que realmente acha?

Gerry se recostou na cadeira. Gina pôde sentir a frustração se apossando dele. Ele suspirou.

— Parece exagero, não é? — Ficou em silêncio por um momento, e então se inclinou para a frente de novo. — Mas algo não está cheirando bem, Gina. Não

posso lhe dizer como sei, mas estou sentindo nos ossos que tem alguma coisa errada nesta história.

— Sei o que quer dizer, mas é apenas uma série de coincidências. Duncan tem suas excentricidades, mas ele não é... não é...

— Olhe, só para calar a minha boca, poderia me conseguir uma amostra daquilo que ele coloca nos implantes?

— Não, Gerry. Não posso. A fórmula deles pertence a Oliver Lathram e não é patenteável. O que quer fazer com ela? Analisá—la?

— Apenas ver se há alguma substância tóxica nela.

— Posso assegurar—lhe que não há nada tóxico naquela solução.

— Já ouviu falar dos venenos binários?

— Não. Não entendo muito de venenos.

— Eles vêm em duas partes. Nenhuma das duas metades é tóxica por si mesma, mas quando se encontram na corrente sangüínea e se combinam... boorrú

— Muito interessante. Mas ainda não vou lhe arranjar uma amostra. Eu não poderia. Seria uma quebra de confiança.

Ele assentiu lentamente.

— Certo. Posso respeitar isso. Mas fique de olho no que acontece lá. E tome cuidado. Não quero que nada aconteça com você Alguma coisa acontecer com ela? Absurdo. Gina tentou amenizar o clima sorrindo e batendo continência para ele.

— Aye, capitão Queeg. E como gostaria de seus morangos, senhor?

Enfim um sorriso.

— Você me considera maluco, não é?

— Não mais do que eu.

— Vê? Fomos feitos um para o outro. Quer jantar comigo esta noite?

— Claro. Que tal na minha casa? Eu cozinho. Os olhos de Gerry brilharam.

— Mesmo?

— Traga Martha.

A luz nos olhos dele apagou um pouco.

— Eu... Pensei que talvez você...

— Claro que a essa altura já deve ter percebido que só aturo você para poder ver Martha.

— Posso suportar isso — disse Gerry. — Por você, suporto qualquer coisa.

Gina ficou sensibilizada. Pousou a mão sobre a dele, que apertou os dedos dela.

E então os nachos chegaram.

Mas enquanto Gina observava Gerry empilhar o prato, ela ouviu, Será que o seu Dr. Lathram tem alguma coisa contra essa comissão? Por que aquelas

palavras tinham voltado? Duncan tinha alguma coisa contra a Comissão de Diretrizes. Ele falava mal dela sempre que podia.

Mas de vez em quando Duncan falava mal praticamente de tudo e todos no governo. E isso não significava que declarara guerra a ele.

Ou significava?

Gina balançou a cabeça. Que pensamento absurdo.

Não Duncan. Ainda que isso fosse possível. E não era. Então por que considerar?

Mas pensando melhor, Duncan desaparecera imediatamente depois do ataque do senador Vincent. Sem oferecer ajuda. Exatamente como fizera quando Allard caíra. Não havia nenhuma especulação ali. Apenas fatos.

E esses a incomodavam.

* 18

GINA

Sexta—feira Gina estava de volta ao consultório de Lathram. Passou a maior parte da manhã assistindo Duncan em uma ritidectomia composta particularmente complicada, na qual todos os tecidos faciais encobertos são esticados como uma só peça. Normalmente, depois de uma operação tão longa, os tecidos faciais levam de cinco a seis semanas para desinchar.

Mas com a ajuda dos implantes de Oliver, esse distinto senhor de 62 anos voltaria às rodas sociais de Washington bem antes desse prazo.

Duncan estivera animado durante a cirurgia, cantarolando e fazendo piadas.

— Hoje não haverá sermões sobre o estado lastimável da nação, senhoras — dissera ele, em tom de desculpas. Ninguém reclamara.

Mais tarde Gina entrou no laboratório de Oliver com uma xícara de café, para matar um pouco de tempo antes de iniciar seus exames pré—cirúrgicos para os casos da semana seguinte. Reparou que Oliver estava com uma bandeja de implantes maiores sobre o balcão. A seringa vazia e a garrafa de uma solução salina normal colocada ao lado da bandeja explicava por que os implantes pareciam cheios.

Ela se inclinou sobre a bandeja para olhar melhor. Seriam os modelos novos mencionados por Oliver? Eram iguaizinhos ao modelo antigo.

— Olá, Gina.

Gina olhou para cima. Oliver estava passando pela porta, empurrando um carrinho.

— O que é isso aí?

— Uma unidade de ultra—som.

Gina olhou mais de perto. Não era do tipo usado para diagnósticos em casos de gravidez. Esse tipo era destinado a tecidos subcutâneos profundos. Em termos de potência havia muita diferença: enquanto a do outro era medida em megahertz, a deste aqui era em watts.

— Está pensando em iniciar uma carreira paralela como fisioterapeuta?

Ele riu.

— Não. Apenas testando a última fornada de implantes.

Gina ficou confusa.

— Com ultra—som?

— Claro. Apenas me dê um segundo para arrumar tudo que mostro a você. — Colocou o aparelho no balcão, ligou—o, ajustou alguns botões e em seguida segurou o cabo. — Preste atenção.

Oliver separou o implante do fim da fila, colocando—o no balcão a uns dois metros de distância da bandeja. Posicionou o cabeçote do ultra—som sobre o implante e pressionou o botão do cabo. O implante logo começou a tremer; um instante depois ele estava dissolvido, tendo deixado uma poça no balcão.

Oliver colocou outro implante na poça e recuou o cabeçote do ultra—som.

O implante dissolveu—se, e a poça de solução salina aumentou.

Refez isso várias vezes. Cada vez recuava mais o ultra—som, e cada vez aumentava a poça. Finalmente a solução salina alcançou a borda do balcão e começou a escorrer.

Gina observou, espantada.

— É incrível.

Caminhou até o balcão para olhar melhor. Apenas alguns fragmentos minúsculos de membranas de implantes permaneciam flutuando na poça.

— Como funciona?

— Alterei a matriz de proteínas cristalizadas — disse Oliver, enquanto desligava a unidade de ultra—som.—Tbrnei—a mais estável e resistente às enzimas dos tecidos corporais, mas fiz com que os cristais vibrassem e se dissolvessem ao ser atingidos por determinada freqüência de ultra—som. O resultado é que a membrana—implante se desfaz, liberando seu conteúdo.

— Brilhante.

— Na verdade, foi idéia de Duncan.

Em algum lugar no fundo da mente de Gina, um alarme soou uma nota aguda.

— De Duncan?

— Sim. Ele quer ter mais controle sobre o momento em que os implantes se dissolverão. Como ele diz, por que deixar a decisão a cargo das enzimas cutâneas e dos caprichos do sistema circulatório? Vamos desenvolver implantes que esvaziem quando desejarmos.

Gina lembrou o que dissera a Gerry depois da audiência da Comissão de Diretrizes, no começo da semana. E essa toxina miraculosa não apenas seria capaz de fazer tantas coisas diferentes, mas Duncan precisaria de uma espécie de controle que lhe permita determinar quando ela surtirá efeito.

Naquele momento isso soara absurdo, mas os meios para esses fins agora se achavam bem à sua frente.

— E... Duncan já está usando esses implantes?

— Ainda não. A FDA deu—nos sua aprovação para testes clínicos apenas com os implantes originais.—Ele abriu um sorriso. — A Receita Original, por assim dizer. Teremos de passar mais uma vez por todo o processo de aprovação para a membrana nova.

— Ah. Então essas são o último modelo.

Que alívio. Duncan não poderia ter usado os novos implantes se ainda não existiam na época da cirurgia. Mas o alívio durou pouco.

— Na verdade, não. Venho trabalhando nessas há quase um ano. E ainda não estão aperfeiçoadas.

Gina engoliu em seco.

— Para mim, estão funcionando perfeitamente.

— Mas ainda não tão bem para Duncan. Ele quer uma membrana mais estável, uma que durará quase indefinidamente até ser atingida pela freqüência certa de ultra—som.

— Você vê algum propósito clínico nisso? Oliver balançou a cabeça.

— Não. Mas o médico não sou eu, e sim Duncan. Ele sabe o que quer.

Gina ajudou Oliver a enxugar a solução salina com toalhas de papel, mas o tempo todo seus pensamentos ficaram girando em círculos loucos. Ela tentou contê—los, impedi—los de continuar fluindo. Tinha de tentar uma abordagem lógica, como se estivesse fazendo um diagnóstico complicado.

Delinear primeiro os fatos e depois encontrar as conclusões.

Muito bem: Duncan tinha os meios para implantar algum tipo de toxina dentro dos pacientes e liberá—la quando quisesse.

Não, quando quisesse, não. Ele precisava atingi—la com som de uma freqüência extremamente elevada. Para ser o responsável pelo que acontecera ao senador Vincent, Duncan teria de ter entrado na sala de audiências empurrando uma máquina de ultra—som e tê—la apontado para o senador.

Ridículo.

Ainda assim, a demonstração do ultra—som deixara Gina intrigada.

Ela foi procurar Duncan. Esquecera de perguntar a ele se poderia fazer algumas horas extras até que as audiências recomeçassem. E precisava conversar com ele para se tranqüilizar.

— Ele já saiu—disse Barbara a Gina quando ela bateu à porta do consultório de Duncan.

— Com o misterioso Dr. V, suponho?

— Não. O Dr. V já não aparece há algum tempo. O Dr. D. disse que estava indo para o campo de golfe.

— Droga. Queria falar com Duncan antes dele sair.

— Ele não vai demorar muito. Posso tentar ligar para o telefone do carro dele.

Barbara digitou alguns números, esperou um pouco e desligou.

— Ninguém atende. Posso mandar uma mensagem para o pager dele.

— É melhor não. Não quero que ele saia do campo de golfe apenas para falar comigo. Não é tão importante assim. Qual é o número do clube?

Talvez ele ainda esteja na sede.

— Quer que eu ligue para você?

— Não. obrigada. Eu mesma ligo.

Barbara procurou o número e o anotou no papel.

Gina usou o telefone da sala de registros. Primeiro tentou o restaurante do clube, mas ele não estava lá. Em seguida, tentou o setor de esportes. Talvez conseguisse pegá—lo antes do início da partida.

— Dr. Lathram? — perguntou o caddil chefe. — Ele não reservou o campo.

— Talvez esteja jogando com outra pessoa.

— Poderia ser, mas não vejo o doutor há meses.

— Tem certeza?

— Moça, estou aqui quase todo dia. O Dr. Lathram é membro do clube desde que recordo, mas já faz uns bons seis meses desde a última vez que coloquei as bolsas dele num carrinho. Mas se quiser, dou seu recado quando o doutor aparecer.

— Não — disse Gina. — Deixe para lá. O que significava isso? pensou Gina ao desligar. Quando não estava atacando a caquistocracia, Duncan falava sem parar de suas tacadas, de seus pontos, e sempre reclamava das condições do campo.

O que então ele vinha fazendo às quartas?

Obviamente, não estava jogando golfe. Sobre o que mais vinha mentindo?

Gina se sentiu inquieta. Não gostava da idéia de Duncan mentir, para ela ou para qualquer outra pessoa.

Por impulso, subiu as escadas e voltou ao escritório de Duncan.

— Deixei alguns papéis sobre a mesa dele — disse a Barbara, enquanto passava por ela.

Que maravilha, pensou ao abrir a porta. Agora também estou mentindo.

Tensa e culpada, sentindo—se uma ladra, Gina caminhou até a mesa de

Duncan e puxou a gaveta superior. Esta não abriu. Trancada. Merda!

Deixou—se cair na cadeira de Duncan e ficou movendo—a para frente e para trás, enquanto pensava no que fazer.

O que, em nome de Deus, estava acontecendo ali? E o que ela poderia fazer? Aliás, deveria fazer alguma coisa?

Talvez não fosse nada demais, mas teve de se perguntar: Duncan tinha alguma relação com o que acontecera com aqueles quatro congressistas mortos ou inválidos?

Provavelmente, não. Suas mortes, acidentes e doenças não estavam realmente relacionadas... tudo era apenas uma sucessão daquelas coincidências esquisitas que acontecem de vez em quando... o tipo de coincidência que gera as teorias de conspiração.

Ainda assim, por que estava mentido sobre para onde ia depois do escritório nas tardes de quarta? E será que isso era realmente importante?

Mas ela observara um frasco de injeção de alguma coisa na gaveta superior da mesa de Duncan; também algum tipo de trocarte. Por que estavam ali? O que havia naquela garrafa? Por que ele mantinha a gaveta fechada?

Merda! Odiava duvidar de Duncan daquele jeito. Mas por que ele não estava onde dizia estar? Onde estaria ele?

Duncan removeu as bandagens do rosto de Kanesha e estudou o trabalho realizado. Segurou—a pelo queixo e gentilmente virou—lhe a cabeça para frente e para trás.

A menina, através de reflexo, levou a mão ao rosto para esconder a área da cirurgia.

Duncan empurrou gentilmente a mão da menina e pressionoua contra seu quadril.

— Não precisa mais fazer isso, Kanesha.

A camada grossa e comprida de tecido cicatrizado, que antes dividia a parte esquerda da boca, sumira. Havia agora um par de incisões finas como fios de cabelo e um ângulo de boca de aspecto normal. Duncan parecia satisfeito, mas precisava fazer o teste mais importante.

— Sorria para mim, Kanesha.

Mais uma vez a mão subiu ao rosto para cobrir o canto da boca. Ela olhou para a mãe. Sua expressão dizia me tira daqui.

— Vamos, Neesh—disse a mãe.—Sorria para o Dr. Duncan. Duncan empurrou novamente a mão da criança para baixo e se levantou, permanecendo parado ao lado dela. Virou—a para o espelho na parede.

— Olhe para aquela menina ali. O que pensa dela?

Kanesha olhou para si mesma em silêncio durante um momento, e então se inclinou para olhar mais de perto. A mão esquerda dela apareceu de novo, dessa vez não para cobrir, mas para tocar, para confirmar que o que via era real.

Duncan a observou, torcendo por um sorriso. O sorriso era importante. A cirurgia de Kanesha fora bem mais difícil do que ele previra. O tecido cicatrizado era mais profundo que o usual. Não apenas precisara retirar todas as camadas subcutâneas, como também fazer uma reconstrução parcial da musculatura externa. Um sorriso era a única forma de saber o quanto ele fora bemsucedido.

— E então? — instigou Duncan. — Não me mantenha em suspense, menina.

Kanesha Green tem algum motivo para sorrir ou não?—perguntou.

Ele cutucou as costelas da menina para fazer—lhe cócegas. Ela deu uma risadinha, que se tornou um sorriso. Um enorme sorriso, radiante e até simétrico.

Parou de rir e olhou para si mesma. O sorriso sumiu por um segundo, enquanto se inclinou para a frente, olhos bem abertos, e então retornou com força total.

Virou—se para Duncan, sorrindo. Felicidade e assombro dançavam em seus olhos negros. A mãe irrompeu em lágrimas e caminhou até a filha. Mas Kanesha fez o inesperado. Inclinou— se para a frente, jogou os braços em torno do pescoço de Duncan e o abraçou. Um instante depois a mãe também chorava abraçada a Duncan.

— Oh, muito obrigada, Dr. Duncan! Muito obrigada! A situação estava ficando um pouco embaraçosa.

— Calma, calma, senhoras — disse ele, desembaraçando—se do emaranhado de braços.— Demos um grande salto, mas ainda não terminamos.

— Não terminou?—perguntou a mãe, enxugando os olhos. — Ela está linda!

— Claro que está. Mas ainda não está completamente crescida. E parte da cicatriz pode reaparecer nos tecidos mais profundos. Daqui a alguns anos posso querer fazer mais uma pequena operação. Eu a quero perfeita.

— Ela parece perfeita agora! Oh, Dr. Duncan, se eu puder fazer qualquer coisa para recompensar o senhor, qualquer coisa mesmo, é só...

Duncan pousou a mão no ombro de Cindy Green.

— Apenas mantenha esse sorriso.

— Não, falo sério.

— E eu também. Mantenha sua filha segura, proteja sua saúde e seu sorriso. Filhas são... — Sua voz embargou. Ele limpou a garganta.—Filhas são preciosas.

Não quero descobrir que fiz esta cirurgia em vão.

— Vou protegê—la—prometeu, segurando a mão de Duncan. —Eu juro.

— Bom! — Duncan se empertigou e colocou Kanesha no chão. —Ao saírem, falem com minha secretária. Ela lhes entregará uma pasta medicamentosa e dirá como usá—la. Quero ver Kanesha na próxima semana.

Cindy Green estava chorando novamente.

— Dr. Duncan...

— Orávamos, orávamos — disse ele, guiando—as até a porta. — Vocês estão perdendo tempo. Leva—a para casa e deixe Kanesha mostrar seu sorriso para todos.

Isso vai ensiná—las a não duvidarem de mim, pensou, enquanto as observava sair.

— Muito bem, Marge—exclamou Duncan. — Chame o próximo. Precisamos nos apressar.

Não tinha o dia todo.

Começou como um capricho, evoluiu para uma compulsão, e pelo meio da tarde Gina estava na seção de periódicos da Biblioteca Pública de Alexandria.

Lisa Lathram... tinha de haver mais alguma coisa sobre Lisa Lathram. E onde melhor encontrar isso do que na cidade onde ela tinha vivido e morrido?

Para sua decepção, o obituário do Alexandria Banner era idêntico ao doPost. Mas um breve comentário a respeito de sua morte mencionava que o pai dela estava sendo investigado pelo Comitê de Ética Médica do Estado de Virgínia.

Gina ficou rígida na cadeira. Duncan? Investigado? Por qual motivo?

Começou a passar os olhos pelos exemplares microfilmados do Banner.

Felizmente era um jornal pequeno e com poucas páginas. Sempre que encontrava alguma menção a Duncan, Gina fazia uma fotocópia da página e colocava—a ao lado. Quando as referências a Lathram pararam, Gina reuniu as cópias e leu—as em ordem cronológica.

A primeira matéria apareceu cerca de três meses antes da morte de Lisa.

Metade da primeira página do Banner dedicava—se a Duncan, acusando—o de haver apresentado à previdência social, durante o ano anterior, custos pela realização de cirurgias vasculares que somavam mais de um milhão de dólares. Um editorial na mesma edição categorizava—o como um exemplo perfeito da "cobiça desenfreada na profissão médica."

Gina balançou a cabeça, estupefata. Um milhão... um monte de dinheiro, mesmo para um cirurgião vascular. Mas apresentar ao governo uma conta de um milhão não significava que se receberia um milhão. A previdência social só

pagava uma fração do que era cobrado. E mesmo se pagassem tudo, e daí? Observara como Duncan trabalhava quando era cirurgião vascular. Se cobrava um milhão era porque merecia um milhão.

O artigo a seguir descrevia como um grupo pelos direitos ; dos pacientes estava circulando petições por uma investigação do Dr.

Lathram para determinar quantas — não se, mas quantas — cirurgias desnecessárias ele realizara. As petições foram apresentadas ao Comitê de Ética Médica do Estado de Virgínia. Logo o Banner estava anunciando na primeira página que o Dr. Duncan Lathram estava sendo investigado pelo Comitê por suspeita de conduta indevida e fraude. Em seguida, veio um artigo revelando que a unidade de apuração de fraudes da previdência social estava conduzindo uma auditoria dos arquivos do consultório de Duncan.

Deus, que coisa horrível, pensou Gina. Como era humilhante ter todos esses investigadores remexendo os seus arquivos, provavelmente enquanto havia pacientes na sala de espera. E então, a morte de Lisa. E depois daquilo... nada.

Onde estava o final? Onde estavam as conseqüências? Não conseguiu achar uma única menção em qualquer parte. Teria Duncan perdido a licença em Virgínia? Teria sido por isso que ele estava agora em Chevy Chase?

Só havia uma forma de descobrir. Ela olhou o relógio. Ainda havia tempo de ligar para o Comitê de Ética Médica de Virgínia.

Depois de quatro telefonemas, Gina finalmente conseguiu achar a secretária executiva, a Sra. Helen Arnovitz. Perguntou se Duncan Lathram ainda tinha permissão de clinicar naquele estado; e caso afirmativo se ele sofrera qualquer tipo de punição disciplinar.

Helen a deixou esperando e retornou um minuto depois.

— Sim, ele ainda tem a licença e não recebeu nenhum tipo de punição. Mas lembro bem desse caso. O comitê conduziu uma investigação pela possibilidade de fraude na cobrança de atendimento médico à previdência social e pela realização de cirurgias desnecessárias.

— E...

— As acusações foram consideradas infundadas. O comitê foi obrigado a investigar devido a algum tipo de publicidade negativa que o Dr.

Lathram estava sofrendo, mas não descobriu nenhum sinal de conduta indevida. Quando os resultados da auditoria da previdência social voltaram limpos, nós o isentamos completamente.

— Então foi uma tempestade em copo d'água.

— Para nós, sim, mas não para o pobre Dr. Lathram. Gina enrijeceu.

— Mesmo? Por que não?

— Sua clientela diminuiu tanto, que ele teve de fechar o consultório.

Soube que ele está indo muito bem agora em Maryland, mas foi uma pena nosso estado ter perdido um grande cirurgião vascular.

— Tenho certeza que foi. Obrigada.

Gina desligou, recostou—se na cadeira, fechou os olhos. Seu coração doía por Duncan.

Humilhação pública, a morte da filha, o fechamento do consultório, divórcio... tudo no mesmo ano. Por que isso tinha acontecido? O que começara tudo isso? Era o bastante para deixar qualquer um... ... louco.

Não. Isso não era justo. Duncan era tudo, menos louco. E nada disso tinha qualquer conexão com Schulz, Lane, Allard e Vincent. Pelo menos nenhuma conexão que ela conseguisse ver.

Então por que se sentia aliviada?

Era mais do que isso. Tinha de ser. Mas onde procurar?

Não havia tempo para isso agora. Tinha plantão em Lynnbrook essa noite.

Esperara que essa pequena viagem de pesquisa a tranqüilizasse, mas acabou deixando—a mais tensa.

Só uma coisa para fazer. E ela se odiava por fazer isso.

Gerry estava no cubículo que lhe servia de escritório, olhando para o desenho feito por Martha de um cavalo amarelo — sem dúvida um eqüino de cor diferente. Ele devia estar arquitetando uma forma de pegar o tio do senador Shulz como cúmplice na lavagem de honorários. Em vez disso, estava pensando sobre a morte de três membros da mesma comissão. Quais seriam as possibilidades disso ter acontecido por acaso? Especialmente quando todos eles haviam realizado cirurgias com o mesmo médico.

O telefone tocou. Era a recepcionista da área de visitantes.

— Tem uma Dra. Panzella querendo ver o senhor. Ele quase deixou cair o telefone.

— Quê? Dra. Pan... ela está aí? Agora?

— Sim. Está aqui bem na minha frente.

— Vou já para aí.

Gerry pegou o paletó do terno e correu até os elevadores. Pressionou o botão de descer, mas como o elevador não chegou imediatamente, decidiu ir pelas escadas. Apenas três andares. Moleza.

Chegou correndo na sala de espera e deparou com Gina. Parecia tensa.

— Gina? Alguma coisa errada?

— Aqui. Isto é o que você queria.

Ela entregou—lhe um pacote — alguma coisa dentro de uma sacola de papelão.

— O que eu queria?

Atônito, enfiou a mão dentro da sacola e tirou um tubo de ensaio cheio de um líquido transparente. Havia também uma folha de papel impressa em computador.

— Não entendi.

— É isso que Oliver Lathram coloca nos implantes do irmão.

— Espere aí, eu não...

— Analise isso, Gerry. Satisfaça sua curiosidade, resolva suas suspeitas e depois me diga o que achou. Aí está uma lista do que supostamente há na solução. Veja se as análises combinam.—Estava rígida, com um olhar triste.

— Gina, o que há de errado?

— Não gosto do que estou fazendo, Gerry. Não estou sentindo nenhum orgulho por ter tirado isso do laboratório de Oliver.

— Mas você não precisava. Eu estava apenas...

— Você me fez começar a pensar. Deixou—me preocupada. Agora também quero saber.

— Sinto muito.

Ela ia começar a dizer alguma coisa e então pareceu mudar de idéia.

Parecera que ia falar e deve mesmo, mas Gina acabou dizendo: — Tudo bem. Você só está fazendo seu trabalho. Ele ofereceu—lhe o tubo.

— Se quiser pode levar de volta. Ela balançou a cabeça.

— Agora é tarde demais.

A tensão entre os dois estava tão intensa que Gerry imaginou que não haveria como abrandá—la.

— O jantar naquela noite foi ótimo. Você é uma grande cozinheira.

— Estou contente por você ter gostado.

Nenhuma reação positiva. Ele teria de usar todos os seus trunfos.

— Martha adorou. E ela te ama.

As feições de Gina relaxaram. Finalmente.

— E eu a amo—disse Gina. Em seguida apontou para o tubo de ensaio. — Mas me conte sobre essa coisa assim que descobrir algo, Gerry. É muito importante para mim.

— Não se preocupe. Te ligo assim que souber alguma coisa. Mas no meio tempo, que tal jantarmos esta noite?

Ela meneou a cabeça.

— Tenho plantão noturno no Lynnbrook. —Virou—se e começou a sair. — Me dirá mesmo assim que souber, não é?

Gerry levantou três dedos no estilo do juramento dos escoteiros.

— Prometo.

Claro que prometo, pensou. Porque posso ver que você ficará muito tensa até eu fazer isso.

Enquanto subia para pegar um formulário de requisição de laboratório, Gerry não soube se deveria se sentir eufórico ou deprimido. Tinha uma amostra da solução de Lathram, mas também deixara Gina terrivelmente irritada. O prêmio valeria o sacrifício? Se a análise revelasse uma toxina, como diria isso a ela?

Mas ele deveria. E iria tirá—la da clínica de Lathram tão rápido, que os ouvidos de Gina zuniriam.

Gina encontrou o Dr. Conway na sala dos médicos do Lynnbrook Hospital.

Ele estava de saída. Cumprimentou—o com um aceno de cabeça. Gina não parava de pensar no molho secreto de Duncan e Oliver; Conway quase já havia passado por ela quando Gina percebeu que não o via desde a morte de Harriet Thompson.

— Soube da morte de Harriet Thompson. Sinto muito.

— Sim—respondeu com um suspiro. Parecia deprimido. — Eu também. Mas há algum advogado na cidade que parece realmente feliz com isso.

— Ai, não! Você está sendo processado? Ele assentiu.

— Por negligência médica. A filha dela, aquela que não podia sair de San Diego para ficar com a mãe durante alguns dias, contratou um advogado tão logo chegou à cidade. Deve ter ligado para o "Disque—Processar Médicos." Ninguém perde a oportunidade de faturar um pouco, não é mesmo?

Gina não pôde entender a calma dele.

— Por que ela não processou o conselho do hospital?

— Você não sabe? Os conselhos hospitalares são imunes a processos por negligência. Só restava eu.

Gina ficou tão embaraçada quanto furiosa. Sem saber mais o que fazer, colocou a mão sobre o ombro de Conway.

— Não se preocupe. Você vai vencer.

— Claro — disse ele. Não havia humor em seu sorriso. — Aposto que você mal pode esperar para começar a clinicar.

Ele saiu.

* Semana de oito de Outubro

* 19

NO CAPITÓLIO

— Precisa aprender o jogo, Hugh.

Gina parou diante da porta fechada do escritório do senador Marsden. O dia inteiro sua mente estivera longe, concentrada apenas no resultado da análise do molho secreto de Oliver. Temia profundamente que houvesse alguma coisa incriminadora nele.

A espera a atormentava. Gina mal conseguia concentrar—se em qualquer outra coisa, mas o tom conspirativo naquele comentário despertou sua curiosidade. Sabia que o senador Kramer chegara para uma reunião. As vozes dos dois políticos não pareciam alteradas, mas ainda assim Gina pôde sentir uma tensão entre eles.

A voz do senador Marsden denotava apreensão.

— No dia que eu começar a pensar no Senado como um jogo desistirei de tudo.

— Eu também era todo certinho nos meus tempos de calouro — retrucou Kramer.— Mas eu aprendi. E se você quiser conseguir seus intentos nesta cidade, terá de aprender também. Se não aprender a fazer o jogo, vai afundar depressa.

— Não sou a favor da redução das taxas de importação no momento. Não acho que estejamos precisando disso agora.

— Sinto imensamente ouvir isso, Hugh. Porque é importante para meu pessoal.

— Então minha posição contra suavizar as restrições à importação afetarão seu voto no projeto de lei das Diretrizes?

— Oh, não colocaria isso dessa forma. Digamos que não decidirei nada até que seu projeto de lei saia da comissão.

— Estou entendendo.

— Uma mão lava a outra, filho — disse Kramer, subitamente informal. — É o que faz as engrenagens girarem. Meu compromisso é manter o pessoal da minha terra feliz e próspero.

— Que tal simplesmente colocar seu voto em alguma coisa porque é a coisa certa a fazer?

Gina ouviu uma cadeira arrastar no chão.

— Porque o certo para você pode não ser para mim. Conversaremos de novo,

Hugh.

Não querendo ser vista com o ouvido grudado à porta, Gina voltou a andar.

Enquanto caminhavam até o refeitório do Senado no andar térreo do Edifício Dirksen, Gina contou a Alicia o que escutara. Os edifícios Hart e Dirksen eram anexos, mas as paredes do Dirksen eram de tijolo aparente e suas portas de carvalho, em contraste absoluto com a decoração anti—séptica do Hart.

— Não estou surpresa—disse Alicia. Pegou um pouco de salada de atum e uma Pepsi diet. — Muita gente no Capitólio acha que ele não fala sério.

E os que sabem que ele fala sério não confiam nele.

Gina escolheu peito de peru com molho e um Mountain Dew.

— Pode explicar isso?

Alicia olhou em volta em busca de uma mesa.

— Se ficarmos sozinhas eu conto os fatos verdadeiros.

— Fatos verdadeiros? Quer dizer, em oposição ao outro tipo?

— Exato.

Encontraram uma mesa num canto. Alicia se sentou com as costas para a parede e permaneceu observando a sala atentamente, enquanto conversavam.

— Antes de mais nada, você precisa saber que o senador Marsden irritou muita gente ao chegar na cidade com um prazo auto—imposto. Segundo ele, dependendo do quanto conseguisse, serviria apenas um mandato, e positivamente não mais de dois. Isso não é coisa que se diga aqui.

— O que há de errado com isso?

— Por que limites de mandatos é um assunto muitíssimo delicado nesta cidade. Os membros gostam de imaginar que foram eleitos para a vida inteira.

— Como podem? Os congressistas precisam se candidatar novamente a cada dois anos.

— Bem, como ouvi um membro dizer a outro lá nos anos oitenta: "Você precisa ser um grande panaca para perder este trabalho." Todo político eleito tem noventa e cinco por cento de chance de se reeleger.

— Uau.

— E lhe digo uma coisa, Gina: depois que chegam aqui, não querem mais sair. E quem pode culpá—los? Tornam—se parte do governo mais poderoso do mundo. E o mais caro. Cada congressista ganha mais de dois milhões anuais em salários e privilégios. Nenhum outro governo chega perto disso. E os poucos panacas que por algum motivo não conseguem ser reeleitos não voltam para casa... são contratados aqui como lobistas.

Chamam isso de febre do rio Potomac. Acho que não tem cura.

— Acha que o senador Marsden vai acabar contraindo essa febre?

— Talvez. Nunca se sabe. Acho que é sincero quando fala que não pretende permanecer aqui por mais de dois mandatos. Mas faço parte da minoria. O restante do Capitólio acha que isso é pose. Uma tática de parecer melhor que os outros para conseguir polpudos fundos mais adiante. Todos estão observando, esperando para ver se essa tática vai funcionar.

— Isso é repugnante — disse Gina. — Por que você agüenta isso tudo? Por que está aqui há tanto tempo?

Alicia encolheu os ombros. Seu sorriso foi tímido.

— Febre do rio Potomac. Nós auxiliares também não estamos imunes. Quem sabe? Talvez você acabe contraindo essa doença também. Talvez já esteja com ela.

Eu não, pensou Gina. Sou imune a esse tipo de coisa. De repente se sentiu insegura. Pelo menos espero ser.

Gina estava arrumando sua área de trabalho, preparando—se para dar por encerrado seu expediente como auxiliar legislativa e colocar o chapéu de médica. Mais um dia escrevendo relatórios sobre padrões de classificação e utilização. O mais frustrante é que nem sabia se alguém chegaria a lê—los. Também estava fazendo um relatório por iniciativa própria, usando o caso de Harriet Thompson como um paradigma do lado negativo das diretrizes de tratamento. Esperava que o drama de Harriet servisse para demonstrar o preço que se paga em vidas humanas quando as diretrizes são implementadas de forma mecânica.

E talvez no processo ela pudesse ajudar o Dr. Conway.

Alicia entrou esbaforida.

— Consegui um talvez do senador Hirsch—disse, enquanto passava.

— Só um talvez? —Aquilo surpreendeu Gina. Hirsch sempre parecia ter algo a dizer sobre política de saúde. —Achei que ele não perderia a chance de entrar na comissão.

Alicia reduziu o passo mas continuou andando.

— É uma comissão mista, não uma coisa permanente. Além disso, se Hirsh se comprometer conosco, poderá prejudicar sua posição nas outras comissões com as quais está envolvido. E essas comissões, sim, garantem polpudas verbas e de longo prazo.

Gina não conseguiu esconder sua irritação.

— Mas que merda! Tudo tem a ver com dinheiro?

— O senador Mark Hanna disse uma coisa que é bom guardar na memória quando se trabalha no Capitólio: "Há duas coisas importantes na política. A primeira é dinheiro... e não consigo lembrar qual é a segunda." E foi um deles

quem disse isso. Mas o que realmente move este lugar é a influência. É a influência que gera doações para campanhas. E

são as doações para campanhas que ajudam os políticos a voltar para outro mandato.

— E assim você pode aumentar sua influência—completou Gina, sem entusiasmo.

Alicia riu e fez um sinal de muito bem para Gina.

— Está pegando o espírito da coisa!

— Tenho medo de estar — murmurou Gina, enquanto Alicia desaparecia no corredor. Nesse instante o telefone com o selo do Senado tocou. Era Gerry.

— O relatório chegou. Gina se levantou da cadeira.

— Achei que tinha dito que só chegaria amanhã!

— Sua lista ajudou. É muito mais fácil identificar compostos quando se sabe o que está procurando. Além disso, falei que era para alguém muito importante. Eles suaram bastante.

Mesmo nervosa, Gina não conseguiu conter um sorriso. Gostava mais desse homem a cada dia.

— E?

— E a análise combinou perfeitamente com a lista. Não há nada que não deveria constar ali.

Gina se sentou de novo, deixando—se afundar na cadeira. Sentiu—se subitamente fraca. Estava tão feliz que poderia ter chorado ali mesmo.

— Gina? Está aí?

— Sim — disse suavemente. — Obrigada, Gerry. Não sabe o quanto foi bom ouvir isso.

— Que tal jantarmos esta noite? Não é uma boa idéia?

— É uma pena, mas esta noite estou no Lynnbrook. — De repente ocorreu— lhe uma coisa. — Mas tive uma grande idéia. Por que não vem comigo à casa dos meus pais na terça à noite? É o Dia do Descobrimento da América, e papai sempre comemora. É uma loucura. Você vai adorar. E traga Martha. Vai haver muita massa e quase nenhuma carne.

— Estamos combinados.

Alguns minutos depois Gina estava a caminho do escritório do senador Marsden, sentindo como se todo o peso do mundo tivesse saído de cima de seus ombros. Duncan e Oliver estavam limpos.

Uma preocupação a menos.

* 20

DIA DO DESCOBRIMENTO

No Dia do Descobrimento da América, Gerry e Martha foram recebidos de forma efusiva no feudo do clã Panzella. Gina sabia que as boas—vindas teriam sido mais discretas caso seus pais tivessem percebido que Gerry era mais que um velho colega de escola.

Gina contara antes aos pais que Gerry era viúvo. Isso provavelmente não era necessário, mas nunca se sabe. Papa tinha uma tendência a dizer o que lhe vinha à cabeça, ainda mais depois de ter bebido um pouco. Gina não duvidava que ele perguntasse a Gerry onde estava a mãe de Martha.

Papa estava ansioso por conhecer Gerry. Lembrava vagamente de seu nome do time de futebol do ginásio Washington—Lee, e estava intrigado com o fato de ter—se tornado agente do FBI. Mama, que quis saber todos os detalhes da viuvez dele, ouviu emocionada o relato de Gina.

Gina apenas não contou o que sentia por Gerry, a necessidade crescente de estarem juntos e a tensão sexual cada vez maior entre os dois.

Tudo correu de forma tranqüila. Papa e Gerry se afinaram rápido, e tio Fiore, um policial aposentado, queria saber como eram as coisas no FBI.

E Martha... bem, Martha encantou imediatamente todas as mulheres da família. Antes de Gina perceber, a menininha de cinco anos estava na cozinha, embrulhada num avental quase do tamanho dela, em pé numa cadeira de frente para o balcão, ajudando mama e tia Maria a fazer almôndegas e rechear raviólis.

Certa hora, ao passar por tia Terry e tia Ana, Gina ouviu um pouco da conversa que travavam em voz baixa:

— ... morta num acidente de carro. Uma tragédia.

— E ele está criando sozinho a menininha.

— E fazendo um bom trabalho. Ela não é um anjinho? Gina prosseguiu, sorrindo.

Estava torcendo para que durante a noite ficasse evidente que ela e Gerry eram mais que amigos. Soube que conseguira isso quando ouviu mama conversando seriamente com Gerry.

— E agora seu nome. Não tenho certeza se sei pronunciá—lo.

É com "i" no fim?

— Não. É com "e—y". "C—a—n—n—e—y. É irlandês.

Gina quase riu alto da reversão súbita de mama ao sotaque italiano. Ela nascera em Baltimore.

Mas Gerry ganhou um lugar no coração de mama comendo tudo que ela punha à frente dele — de lula recheada a ravióli — e repetindo. Como podia permanecer fria para com uma pessoa com muito apetite e gosto pela sua comida? E Martha... Martha até comeu uma almôndega, uma pequenina que ela mesma fizera.

Gina era cuidadosa com o que comia. Pizza Panzella acordara dentro de Gina e estava instigando—a a encher o prato, mas Gina não lhe dava ouvidos. Provou um pouco de cada prato, sempre deixando um pouco de cada um que experimentava.

Depois da sobremesa Gina viu Gerry num canto conversando compapa, tio Fiore e tio Dom. Percebendo que ela o olhava, Gerry levantou o copo para Gina e piscou um olho. Deus, ele estava deslumbrante. E amou a forma como ele estava se enquadrando, entrando no ritmo da festa, e não ficando assistindo de fora. Naquele momento, percebeu o quanto o queria.

Gina pensou se deveria alertá—lo sobre o que ele estava bebendo. Se aquilo era o que ela pensava ser, Gerry se arrependeria mais tarde. Mas por que ser uma estraga—prazeres? Era melhor deixálo se divertir.

Os pratos estavam lavados e empilhados, e a festa chegava ao fim quando Gina, Gerry e Martha caminharam de volta até o carro dele. Mama,Papa e alguns tios e tias ficaram parados à frente da casa, acenando para eles.

— Acho que vocês dois fizeram o maior sucesso—disse Gina. —Você se divertiu?

— Acho que me diverti demais — disse Gerry. — Ele entregou as chaves para ela. — Importa—se?

Parecia bem, perfeitamente equilibrado e com a voz clara, mas Gina pegou as chaves, satisfeita em ver que ele sabia admitir quando se excedia.

— Nem um pouco.

— Mama disse que eu deveria voltar e ajudá—la a cozinhar quando eu quisesse — disse Martha.

Gina teve de sorrir. A mãe dela devia ter amado Martha para mandar que a chamasse de mama.

— E sei que ela falou sério—disse Gina. — Faz muito tempo desde que uma menininha ajuda mama na cozinha.

Com uma pontada de dor, recordou todos os feriados que passara sentada diante daquele mesmo balcão, ajudando a mãe a preparar a comida. Tentou imaginar o quanto mama sentia—se abandonada pela filha que saíra de casa para tornar—se médica. Sem filhos homens, não teria nenhuma nora para colocar sob suas asas.

Será que ela sabe o quanto a amo?

E quando foi a última vez que lhe disse isso?

Não conseguiu lembrar. Aquilo a abalou. Tinha certeza que mama sabia, mas todo mundo precisa ouvir isso de vez em quando. Gina jurou passar a fazer isso com regularidade.

Por que não começar agora?

Ela voltou correndo para a porta e envolveu a mãe com os braços.

— Te amo, mama. Você é a melhor. — Gina beijou a mulher aturdida e então correu de volta para o carro. Olhando sobre o ombro, viupapa sorrindo e mama enxugando os olhos.

Depois de colocar o cinto de segurança em Martha, Gerry acomodou—se no banco do passageiro.

— O que era aquilo que seu pai estava servindo no final?

— Grappa—disse Gina.

— Eu estava bem até aí. Você sabe, sou irlandês. Podemos beber qualquer coisa que não nos mate. Mas aquele negócio...

— Grappa não vai matar você — disse Gina com um sorriso. — Mas se não está acostumado com ela, vai desejar que estivesse.

A hora de dormir de Martha passara fazia um bom tempo, mas ela estava acesa, falando sem parar sobre encher canelones com queijo e o quanto a lula era feia antes de mama limpá—la. Gina estava satisfeita por ela não ter vindo na Páscoa. Como Martha teria reagido à capozella? Se ela e Gerry ainda estivessem se vendo na próxima primavera—e torcia que sim —, Gina teria de preparar Martha para encontrar uma cabeça de ovelha na cozinha.

Martha falou sem parar até pararem em frente à casa deles, mas estava dormindo profundamente nos braços do pai quando chegaram à porta. Gina subiu e ajudou—o a colocá— la na cama.

— Lá embaixo, Gerry colocou os braços em volta de Gina.

Ela se aninhou nele.

— Obrigado, Gina — sussurrou. — Foi o melhor Dia do Descobrimento da minha vida.

— Não acabou ainda—disse Gina, e beijou—o.

Ele recuou e olhou—a por um segundo, e então se beijaram de novo, longa e apaixonadamente. Gina não queria que a noite acabasse ainda.

Os dois se jogaram no sofá, e não demorou muito até que estivessem desabotoando os botões um do outro, deixando cair suas roupas como peles velhas até que não havia nada entre as peles novas. E não precisaram de muitas preliminares porque Gerry já estava em guarda e Gina estivera excitada a noite inteira.

Ela não queria perguntar, mas se forçou a fazer.

— Não tenho de me preocupar com você, tenho?

— Como assim? Você quer dizer... não. Bem, houve duas mulheres. Ambas muito comportadas. Nas duas vezes achei que podia dar em alguma coisa mas estava errado. E agora... e quanto a você?

— Um cara durante a maior parte do meu período de residência.

— O que aconteceu?

— Vim para cá, ele ficou lá. Acabou.

— Bom.

E então ele estava em cima dela, cavalgando—a furiosamente, levando—a ao ápice... e deixando—a lá.

— Sinto muito—disse ele ao recuperar o fôlego um instante depois. — Faz muito tempo, e eu a queria tanto. Eu apenas...

Ela envolveu o pescoço dele e puxou—o mais para perto.

— Está tudo bem. Entendo. Haverá outras vezes. Fisicamente, estava frustrada. Aqui estava ela com Gerry

Canney, o homem de seus sonhos no ginásio, e agora seupróprio homem e com o pênis parecendo a ponto de explodir. Não imaginara que seria desse jeito. Achava que ele seria um amante perfeito e que agora estaria flutuando em nuvens de êxtase. Mas outra parte dela estava encantada. Sentira que ele era um homem direito e isso confirmava seu palpite. Se ele tivesse agido como um garanhão essa noite, Gina talvez ficasse preocupada com ele.

Gina pensou a respeito dos dois. Realmente sentia algo profundo por Gerry ou estava apenas querendo que ele preenchesse o vácuo deixado por Peter?

Não, ela decidiu. Isso é real. É algo que demorara muito a acontecer.

Enquanto estavam abraçados, Gerry passou os dedos sobre a barriga de Gina e encontrou uma cicatriz longa que corria desde a ponta do esterno até a esquerda do umbigo.

— Que é isto?

— O motivo pelo qual você jamais me verá num biquíni.

— Falo sério.

Contou que fora atropelada por um caminhão, que seu intestino ficara exposto e como Duncan o pusera de volta.

— Agora vejo por que você é tão devotada a ele. Acho que estou em dívida com Duncan.

— Porquê?

— Ele a salvou para mim. Deixe—me mostrar algumas das minhas cicatrizes.

Esta é minha apendicectomia...

— A minha é maior que a sua... — disse Gina, cantando.

E logo depois, enquanto comparavam cicatrizes, Gina notou que ele estava pronto novamente.

— Faz mesmo muito tempo, não é verdade?—perguntou Gina.

— Uma eternidade. Mas dessa vez ela assumiu o comando, cavalgando—o e controlando o ritmo. E quando atingiu o clímax foi como se o quaseorgasmo de antes houvesse ficado esperando na coxia e entrara em cena no último minuto. Ela gemeu alto, e Gerry levou a mão à sua boca para tampá—la. Gina mordeu a mão dele e pensou que ia desmaiar.

Mais tarde, quando estavam esparramados e exauridos no sofá, Gina viu que a mão dele estava sangrando.

— Deus, sinto muito. Veja o que fiz. Não foi de propósito.

— Sei disso. Eu só não queria que nada acordasse a Martha. Deus, ela esquecera completamente a Martha.

— Mas você disse que ela tem sono pesado.

— E tem mesmo. E provavelmente está dormindo como um anjo depois da festa desta noite. Ainda assim...

— Mesmo no calor da paixão, você não deixa de ser um pai protetor...

— Não é um chapéu que eu possa tirar quando bem entender. Espero que não tenha ficado ofendida.

— Nem um pouco — disse ela, beijando—o para ter certeza que ele entendera.—Isso apenas me diz alguma coisa sobre você... uma coisa boa.

Amava esse homem. Sentia—se tão à vontade com ele. Os dois compartilhavam um passado, e ela sentia que também possuíam valores em comum. Aqui estava algo que poderia realmente durar.

Com esse pensamento feliz e caloroso na mente, Gina adormeceu.

Estava quase vestida quando Gerry acordou. O dia nasceria a qualquer momento. Ele piscou com a claridade. Podia ver que ele estava com dor de

cabeça.

— Para onde vai?

— Para casa tomar um banho. Tenho cirurgia hoje de manhã com Duncan.

— Pelo menos fique para o café. Eu posso...

— Acho melhor Martha não me achar aqui quando acordar.

— Talvez tenha razão. Mas não vou acordá—la tão cedo.

— Mesmo assim, preciso ir.

Os dois se abraçaram. Não queria separar—se de Gerry, ele não queria deixá—la ir. Ela queria passar a manhã com Gerry fazendo café e pão judeu e depois amor de novo e tomar banho com ele, e então, e talvez só então, pensar em assistir Duncan numa cirurgia plástica.

— Da próxima vez será na minha casa. Poderemos gritar à vontade. Lá no meu bairo, o Adams Morgan, ninguém repara nesse tipo de coisa.

Enquanto Gina voltava para casa, o sol despontou no horizonte, projetando a silhueta do Monumento de Washington, enquanto ela cruzava a Ponte Memorial de Arlington.

Mais uma vez ficou preocupada, imaginando se estaria apressando as coisas com Gerry. Mas não... Isso parecia certo.

Poderia ficar melhor que isso ? Estava trabalhando com Duncan Lathram, era assistente legislativa do senador Marsden e estava fazendo amor com Gerry Canney. Finalmente todas as peças de sua vida pareciam em seus lugares.

Não. Era impossível ficar melhor que estava.

* 21

CONSULTAS

A Sra. Jablonsky queria diminuir o tamanho do busto. Nua da cintura para cima, estava sentada na mesa de exames, levantando os seios grandes e flácidos e deixando—os cair... levantando e deixando cair...

— Tenho sessenta e oito anos — disse a Duncan. — Tenho esses peitos desde os quatorze anos. Antes eu sentia orgulho deles, mas agora são literalmente um peso na minha vida. Eles me puxam para baixo, fazendo—me andar curva, e me dão dor de coluna. Quero acabar com eles.

— Decerto não quer isso.

— Não, claro que não, doutor. Apenas com parte deles. Se caírem um pouco mais terei de amarrar essas malditas coisas na cintura.

Duncan riu.

— Isso não parece muito confortável. Vamos deixá—los num tamanho mais prático para você. Mas o quê... ?

Ele notara um grande número de lesões brancas e rosadas cobrindo todo o tronco da mulher. Tocou uma, em seguida outra. Tinham a aparência de efeitos colaterais de criocirurgia.

— Ah, essas manchas. Isso é trabalho do Dr. Sauer. Sabe... o dermatologista? Ele está removendo minhas lesões.

— Suas lesões?

— É como ele chama essas porcarias. — Apontou uma área de um centímetro de ceratose seborréica no antebraço.—Ele diz que não são cancerosas mas que podem mudar a qualquer momento.

— Essas coisas? Ele disse que podem ficar cancerosas?

— Sim. E tenho montes delas.

Duncan sentiu que estava cerrando os dentes.

— Quantas dessas "lesões" ele removeu?

— Oh, pelo menos umas cinqüenta. Ele me mandava voltar todas as semanas para tirar mais algumas. Estamos quase acabando. Tem sido uma penúria, mas é um alívio enorme saber que não precisarei mais me preocupar com câncer.

— Deve ter custado uma fortuna à senhora.

— Oh, não. Ele cobra da previdência social. Ele aceita planos de saúde, sabe? Não é como o senhor.

— A senhora tem toda razão, Sra. Jablonsky. Não sou como o Dr.

Sauer.—Ele abaixou a voz e murmurou: — Ele deve ser exaluno da Ingraham.

— O que o senhor disse?

— Nada.

Duncan rangeu os dentes. Que charlatão. Extirpando ceratoses absolutamente benignas e cobrando pela remoção de lesões cancerosas.

Que mundo! Um médico precisava apenas clinicar de forma correta e ética para ter um estilo de vida decente. Mas isso não bastava para as hienas famintas que deixavam uma trilha de carniça pela profissão. Aquilo fazia Duncan subir pelas paredes.

Os congressistas não detinham exclusividade sobre a cobiça. Havia médicos que também mereciam implantes.

Os pensamentos de Duncan começaram a percorrer um novo caminho. Imaginou se haveria uma forma de...

Balançou a cabeça para afugentar os pensamentos. Não havia sentido em deixar as coisas saírem completamente dos trilhos.

Marcou uma cirurgia para a Sra. Jablonsky e saiu para atender o próximo paciente. O formulário de admissão do novo paciente estava numa ficheira na porta da sala de exames. Enquanto levava a mão à maçaneta, Duncan olhou para o nome do paciente... e congelou. Hugh K Marsden.

Seria possível...?

Seu olhar saltou algumas linhas na direção da lacuna de profissão: senador dos EUA.

Duncan continuou segurando a maçaneta. Aquilo era demais. O dirigente da comissão em pessoa?

Seria possível... que alguém o estivesse investigando? Seria possível que estivessem preparando uma armadilha para ele?

Mas jamais usariam um senador dos Estados Unidos como isca para pegá—lo.

Ainda assim.... era difícil acreditar que a presença de Marsden se devia ao acaso.

Bem, teria de fingir não reconhecer Marsden e ver como a consulta transcorreria.

— Sr. Marsden—disse Duncan, entrando e estendendo a mão. — Dr.

Lathram.

Marsden apertou a mão de Duncan com firmeza e não repreendeu o médico por não ter se dirigido a ele como senador.

— É um prazer conhecê—lo. O senhor foi muito bem recomendado.

— Sempre é bom ouvir isso.

Duncan fingiu passar os olhos pelo histórico médico na ficha de admissão que ele já lera antes de entrar.

— A julgar pelo seu histórico, o senhor está com uma saúde excelente— disse ele. — O que podemos fazer pelo senhor aqui?

Marsden virou a cabeça e tocou o topo da aurícula da orelha esquerda.

— Um colega seu me disse que examinasse isto. Duncan se aproximou e viu o nódulo rosado em questão. Tocou—o: era macio e firme. Pegou uma lupa iluminada na gaveta e inclinou—se sobre Marsden para enxergar melhor.

Pequenos capilares cruzavam—se na superfície opalina. Positivamente, um efeito Tyndall causado pela luz. Apalpou novamente a aurícula, pressionando as bordas. Era maior do que pensara a princípio.

— Esse meu colega parece ser um excelente profissional. O senhor está com uma formação de carcinoma nesta região. Não ; há risco de que as células se espalhem, mas continuarão se multiplicando e isso acabará formando uma úlcera na aurícula. Aconselho que extirpe a formação agora, enquanto é pequena.

— Foi por isso que vim aqui. Duncan colocou a lupa sobre o balcão.

— Desculpe. Não faço cirurgias terapêuticas. Apenas operações plásticas.

Mas posso recomendar...

— O senhor foi recomendado.

— Não vou discutir isso, mas não faço o tipo de trabalho de que o senhor precisa.

— Mas eu preciso de uma operação plástica. Não quero nem uma cicatriz na orelha.

— Isso me envaidece, mas...

— ADra. Panzella me disse que o senhor é o melhor.

— Gina? Ela mandou o senhor aqui?

Por que ela fez isso? Duncan se perguntou, irritado. Ela sabe que não atendo esse tipo de caso.

— Na verdade, não. Parece que temos algo em comum: ela trabalha para nós dois. Foi ela quem viu esta coisa na minha orelha., chamou—a de "lesão"... e disse que eu deveria mandar examinála. Como muitos de meus colegas no Capitólio falam muito bem do senhor, e como Gina parece admirá—lo tanto,

achei que o senhor seria a pessoa mais indicada.

A mente de Duncan começou a dar voltas. Mas isso explicava a presença de Marsden: Gina era a conexão.

Muito bem. Talvez esse fosse o momento de parar de se fingir de completo idiota e se passar por um quase idiota.

— Marsden...—disse Duncan lentamente.—Meu Deus, o senhor deve ser o senador Marsden. Espero que me desculpe, mas não liguei o nome à pessoa. Claro. O senhor está dirigindo... — ele estalou os dedos. — a...

— Comissão de Diretrizes.

— Isso. A Comissão Mista de Diretrizes para a Ética e a Prática da Medicina.

Marsden sorriu.

— Você sabe o título inteiro. Quase ninguém sabe.

— Leio muito. Seu grupo teve alguns problemas recentemente.

— Sim. O pobre Harold. Temo que esteja muito doente.

— Alguma idéia de quando e se ele voltará?

— Não. Definitivamente, ainda não sabemos nada.

Marsden estava agindo com muita discrição, não revelando nada. Como deveria fazer. Duncan procurava avaliar seus sentimentos quanto a esse homem. Não tinha nada pessoal contra Marsden. Se ele não estivesse presidindo uma comissão que não tinha o direito de existir, Duncan talvez até mesmo gostasse dele.

— Vocês estão com um pouco de má sorte, não é verdade?

— Mais que um pouco. É como se algum tipo de maldição tivesse caído sobre nós.

— Tem certeza que nenhum dos seus membros invadiu a tumba de um faraó?

Marsden abriu um sorriso triste.

— Quase dá para pensar na possibilidade.

— Isso significa que o senhor agora vai deixar as Diretrizes de lado?

— Só durante algum tempo. Estou fazendo o possível para ocupar os lugares vazios. Espero que em breve estejamos trabalhando novamente.

— É mesmo? — disse Duncan, contendo—se para não alterar a voz. — Que interessante.

— Mas voltemos ao assunto que nos interessa—disse Marsden. — Gostaria que o senhor fizesse a cirurgia. E, com toda sinceridade, o motivo é estético. Pelo que sei, o senhor tem um método que permite uma cicatrização muito mais acelerada do que a cirurgia normal. Preciso disso.

— Precisa?

— Sim. Dependendo do presidente, podemos estar realizando novamente as audições numa questão de semanas. Não quero aparecer em rede nacional com uma orelha inchada, ou que pareça ter levado uma mordida. Sabe como é a imprensa. Haverá muita especulação em torno do assunto. E assim que descobrirem, farão uma série de matérias sobre meu câncer de pele.

Depois haverá especiais de TV sobre câncer de pele e como evitá—lo.

— Não vejo nada errado nisso.

— E não há, mas não quero que a imprensa se concentre em minha pequena doença. Eles devem se concentrar na Comissão de Diretrizes e no que estamos tentando fazer.

E exatamente o que estão tentando fazer?, teve Duncan vontade de perguntar.

Marsden prosseguiu: — Com sua famosa habilidade e suas técnicas de cicatrização acelerada, acho que é o homem certo para o trabalho.

E sou mesmo, senador, pensou Duncan. Sou o homem certo.

— Muito bem, senador. Por causa de sua conexão com a Dra. Panzella...

que fala muito bem do senhor, diga—se de passagem... farei uma exceção.

Mas não abrirei exceção sobre não lidar com nenhuma empresa de planos de saúde. O senhor terá de pagar meus honorários exorbitantes do próprio bolso. Em troca terá a melhor cirurgia plástica do mundo, com total discrição. Nosso relacionamento será de paciente e médico. Não envolverá a previdência social, ou qualquer outra empresa de planos de saúde. Não preencherei formulários, não falarei com comissões de utilização ou de controle de qualidade, nem aceitarei uma segunda ou terceira opinião. Falarei com o senhor e o senhor falará comigo. Não haverá outras partes envolvidas.

A expressão de Marsden refletiu fascínio em vez de consternação.

— Vejo que o senhor não participa do sistema de planos de saúde.

— Está olhando para uma espécie em extinção, senador.

— Se quiser, posso tentar colocá—lo na lista de proteção do Departamento do Interior.

— Tarde demais, acho.

— Bem, a venda da minha empresa deixou—me com algum dinheiro. Acho que posso gastar um pouco com minha orelha.

— Bom. Passarei o senhor para a minha secretária, que cuidará da parte burocrática. Como está seu tempo na semana que vem?

— Quinta—feira seria um dia excelente.

— Verei o que posso fazer. Mas se quiser usar os procedimentos de cicatrização acelerada, terá de assistir a uma fita de vídeo e assinar uma pilha de

formulários. No momento, os implantes que emprego estão sob a supervisão da FDA.

— Como quiser.

— Excelente.

Enquanto Duncan o conduzia para o corredor, viu Gina passando.

Ela olhou na direção dele, e então exibiu uma expressão de surpresa.

— Senador Marsden!

Por um segundo, uma expressão estranha apareceu no rosto de Gina.

Aconteceu em um momento entre a surpresa em encontrar o senador e um sorriso de saudação. Seria medo, preocupação ou terror?

Independentemente do que fosse, era evidente que Gina não estava feliz em ver o senador ali. Porquê? Ela não tinha visto nada além de bons resultados — resultados excelentes — durante seu período ali. Por que então deveria ter a mínima preocupação com o fato de o senador ser operado por Duncan?

A não ser que...

Não. Como poderia suspeitar?

Tinha de ser outra coisa. Talvez Duncan tivesse interpretado mal as expressões de Gina.

Mas ele não acreditava nisso. Havia algo ali, alguma coisa muito próxima ao medo.

Duncan tentou esquecer essa sensação mas não conseguiu. Por que a visão dele com o senador Marsden provocaria terror em Gina?

Pensamentos inquietantes passaram pela cabeça de Gina enquanto ela estava observando o senador Marsden assinar os formulários de consentimento. Pensamentos sobre três membros da comissão de Marsden, todos pacientes de Lathram, todos mortos, aleijados ou enlouquecidos...

Esforçou—se para permanecer calma.

— Que surpresa encontrar o senhor aqui—disse—lhe depois que Duncan saíra.

Ele levou a mão à orelha.

— Bem, parece que há uma unanimidade sobre eu ter de operar. E você não disse que ele é o melhor?

— Sim, mas nunca quis dizer que o senhor deveria vir aqui... Quero dizer, ele não costuma aceitar casos como o seu.

— Ele disse que abriria uma exceção em meu caso.

Gina sentiu o estômago embrulhar. Duncan jamais fazia exceções.

— Sinceramente, estou surpresa.

— Talvez devesse se sentir lisonjeada. Ele disse que foi por sua causa.

— Deu um tapinha no braço de Gina. — Sabe, eu sabia que estava fazendo a coisa certa quando a contratei.

Espero que sim, senador, pensou Gina. Fazendo o que esperou ser uma saída graciosa, pôs— se a caminhar de forma apressada. Tinha um lugar para ir.

Gina se sentou na seção de periódicos da sede da Biblioteca Pública de Washington, na G Street. Lembrara algo que Oliver dissera uma vez sobre a Comissão de Diretrizes... logo depois de Duncan ter ficado furioso com Gina por ela estar procurando por um posto na comissão.

... anos atrás ele teve alguns problemas... Problemas com a Comissão de Diretrizes? Há quantos anos? Oliver não dissera. Talvez encontrasse a resposta em microfilme. Ela estava examinando os exemplares do Washington Post do ano da morte de Lisa, procurando por qualquer menção a Duncan. A menção mais antiga estava datada de 7 de maio, cerca de uma semana antes do primeiro artigo criticando Duncan no Alexandria Banner.

Primeira página, coluna direita.

Gina sentiu o estômago embrulhar quando leu a manchete: "Comissão Acusa Cirurgião de Superfaturamento."

Correu os olhos pelo artigo até localizar o nome de Duncan, e então começou a ler do início.

De sua cadeira ao lado do dirigente da comissão, o senador Harold Vincent disse que sua equipe descobrira um caso de "abuso do sistema atual, bem aqui em nossa cidade". Ele acusou o Dr. Duncan Lathram, um cirurgião vascular de Alexandria, de haver coletado mais de um milhão de dólares da previdência social no ano anterior. "Esse homem é um exemplo perfeito dos profissionais de saúde que enchem os bolsos com milhões de dólares dos contribuintes. Se um dia alguém duvidou que os profissionais de saúde precisam que lhes sejam impostas diretrizes, essa dúvida foi derrubada por homens como o Dr. Lathram."

Gina ficou rígida na cadeira diante do leitor de microfilme, chocada não apenas pelas palavras, mas pelo seu orador. Senador Vincent... Duncan o operara havia apenas algumas semanas, e eles tinham conversado animadamente na sala de audiências da comissão momentos antes do senador sofrer um ataque. E embora ele tivesse atacado Duncan em publico alguns anos antes, nenhum dos dois mencionou isso. Teriam ambos esquecido?

Não. Duncan, não. Vincent, talvez. Ele tinha um quarto de século no Capitólio, e aquele fora simplesmente mais um de uma série infindável de comentários preparados por um de seus auxiliares e jogado na lata de lixo depois

de lido.

Mas Duncan... aquelas palavras sem dúvida tinham ficado marcadas em seu cérebro. Jamais esqueceria algo assim. E jamais perdoaria.

Ela leu o artigo desde o começo. Vincent atacara Duncan de sua cadeira da Comissão de Diretrizes para a Prática da Medicina — a comissão original, sob a direção do senador McCready. O artigo listava os outros membros daquela primeira comissão. Além de Vincent e McCread, havia também Lane, Allard e Schulz.

Schulz! Schulz estivera na comissão original. Gina não sabia disso.

— Oh... meu... Deus — sussurrou Gina. Essa era a conexão entre os quatro congressistas mortos ou inválidos — todos tinham sido membros da comissão McCready.

Encontrou outra menção a Duncan, na parte interna do jornal, numa edição da semana seguinte. Dessa vez era o deputado Allard censurando esse cirurgião corrupto e classificando—o como "a ponta do iceberg". Alguma coisa precisava ser feita em nível federal. Exigiu que o Ministério da Saúde fizesse uma auditoria do consultório de Duncan.

Gina se recostou. Então fora assim que o inferno de Duncan começara: graças a uma fagulha da primeira Comissão de Diretrizes. Ele devia odiar esses homens... embora houvesse operado quatro deles.

E esses quatro agora estavam mortos ou hospitalizados.

Tudo poderia ser apenas uma série de coincidências infelizes. Os quatro homens tinham sofrido problemas diferentes, e nenhum tribunal aceitaria as provas disponíveis... mas ainda assim, apenas um idiota poderia negar que havia um padrão em tudo isso. Um padrão assustador.

Mas qual era a conexão com Lisa?

E isso importava?

Naquele momento, não. O que importava era que o senador Marsden estaria sob a faca de Duncan na semana seguinte Ela lembrou dele assinando os formulários de consentimento a alguma horas. Não havia uma expressão sobre assinar com o próprio sangue?

* 22

GINA

Gina não acordou na manhã de sábado. Não precisou porque não conseguira dormir.

Passara a noite inteira se virando para um lado e para o outro na cama.

Tentara tudo, menos calmantes. Não tinha nenhum em casa, e isso provavelmente não teria funcionado também. Sua mente estava correndo além do limite de velocidade e se recusava a parar no acostamento.

Alguma coisa vai acontecer ao senador Marsden.

Esse pensamento ricocheteara dentro das paredes de sua cabeça como uma bola de pingue—pongue. Gina tentara anulá—lo com todas as explicações que pudera imaginar. A melhor era que, a despeito do padrão ser aparentemente óbvio, todas as provas pareciam circunstanciais. Sim, a comissão deflagrara uma série de eventos que arruinara a vida profissional de Duncan, mas seria preciso mais que isso para que ele iniciasse uma série de assassinatos por vingança.

Ainda assim, cada vez que ela pensava que conseguira superar o medo, algum terror sombrio e informe emergia de seu rombencéfalo, aquela casa ancestral de instintos primitivos.

Assim, Gina agora estava sentada de frente para a janela olhando para a manhã de sábado silenciosa de Kalorama Road. Deus, o que ela faria?

Tinha de fazer alguma coisa.

Impedir a cirurgia? Como? Que razão ela daria? Não, teria de encontrar uma forma de acalmar a mente para não enlouquecer esperando que algo acontecesse.

Mas eu culparei Duncan por qualquer coisa ruim que venha a acontecer com Marsden depois da cirurgia, mesmo se ele for atingido por um meteoro enquanto estiver aparando a grama do jardim.

Gina podia encontrar uma resposta plausível para todas as questões, menos aquela sobre a gaveta na mesa de Duncan.

Tinha visto o frasco e o trocarte enorme. E não obtivera nenhuma explicação para eles.

O que havia naquele frasco? O que um trocarte estava fazendo ali?

Havia apenas uma maneira de descobrir. Mas ela ousaria fazer isso?

Gina correu até o quarto e se vestiu.

Gina entrou no centro cirúrgico pela porta dos fundos e digitou o código que desativava o alarme. Sentia—se mais que um pouco culpada pelo que estava fazendo. Afinal, Duncan confiara a Gina um conjunto de chaves e aqui estava ela invadindo a clínica para vasculhar a mesa dele.

Não é como se eu tivesse entrado aqui para roubar. Apenas vou conferir uma coisa.

Fechou a porta atrás de si, e em seguida preparou uma desculpa para estar ali. Não havia muita chance de alguém aparecer na clínica num sábado, e ela deixara o carro no estacionamento dos fundos, mas nunca se sabe. Assim, antes de mais nada, correu até a sala de registros e jogou o crachá sob a mesa. Caso alguém perguntasse, Gina entrara ali para procurar o crachá perdido.

Subindo novamente, entrou no escritório de Duncan. Notou que as mãos estavam suadas. E se Duncan aparecesse de repente e a visse ali? Pouco provável. Se ele mal podia esperar para sair nas tardes dos dias de semana, por que iria ali num sábado? Já Oliver era outra história. Mas ele mencionara que viajaria para Virginia Beach durante o fim de semana, de modo que também era pouco provável que ele aparecesse.

Através da janela do escritório de Duncan, Gina via o jardim de pedras.

Os arbustos impediriam que fosse vista por qualquer pessoa que passasse em frente à clínica, mas também bloqueavam—lhe a visão do estacionamento; assim, deixou a porta do escritório aberta para poder ouvir qualquer pessoa que abrisse a entrada particular.

Gina caminhou até a mesa de Duncan, rezando por encontrar a gaveta superior aberta.

Sem sorte.

Muito bem, mais uma oração para Duncan ter esquecido de trancá—la. Puxou o pegador. A gaveta não deslizou.

Merda! Deu um tapa no tampo da mesa. Invadira a clínica em vão.

Agachou—se em frente à mesa de Duncan e ficou olhando a gaveta. Um centímetro de madeira a separava da informação que finalmente a deixaria dormir ou que tiraria de vez seu sono. Observou a superfície cromada da fechadura. Tinha visto a chave de Duncan enfiada naquela fechadura, o que significava que ele a levava para toda parte. Mas talvez houvesse uma de reserva em algum lugar. '

Abriu e examinou cuidadosamente as outras gavetas e encontrou duas chaves. Nenhuma coube na fechadura. Gina usou um abridor de cartas para

tentar abrir a gaveta à força mas acabou desistindo: aquilo não estava adiantando de nada, e estava evitando fazer muita força por medo de arranhar a madeira.

Se ela soubesse como arrombar uma fechadura... ou se conhecesse alguém capaz...

Antes fizeram amor.

Gerry chegou alguns minutos mais cedo e, por mais que Gina quisesse aprender como se abria uma fechadura, vê—lo parado dentro de seu apartamento espantou todos os pensamentos sobre gavetas trancadas.

Depois de três ou quatro palavras já estavam nos braços um do outro e deixando uma trilha de roupas entre a porta da frente e a do quarto.

Era mais agradável fazer amor numa cama que num sofá, e desta vez Gerry assumiu o comando. Ele correu os lábios em torno dos mamilos de Gina, e em seguida entre os seios; iniciou uma descida ao longo da cicatriz até o umbigo, circulou—o, e tornou a descer. Ela gemeu de prazer e apertou contra si a língua audaciosa do amante.

Depois, ficaram aninhados nos braços um do outro por algum tempo. Gina lutou contra uma necessidade de finalmente cair no sono. Levantou—se, vestiu um robe e abriu uma garrafa de merlot. Aconchegaram—se um no outro no sofá e ficaram bebericando o vinho.

— Foi maravilhoso.

— Para nós dois—disse Gina, fungando o pescoço de Gerry.

— A propósito, eu disse bom—dia? Gina riu.

— Foi uma cena indecente, não?

Gina estava se sentindo mal por haver mentido para Gerry, contando uma história sobre uma chave perdida. Ela apontou para o outro lado da sala.

— É aquele pequeno armário de carvalho. Nem sei por que o tranquei. E agora a chave sumiu.

Odiava mentir, mas não podia contar a Gerry o verdadeiro motivo. Ele era certinho demais para deixá—la conduzir seu plano sozinha.

Ela escolhera o armário porque sua fechadura parecia do mesmo tamanho que a da gaveta de Duncan.

— Não tem nenhuma chave de reserva?

— Acho que está lá dentro — disse em tom tímido. Isso, pelo menos, era verdade.

Gerry riu enquanto pegava o casaco e tirava uma caixa oblonga do bolso.

— Um kit de abrir fechaduras?

— Muito melhor.—Ele abriu a caixa e mostrou—lhe uma coisa que parecia

uma chave de fenda em miniatura. — Uma gazua eletrônica. Funciona com bateria.

— É mesmo? Não sabia que esse tipo de coisa existia.

— Já há algum tempo. Este é o Electropick EPG—1. Pode abrir quase qualquer tipo de fechadura em menos de um minuto.

E quanto a arrombar fechaduras ao velho estilo?

— Vamos torcer para que isso não seja necessário—disse Gerry. —Nunca aprendi a fazer isso. Abrir fechaduras não é uma habilidade requerida pelo FBI.

— Então por que essa coisa eletrônica?

— Para quando estamos com muita pressa e não há nenhum chaveiro por perto.

Ele colocou vários pequenos instrumentos de metal preto no buraco da fechadura até descobrir um que se encaixava. Em seguida, afixou o instrumento na ponta do Electropick e começou a ajustar o botão no topo do aparelho.

— Depois de encontrar a ferramenta do tamanho certo, você ajusta o movimento para cima e para baixo. No caso de uma fechadura pequena como esta, o movimento precisa ser bastante curto. Depois coloque o aparelho na fechadura e o ligue.

Gina observou a ferramenta de metal começar a se mover rapidamente para cima e para baixo dentro da fechadura. Gerry moveu o Electropick para dentro e para fora algumas vezes, e finalmente o retirou.

— Certo. Todos os pinos estão em posição. Agora apenas insiro a barra de tensão— introduziu uma peça de metal em forma de L no buraco da chave — e girou. Ela ouviu um clique. Ele removeu a barra de tensão e gesticulou na direção da gaveta.

— Certo. Agora puxe.

A gaveta do armário abriu facilmente. Ela o beijou.

— Meu herói! Um homem de muitos talentos! Ele levantou o Electropick.

— Apenas eu e meu EPG—1 de confiança.

— Espere um pouco.

Ela procurou uma coisa na gaveta do armário.

— Aqui está a de reserva.

— Um lugar ótimo para guardá—la — disse Gerry com um sorriso sarcástico.

— Que tal passar a guardá—la embaixo do armário?

Boa idéia. Mas antes...—Ela enfiou a chave na ranhura e fechou de novo a gaveta. Em seguida pegou o Electropick. — Deixe—me tentar.

Gerry ficou hesitante, mas então mostrou a Gina como usar o aparelho.

Sob a orientação dele, Gina destrancou e retrancou o armário três vezes.

Gina precisava de um Electropick.

— Onde posso conseguir esse tipo de coisa?

— Não num supermercado, com toda certeza. Esses aparelhos custam uns duzentos ou trezentos dólares, mas se você quiser mesmo um posso conseguir o endereço de uma firma que atende pelo correio.

— Deixa para lá — disse Gina, desapontada. — Quero dizer, quantas vezes na vida precisarei de uma coisa assim?

E então era hora de jantar. Gina o levou a um restaurante tailandês na vizinhança, mas não conseguiu convencê—lo a experimentar estômagos de peixe ao molho de amendoim. Depois foram ver o novo filme de Kevin Costner. Gerry não adorou o filme, e a própria Gina não teria gostado se Kevin Costner não fosse o astro. Apenas ver e ouvir Kevin Costner compensava os milhares de defeitos do filme.

Finalmente voltaram para o apartamento para fazer mais amor. Dessa vez, com bastante calma.

— É estranho, não acha?—comentou Gina quando estavam deitados na cama, exaustos. Estava pensando que talvez quisesse ficar com Gerry para sempre. — Quanta coisa aconteceu com nós dois desde o colégio. Mal conhecíamos um ao outro quando nos encontramos naquele dia no mesmo prédio. E agora, depois de todos esses anos e dos quilômetros que nos separavam, nos encontramos numa cidade de milhões de habitantes como esta. Não acredito em destino, mas é preciso admitir...

— Destino — disse ele com suavidade. — Isso soa bem. Gerry saiu por volta da uma da manhã. Sem o Electropick.

Desesperada, Gina removera o aparelho antes de lhe dar o paletó.

Sentia—se um verme, mas se consolou com o pensamento de que estava apenas tomando emprestado.

Gina se sentia feliz quando adormeceu, decidida a passar a maior parte da manhã de domingo se tornando uma especialista com o electropick. A tarde tentaria abrir a gaveta de Duncan.

Mas a preocupação com o que descobriria ainda lhe perturbava o sono.

* A Semana de 15 de Outubro

* 23

GINA

Foi apenas na tarde de terça que Gina teve chance de usar o Electropick na gaveta de Duncan.

Eu devia ter feito isso há vários dias, pensou Gina, parada com a porta para o subsolo fechada às suas costas. Ela estava esperando que Barbara saísse de sua mesa em uma de suas freqüentes viagens até a copiadora e a impressora, ambas localizadas no subsolo, ou até a sala de recuperação de pacientes, no fundo do corredor.

No domingo teria sido perfeito. Gina praticara a manhã inteira com o Electropick e se mostrara bastante habilidosa. Usara o aparelho em todas as fechaduras do apartamento, e até mesmo no carro.

Gerry ligara na tarde de domingo e os dois conversaram sobre o quanto a noite anterior fora maravilhosa. Finalmente ele perguntara sobre o Electropick. Não conseguia achá—lo. Será que o deixara no apartamento dela? Gina respondera que sim, e brincara com isso, dizendo que ele não precisava de aplicar nela o velho truque de esquecer alguma coisa de propósito só para voltar para pegá—la. Ela disse também que seria difícil devolver—lhe logo, porque estava com a semana cheia, o que em parte era verdade. Por sorte, Gerry não demonstrou pressa em pegar o aparelho de volta. Havia vários deles no FBI.

Mais treino, e pelo meio da tarde Gina se sentiu pronta. Mas quando chegou ao escritório, encontrou um Buick azul—escuro no estacionamento.

O carro de Oliver. O que estaria ele fazendo ali? E num domingo, quando deveria estar em casa assistindo a futebol americano? Só que Oliver não

distinguida um Redskin de um Mighty Duck. Ele pensava apenas no laboratório e nos implantes.

Assim, Gina deu uma volta e retornou em duas horas. O Buick permanecia lá. Ela esperou mais duas horas. Quando voltou, o carro sumira, mas a noite já estava chegando e a turma da limpeza chegara. Gina foi obrigada a desistir. Tinha hora no hospital.

Não houve chances na segunda. Duncan permaneceu até mais tarde do que de costume, e Gina não pôde ficar esperando uma oportunidade porque tinha uma reunião no escritório do senador Marsden.

Mas hoje Duncan se mostrara fiel à rotina — terminando a cirurgia e saindo direto para o clube de golfe—ou pelo menos foi isso que ele disse.

Isso era outra coisa que incomodava Gina. Aonde Duncan ia realmente? E

quem era o misterioso Dr. V com quem ele vivia se encontrando? Segredos e mais segredos. Como ela podia evitar ser desconfiada?

Ouviu passos se aproximando. Saltos altos. Apenas uma pessoa usava saltos altos. Como quem não quer nada, Gina saiu para o corredor.

— Oi, Barbara — disse Gina.

Aloura levou um susto, e então sorriu.

— Deus do céu, você quase me mata. Pensei que tivesse ido embora.

— Vou daqui a pouco.

Gina atravessou o corredor a passos apressados e entrou sorrateira no escritório de Duncan. Havia muita luz da tarde passando pelo jardim de pedra. Condições ideais para um arrombamento de fechadura.

— Devo estar doida—murmurou. A tensão era uma mão gélida apertando—lhe o pescoço. Tentou se acalmar.

Faça. Agora.

Sabia que se hesitasse, que se permitisse tempo para pensar, poderia permitir que um espasmo de sanidade a fizesse mudar de idéia. Tirou o Electropick do bolso do jaleco e ajoelhou—se de frente para a gaveta.

Contando com a chance remota da gaveta estar aberta, puxou—a. Sem sorte.

Certo, Electropick, faça seu trabalho.

Enfiou uma das peças de metal no buraco da chave, mas não encaixou.

Precisava de uma menor. Tudo bem. Passara a maior parte do domingo experimentando as diversas peças. Era como trocar brocas de furadeira, só que mais fácil. Inseriu a peça de segundo menor tamanho, ajustou o botão no topo do aparelho e tentou de novo.

Dessa vez a peça de metal entrou com facilidade. Um minuto depois Gina

estava girando lentamente a barra de tensão dentro do buraco da chave.

Ouviu um clique quando a lingüeta recuou.

Extraiu a barra de tensão e abriu a gaveta. Lá estava: o enorme trocarte e o frasco.

— Isso—sussurrou.

Gina hesitou por um segundo antes de pegar o trocarte e examiná—lo — representava pouco mais que um tubo de metal inoxidável com uma ponta afiada num lado e um pegador no outro. Parecido com uma agulha hipodérmica. Só que grande o suficiente para inserir numa pessoa um dos implantes tamanho família dissolvido por Oliver com ultra—som. Inseriu o obturador no trocarte, enchendo o tubo com mais aço inoxidável.

Ginalembrou da perfuração que vira na coxa do senador Vincent quando ele estava se recuperando. Poderia ter sido feita por um instrumento assim.

Imaginou Duncan posicionando a ponta afiada do trocarte na parte externa da coxa de Vincent, e em seguida perfurando—a em ângulo. Ele teria de empurrar o trocarte até cerca de sete centímetros na gordura subcutânea, e então puxar o obturador sólido, deixando o tubo oco na coxa. Então ele teria de introduzir o implante pelo oco do trocarte.

Com a ponta rombuda do obturador, ele empurraria o implante até o fim do tubo oco, depois recolocaria o trocarte ao longo da haste do obturador e por fim removeria ambos os instrumentos como um.

Deixando o implante para trás, aninhado na gordura subcutânea da coxa.

Gina estremeceu. Sentia—se nervosa só de pensar naquilo.

Colocou o trocarte e o obturador ao seu lado e pegou o frasco misterioso. Um frasco de injeção. Examinou o topo e viu perfurações múltiplas no centro da tampa de borracha vermelha.

O frasco foi usado, pensou Gina. Mas o que há nele?

Um fluido âmbar, fino e claro agitava—se dentro do recipiente. Girou a garrafa até poder ler o rótulo. Encontrou um rótulo da GEM Pharma com duas palavras datilografadas no centro: DIETILAMIDA TRIPTOLÍNICA — Bem — murmurou Gina —, isso esclarece tudo.

O que era uma dietilamida triptolínica? Nunca ouvira falar naquilo. Gina estudou o nome, decorou como se escrevia e, depois de colocar a garrafa ao seu lado, continuou a vasculhar a gaveta.

Não havia muita coisa ali. O objeto mais proeminente era o pequeno gravador manual usado por Duncan para suas consultas e relatórios de operações. O coração de Gina começou a bater mais depressa quando viu uma

fita dentro do gravador. Pressionou o botão de retrocesso, e em seguida apertou PLAY. Uma versão pequena e aguda da voz de Duncan fez—se ouvir, relatando, incisão por incisão e sutura por sutura, a plástica de nariz que eles tinham feito numa garota de dezoito anos na segunda—feira anterior. Gina ouviu mais alguns trechos da fita mas só encontrou a mesma coisa.

No fundo da gaveta achou uma foto ligeiramente desbotada de uma adolescente. Cabelo louro, sorriso forçado e brilhantes olhos azuis. Os olhos de Duncan.

Os dedos de Gina tremeram. Lisa Lathram. Tinha de ser. Gina fitou o rosto inocente e aparentemente plácido que não oferecia nenhuma pista de uma alma atormentada. Quem imaginaria que aquela mesma garota tentara se matar três vezes?

Gina suspirou e colocou a foto ao lado.

O que mais havia na gaveta? Não havia mais fitas. Alguns cartões comerciais, um livreto publicitário de um importador de café, alguns formulários de admissão em branco, e uma tesourinha de unha. E só.

Gina se apoiou na mesa, mais calma, mas ainda tensa. A foto de Lisa estava ali, mas não havia nenhuma lista negra de congressistas com seus nomes riscados, ou uma coleção mórbida de recortes de jornal. Mas ainda havia o trocarte e a dietilamida triptolínica, independentemente do que fosse isso. Provavelmente era alguma droga inofensiva... mas por que estava numa gaveta trancada? Talvez pelo mesmo motivo que um livreto sobre café e uma tesourinha de unha estavam trancados junto deles: era simplesmente o lugar em que certos objetos acabavam.

Mas isso não fazia sentido. Naquele dia em que percebera que Gina estava olhando para a gaveta, Duncan se apressara em fechála. E parecia obcecado em mantê—la sempre trancada. Obviamente queria manter esse material em segredo.

Recolocou a foto e os objetos no lugar, em seguida o trocarte e o obturador; então, depois de olhar o rótulo pela última vez, a garrafa de dietilamida triptolínica. Empurrou a gaveta e estava pegando o Electropick para trancá—la de novo quando ouviu uma voz no corredor.

Duncan!

Pegou o Electropick, abaixou—se atrás da mesa e agachou—se no vão para os joelhos.

Deus do céu! O coração e a mente de Gina estavam acelerados. De onde ele viera?

Por sorte a mesa tinha um painel que cobria a frente do vão para os joelhos, mas Gina sabia que os pés estavam visíveis na brecha entre o painel e o assoalho. Prendeu a respiração, enquanto Duncan se aproximava, aparentemente falando com Barbara ao entrar.

Gina se enroscou como uma bola, tremendo, racionalizando consigo mesma: qual seria a pior coisa que poderia acontecer? Se ele a descobrisse, Gina ficaria embaraçada, inventaria qualquer desculpa e sairia correndo da sala para jamais reaparecer ali. E seria só isso. Não era como se estivesse realmente em perigo. Mas, considerando a humilhação que sentiria, quase preferia a morte a ser descoberta ali.

Olhou pela brecha entre o painel e o assoalho e viu os sapatos de Duncan parados diante da mesa. Prendeu a respiração. Talvez conseguisse sair dessa. Ele não dissera que ficaria apenas um minuto? Contanto que Duncan não se sentasse...

Um pensamento terrível lhe ocorreu: e se Duncan verificasse a gaveta?

Gina permaneceu sem respirar e parada como uma estátua, enquanto Duncan procurava algum papel sobre a mesa. Ouviu—o grunhir e escutou uma folha de papel sendo dobrada. Duncan se virou e saiu.

Trêmula, saiu de baixo da mesa e guiou a ponta do Electropick na direção do buraco da chave. As mãos tremiam devido à adrenalina que ainda corria na corrente sangüínea. Introduziu a ferramenta na abertura e apertou o botão. A ferramenta fez o trabalho. Quando sentiu os pinos se alinharem, Gina removeu o Electropick, inseriu a pequena barra de tensão e girou. Ouviu a lingüeta deslizar, trancando a gaveta.

Mas quando tentou remover a barra de tensão, esta ficou presa.

— Não! — murmurou Gina.

O que mais poderia sair errado?

As pontas dos dedos ficaram úmidas de suor, enquanto Gina tentava retirar a barra de tensão. Pensou ter ouvido alguém no corredor em frente à porta do escritório, e com um último puxão desesperado e frenético, arrancou a barra de tensão da fechadura e quase caiu de costas.

Suada e trêmula, enfiou o Electropick e os acessórios no bolso e caminhou para a porta. Encostou o ouvido na porta e prestou atenção.

Silêncio. Abriu a porta um pouco e arriscou olhar para a mesa de Barbara. Vazia. Gina respirou fundo, passou pela porta e saiu para o corredor.

Cruzou com Barbara, que vinha carregando uma impressão de computador.

— Ainda está aqui? — perguntou Barbara.

— Quase saindo. Me diga uma coisa, por acaso foi a voz do Dr. Lathram que ouvi?

— Sim, mas você o perdeu. Ele entrou e saiu. Acho que tinha esquecido alguma coisa. Já deve estar voltando para o campo de golfe.

Sim, claro.

— Só vou procurar uma coisa antes de ir embora, Barbara. Vejo você na quinta.

Gina correu até a sala de registros. Como a funcionária encarregada dos aquivos, Carol, estava de folga, Gina tinha a sala toda para si.

Estantes repletas de pastas de papel manilha cobriam cada centímetro das paredes, exceto pela área de trabalho no canto. Havia ali um terminal de computador e uma pequena estante de textos de referência de medicina. Gina pegou um dicionário de drogas e folheou—o até o verbete de nomes genéricos e clínicos. Não encontrou nenhuma dietilamida triptolínica.

Não estava surpresa. O frasco que encontrara não era comercial.

Em seguida, tentou o Catálogo da Merck, um volume pesado e repleto de letras minúsculas que listavam o nome e a fórmula de quase todos os compostos médicos existentes. Mais uma vez, Gina não encontrou nada.

Sentou—se à sua mesa e olhou para a tela vazia do computador, imaginando onde procuraria em seguida.

Muito bem. Se o Index não fazia menção a essa coisa, tratava—se de algo recente ou não fora apresentada aos editores.

Ela estalou os dedos. Um composto experimental. Alguma coisa em desenvolvimento. Só podia ser.

Mas como localizá—lo? As propriedades dos novos compostos eram mantidas em segredo durante os estágios de desenvolvimento. Mas suas fórmulas eram registradas imediatamente para proteção de patentes.

Gina pegou o telefone.

— Oi, Barbara. Não temos um link com o banco de dados da Food and Drug Administration?

— Claro. E o NIH, e o American College of...

— Como eu acesso a FDA?

— É um pouco complicado. Acho que tenho em algum lugar um manual que explica...

— Estou indo para aí.

Gina subiu correndo e, ao passar pela mesa de Bárbara, pegou o manual sem sequer parar. Um minuto depois estava sentada diante do computador da sala de

registros, acessando o banco de dados da FDA. Gina passou por diversos menus até encontrar os compostos experimentais.

Mas não achou nada sobre a dietilamida triptolínica.

Que merda! Isso era como caçar um fantasma. Mas não desistiria tão cedo.

Tinha de haver outra maneira. O rótulo na garrafa... a etiqueta da GEM

Pharma. E se ela usasse a empresa como um ponto de partida e voltasse a partir dali?

Levou uns quarenta minutos até Gina finalmente localizar a dietilamida triptolínica em meio ao lixo cibernético composto por registros de compostos cujas pesquisas haviam sido descontinuadas.

Baixou o arquivo e nomeou—o com suas iniciais, RFP, de Regina Francesca Panzella, e então saiu do banco de dados. Voltando ao sistema de Lathram, digitou "TyPE RFP MORE" e começou a ler do disco rígido.

Um pequeno arquivo. A dietilamida triptolínica—referida como DTP no arquivo, começara sua existência na GEM Pharma como um composto experimental com propriedades antidepressivas. Os primeiros testes em ratos e porquinhos—da—índia foram encorajadores, mas quando os testes foram realizados em primatas, descobriu—se que a DTP era tóxica, sendo indutora de estados psicóticos.

Todas as investigações adicionais foram canceladas, e a GEM Pharma passou a se dedicar a compostos mais promissores.

Gina se sentiu subitamente nauseada. Tóxico... estados psicóticos... com toda certeza o comportamento do senador Vincent antes do ataque fora estranho, podendo até mesmo classificar—se nos critérios de psicose. E pelo que ela ouvira, apesar de ele não ter tido outros ataques, continuava abalado mentalmente.

E Duncan... Quando aquilo aconteceu, Duncan estivera presente, bem ao lado dele na sala de audiências.

Gina ouviu a impressora laser começar a funcionar alguns metros à sua esquerda.

E o deputado Allard... ele tivera aquela queda horrível e sofrera a concussão cerebral que o deixara desorientado, sem saber ao certo quem era ou onde estava. Mas e se não tivesse sido a concussão que confundira seus pensamentos? E se os seus pensamentos tivessem sido embaralhados antes da queda... enquanto ele estava descendo os degraus?

E se os pensamentos embaralhados tivessem causado a queda?

A própria Gina começava a ficar com a mente confusa. Ela piscou e esfregou os olhos com a mão trêmula. Sua náusea estava piorando.

Gina ouviu passos. Limpou a tela e virou—se. Barbara estava pegando a

impressão.

— Você está bem? — perguntou Barbara, fitando Gina.

— Humm?Porquê?

— Está pálida. Quero dizer, você estava bem quando pegou o manual, mas agora parece doente.

Talvez eu esteja.

Gina esfregou a barriga.

— Meu estômago está esquisito. —Aquilo não era mentira.

— Está trabalhando demais. Vai acabar com uma úlcera.

— Talvez eu já esteja.

— Tenho algum remédio lá em cima.

— Isso seria ótimo.

Barbara apontou o manual do banco de dados da FDA.

— Acabou com isso?

— Sim, obrigada.

— Estou me preparando para sair—disse Barbara, enquanto pegava o manual.

— Quer que eu a tranque aqui dentro?

— Não. Já fiz tudo que tinha a fazer. Estou saindo também. Enquanto Barbara subia as escadas, Gina desligou o terminal e se levantou. Sentia—se fraca e confusa quando subiu. Tinha a impressão de estar com uns noventa anos.

Ela mal estava ciente do ambiente que a cercava. Em algum ponto ao longo do caminho despediu—se de Barbara, mas quando entrou no carro não ligou o motor.

Vincent... Allard... mas e quanto a Schulz? Ele saltou para a morte.

Isso era característico dos psicóticos? Talvez sim, talvez não. Mas com toda certeza não era racional. E o deputado Lane. Morreu num acidente de carro com um alto nível de álcool no sangue. Não conseguia ligar isso a Duncan. E se a DTP reagisse com o álcool? Ou e se o implante tivesse rompido enquanto ele estava dirigindo? A mesma desorientação que poderia fazer você cair poderia levá—lo a dirigir para fora da estrada.

Odeio isso, pensou Gina. Bateu os punhos contra o volante.

Odeio isso!

Duncan não poderia estar envolvido nisso. Não poderia....

Ouça o que está dizendo, garota. Envolvido no quê? Não havia nenhuma prova de que houvesse qualquer coisa com que Duncan pudesse estar envolvido.

Então por que a DTP? Que razão legítima Duncan teria para guardar na

gaveta um composto indutor de psicose?

Certo... Oliver já trabalhara para a GEM Pharma, a empresa cujo nome estava na etiqueta. Isso explicaria como a garrafa chegara a Duncan.

Mas por que ele a mantinha? Por que manter algo sem valor terapêutico?

E que era comprovadamente tóxico?

E quanto ao trocarte, perfeito para inserir um dos implantes tamanho família de Oliver — cheio de DTP, talvez — na camada de gordura de uma pessoa, onde poderia ficar aninhada até que Duncan a desmanchasse com um raio de ultra—som?

Espere um pouco. Ultra—som. Era onde toda a lógica dessa história ia por água abaixo. Claro, Duncan estivera na sala de audiência da Comissão de Diretrizes quando o senador Vincent perdeu a sanidade, mas Gina não o vira entrar na sala empurrando uma máquina de ultra—som.

Contudo... com microchips e circuitos impressos, podia—se fazer um emissor de ultra—som pequeno o suficiente para caber num bolso e...

Gina esfregou as têmporas. Odiava o que estava pensando. Começou a lembrar de Louisiana e a querer ter ficado lá.

Se ao menos tivesse como saberl Balançou a cabeça e deu a partida no carro. De uma coisa tinha certeza.

Na quinta de manhã estaria trabalhando com Duncan e não deixaria que o senador saísse de sua vista por um instante sequer.

* 24

* 24

ANTES DA CIRURGIA

Duncan se serviu da segunda xícara de café e colocou o bule sobre a mesa. Gostava de passar as manhãs de quarta entre as paredes silenciosas de sua clínica, especialmente quando, como hoje, poderia chegar cedo e ter o lugar todo para si. Sem nenhuma cirurgia marcada, podia dar—se ao luxo de beber lentamente o café, saboreando o aroma e o silêncio, enquanto observava a superfície do lago koi oscilar lentamente, em torno do jardim de pedras. Era o momento mais adequado para fazer o relatório e amarrar as pontas soltas dos procedimentos de segunda e terça. Depois, poderia ter o restante do dia para si mesmo.

Talvez ligasse para Brad e o convencesse a matar suas aulas da tarde — precisaria de cerca de

dez segundos para isso. Talvez pudessem jogar uma partida de golfe Não jogava golfe fazia milênios.

Pegou o controle remoto e o apontou para a TV do outro lado da sala.

Mudou da CNN para o Today, daí para o GoodMorning America e o This Morning, e por fim de volta para a CNN. Aparentemente, nada de importante acontecera no dia anterior, e os programas da manhã pareciam interessados apenas em astros e estrelas de cinema. A C—SPAN exiba imagens de arquivo de senadores fazendo longos discursos para uma câmara vazia em apoio ou em oposição a algum projeto de lei inconseqüente.

Era hora de ditar seus relatórios cirúrgicos. Tirou a chave do bolso e inseriu —a na fechadura. Ela não girou. Tentou novamente, empurrando a chave para a frente e para trás, para cima e para baixo. Verificou se era a chave certa, e então tentou de novo e reparou que a chave não estava indo até o fim. Havia alguma coisa errada com a fechadura. Por algum motivo, estava emperrada.

Mas que diabo acontecera? Ela não vinha prendendo ou dando qualquer sinal de que havia alguma coisa errada. Droga, que mundo! Ninguém fazia nada para funcionar a vida inteira.

Foi até a mesa de Barbara e agora gostaria que ela já estivesse ali.

Teria de chamar um chaveiro para abrir aquela porcaria. Poderia ligar ele

mesmo, mas provavelmente era cedo demais. Pegou uma caneta e deixou um bilhete sobre a mesa de Barbara para ligar para um assim que pudesse.

Enquanto se virava, Duncan notou o manual do banco de dados da FDA sobre a mesa de Barbara. Provavelmente Oliver precisara dele. Pelo menos alguém estava usando—o para alguma coisa.

Saiu à procura de outro gravador.

Gina sentou—se de repente na cama.

— Ai, meu Deus!

Estivera deitada havia algum tempo, torcendo para conseguir relaxar e dormir. Não fizera nenhum plantão na noite anterior, não tinha nenhuma cirurgia marcada para hoje, nem compromissos com o senador até a tarde.

Seria uma manhã longa.

Mas as revelações da noite anterior tinham sobrevoado sua cama como urubus famintos.

O trocarte... a DTP... a informação sobre a FDA... pensara nessas coisas a noite inteira, tentando encontrar algum sentido nisso tudo... um sentido que inocentasse Duncan. Repassando mentalmente o que descobrira, lembrou—se de que baixara o arquivo da FDA. O arquivo "RFP"

que criara no disco rígido.

Não o apagara.

Gina saltou da cama e começou a vestir as roupas. Poderia escovar os cabelos no carro, mas não teria tempo para tomar banho. Tinha de chegar ao escritório e apagar aquele arquivo. Se Duncan o encontrasse, ou se Ohver o visse e falasse a respeito com Duncan, ficaria claro que Gina abrira a gaveta.

Pegou as chaves do carro e saiu correndo.

— Muito bem, doutor — disse o chaveiro. Ele era magro, aparentando ter uns quarenta anos, fedia a tabaco e tinha o nome Bill bordado na camisa de trabalho. — Está tudo direito.

— Excelente — disse Duncan, sem convicção. O homem demorara uma hora para fazer um trabalho de quinze minutos.

Não fora fácil, mas depois de vinte minutos de resmungos e imprecações murmuradas, Bill finalmente conseguira abrir a gaveta. Duncan ficara de olho nele o tempo inteiro, e assim que o homem abrira a gaveta, Duncan removeu o frasco de DTP e o trocarte e colocou—os em um dos armários do outro lado da sala. Nenhum dos dois objetos faria qualquer sentido para o chaveiro, mas Duncan queria mantê—los em segurança e fora de vista.

Quanto ao restante dos pertences que havia na gaveta, colocara—os sobre a

mesa.

Bill levou a gaveta vazia para o caminhão, esclarecendo que poderia trabalhar melhor lá. Duncan imaginou que lá ele também poderia acender um cigarro.

E então, depois de um período interminável, Bill estava de volta.

— Tive de pôr uma nova fechadura.

— Qual foi o problema com a antiga?

— Eu quis saber a mesma coisa. Tive de tirá—la para descobrir. Um pouco estranho.

Por que o homem estava hesitante?

— Como assim?

Ele enfiou a mão no bolso e pegou um pedaço de fita Scotch. Deixou—o cair sobre a mesa em frente a Duncan.

— Isto estava nele.

Duncan pegou a fita, um único pedaço, dobrada. Entre as duas superfícies grudentas havia uma pequena farpa de metal.

— Como isso foi parar na minha fechadura?

— Alguém deixou nela.

— Espere aí, como...?

— Não de propósito. Parece a ponta quebrada de uma barra de tensão.

— Uma barra de tensão?

— Você sabe. Uma coisa que se usa para abrir fechaduras. Não, Duncan não sabia. Ficou olhando para Bill, enquanto sentia o coração começar a bater mais depressa. Deixou cair a fita, e então a tirou da mesa. Esse homem tinha dito...?

— O quê?

A expressão de Duncan deve ter sido feroz, porque Bill começou a gaguejar.

— Não posso ter certeza, claro, mas foi a primeira coisa que pensei quando vi esse pedaço de metal cair do cilindro.

— Mas isso é ridículo!

Duncan percebeu que elevara a voz. Não fora sua intenção fazer isso.

— Ei, tudo bem — disse Bill, fazendo movimentos conciliatórios com as mãos. Não fique nervoso. Para mim não faz diferença. Se não perdeu nada, então acho que estou errado. Mas isso realmente parece a ponta de uma barra de tensão.

A mente de Duncan repassou uma lista do conteúdo da gaveta. O frasco de DTP, o trocarte, a foto de Lisa, o gravador e um monte de bobagens.

Tudo estava lá quando abrira a gaveta.

Duncan modulou o tom de voz.

— Bem, não estou sentindo falta de nada. E não guardo aí nada que valha a pena roubar. Acho que isso significa que a fechadura não foi arrombada.

Bill deu de ombros, evitando encarar Duncan.

— Talvez. Pode ser também que a barra de tensão tenha se quebrado e o fragmento tenha emperrado a fechadura antes da pessoa conseguir abrir a gaveta.

Duncan estremeceu. O homem estava certo. Mas quem poderia...?

— Sim, mas como nada está faltando, acho que vou apenas esquecer o assunto. Mas estou muito satisfeito por você ter trazido o fato à minha atenção.

— Ora, não foi nada.

Quando Bill saiu, deixando um jogo de chaves para a nova fechadura, Duncan foi até o armário e examinou o frasco de DTP. Não memorizara o nível de fluido no frasco, mas parecia inalterado. O trocarte ainda estava embalado em plástico transparente. Colocou os dois objetos de volta na gaveta e trancou—a. Em seguida recostou—se na cadeira e sentiu o coração bater mais devagar enquanto ele se acalmava.

Muito bem. Sejamos racionais. Muito estranho. E muito perturbador. Mas onde estava a razão lógica para qualquer um tentar pegar isso na gaveta—e, principalmente, arrombar a fechadura?

E havia algum motivo real de preocupação? Mesmo se alguém tivesse descoberto sobre a DTP, o que poderia fazer com esse conhecimento? A pessoa não teria como saber que substância era essa. A DTP era um composto órfão e abandonado. O único registro de sua existência estava nos arquivos mortos da GEM Pharma, e nos bancos de dados cavernosos da...

FDA.

Deus!

Duncan saltou da cadeira e correu para a recepção.

— Barbara! Você usou o banco de dados da FDA ontem?

— Não, eu...

— Vi o manual sobre sua mesa hoje cedo.

Ela recuou um pouco, olhando estarrecida para Duncan. Sem querer, ele falara com Barbara num tom ríspido.

— Eu... eu o emprestei à Dra. Panzella ontem. Ela me pediu o manual e o entreguei a ela.

Duncan estava estupefato. Gina?

— Não há nenhum problema nisso, há, Dr. Duncan? Gina?

— Quê ? Não há problema nenhum.—Era hora de um pouco de controle de

danos.—Eu estava apenas procurando por ele. Preciso usá—lo... preciso de alguns dados da FDA.

Barbara entregou o manual a Duncan e ele retornou ao seu escritório, balançando a cabeça. Imagine só, Gina tentando arrombar uma fechadura!

Absurdo. Ridículo.

Mas mesmo assim...

Certamente tinha acesso e oportunidade. Mas, por que faria isso? Não, era impossível.

Mas, mesmo assim...

A fechadura aparecendo danificada e Gina pedindo o manual da FDA... as duas evidências se encaixavam bem demais.

Duncan retornou para a escrivaninha e ligou o terminal do computador.

Talvez houvesse alguma forma de descobrir o que ela estivera procurando no banco de dados da FDA.

Gina empertigou—se atrás do volante ao ver o carro de Duncan no estacionamento. Não que fosse incomum ele estar ali numa quarta de manhã, mas Gina estivera torcendo e orando para que Duncan já tivesse ido embora a essa altura.

Bem, não podia deixar que isso a detivesse. Saltou do carro e correu para a entrada dos fundos.

Se alguém perguntasse por que estava ali, Gina teria de usar a velha desculpa, embora ainda não usada, de "esqueci meu crachá do Senado". O

procedimento levaria dez segundos: acessar o disco rígido, deletar o arquivo com os dados da dietilamida triptolínica e sair correndo como uma doida.

Simples.

Deus, era melhor que fosse.

Duncan acessara o banco de dados da FDA, mas isso não o ajudara em nada.

Não havia como saber o que Gina fizera. Ele até mesmo telefonara para a FDA, mas três atendentes diferentes não tinham a menor idéia de como ajudá—lo.

Muito frustado, ele saiu do programa e se recostou na cadeira, olhando para o C—prompt do computador. Não havia como saber... mas e se não houvesse nada para encontrar? E mesmo se Gina tivesse procurado pela DTP, provavelmente não achara nada. Anos atrás, o próprio Duncan tentara e penara muito até conseguir. E ele sabia onde procurar. Além disso, se Gina encontrara o arquivo e simplesmente lera a informação na tela, não haveria nenhum rastro a seguir. Só se tivesse baixado o arquivo...

Duncan se empertigou na cadeira.

Ela pode ter baixado o arquivo! Nesse caso, Gina deve ter criado um novo arquivo. É preciso nomear os dados que se deseja receber antes que possam ser gravados no disco rígido. Duncan digitou DIR/O:D e deu enter. O conteúdo inteiro do disco rígido, cada diretório e arquivo livre, subiu pela tela a uma velocidade ilegível. Sem problema. Se Gina tivesse baixado diretamente para o arquivo rígido, ele o encontraria ali, em algum lugar próximo ao fim da lista. Se ela tivesse enraizado o arquivo em um dos diretórios, Duncan teria de procurá—lo diretório por diretório. E se ela tivesse apagado o arquivo... então Duncan estava apenas perdendo tempo.

E como reconheceria esse arquivo, afinal? Será que ela o teria nomeado DTP? Dificilmente.

E de repente lá estava ele, no fundo da tela. O último arquivo, "RFP", seguido pela data do dia anterior.

Regina E Panzella. Ele esquecera o que significava o E, mas isso não vinha ao caso. O que estava no arquivo?

Ele digitou TYPE RFP e observou as linhas subirem pela tela. Quando o arquivo parou de subir, ele leu a última linha.

CONDIÇÃO ATUAL: Investigações adicionais da dietilamida triptolínica descontinuadas.

Não! Duncan cerrou os olhos. Não queria ter visto aquilo.

Deslizou com a cadeira para longe da escrivaninha, levantou—se e caminhou pela sala, virando—se para um lado e para o outro com movimentos ríspidos. Não conseguia ficar parado. Era como se houvesse uma força invisível nas suas costas, impelindo—o pelo escritório. Gina arrombara sua gaveta! Como ela tivera coragem? Porque fizera isso?

Essa era a questão mais enervante. Porquê? Não tinha como suspeitar de nada. Ele tomara todos os cuidados. Ele usara um sistema ainda em estágio experimental para introduzir uma droga cuja existência ninguém conhecia. O motivo tinha de ser outro.

O quanto ela sabia?

Obviamente ela sabe sobre a DTP. Mas o que mais?

E como descobrir? Ele não podia simplesmente chamar Gina e perguntar a ela.

Sua peregrinação levou—o até a porta e ele ouviu Barbara despedir—se de alguém. Subitamente, ele teve de saber quem. Sua privacidade fora violada. Sua pequena fortaleza havia sido invadida. Ele queria o nome, posto e número de

série de qualquer um que entrasse em sua clínica.

Enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Quem era? Barbara se voltou.

— A Dra. Panzella.

— É mesmo?—Ele manteve um ar de calma enquanto alarmes soavam—lhe na cabeça. — Eu não sabia que ela estava aqui.

— Ela acaba de chegar. Veio pegar alguma coisa que esqueceu ontem.

Seu conjunto de ferramentas? Duncan se perguntou enquanto meneava a cabeça. Fechou a porta.

O que Gina estava fazendo agora? O que ela estava fazendo ali em seu dia de folga? Espionando mais algum assunto confidencial?

Duncan cerrou os punhos.

Atraiçoado. Por Gina.

Ele queria socar alguma coisa.

Salvei sua vida, menina.

Como ela pudera? E o que estava fazendo agora?

Um pensamento ocorreu a Duncan. Retornou ao seu terminal e rodou novamente um DIR no disco rígido. O diretório subiu pela tela rápido como antes, mas acabou num ponto diferente.

Nenhum arquivo "RFP".

Ela devia ter lembrado que deixara o arquivo no disco e voltara para cobrir as pistas. A pequena ingrata. O que ela queria? E o quanto ela sabia!

Precisava obter respostas. E logo. Antes da quinta—feira.

* 25

GINA

Gina bocejou enquanto tentava vencer o tráfego na Connecticut Avenue.

Cansada.

Não apenas cansada. Exausta.

Ficara de plantão no Lynnbrook Hospital na noite anterior. Tentara negociar horário com alguém, mas ninguém se mostrara interessado em trocar com ela.

Pelo menos ela fora capaz de convencer Jim Grady a pegar as últimas duas horas de seu turno. Mas por mais que gostasse da idéia, não usaria o tempo para dormir. Queria chegar antes de Duncan na clínica hoje.

Chegaria lá primeiro, estaria lá quando Duncan aparecesse e ficaria de olho nele até a chegada de Marsden. Depois disso, grudaria no senador: participaria como assistente em sua cirurgia e não o perderia de vista até ele sair da clínica e entrar no carro que o estaria esperando.

Entrou no estacionamento da clínica e parou. A mercedes preta de Duncan já estava estacionada.

Gina socou o volante. Porra!

Muito bem. Teria de adaptar seu plano. Se Duncan perguntasse, Gina diria simplesmente que saíra mais cedo do Lynnbrook, mas não o bastante para passar em casa primeiro.

Entrou em uma das vagas e caminhou apressada até a porta. Ao entrar, parou. Uma música suave pairava no ar: um arranjo sinfônico e inadequado de uma melodia dos Beatles, acompanhado pelo aroma do café fresco de Duncan. Gina não ficou com água na boca. Bebera café a noite inteira.

Seus sapatos eram de sola macia e não fizeram som enquanto caminhou pelo corredor na direção do escritório. Passou correndo pela mesa de Barbara e parou diante da porta aberta para escutar. Nenhum som vinha da sala, nem mesmo a televisão. Duncan quase sempre deixava a TV ligada na CNN ou na C—SPAN. Bateu levemente à porta enquanto olhava para dentro.

— Duncan?

Vazia. Exceto pelo aroma suave de café, o escritório estava exatamente como Duncan deixara na terça. Mas onde ele estava?

Enquanto se voltava para sair, um brilho sobre a mesa atraiulhe a atenção. Aproximou—se. Era um frasco.

A boca de Gina ficou seca quando reconheceu a DTP. Estava colocado sobre uma bandeja de metal. O trocarte e o obturador também, agora selado dentro de uma embalagem hermética transparente. Devia ter sido esterilizado. Por quê? Estava sendo preparado para uso? Ao lado jazia uma seringa fora da embalagem. E um implante tamanho grande. Um implante cheio.

Gina se sentiu nauseada. A sala girou, e teve vontade de vomitar.

Ai, Duncan! É verdade!

Lágrimas desceram—lhe dos olhos. Como ele podia fazer isso?

Então Gina ouviu uma porta batendo em algum lugar no corredor. Foi atravessada por uma onda de pânico. Não podia ser descoberta ali.

Girou sobre os calcanhares e correu para a porta. Ninguém à vista, mas pôde ouvir passos de alguém dobrando a esquina do corredor. O coração batendo enlouquecidamente, Gina correu até o banheiro dos funcionários.

Ficou parada ali ofegante, suando, enquanto a náusea aumentava. Então se inclinou sobre a privada para vomitar. Não saiu nada. Ao virar— se para apoiarse na pia, viu—se de relance no espelho: pálida, doentia e trêmula.

Duncan... Duncan... Duncan... isso não pode estar acontecendo. Esse não é você!

Mas aquele era Duncan. As peças encaixavam—se. As especulações mais ensandecidas de Gina tinham acertado bem no alvo. Duncan estava envenenando esses homens, implantando uma neurotoxina nos tecidos deles, fazendo—os entrar num estado psicótico...

No qual ele mesmo já se encontrava.

Gina segurou com força a borda da pia e se empertigou. Lavou o rosto e tentou reorganizar os pensamentos.

Duncan tivera um colapso.

Não um colapso, disse a si mesma. Seja científica. Use seu treinamento.

Isso não era fácil de fazer com alguém tão próximo, mas precisava recuar alguns passos e olhar para ele.

Duncan... sofrendo de alguma forma de esquizofrenia paranóide...

vingando—se da Comissão de Diretrizes que arruinara a carreira dele anos antes... e que agora, em sua mente, ameaçava aniquilar toda a profissão médica. Delírios paranóicos costumavam ser ligados, ainda que de forma tênue, à realidade, mas a psicose aumentava a ameaça. Para um psicótico, qualquer um é um inimigo em potencial. Ele não podia confiar em ninguém de modo que seu

único recurso era tomar medidas drásticas por conta própria.

Se não o perturbassem, Duncan provavelmente representava perigo apenas para os membros da Comissão de Diretrizes. Mas se fosse desafiado, ameaçado e encurralado, poderia agir de forma imprevisível. Duncan poderia se tornar uma ameaça a qualquer um.

E então, o que faço?, perguntou Gina ao seu reflexo enquanto enxugava o rosto.

Adquirira uma cor melhor agora. A expressão doentia desaparecera.

Sentiu—se mais sob controle, mas apenas um pouco. O estômago se acalmara, e não estava sentindo impulso de fugir.

Uma coisa sabia que não devia fazer: confrontar Duncan. Ele poderia perder o controle e fazer alguma coisa insana. Só que ele já fizera coisas insanas. Quatro vezes. Possivelmente mais.

E o senador Marsden seria a próxima vítima.

Um violento tremor atravessou—lhe o corpo, começando em sua espinha e subindo. Uma reação retardada.

Agüente firme, Panzella. Você consegue lidar com isso.

Empertigou—se, alisou a blusa, balançou o cabelo para trás e tentou delinear um plano.

Não diria nem faria nada esta manhã. Agiria com naturalidade. Não forneceria a Duncan nenhuma pista de que suspeitava de alguma coisa.

Faria o que era sua obrigação fazer e um pouco mais: seria assistente de Duncan na cirurgia, ficaria sentada junto ao senador durante sua recuperação, iria vê—lo ter alta e só então sairia. Mas assim que chegasse em casa ligaria para Gerry, contaria a ele sobre a DTP, o ultra—som e o trocarte, passaria por fax os recortes de jornal e deixaria o FBI, o Serviço Secreto ou qualquer outra pessoa assumir.

Precisava agir com naturalidade.

Saiu para o corredor e caminhou de volta até o escritório de Duncan, tentando parecer casual. A mesa de Barbara estava vazia. Ainda era cedo para ela chegar. Como antes, Gina caminhou até a porta de Duncan. Dessa vez ouviu um som vindo de dentro do escritório. A TV estava ligada.

Afora o terminal de computador e os jornais e papéis de sempre, não havia nada em cima da mesa.

A bandeja com a DTP, a seringa, o trocarte e o implante haviam desaparecido.

Mais um tremor, outra onda de tontura, mas dessa vez, breve. Estava

novamente sob controle.

O que esperava? Que ele deixasse aquelas coisas avista de todos a manhã inteira?

Estavam de novo trancadas na gaveta, prontas para o uso.

Ela ergueu o queixo. Não hoje, Duncan. Não no meu senador.

— Bom! Você chegou cedo hoje!

Gina quase gritou de susto quando Duncan passou à sua frente, cruzando o escritório na direção da cafeteira.

— Saí cedo do hospital—conseguiu ela dizer.

— Bom. Temos muito o que fazer hoje. — Encheu uma xícara e a ofereceu a Gina.

— Café?

— Não, obrigada.

— Pense melhor. É um Kona, legítimo e puro, enviado diretamente de uma plantação no sul de Kailua. Você precisa experimentar. Insisto.

Talvez ela devesse, apenas para ser sociável.

— Está bem. Só um gole.

— Você vai adorar—disse Duncan, oferecendo—lhe uma xícara fumegante.

Duncan observou Gina beber, e sorriu quando ela balançou a cabeça de satisfação.

— Hum... Que maravilha!

Ela o observou mexer com o funil e o filtro. Estava vestido com calças compridas cinza, blusa azul de algodão e um suéter marrom sobre os ombros. Parecia tão relaxado, tão normal Mas ela sabia que os paranóicos costumam ser assim. Perfeitamente sãos e normais em todos os aspectos de suas vidas, exceto no que dizia respeito ao seu delírio.

Lembrava—se do estudo de caso sobre um executivo bem—sucedido, presidente de três empresas, marido e pai exemplar, amado por todos, que um dia ficou louco quando um de seus vice—presidentes jogou cinza de cigarro na urna que servia de casa para o homenzinho azul que lhe dava conselhos.

Duncan parou o que estava fazendo naquele momento para olhar a TV Na C—SPAN aparecia uma entrevista com o porta—voz do governo. Ele fez uma careta.

— Não deviam passar essas coisas de dia.

— Por que não?

— Pode haver crianças assistindo — disse ele com uma piscadela maliciosa. —A programação da C—SPAN devia ser limitada às madrugadas.

As crianças em seus anos de amadurecimento não deviam ser expostas a políticos. As pessoas reclamam da violência na TV, mas isso é muito mais corruptor.

Gina forçou um sorriso. Não conseguia achá—lo engraçado agora. Ele continuou olhando a tela.

— Onde eles acham essas pessoas?

— Elas são eleitas — disse Gina com frieza. — É o modo americano. Eles concorrem ao cargo e obtêm o maior número de votos.

— Sim. Só que ninguém que você realmente gostaria de ver num cargo público teria o mau gosto de concorrer. E quando concorre, não vence.

— Consigo pensar em pelo menos uma exceção — disse ela, com o senador Marsden em mente.

— Uma avis rara, asseguro—lhe. Pense nisso, Gina. De um lado você tem um homem inteligente e íntegro. Ele concorda em concorrer a um cargo, pensando que poderá fazer alguma coisa significativa. Mas ele não lamberá as botas dos figurões, não beijará bebês nem será juiz em concursos de porcos. Insiste em ser julgado apenas por sua posição nos assuntos de relevância. Do outro lado, você tem um político profissional que prometerá qualquer coisa a qualquer um, fará acordos sem parar, posará sempre que vir uma câmera, fará qualquer coisa a favor ou contra qualquer um para obter um voto.—Duncan voltou—se para Gina, fitando—a intensamente:—Diga—me, Gina, quem vai ganhar essa eleição?

Gina não conseguiu responder. O desgraçado tinha razão.

— Repito — disse ele, sem esperar por uma resposta. —As pessoas que merecem ser eleitas raramente concorrem. E quando o fazem, não vencem.

Esse é o sistema americano.

— Não conheço um sistema melhor. E você?

— Não — disse Duncan com um suspiro. — Mas isso não significa que não possa ser melhorado. Nós limitamos o presidente a dois mandatos. Por que não limitar os congressistas?

— O senador Marsden se impôs seu próprio limite de mandatos — disse Gina. — Dois mandatos e ele está fora.

— Veremos se isso vai acontecer.

Gina sentiu um tom de ameaça nesse comentário.

— Falando do bom senador, ele é o último em nossa lista esta manhã. E você vai ser minha assistente, presumo.

— Isso mesmo.

— A seu pedido, certo?

— Certo de novo.

— Por que isso ? Você nunca pediu para me assistir na operação de determinado paciente.

— Trabalho para o homem. Duncan fitou Gina.

— Acha que isso é sensato? Não tem medo de se envolver emocionalmente?

Eu poderia chamar Cassidy.

— Esta não é exatamente uma cirurgia de vida e morte. E apenas vou ser sua assistente.

Por que essas perguntas? Ele nunca lhe fizera perguntas assim antes.

Mas, pensando melhor, os paranóicos não suspeitam de todos?

— Muito bem. Vamos fazer a assepsia às nove e quarenta e cinco. Marie vai anestesiá—lo às dez. Acabaremos a tempo do almoço.

— Marie ? A anestesia vai ser geral?

— Claro.

— Não seria suficiente a anestesia local? Ele a fitou. — Há quanto tempo você trabalha aqui? É a primeira vez que me questiona sobre a anestesia usada. Tem certeza que não está envolvida demais com este paciente?

Anestesia geral significa que Marsden estaria grogue depois da cirurgia.

Duncan poderia enfiar o implante sob a pele do senador sem que ele percebesse nada.

— Tenho certeza — afirmou Gina. — Só que sendo uma operação tão pequena, achei...

— Terei de fazer uma incisão larga o bastante para extirpar todo o tumor e não deixar nenhuma chance de recorrência. Em seguida, terei de fazer o enxerto e reconstruir o topo da aurícula para que não pareça que tentaram dar um tiro na cabeça dele mas erraram por um triz. Não quero que ele fique mexendo o pescoço ou a cabeça no meio da operação. Não acha que isso é justificativa suficiente para o uso de uma anestesia geral?

— Claro — respondeu Gina na hora. Começava a ficar tensa. — Foi só uma pergunta.

Um leve sorriso apareceu nos lábios de Duncan.

— Estamos um pouco tensos esta manhã, não é verdade? Ela colocou a xícara meio vazia sobre a mesa e caminhou até a porta.

— Café demais, acho.

No corredor sentiu—se desabar. Duncan estava muito prevenido. Rezou para conseguir levar tudo isso até o fim.

A cirurgia transcorreu com tranqüilidade. Duncan fez um belo trabalho extirpando e reconstruindo a aurícula superior da orelha do senador Marsden. E Gina fez o que esperava ser um trabalho igualmente bom protegendo o restante do corpo do senador.

Primeiro, ajudou Oliver pessoalmente a encher uma fornada de seus implantes menores, um dos quais seria usado na orelha do senador. Logo que Marsden chegou, Gina fez tudo para não deixá—lo um momento sequer a sós com Duncan. Conseguiu isso ficando sempre ao lado do senador ou de Duncan até o fim da cirurgia.

Duncan, estranhamente, não deu nenhum sinal de frustração ou agitação.

Gina ficara preocupada com a possibilidade de Duncan perder o controle quando descobrisse que seria impossível deixar o senador sozinho. Mas considerando o fato de que ela estava atrapalhando seus planos, ele parecia de excelente humor.

Isso deixou Gina ainda mais preocupada.

Agora estava sentada ao lado do senador Marsden enquanto ele dormia no quarto de recuperação VIP. Ele se mexeu pela segunda vez nos últimos cinco minutos. Acordaria a qualquer momento. Aprovação estava chegando ao fim.

Graças a Deus. Sentia—se morta de cansaço. Sentada ali com o sol do início da tarde entrando pela janela, podia ter cochilado se não fosse por sua bexiga. A pressão na virilha estava ficando insuportável. Não conseguia lembrar de alguma vez ter sentido algo assim, mas não podia deixar a sala por um segundo sequer.

— Como ele está?

Estremeceu ao ouvir a voz de Duncan. Estava parado no vão da porta, apoiado na parede com uma das mãos.

— Nunca vi você tão agitada, Gina. Talvez esteja certa sobre a quantidade de café.

— Estou bem—disse, tentando evitar que a tensão transparecesse em sua voz. Seria agora? Seria nesse momento que ele tentaria alguma coisa?

Duncan sorriu.

— Bom. Mas como está o senador? Ele é o paciente, lembra?

— Acordando. Despertará em alguns minutos.

Não era verdade, mas não queria que Duncan imaginasse que teria tempo de tentar alguma coisa.

— Excelente.—Ele olhou o relógio.—Veja só. Já está na minha hora. E como você decidiu ser a enfermeira do senador, além de minha assistente cirúrgica e sua auxiliar legislativa, pode cuidar dele daqui em diante.

Só não esqueça de lembrar Barbara de dar a ele as instruções usuais sobre cuidados com enxertos e marcar uma consulta comigo para a próxima semana. Gina fitou Duncan. Estupefata. Afônica.

— Gina?

— Está saindo agora?

— Tem algum motivo para eu ficar?

— Bem, não. Eu só... divirta—se no golfe.

— Obrigado. Vou me divertir sim.

Ele acenou para ela e saiu, deixando Gina sentada e olhando para a porta vazia.

Será que estou exagerando?, perguntou—se ela.

Não vira a bandeja com a DTP, o trocarte e o implante em cima da mesa de Duncan? Por que, se ele não tinha intenção de usá—los hoje? A não ser...

A não ser que estivesse completamente errada.

E se tivesse interpretado tudo errado? E se estivesse enganada? E se...?

Não. As peças encaixavam—se bem demais. Duncan estava tramando alguma coisa.

Mas o quê? Ele não tivera uma oportunidade sequer de colocar o implante no senador... Gina sabia disso. Ela atrapalhara os planos de Duncan, e o que ele fazia? Ia jogar golfe. Só que Duncan jamais ia ao clube de golfe quando dizia.

Mas pelo menos com Duncan fora, ela podia ir ao banheiro. Sua bexiga estava a ponto de estourar. Saiu para o corredor e foi direto até a porta dos fundos. Avaga no estacionamento de Duncan estava vazia. Ela entrou correndo no banheiro.

Alguns minutos depois, sentindo—se quase flutuando de alívio, voltou ao quarto de recuperação.

— Boa tarde, senador—disse ela.

Ele sorriu de leve e fechou os olhos outra vez.

Ela o encarou, subitamente nervosa por tê—lo deixado sozinho durante alguns minutos.

Estou ficando tão paranóica quanto Duncan, pensou, mas não pôde resistir a levantar o lençol do senador e verificar—lhe a perna.

Gina quase desmaiou ao ver um ponto vermelho na coxa de Marsden. Sangue?

Trêmula, apoiou—se na cama para não cair.

Sim... era sangue. Um ferimento pequeno semicircular, exatamente a marca que seria deixada por um trocarte. Exatamente igual à marca na coxa do senador

Vincent nesse mesmo quarto há um mês.

— Oh... Deus!—sussurrou enquanto era tomada por fúria e terror. — Deus do céu!

Gentilmente, cutucou a área em torno do ferimento. A perna do senador enrijeceu. Ela levantou os olhos e o viu observando—a.

— Olá de novo — disse ela, tentando manter a voz calma e o rosto profissionalmente neutro. — O Dr. Lathram esteve aqui?

— Quem é o Dr. Lathram? — ele lambeu os lábios secos. — Pode me trazer um pouco de água?

Ainda estava entorpecido demais para ajudar Gina.

Ela forçou as pernas trêmulas a levá—la para fora da sala onde poderia encostar—se na parede e deixar o corpo tremer.

Em que espécie de pesadelo se envolvera? Onde estava o espelho pelo qual ela entrara para cair nesta casa de loucos?

Duncan. Onde estaria ele agora? Era óbvio que não saíra, apenas fingira isso. Provavelmente escondera—se numa das salas e ficara esperando que Gina deixasse o senador sozinho.

E enquanto eu estava mijando, ele entrou no quarto do senador e apunhalou —o com o trocarte.

Filho da puta!

Gina cambaleou até a porta da frente e viu uma mercedes preta como a de Duncan saindo de trás dos arbustos. Não pôde enxergar a placa, nem teve certeza se era Duncan atrás do vidro fume. Observou o carro desaparecer no tráfego.

Correu de volta até o quarto e deparou com Barbara olhando para ela.

— Está bem, querida?

— Estou. — Tinha de contar a alguém o que estava acontecendo, mas Barbara não era esse alguém. — Perfeitamente bem.

Retornou ao quarto do senador Marsden e encontrou—o se apoiando nos cotovelos para se levantar.

— Que tola eu sou. Havia água aqui o tempo inteiro.

Encheu um copo e observou—o beber, enquanto pensava no que fazer.

Deveria contar tudo que sabia ao senador? Dizer—lhe que o seu cirurgião acabara de colocar um implante cheio de uma toxina em sua coxa?

Estudou a expressão do senador Marsden. Ele não estava em condições de ouvir ou compreender. Então a quem Gina poderia recorrer? Com quem poderia contar?

* 26

GERRY

Gerry acabara de voltar do almoço. Estava admirando a última obra de arte de Martha, um desenho feito com lápis de cera que acabara de pregar na parede de seu cubículo, quando anunciaram o telefonema de Gina. Ficou satisfeito por ser ela quem lhe estivesse ligando. A semana inteira Gina estivera estranhamente distante.

— Gerry, preciso de sua ajuda.

Não era um bom começo. Parecia nervosa.

— Claro. Qual é o problema?

— É sobre Duncan.

Gerry reprimiu um resmungo. De novo, não. Desejaria nunca ter falado com Gina sobre sua teoria de conspiração.

— O que tem ele?

— Ele colocou um implante tóxico no senador Marsden. Gerry não respondeu imediatamente. Não podia. Estava chocado demais para falar.

— Ele fez isso, Gerry. Eu sei. Finalmente, encontrando sua voz, Gerry disse:

— Gina, já passamos por isso antes. Testamos a solução, o "molho secreto" ou seja lá como você o chama, e vimos que ele é...

— Não estou falando do molho secreto. É alguma outra coisa. É uma droga da qual nunca ouvi falar.

— Como descobriu isso?

Gina ficou em silêncio por um instante.

— Descobri a droga numa das gavetas de Duncan.

— Ele a deixa onde qualquer um possa pegar? Outra pausa.

— Não, ele a deixa trancada.

— Então como você...—De repente, Gerry entendeu tudo. — Gina, não! Você não...

— Me perdoe, Gerry, mas precisei fazer isso.

— Gina, você usou a ferramenta do FBI para invadir o escritório de alguém?

— Gerry, você tem todo o direito de ficar zangado, mas, por favor, não fique. Não usei a ferramenta para invadir o escritório dele. Só para abrir a gaveta.

— Dá no mesmo. Você podia ter sido pega, presa, talvez pior.

— Olhe, eu sabia que você reagiria assim se eu lhe dissesse. Foi por isso que fiquei calada. Mas eu tinha de abrir aquela gaveta.

— Não acredito nisso. Você....

— Gerry, duas pessoas podem estar mortas por causa dele. Duas outras estão insanas. Esta droga causa reações psicóticas. Você assistiu ao vídeo do senador Vincent no primeiro dia da audição, não é?

— Claro. Quem não viu aquilo?

— Ele estava agindo de forma sã imediatamente antes de ter o ataque?

— Não, acho que não—admitiu Gerry, relutante. Pegou um lápis. — Qual o nome da droga?

— Dietilamida triptolínica.—Ela soletrou para Gerry.—DTP para encurtar.

— E essa coisa deixa as pessoas malucas?

— Segundo a FDA, deixa sim. A pesquisa foi interrompida porque a droga causou reações psicóticas em primatas.

— Então se Lathram está injetando essa droga nas pessoas, por que nenhum médico descobriu isso no organismo das vítimas?

— Porque ninguém está procurando por ela. Ninguém sabe que ela existe.

Gerry, milhares e milhares de compostos são testados todos os anos.

Talvez um dentre dez mil chegue a alcançar o público. Trata—se de uma droga experimental que foi descartada devido aos efeitos colaterais. É

isso. Tchau—tchau Sayonara. Que venha o próximo composto e não vamos mais pensar nisso.

— Então como Lathram soube sobre esse... — Olhou sua anotação. — DTP?

— Pelo irmão dele. Oliver trabalhava para a empresa que estava testando a DTP.

Gerry se empertigou e se inclinou sobre a mesa. Todas as velhas suspeitas que ele estivera tentando esquecer dançavam novamente dentro de sua cabeça.

— E você acha que ele injetou essa coisa em Marsden?

— Tenho certeza!

— Você o viu fazer isso?

— Não, mas vi o ferimento arredondado na coxa do senador. Gerry ouviu Gina contar como vira o frasco de DTP sobre a mesa de Lathram naquela manhã, junto com um implante e alguma coisa chamada trocarte.

— Mas Lathram não podia simplesmente ter lhe dado uma injeção ou qualquer coisa do tipo?

— Não ali. E Duncan jamais dá injeções. Ele manda uma enfermeira fazer

isso. Estou dizendo, Gerry, o senador Marsden está deitado no fim do corredor com um implante cheio de DTP na coxa direita. Tenho de tirar aquilo!

— Certo. Relaxe por um segundo e me deixe pensar. — Ele se recostou na cadeira novamente, tentando permanecer calmo, conter a excitação que o envolvia. Isso era coisa pesada. Um cirurgião preeminente e bem relacionado e um senador americano muito famoso. Material para manchetes. Tinha tudo para se tornar um grande caso. Ou um grande embaraço.

Se apenas Gina tivesse realmente visto Duncan inserir o implante...

— Acha que Marsden está correndo perigo imediato? Gina hesitou por um segundo, mas finalmente disse:

— Não. Duncan vai passar o dia fora. Acho que ele quer escolher um lugar e um momento específicos. Lembre—se que tanto Allard quanto Vincent sofreram seus ataques diante de câmeras de TV Acho que Duncan vai esperar uma oportunidade como essa.

— Mas por que, Gina? Falta um motivo para isso. Por que ele está agindo assim?

— Ele odeia a Comissão de Diretrizes e o que ela está tentando fazer.

— Igualzinho a um monte de outros médicos. Mas eles não...

— Escute, Gerry. É uma questão pessoal para Duncan. Gina lhe contou sobre as matérias que lera noPost e noBanner, e lhe disse que Schulz participara da Comissão de Diretrizes original.

Bingo! Esse era o elo que ele estivera esperando para conectar os quatro congressistas. Ela também contou sobre o telefonema que dera para o Comitê de Ética Médica do Estado de Virgínia. Quando Gina terminou, ele estava convencido, mas isso não era o bastante. Ainda teria de convencer Ketter.

— Veja, como o senador não está em perigo imediato, dispomos de algum tempo para montarmos um caso.

— Gerry...

— Escute o que vou dizer. Mandaremos alguém vigiar a casa do senador.

Enquanto isso, não faça nada que possa alertar Lathram.

— Não se preocupe.

— Não lhe dê nenhuma chance de cobrir seu rastro. Quero que ele pense que tem tudo sob controle absoluto, que tudo está normal. E mantenha distância. Pare de bancar a Nancy Drew. Deixe o resto comigo.

Queria que Gina ficasse longe do perigo. Não havia como saber o que Lathram faria caso se sentisse encurralado. — Certo, mas tem certeza que o senador ficará bem?

— Gina, no momento não tenho certeza de coisa alguma. Quero dar início a esta investigação, mas não sou eu quem toma essas decisões. Preciso montar um caso e levá—lo ao meu supervisor, e ele pode ter de encaminhá—lo a um superior. E quanto mais cedo eu conseguir botar esta coisa para andar, melhor.

Gina comunicou—lhe o ano e os meses nos quais os artigos de jornal apareceram e em seguida falou:

— Mantenha—me informada, certo?

— Não se preocupe. Mas uma coisa que não pode ser mencionada, agora ou nunca, é como você abriu a gaveta de Lathram. Entendido?

— Entendido. E sinto muito, juro.

— Desculpas aceitas. Falo com você depois.

Depois que desligou o telefone, Gerry permaneceu sentado durante um bom tempo, fazendo anotações, organizando os fatos e consultando o computador para poder montar o caso do Dr. Lathram.

Gerry estava a toda. Sabia o que isso poderia significar para ele. Não deixaria que esse caso saísse de suas mãos. Era o seu bebê. A curto prazo, significava uma tonelada de trabalho extra, mas a longo prazo...

solucionar um caso dessa magnitude poderia fazer a carreira de um agente.

E tudo parecia muito sólido. O bom doutor tinha acesso e oportunidade.

Gerry precisava documentar seus motivos.

Ligou para o departamento de pesquisa. Queria todas as informações sobre o Dr. Lathram, com atenção especial para as ligações entre Lathram e os políticos vitimados. Queria estar com esses recortes à mão quando levasse o caso a Ketter.

Gerry ficou surpreso quando, menos de uma hora mais tarde, um envelope do departamento de pesquisa apareceu sobre sua mesa. Tão cedo?

Folheou rápido os papéis, principalmente as fotocópias dos velhos artigos de jornal com o nome de Lathram em destaque, junto com os de Lane, Allard, Vincent... e Schulz.

Ali estavam eles, vilão e vítimas, todos belamente conectados nas páginas doFost. A solução do caso ainda estava longe, mas esses recortes, mais a declaração de Gina sobre a neurotoxina, seriam suficientes para fazer as coisas funcionarem.

Dirigiu—se ao escritório de Marvin Ketter.

Ketter estava parado diante da janela, olhando para o tráfego congestionado na E Street. O cenho estava franzido em sinal de concentração, unindo as sobrancelhas felpudas numa linha contínua.

Gerry percebeu que ele estava tentando se decidir.

Homem cauteloso, esse Ketter. Cauteloso demais. Temia muito cometer erros. Mas Gerry não permitiria que Ketter deixasse esse caso escapar.

— Veja—disse Gerry, caminhando pela sala, procurando por uma forma de convencer o supervisor —, Lathram tem motivo, meios e oportunidade. Do que mais precisamos?

— É tudo circunstancial.

— Quatro membros da comissão antiga estão mortos ou inválidos. A Dra.

Panzella só não viu Lathram enfiar um desses implantes no senador Marsden. Quanto tempo devemos esperar?

— "Só não viu" não é o mesmo que ver. Você sabe disso, Gerry. E Marsden não foi membro da comissão original. Isso acaba com o motivo.

— Mas ele está presidindo a nova comissão. Gina está certa. Sei que ela está.

As sobrancelhas de Ketter alcançaram a linha do cabelo.

— Gina?

— ADra. Panzella. Fizemos o ginásio juntos.—Ele não queria que Ketter soubesse mais que isso.—Foi por causa disso que ela me procurou. Olhe, não me diga que não está sentindo nas entranhas que tem algo errado aqui.

Ketter olhou o monte de papéis que Gerry dispusera sobre a mesa — Acredite em mim, Gerry. Não há nada que eu gostaria mais que solucionar uma trama como essa. Seria bom para nós dois.

Foi a vez de Gerry caminhar até a janela, para olhar os carros. Ketter não saltaria a merda da cerca, mesmo sabendo que um caso como esse poderia fazê—lo subir de posto e deixar Gerry nesse escritório. Gina ficaria orgulhosa dele, o senador Marsden se sentiria grato e ele teria mais tempo de se dedicar a Martha. E a Gina.

Deus, como ele queria isso.

— Então o que fazemos? Esperamos até o senador Marsden enlouquecer?

— Se isso acontecer, pelo menos saberemos o que e onde procurar.

Gerry lhe dirigiu um olhar cético.

— Eu sei, eu sei. — disse Ketter. Isso não faria muito bem a Marsden.

Mas não quero correr o risco de me queimar e prejudicar o FBI.

Muito bem, pensou Gerry. Se apelar para a razão não estava funcionando, que tal uma ameaça?

— De uma coisa eu tenho certeza, Marvin. Se alguma coisa acontecer a Marsden, a Dra. Panzella vai nos culpar por isso. Ela está no gabinete de Marsden. Não acha que ela dirá à imprensa, ao Congresso e a quem quiser ouvir que avisou o FBI mas que a ignoramos? Se está preocupado com um embaraço,

pense só nisso.

As sobrancelhas de Ketter se encontraram novamente no meio da testa. Ele coçou o queixo.

Estou quase chegando lá, pensou Gerry. Só mais um empurrão...

— Olhe, se houvesse uma forma de confirmarmos a existência deste implante sem deixar Marsden ou Lathram saberem o que estamos fazendo, eu assinaria embaixo — disse Ketter. — Mas essa coisa supostamente está na perna dele. O que podemos fazer? Tirar os sentidos de um senador dos Estados Unidos e o arrastarmos até um hospital para batermos uma chapa dele? Gerry deu as costas para a janela e fitou Ketter. Isso!

— O quê ? — perguntou Ketter.

— Acho que sei como podemos fazer!

* 27

* 27

TRUQUES

Gerry levantou os óculos escuros quando um Lincoln Tovm Car prateado saiu da via de acesso e dobrou à direita. O senador Marsden estava atrás do volante. Gerry sentiu as borboletas baterem suas asinhas contra as paredes de seu estômago. Haviam flutuado ali durante a noite inteira. Muita coisa dependia dessa pequena operação. Pelos padrões do FBI, não se tratava de grande coisa em termos de recursos: alguns veículos, alguns agentes de campo, alguns civis. Mas para Gerry, era uma operação importante.

Borboletas? Pareciam mais uns galos de briga bicando uns aos outros.

Naquele trecho da McLean Road não havia muitos lugares onde se esconder.

A maior parte dos prédios eram casas baixas em centro de terreno. Mas Gerry conseguira achar uma fileira de carvalhos e estacionara o carro atrás deles. Dali pudera vigiar a casa do senador Marsden. Gina telefonara para o escritório do senador e descobrira que ele chegaria em algum momento entre as oito e as nove.

— Mesmo se Gerry não tivesse visto o rosto dele, a atadura branca na orelha esquerda teria confirmado a identidade. Marsden estava usando cinto de segurança. Ótimo. Um homem precavido. Gerry viu as horas: 8:05. Pontual também.

E como sempre, o próprio Marsden estava dirigindo. Na fase de planejamento, aquilo fora motivo de preocupação. Por menor que tivesse sido a cirurgia, sempre havia a possibilidade de o senador pedir que uma limusine fosse apanhá—lo em casa. Felizmente, não fizera isso. Um passageiro extra ou um veículo diferente poderiam ter complicado o plano.

Gerry apertou duas teclas no telefone celular, acionando um número pré—programado.

— Certo. Ele está a caminho. Usando o Lincoln. Manterei vocês informados.

Deu a partida no Ford da agência e seguiu Marsden, passando por estábulos e campinas até o bulevar Dolley Madison. Passaram em frente ao prédio da CIA e logo estavam em meio ao tráfego na George Washington Memorial Avenue. Gerry entendeu por que Marsden tomava essa rota. Ela era bonita. À sua direita

passavam colinas e vales, que começavam a adquirir tons outonais, enquanto, à esquerda, o rio Potomac fluía pacificamente. Do outro lado do rio as torres da Georgetown University espetavam o céu.

A tensão de Gerry aumentou enquanto passavam sob a Ponte Key. Dali Marsden poderia escolher entre duas pontes: a Teddy Roosevelt ou a Arlington Memorial. Se tivesse tido mais tempo, Gerry poderia ter descoberto qual era a rota habitual do senador, mas haviam se passado menos de 24 horas desde a cirurgia. Gerry se preparara para ambas as rotas, mas estivera torcendo pela Memorial.

Ele e Ketter tinham feito serão na noite anterior tentando obter aprovações e requerendo agentes e equipamento, mas valera a pena. Hoje, às sete da manhã, tinham encontrado tudo no lugar, à espera.

Quando viu Marsden ignorar o desvio para a Teddy, Gerry relaxou um pouco. Mas só um pouco.

Digitou novamente as teclas do celular.

— Certo, pessoal. Ele está no curso. Está chegando à ponte Memorial agora. Preparem—se para entrar em ação assim que ele chegar à Constitution.

Gerry não desligou dessa vez, mantendo o canal aberto enquanto passava pelo Seabees Memorial e cruzava a entrada para a ponte, flanqueada por duas águias de cabeça branca de granito. O grande cubo de mármore branco do Lincoln Memorial apareceu à sua frente, enquanto o Monumento a Washington se avultava à sua direita. Marsden virou na Lincoln rumo à Constitution Avenue. Gerry o seguiu.

Quando o Monumento do Vietnã passou à sua direita, Gerry anunciou: — Está na Constitution. Vamos!

E agora os galos de briga em seu estômago estavam realmente agitados. A precisão seria um elemento crucial. Dispunham de alguns quarteirões para fazer o serviço, mas o motorista acrobático do FBI teria de esperar por uma oportunidade. Não tinha apenas de fazer contato, mas também precisava escapar.

Um Nova... ele estará dirigindo um velho Chevy Nova azul.

Enquanto ele e Marsden se misturavam aos motoristas que trafegavam pela Constitution Avenue ao longo do Potomac, Gerry voltava o olhar de um lado para o outro, de espelho para espelho. Enfim, avistou o carro, cortando o tráfego atrás deles. Gerry desviou para deixar o Nova passar. Ao olhar de relance para o interior do Nova, viu que a aba do boné do motorista estava abaixada, enquanto o blusão estava com a gola levantada. Gerry não pôde conter um sorriso nervoso. Trevor Hendricks parecia qualquer coisa, menos um agente especial.

— Não vacile, Hendricks — sussurrou Gerry. — Por favor, não vacile.

Gerry mordeu o lábio enquanto observava Hendricks aproximarse do carro do senador, procurando por uma oportunidade. Ele a encontrou na 19th Street, em frente ao Departamento do Interior. Marsden estava reduzindo a velocidade com o intuito de parar num sinal vermelho quando o Nova deu uma guinada abrupta e se chocou de lado com o carro do senador. Foi uma batida leve, mas violenta o bastante para amassar o pará—lama da roda dianteira esquerda. O Lincoln brecou; o Chevy cantou pneu e disparou a toda pela Constitution.

Gerry freou o carro diretamente na frente do Lincoln do senador e correu de volta até a janela do seu carro.

— Você está bem?

— Sim—disse Marsden, parecendo um pouco pálido e abatido, mas aparentemente sem um arranhão. —Viu aquele filho da puta?

Gerry olhou para a Constitution e viu o Nova dobrar na 17th Street.

Hendricks abandonaria o carro ali, se misturaria com os turistas no Monumento a Washington, e depois caminharia alguns quarteirões de volta até o FBI. O carro, uma propriedade sem registro, confiscada de um traficante, fora um presente do DEA.

— Vi a coisa toda—tirou um cartão do bolso. — Se precisar de uma testemunha... ei, o senhor não é o senador Marsden?

— Sim, sou sim.

Gerry estendeu o cartão pela janela aberta.

— Canney, agente especial do FBI. Vou informar isto.

Sem dar chance para Marsden responder, Gerry sacou o telefone celular, abriu—o e, dando as costas para o senador, fingiu ligar para a polícia.

— A polícia mandará alguém em um segundo — disse, voltando—se para o carro.—Tem certeza de que o senhor está bem?

— Absoluta. Veja, estamos bloqueando o trânsito. Acho que posso seguir em frente e ver se consigo sair da estrada.

Gerry olhou para trás e viu que haviam criado um pequeno engarrafamento ao reduzir as vias de acesso de três para duas. Mas não queria que o senador fosse a lugar algum.

— Não sei se é uma boa idéia, senhor. Deixe—me dar uma olhada nos danos — disse ele.

Caminhou até o pára—lama esquerdo e se inclinou sobre ele. Hendricks fizera um trabalho perfeito: o metal estava retorcido sobre o pneu.

— Acho que não poderá ir a parte alguma, senhor. Enquanto se levantava,

Gerry viu Marsden começando a se afastar do carro. Gerry caminhou até ele e o conduziu gentilmente de volta ao assento do carro.

— Talvez o senhor ainda não deva se mover, senador.

— Estou perfeitamente bem. Foi só a lataria amassada. Gerry permaneceu firme, bloqueando a porta com o corpo.

— Ainda assim, senhor, acho que seria mais sensato se se movesse o menos possível até chegar ajuda.

— Não seja ridículo! Estou perfeitamente bem e completamente capaz de...

Um carro azul e branco se aproximou, tocando sirene, piscando luzes.

Atrás dele vinha uma ambulância e uma UTI móvel, todos guiados por agentes do FBI.

O senador recusou—se a ser levado ao hospital. Protestou vigorosamente, mas como seu carro não iria a parte alguma, os policiais e enfermeiros não pareciam dispostos a aceitar um não como resposta, e o GWU Hospital ficava apenas a seis quarteirões dali, Marsden finalmente cedeu.

Enquanto a ambulância se afastava, Gerry se encostou no Lincoln do senador e deu um suspiro de alívio. Aparte mais complicada acabara, e Marsden saíra sem um arranhão.

Pronto!

Deus, que sensação gostosa. Era quase como sexo. Se fumasse, Gerry estaria acendendo um cigarro.

Mas agora vinha a parte mais importante: encontrar aquele implante.

Gerry rezou para ser possível achá—lo. Porque seria um verdadeiro inferno se não o encontrassem.

Gina entrou na sala de registros e pressionou o aparelho contra a orelha para não deixar a voz de Gerry ser ouvida por outras pessoas.

Não desejara ir ao trabalho, mas Gerry achara que seria melhor que Gina não se desviasse de sua rotina.

— Muito bem—disse Gerry.—Estamos com o senador aqui na sala de emergência. Deixe— me repassar tudo novamente para termos certeza de que não cometeremos nenhum engano. Estamos preparados para fazer uma ressonância magnética da perna direita dele. É lá que está o que queremos, certo?

— Isso. Diga para se concentrarem na parte externa da coxa e para procurarem um ferimento arredondado que já deve estar cicatrizando. O

implante deve estar em algum ponto num raio de sete a dez centímetros da perfuração.

— Certo. Só perguntei para ter certeza.

— E Gerry... — Ela abaixou a voz até um sussurro. — Não deixe ninguém usar um ultra— som para encontrar o implante, certo? Às vezes usam ultra— som para localizar corpos estranhos no tecido macio, mas não deixe que façam isso. Não deixe ninguém nem mesmo se aproximar do senador com um ultra— som.

Os diagnósticos por ultra—som costumam empregar uma fração mínima da força da modalidade terapêutica — mas por que arriscar a sorte?

— Certo. Nada de ultra—som. Olhe, preciso correr. Devemos ter uma resposta logo.

— Ligue para mim.

— Assim que puder. Logo que identificarmos a coisa, vamos dizer a Marsden e convencê—lo de que o implante deve ser extraído imediatamente. Isso pode não ser fácil.

— Apenas sálve—o, tá?

— Estou dando o melhor de mim.

— Sei que está. Eu te amo.

Ele ficou em silêncio por um momento, provavelmente tão surpreso quanto a própria Gina por ela ter dito isso. De onde viera essa frase?

Do coração, acho, disse Gina a si mesma.

— Eu me sinto da mesma forma — disse ele, e ela teve de sorrir. Gerry provavelmente estava cercado por uma dúzia de agentes. —Vamos nos reunir depois da poeira assentar. Precisamos ter uma conversa.

— Acha que pode jantar comigo esta noite?

— Acho que isso pode ser arranjado. Quer que eu leve alguma coisa?

— SóaMartha.

— Martha?

— Sim. Não a vejo há um bom tempo.

— Ótimo.

— Ficaremos lá em casa Vou cozinhar de novo. Que tal linguine combrócolis?

— Martha vai adorar.

— Bom. Até logo.

Gina ficou sentada ali durante algum tempo, fitando o espaço. Não queria ficar sozinha à noite. Com Gerry e Martha como companhia, talvez não se sentisse tão mal com essa história toda.

Gerry parecera animado, mas também tenso. Gina apenas se sentia nauseada.

Quando encontrassem o implante, o trabalho de Gerry estaria terminado. Ele mandaria o senador Marsden para os médicos que fariam a cirurgia de remoção e o caso para os promotores públicos.

Mas o envolvimento de Gina não acabaria aí. Em algum momento teria de encarar Duncan.

Estremeceu. Sentia—se uma cobra. Duncan salvara—lhe a vida, dera—lhe um trabalho quando ela cursava o ginásio, e outro depois de sua formatura.

Sempre fora muito generoso com ela, e era assim que Gina o pagava.

Mas como poderia permitir que ele continuasse o que estava fazendo?

Ela fizera a coisa certa. Ética, moral e legalmente, a coisa certa.

Então por que se sentia tão mal?

Depois de terminar as tarefas da manhã, Duncan permaneceu sentado no escritório, virado de costas para a mesa, com uma xícara de café do Quênia esfriando nas mãos. Olhava através da vidraça para o jardim de pedras, mas quase não percebeu que as folhas vermelhas do bordo anão começavam a ficar marrons. O outono estava chegando, mas no coração de Duncan já era inverno.

Gina, Gina, Gina... o quanto você sabe?

Ela sabia alguma coisa, e suspeitava de mais. E a julgar pela forma como ficara grudada no senador, Gina não tinha mais nenhuma dúvida.

Duncan pensou sobre a antipatia cada vez maior que nutria pelo senador Marsden. Até onde sabia, Marsden era um homem decente, ainda que estivesse envolvido na expansão da caquistocracia. Seria pessoal?

Talvez seus sentimentos tivessem sido acentuados pelo fato de Gina estar endeusando outra pessoa.

Havia uma questão mais crucial do que até onde iam os conhecimentos de Gina. Era o que ela pretendia fazer com esse conhecimento. Duncan não conseguira perceber nada em Gina durante a manhã... ela estivera estranhamente calada e distante. Em nenhum momento o fitara nos olhos.

Alguma coisa estava acontecendo...

O telefone interno tocou. Duncan girou a cadeira e atendeu.

— Um Dr. Melendez no zero—dois, querendo falar sobre o senador Marsden.

Um arrepio atravessou os membros de Duncan. Melendez? Quem era esse Dr. Melendez?

Ele apertou a tecla acesa.

Melendez, logo descobriu, era um dos médicos da equipe de emergência do GWU Hospital. Com um sotaque quase imperceptível, Melendez disse que

Marsden se envolvera num pequeno acidente de carro pela manhã. Marsden mencionara que sofrera uma cirurgia no dia anterior. Melendez só queria checar se Marsden estava tomando algum tipo de remédio.

— Nada mais forte que ibuprofeno ou um analgésico. Ele está ferido?

— Nem um arranhão. A atadura da orelha nem escorregou.

— Bom.

— Se o senhor quiser, posso dar uma olhada sob a atadura depois que ele voltar da radiologia.

— Você não disse que ele não sofreu nem um arranhão?

— E não sofreu mesmo. Mas ele está sendo submetido a um exame de ressonância magnética. Os federais estão tratando dele como um bebê.

Acho que deve ser porque ele é um senador.

— Federais?

Uma larva de suspeita apareceu nas entranhas de Duncan. — É. Tem uns agentes do FBI aqui. Não entendi o motivo do estardalhaço. Acho que como ele não sofreu nada, esse exame de ressonância magnética é dispensável. Mas ora, sou apenas um médico.

— Um mero provedor de cuidados médicos—disse Duncan, tentando manter um tom de voz calmo.

— Isso mesmo.

— Bem, Dr. Melendez, agradeço pela cortesia de seu telefonema.

— Quando precisar, estou às ordens.

Duncan tamborilou os dedos no tampo da mesa. Ressonância magnética? Do quê? Da cabeça? Ou de uma perna? Ficara tão abalado que esquecera de perguntar a Melendez.

E aquele rapaz com quem Gina vinha se encontrando, não era do FBI?

Os dedos de Duncan pararam de tamborilar e se fecharam num punho.

Era muita coincidência.

Agarrou o telefone. Bob Rubistein trabalhava havia anos na radiologia do GWU Hospital. Duncan mandou Barbara tentar localizá—lo. Cinco minutos depois, ele estava na linha.

Depois do obrigatório papo furado entre amigos que não se viam havia muito tempo, Duncan abordou o assunto.

— Bob, estou importunando você porque soube que um de meus pacientes, o senador Marsden, sofreu um acidente hoje de manhã e está na radiologia.

Eu queria saber como ele está passando.

— Não sei nada disso. A ressonância magnética fica em outro departamento.

Mas posso descobrir. Espera um pouco?

Duncan concordou e permaneceu durante algum tempo ouvindo música instrumental enquanto tentava acalmar a tensão. Rubistein voltou alguns minutos depois.

— Falei com Sal Vecchiarelli, o chefe do departamento de ressonância magnética. Conhece?

— Não.

— É um bom homem. E está puto da vida! O seu senador está muito bem, mas eles insistiram em fazer um exame de ressonância magnética nele de qualquer jeito. Parece que... olha, o que vou dizer é superconfidencial. Fica entre nós, tá?

— Pode confiar em mim.

— Certo. Parece que o FBI reservou ontem este horário para a ressonância magnética. Como se já soubessem que esse acidente ia acontecer. Muito esquisito, não acha?

Duncan estava suando frio.

— Com toda certeza.

— Queria saber qual é o motivo disso.

— Não faço a menor idéia. Operei a orelha dele ontem. Eles estão...?

— Não. Eles não estão interessados na orelha dele. O exame é na perna direita, acho.

Duncan fechou os olhos e engoliu em seco. Esforçou—se para perguntar: — Sabe o que estão procurando?

— Algum tipo de corpo estranho.

Duncan socou a coxa. Não! Droga, não! Forçou—se a se manter calmo.

— Os resultados já saíram?

— Nada ainda. O senador está agora no túnel do aparelho de ressonância.

Sal está cuidando dele. Ele está louco para liberar o aparelho para os pacientes que estão realmente precisando do teste.

— Não posso culpá—lo.

— Como o senador é seu paciente, ligo para você assim que souber do resultado.

— Não, obrigado, Bob—disse Duncan lentamente, enquanto sentia uma pressão aumentar no peito. — Não é preciso.

Eu já sei o resultado.

Duncan colocou o telefone no gancho com as mãos trêmulas. Olhou para os dedos. Por que estavam vibrando tanto? Seria raiva? Ou amargura?

Gina sabe.

Ele já imaginava isso, mas até aqui Duncan não fazia idéia do quanto ela sabia. De algum modo ela chegara ao quem e ao quando. Talvez até ao porquê.

Mas em vez de falar com Duncan, ela procurara o FBI.

Ele queria quebrar alguma coisa—abrir um buraco na parede com o punho, agarrar a cadeira e jogá—la contra a janela.

Mas não. Não era um maníaco. Estava se controlando. Contudo, olhando da perspectiva de Gina, ela devia considerá—lo um psicótico. Um paranóico.

Ele não tinha dúvida que imaginaria a mesma coisa se seus papéis fossem trocados.

Mas se os papéis estivessem trocados, Duncan teria procurado Gina antes.

Não a teria apunhalado pelas costas e a entregado à caquistocracia.

Gina, meu belo cisne... como pôde?

Ela o magoara profundamente hoje. Duncan não sabia se um dia seria capaz de perdoá—la. Mas aquela era uma questão para outra ocasião. Muito mais urgente era decidir o que faria agora..

* 28

A QUEDA

Gina aguardou, andando sem parar entre a mesa e as salas de recuperação, checando os exames pós—operatórios daquela manhã. Não havia muito trabalho a ser feito hoje: duas rinoplastias e uma lipoaspiração. Ela bem que gostaria que houvesse mais a fazer. A espera a estava matando.

Olhou pela janela da sala de recuperação principal e reparou que o carro de Duncan sumira. Ao voltar, parou à mesa de Barbara.

— Não sei se ele vai voltar—disse Barbara. — Quase não o vi passar correndo por mim. Nem se despediu.

— Mas ainda não é nem meio—dia! Barbara deu com os ombros.

— Talvez ele tenha planos especiais para o fim de semana e queira começar mais cedo.

Gina ponderou sobre isso. Normalmente Duncan permanecia até tarde nas sextas—feiras, preparando tudo que precisaria quando as cirurgias começassem segunda pela manhã. Por que a mudança na rotina de hoje?

Suspeitava de alguma coisa?

Pare de pensar assim, disse a si mesma, esfregando os braços ao sentir um calafrio de apreensão. Não há nada diferente hoje. Não há motivo para suspeitar de qualquer coisa.

Ela adoraria ir embora também, mas precisava permanecer até que o último paciente fosse para casa. Assim, Gina permaneceu na clínica, seguindo a rotina habitual, comportando—se como se não houvesse nada errado. Essa não foi uma decisão muito difícil de tomar. O pensamento de permanecer sozinha em seu apartamento, esperando que o telefone tocasse, dificilmente era uma alternativa mais atraente.

A hora do almoço chegou e passou sem que Gina comesse qualquer coisa—não sentia o menor apetite. E Gerry não telefonou. A tarde se arrastou.

Nenhum telefonema. Gina estava ficando sem exames a fazer ou papéis para preencher. Ouviu Oliver trabalhando no laboratório. Poderia ter ido lá ajudá—lo, mas agora, depois de tudo que sabia, o pensamento de estar próxima daqueles implantes a repelia. Era melhor tentar parecer atarefada até Gerry ligar.

Por volta das três e quinze Gina ainda não tinha nenhuma notícia, e estava começando a ficar preocupada. Eles deviam ter recebido o resultado dos exames no meio da manhã. Por que então Gerry não telefonara ainda?

A não ser... Gina sentiu um aperto no coração só de pensar... a não ser que o exame de ressonância magnética tivesse acusado o rompimento acidental do implante. Nesse caso, eles teriam precisado levar às pressas o senador Marsden para a sala de cirurgia antes que uma quantidade grande demais de DTP entrasse em seu sistema circulatório.

Isso seria um pesadelo. Mas mesmo nesse caso Gerry teria telefonado.

Ela se levantou, foi fazer alguma coisa lá em cima, e depois voltou. Não podia esperar parada. O que estava acontecendo, afinal?

Gina pegou o telefone. Bastava de espera. Era hora dela mesma telefonar.

Discou o número do FBI e pediu para falar com Gerry. Depois de um momento esperando, Gina ouviu da recepcionista: — Perdão, mas o agente especial Gerry Canney não pode atender agora. A senhora quer deixar recado?

Não, ela não queria.

Gerry ainda não voltara? Como isso era possível? Gina sentiu seu nível de ansiedade subir. As paredes cobertas de prontuários pareceram fechar—se em torno de Gina.

Fique calma, disse a si mesma. Tudo está sob controle.

Gina discou para o gabinete do senador Marsden. Quando perguntou como ele estava depois do acidente, Doris, a recepcionista disse: — O senador está bem, Dra. Panzella. Quer falar com ele? Perplexa, Gina murmurou alguma coisa que pareceu vagamente um sim.

— Gina—disse o senador sem preâmbulos —, como eu queria que você estivesse comigo hoje! Se há um bom exemplo para a necessidade do projeto de lei das diretrizes, foi o fiasco que testemunhei esta manhã!

— O senhor está bem?

— Claro que estou! Não havia nada errado comigo. Mesmo assim, eles insistiram em me enfiar numa máquina de ressonância magnética e examinar minhas pernas. Aconteceu depressa demais. Enfiaram—me naquele tubo antes que eu tivesse uma chance de protestar.

— Estou certa de que houve um bom motivo...

— Não tinham motivo algum! Só estavam querendo arrancar dinheiro do meu plano de saúde! Estou furioso!

— Talvez tenha sido porque o senhor é um senador—disse Gina, tentando acalmá—lo. Não era sobre isso que ela queria falar. — Tenho certeza de que não

fazem isso com qualquer um.

— Espere só até eu conseguir fazer passar essa lei! Espere só!

Gina deduziu que o senador tivera de esperar muito.

— Bem... eles encontraram alguma coisa? —perguntou Gina, e então segurou a respiração.

— Se encontraram alguma coisa? Mas é claro que não! Não havia nada para encontrarem! Desperdiçaram metade da minha manhã por causa de um motorista barbeiro!

Não acharam nada... será que não haviam dito a ele? Por que não? O que estava acontecendo?

Gina prosseguiu a conversa ouvindo apenas metade do que o senador dizia e respondendo com monossílabos. Acabou encerrando a conversa de forma pouco graciosa.

A cabeça começou a girar, Gina telefonou para o FBI, de novo, e de novo, Gerry não podia atender. Gina deixou seu nome e um recado para que ele ligasse para ela com urgência.

Então se levantou e saiu. Precisava pegar um pouco de ar fresco. Correu até o carro e ligou o aquecedor no máximo. Estava com frio, mas não era isso que fazia seu corpo tremer. O medo a envolvia como uma mortalha.

Em algum lugar, de alguma forma, alguma coisa estava terrivelmente errada.

A tarde parecia que não ia terminar nunca. Gina tomara banho, preparara um sanduíche que nem tocara e tentara assistir a programas de entrevistas. A espera a estava deixando doida.

Quando já passava das seis e ainda não tinha nenhuma notícia de Gerry, telefonou novamente para o escritório dele. Disseram—lhe que ele encerrara o expediente.

Por que ele não tinha telefonado? Será que Gerry não recebera seu recado?

Telefonou para a casa dele. Gerry atendeu ao segundo toque.

— Gerry. Graças a Deus!

— Gina. Olá. —A voz dele soou fria, sem vida.

— Tentei falar com você o dia inteiro. Estou quase enlouquecendo. Não lhe deram meu recado?

— Você está enlouquecendo? Essa é boa.

Gina sentiu um arrepio que logo tomou conta do seu corpo todo. Com o telefone sem fio pressionado contra a orelha, saiu do quarto e caminhou até a sala.

— Gerry? O que está errado?

— O que está errado? Gina... — suspirou ele, e então não disse nada. Os poucos segundos de silêncio pareceram aumentar a escuridão da noite que começava a cair. — Gina, não havia nada lá.

Não foi um choque absoluto. Parte do seu subconsciente devia estar esperando aquilo, mas não permitira que ela encarasse a possibilidade.

Agora Gina não tinha escolha.

Mesmo assim, não podia aceitar.

Suas palavras saíram num jorro: — Mas tinha de estar lá, Gerry. Eu vi! Menos de uma hora antes da cirurgia, vi o trocarte e um implante cheio de DTP sobre a mesa de Duncan! Saí da sala de recuperação durante alguns minutos e quando voltei havia uma perfuração na coxa do senador. Ela ainda estava sangrando.

— Examinamos essa "perfuração" no hospital. Era menor que uma arranhadura.

— Gerry, era...

— Mas não importa se era uma perfuração ou uma arranhadura na pele dele, Gina. Permanece o fato de que não havia nada sob a pele dele. A ressonância magnética não acusou um único vestígio de corpo estranho.

Nem na perna direita dele, nem na perna esquerda, porque verificamos ambas. Não havia nada sob a pele de Marsden além de gordura, músculo e ossos. Nenhum implante, nada!

— Gerry, não pode ser! Se não estava na perna do senador, então devia estar em algum outro lugar. Eu sei...

— O problema é esse, Gina. Você não sabia de nada. E não sabe agora.

Pensei que você soubesse. Eu nunca devia...—Ele engoliu as palavras.

— Gerry, sinto tanto... Eu tinha toda a certeza do mundo. Por que então Duncan preparou aquele implante pouco antes da cirurgia do senador?

— Não sei, Gina. — Ela sentiu um tom áspero na voz dele.

—Você me diz. Você é a única que viu... ou aquela coisa toda da DTE.

— Acha que imaginei tudo isso?

— Não sei mais o que achar. Olhe, sei que fui eu quem botou essa história na sua cabeça, mas eu devia estar louco, e deixei você um pouco louca também. Tudo que sei agora é que eu e Ketter somos motivo de riso na agência.

— Deus! Eu sinto tanto! Olhe, você parece muito cansado. Quando você e Martha vierem para cá, tomaremos um pouco de vinho. Você vai poder relaxar enquanto eu...

— Não acho que serei capaz disso, Gina. Não esta noite. Alguma coisa na

voz dele fez Gina sentar—se na cadeira mais próxima. Ela mordeu um lábio.

— Gerry, o que está errado?

— Errado? Tudo, Gina. — Ela percebeu a mágoa e o desapontamento na voz dele. —Não estou com muita fome. E, com toda sinceridade, não acho que eu seria uma companhia muito agradável esta noite.

Gina sentiu lágrimas se formarem nos olhos.

— Gerry, eu sinto muito...

— Somos dois, Gina. Talvez você esteja trabalhando demais. Talvez esteja se esforçando além do normal. Eu não devia ter envolvido você na minha teoria da conspiração.

Ela sentiu como se tivesse levado um soco.

— Você acha que imaginei tudo isso! Acha que imaginei todos aqueles artigos de jornal?

— Eu lhe disse, Gina. Eu não sei mais o que pensar. Talvez este não seja um momento apropriado para discutirmos isso. Pelo menos sei que não é um bom momento para mim. Preciso fazer a janta de Martha. Conversamos depois, tá?

— Se conversássemos esta noite, talvez...

— A última coisa que preciso é conversar sobre Duncan Lathram.

Francamente, eu preferiria nunca mais escutar esse nome. Preciso mesmo é de um banho frio e esquecer o dia de hoje.

— Tem certeza?

— Sinto muito por cancelar nosso compromisso assim no último minuto, mas confie em mim, é melhor assim.

Ela não queria desligar, mas Gerry obviamente não estava com vontade de falar mais nada.

— Me liga amanhã?

— Ligo sim.

— Certo. Boa noite.

— Boa noite, Gina. E então ela desligou.

Estupefata, Gina se sentou e olhou pela janela para a Kalorama Road.

— Ele acha que estou maluca—sussurrou para o apartamento vazio.

Mas tivera certeza absoluta que Duncan introduzira um implante no senador Marsden. "Vira o implante na mesa pouco antes da cirurgia. Por que outro motivo o implante estaria ali?

Anão ser...

A não ser que Duncan tivesse armado uma armadilha para Gina.

Mas como? Ele não tinha nenhuma pista de que ela sabia. Fechara a gaveta

da mesa dele, e apagara o arquivo da FDA no computador no último minuto. Não deixara nenhum rastro. Não havia nenhum motivo no mundo para Duncan suspeitar que ela tivesse a menor pista. Portanto, por que Duncan teria preparado uma armadilha para ela?

Talvez ele não tivesse. Talvez ele tivesse tentado injetar um implante na coxa de Marsden mas não tivera tido tempo de completar o serviço, deixando um ferimento na pele do senador.

E talvez Duncan não estivesse fazendo nada ilegal. Talvez Gina tivesse interpretado errado a coisa toda.

Seria possível? Será que acertara tão longe do alvo?

E pobre Gerry. Ele arriscara o pescoço confiando no que Gina lhe dissera. E aparentemente quase fora decapitado por causa disso. Gerry tinha todo o direito de estar magoado e furioso.

Mas eu também, merda.

Caminhou até a cozinha e viu o brócolis sobre o balcão, à espêra para ser preparado ao alho e óleo. O bastante para três ou quatro pessoas.

Não estava com a menor fome.

Estraguei tudo, não é mesmo?, pensou, enquanto retornava para perto da janela e se sentava no sofá.

As luzes da rua já estavam acesas. Gina olhou para os transeuntes: solitários e casais. Sentiu—se terrivelmente só. Mas não ia chorar.

Gerry se sentou com Martha no colo. Ficou com os braços em torno dela, apertando—a contra o corpo, enquanto a menina contava uma história. Era a versão de Martha Canney para. Madeline. Ela não sabia ler ainda, mas ouvira a história tantas vezes que a decorara.

E Gerry também. Sendo assim, sua mente vagava. Mas ele estaria distante de qualquer maneira, a despeito da história que Martha estivesse contando.

Que dia maldito. Se ao menos...

Sim. Se ao menos. Ele devia ter dito isso um milhão de vezes desde que o resultado da ressonância magnética dera negativo.

Porra! Se ao menos não tivesse sido tão precipitado. Se ao menos tivesse dedicado mais tempo para investigar a história de Gina. Mas não, eles não tinham tempo algum. Marsden supostamente estava em perigo.

Supostamente...

Comprara a história de Gina completamente. Se ao menos tivesse sido mais cético.

Estremeceu ao lembrar do momento excruciante em que teve de telefonar

para Ketter e dizer—lhe que estavam com as mãos vazias. A pequena operação que poderia ter valido belas promoções tornara ambos a maior piada do FBI. E então Cavanaugh, um dos diretores assistentes, chamou—os ao seu escritório e passou—lhes um belo sermão. Gerry não conseguia lembrar de ter se sentido mais embaraçado e humilhado em toda a vida. Sentira vontade de se arrastar para debaixo de uma pedra.

Mas o pior de tudo era que, perdido em meio a todas as reprimendas, estava o fato de que a operação que Gerry planejara funcionara como um relógio. Tudo correra conforme o previsto, no prazo e abaixo do orçamento. O carro de Marsden sofrera a batida sem que o senador saísse sem um arranhão; ele fora levado até o hospital, examinado e devolvido ao seu gabinete sem a menor idéia de que todo o acidente fora tramado.

Pelo menos o FBI em si tinha sido poupado do vexame. Graças a Deus.

Mas ninguém lembraria de sua operação bem orquestrada. Apenas que não havia sido encontrada nenhuma pílula de veneno na perna no senador, e que Gerry Canney era o agente mais ingênuo do FBI.

Mas o que doía mais era saber que todas as esperanças que alimentava de ser promovido para um cargo de supervisor tinham ido por água abaixo.

Abraçou Martha mais forte.

É, garota, parece que a rotina da gente vai continuar a mesma. Vou continuar sendo apenas um pai ocasional.

— Papai, você está me apertando!

— Desculpe, meu bem. O que acontece em seguida com Madeline?

— Ela é operada.

— Me conte mais sobre isso.

A mente de Gerry voltou a vagar. E quanto a Gina? O que estava acontecendo dentro dela? Quem colocara essa fantasia na cabeça dela? Eu mesmo, droga. Mas ela levara a tese da conspiração longe demais...

Marsden... aquele trietil—sei—lá—o—quê d'água... e Gerry comprara aquela fantasia por causa da fé que depositava em Gina...

Olhando para trás, sabendo agora que tudo fora a proverbial tempestade em copo d'água, não conseguia imaginar como havia engolido aquilo tudo.

Talvez por causa de sua predisposição a pensar o pior do Dr. Lathram.

Ele queria que o dia de hoje jamais tivesse acontecido.

Gerry conteve um gemido ao fechar os olhos. Sabia que estava sentindo pena de si mesmo. Odiava autopiedade. Amanhã seria um novo dia. Iria abocanhar essa confusão toda, mastigá—la, cuspi—la e então voltar ao trabalho. Mas essa

noite... essa noite Gerry se sentia terrivelmente abatido.

Seus pensamentos voltaram para Gina. Fora muito rude com ela. Não pretendera agir assim, mas quando se sentia amargo, Gerry precisava descarregar seu rancor ou pelo menos um pouco dele. Não poderia fazer isso com Ketter, que o apoiara totalmente, e decerto não poderia fazer isso com Martha.

Sobrava Gina.

Talvez ela estivesse precisando de alguma ajuda. Para ter imaginado esse implante em Marsden, Gina não devia estar completamente ligada à realidade.

Gina... Gerry sentia necessidade dela mas não queria estar próximo de Gina. Pelo menos não essa noite. Talvez ele superasse isso, talvez não.

O que fariam dali em diante? O fracasso de hoje poderia acabar com seu relacionamento.

Remexeu—se na cadeira. Chega de autocomiseração. Tinha alguém muito importante no seu colo. Era hora de se concentrar em Martha, e no problema da dor de barriga de Madeline.

Mas uma visão de Gina sentada sozinha em seu apartamento formou—se na mente de Gerry. Ele se perguntou se ela teria alguém a quem recorrer essa noite. Perguntou—se se Gina sabia que alguém estava pensando nela.

Duncan estava sentado diante de MacNeil/Lehrer, bebericando uísque com soda. Mal prestava atenção ao programa. Gina não lhe saía da cabeça. A raiva que sentira antes desaparecera. Agora Duncan estava imaginando o que ela estaria pensando.

Pobre menina. Ele queria poder sentir—se bem quanto a ter enganado a coitadinha, mas francamente, não fora difícil. Preparara tudo na manhã do dia anterior. Deixara a DTP, o trocarte e um implante cheio de solução salina sobre sua mesa, onde ela pudesse vê—los. Duncan pusera vinte miligramas de Lasixno café dela. O diurético alcançara o efeito desejado: ela teria de deixar Marsden por um instante para ir ao banheiro. E enquanto ela estava longe, Duncan entrou sorrateiro no quarto e, com a ponta do trocarte, aplicou rapidamente uma injeção em Marsden. Depois, tudo que teve a fazer foi esperar.

Essa preparação toda para ver até onde Gina sabia. Obviamente ela suspeitava de alguma coisa, mas de quanto?

Agora ele sabia.

Gina estava ciente de tudo. Pelo menos o bastante para procurar o amigo do FBI e convencê—lo a salvar seu querido senador das garras do maligno Dr. Lathram.

A informação que obtivera no hospital, a respeito do envolvimento do FBI,

quase o tirara de si.

Duncan tomou um gole do uísque. Sentia—se bem mais calmo. Tudo estava novamente sob controle.

Mas a pobre Gina... Ela devia estar tão certa...

E nesse momento ela não devia estar com certeza de nada, exceto do fato de que o FBI a considerava uma fonte pouco confiável.

Duncan a neutralizara sem tocar—lhe num fio de cabelo.

Uma jogada brilhante.

Agora ela precisaria esquecer de tudo. Convencer—se de que aquilo tudo não passara de um sonho ruim e deixar as coisas retornarem ao normal. E se Duncan fosse esperto, encontraria uma desculpa para despedi—la. Iria sentir—se mais seguro sem Gina por perto.

Mas não poderia fazer isso. Ainda lembrava da menina magricela de cabelos negros, com os grandes olhos castanhos arregalados de medo, perguntando—lhe se ela iria morrer. Lembrava também de suas mãos na barriga da menina e do sangue jorrando entre seus pulsos enquanto lutava para conter o sangramento e emendar as artérias danificadas. Por mais que odiasse admitir isso, Duncan tinha saudade daqueles dias.

Sentia falta do fluxo de adrenalina deflagrado por emergências como aquela, quando precisava abrir um paciente e procurar a artéria hemorrágica, correndo contra a queda da pressão arterial, o decréscimo na contagem de glóbulos vermelhos e o colapso cardiovascular iminente.

Ou quando precisava operar um enorme aneurisma abdominal antes que ele explodisse e pintasse o teto de vermelho. Sentia saudade do tempo em que salvava vidas.

Mas McCready, Allard, Lane, Schulz, Vincent e o restante deles haviam impossibilitado tudo isso.

Duncan esfregou os olhos para afastar as lembranças mais amargas...

lembranças da pobre Lisa...

Lisa Lathram... um nome de pronúncia agradável. Muito mais plácido que a própria Lisa...

Lembrou dela como uma criança feliz. Podia ainda ouvir seu riso melodioso, ver os olhos azuis, o sorriso radiante—Deus, aquele sorriso... Lisa sempre sorria —para tudo e todos.

Quando Brad nasceu, Duncan também o amou, mas como um filho. Havia uma diferença aí.

Lisa continuava sendo a luz de sua vida. Em certos momentos tinha certeza que Diana sentia ciúme do relacionamento entre os dois. Quando chegava em

casa vindo do hospital ou do consultório, Lisa era a primeira por quem ele procurava, e ela sempre vinha correndo ao som da voz dele. E como a mimava! Duncan sempre dava tudo que ela queria ou precisava — um piano, um cavalo, aparelhos de ginástica —, bastava ela pedir.

Mas os melhores dias da infância de Lisa esvaneceram quando a puberdade chegou, e Duncan veio a conhecer de perto a origem do mito da transmutação. A personalidade de Lisa acompanhava as mudanças de seu corpo. No início, ele e Diana creditavam o temperamento da jovem aos novos hormônios que pulsavam através dela. Afinal, o que a filha tinha para ser infeliz ? Com cabelos louros e compridos e silhueta esguia, Lisa estava apenas ficando mais bonita.

Ele e Diana continuaram torcendo para que sua fase de adolescente deprimida não durasse muito, mas depois de algum tempo ficou claro que havia mais alguma coisa funcionando dentro de Lisa do que simples hormônios. Ela perdeu interesse nos amigos, nas aulas de piano e em seu cavalo. As depressões tornaram—se mais profundas e longas, e nunca parecia haver momentos de ânimo, apenas instantes em que a depressão era mais branda.

E então ela engoliu metade de uma garrafa de Dalmane que pertencia à mãe. Foi preciso fazer uma lavagem estomacal na garota. O diagnóstico revelou uma severa depressão endógena. Lisa foi submetida a um tratamento com antidepressivos e seções de terapia. Nada funcionava por muito tempo. E então chegou aquela noite terrível em que Lisa se trancou no quarto e gritou de dor. Duncan arrombou a porta e a encontrou sentada no meio da cama, sangrando por um corte no pulso.

Eles a hospitalizaram por um mês e depois tentaram um medicamento novo, chamado Prozac. Lisa reagiu muito bem. No seu caso, o Prozac foi realmente uma droga miraculosa.

Duncan ainda lembrava do dia em que chegou em casa do hospital para encontrar Diana sentada na sala, chorando. Imediatamente seu coração disparou, esperando o pior. Então ele ouviu, flutuando da sala de estar, o som do concerto na 21 para piano, de Mozart. Lisa estava tocando novamente.

Ele e Diana caíram nos braços um do outro e choraram.

Mesmo agora a lembrança trazia lágrimas aos olhos de Duncan.

Depois disso, a vida de Lisa se iluminou, e as vidas de Duncan e Diana também. Duncan não se dera conta de como os problemas da filha haviam maculado toda sua vida familiar. Mas agora que ela estava voltando ao normal, os dias pareciam mais ensolarados. Os risos voltaram à mesa de jantar quando Lisa voltou a montar o cavalo e a passear com alguns dos velhos amigos. Suas

notas subiram, e ela começou a namorar Kenny O'Boyle.

Namoraram durante meses, e Kenny se tornou o único assunto das conversas de Lisa. Ela e Diana ficavam conversando durante horas sobre o rapaz, e Diana disse a Duncan que estava preocupada, porque talvez Lisa estivesse se envolvendo demais. Era verdade que Lisa acabara de fazer dezoito anos, mas perdera muito de sua fase de amadurecimento.

Duncan não morria de amores por Kenny. Parecia um rapaz parvo e inculto, mas Duncan desconfiaria de qualquer um que se aproximasse da filha dele. Lisa o adorava, e, pela primeira vez em anos, ela estava feliz.

Assim, Duncan decidiu manter os olhos abertos e a boca fechada.

E então a comissão McCready mostrou sua cara feia.

Ele lembrou da manhã, havia cinco anos, em que tudo começou. Foi na sala dos médicos do Fairfax Hospital que alguém lhe mostrou a matéria da primeira página do Post. Ele acabara de sair de duas operações seguidas, a extração de um aneurisma abdominal e uma endarterectomia de carótida, isso depois de ter atendido a um chamado de emergência às três da manhã, para fechar uma artéria femoral num motoqueiro—ou "doador motorizado", como a equipe de emergência os chamava. Sentia—se cansado.

Mas não a ponto de não ficar furioso com a condenação pública, da parte do senador Vincent, da cobrança de meio milhão de dólares que fizera à previdência social no ano anterior.

O tempo inteiro ele ouvia falar de jogadores de beisebol ou basquete assinando contratos de cinco ou seis milhões por ano. Quantas vidas eles salvavam por ano? Barbra Streisand podia ganhar vinte milhões por duas noites de trinados, mas você, Duncan Lathram, seu sanguessuga fedorento, você cobrava demais.

Ele gostaria de ter tomado alguma ação legal, mas como se podia processar uma comissão do Congresso? E o que conseguiria além de atrair mais atenção?

O que isso importa?, lembrava ele de ter pensado. Aquela confusão toda sumiria em alguns dias.

Mas estava enganado.

Parecia que sua via crucis nas mãos da Comissão de Diretrizes não acabaria nunca. Aparentemente, os membros pensaram que haviam encontrado em Duncan Lathram um osso particularmente suculento e queriam roê—lo até o fim. Então o Alexandria Banner resolveu cobrir a história, seguido por um grupo de direitos dos pacientes, que exigiu uma investigação. Assim, o Comitê de Ética Médica se envolveu, e logo o governo mandou uma equipe de auditores

chafurdar nos seus registros e invadir as salas de arquivo do hospital, à busca de irregularidades financeiras. Ao inferno com a privacidade dos pacientes. Aqueles malditos burocratas conheceriam os segredos de todas as pessoas que Duncan operara nos últimos anos. Mas o que isso importava? Instigado pela Comissão de Diretrizes, o governo àtclax&rdi jihad a Duncan Lathram.

Duncan estava furioso e constrangido, mas não muito preocupado. Seus registros médicos eram impecáveis, e estaria disposto a comparar suas taxas de mortalidade com qualquer outro médico do país. Deixe—os investigar. Sairia daquilo cheirando como uma rosa.

Duncan queria apenas que eles fossem rápidos.

Mas as investigações arrastaram—se. Nos meses seguintes Duncan começou a notar que estava sendo tratado com uma certa frieza por alguns de seus colegas no hospital. Estava recebendo cada vez menos pedidos de consultas cirúrgicas. Os outros médicos estavam preocupados com a culpa por associação. Estavam preferindo se manter a uma distância segura até as coisas se acalmarem.

Certo dia, quando ele iniciou uma das poucas consultas cirúrgicas que recebeu nesse período, aconteceu algo que foi um grande choque para Duncan Lathram. Quando ele entrou na sala de pacientes do hospital e se apresentou, o paciente sentou—se abruptamente na cama. Duncan ainda lembrava as palavras.

— Ah, não. Pode esquecer. Não vou ser operado por um médico sádico que só pensa em dinheiro!

Duncan ficou mortificado, com raiva suficiente para abrir um buraco na parede com um soco. Buscou consolo dizendo para si mesmo que provavelmente aquela crise chegara ao ápice. Não podia ficar pior. A única direção que poderia ser tomada daquele ponto seria para cima.

Mais uma vez, estava errado.

Toda aquela publicidade negativa na imprensa estava causando um efeito devastador em sua casa. O Dr. Duncan Lathram era a pessoa mais falada da cidade... inclusive nas escolas.

Relembrando agora, parecia inevitável que voltasse para casa uma noite para encontrar Lisa chorando nos braços da mãe. Ela e Kenny tinham brigado e rompido. A causa da briga? As coisas que os jovens estavam dizendo, pelas costas de Lisa, a respeito de seu pai. O baile de formatura de Kenny? "Esqueça a formatura! Esqueça tudo! Não vou mais andar por aí com a filha de um vigarista!"

Aquilo seria devastador para qualquer adolescente, mas para Lisa pareceu o fim do mundo.

Praticamente incapaz de falar entre os soluços, ela quis saber por que o pai não argumentara nada, por que ele não estava se defendendo.

Duncan lembrava a cena como se ela tivesse ocorrido um instante atrás.

Ele se ajoelhou diante da filha e segurou—lhe as mãos.

— Querida, são apenas mentiras contadas por bufões sequiosos por destaque na mídia. Da forma como essas coisas funcionam, quanto mais alto eu proclamar minha inocência, mais culpado vou parecer.

— Mas você não disse nada!

— Estou deixando meus registros falarem por mim. Não tenho nada a esconder, Lisa. Quando os burocratas terminarem a investigação, eu serei vingado. E eles serão os tolos.

— Mas enquanto isso eles estão fazendo você parecer um ladrão! E fazendo todos me odiarem! E você nem se importa!

— Claro que me importo!

Naquele momento Duncan percebeu que perdera o controle sobre a situação toda. Tratara aquilo como um interlúdio desagradável, mais uma das polêmicas passageiras levantadas pelo Congresso. E sendo o Congresso uma instituição notoriamente incapaz de se concentrar numa mesma coisa por muito tempo, não demoraria muito até que passassem ao tópico seguinte. Assim, Duncan não esboçaria nenhuma reação contra as acusações levantadas. Aquilo fora um erro.

Outro erro tinha sido pensar que as acusações abalariam apenas sua vida profissional. Devia ter previsto que o apedrejamento profissional teria um efeito devastador também em sua vida particular. Sempre cuidara para manter um distanciamento entre a medicina e a família, mas agora não havia mais como proteger uma dos ataques dirigidos contra a outra.

Compreendeu a dor de Lisa.

— Mas o que eu poderia ter feito, Lisa? O que posso fazer para melhorar a situação?

— Não sei, alguma coisa. Você poderia ter proposto um acordo ou seja lá como eles chamam isso. Alguma coisa, qualquer coisa para fazer com que eles calassem a boca e largassem dos nossos pés.

— Propor um acordo? — Duncan ficou estarrecido. — Inocentes não propõem acordos.

Lisa puxou as mãos, soltando—se de Duncan, e correu escadas acima, gritando:

— Obrigada! Obrigada por nada! Minha vida acaboul E tudo por culpa sua!

Eu não me importaria se estivesse com Aids!

Diana a seguiu, mas parou nos degraus para olhar para Duncan.

— Ela está certa, sabia? Você poderia ter feito alguma coisal Aquela era Lisa em sua essência, sempre levando tudo a sério demais, sempre vendo as coisas pelo pior ângulo. Contudo, com um histórico como o dela, aquele tipo de explosão não podia ser menosprezado como uma simples manifestação de rebeldia adolescente.

Eles intensificaram as sessões de terapia de Lisa e ficaram de olho nela, dia e noite. Mas uma semana depois, quando ficou claro, pelo menos para Lisa, que ela e Kenny tinham rompido definitivamente, a jovem desencavou um monte de pílulas velhas que vinha estocando havia anos—uma combinação potencialmente letal de antidepressivos como Elavil, Parnate, Desyrel, Sinequan, Norpramin, Trofanil, Nardil e lítio — e tomou todas de uma vez.

E então ela caiu. Sobre o corrimão da escada. Direto até o chão frio e duro da sala. Onde Duncan a encontrou.

E então ela morreu.

E Diana culpou Duncan.

E Duncan culpou a si mesmo.

Até então ele não sabia o significado da palavra dor, nem se imaginava capaz de lamentar a morte de um ser humano como lamentou a de Lisa. E sabia que era o culpado... a culpa era toda sua...

Até que as auditorias e investigações terminaram. Então ele entendeu quem eram os verdadeiros culpados.

Quando os auditores do governo chegaram ao fim da investigação, o pior que puderam descobrir foram alguns erros na codificação de certos procedimentos. Os inspetores de qualidade médica não constataram nenhum caso de cirurgia desnecessária —nenhum! Cada procedimento satisfazia ou superava as exigências do governo.

Contudo, Duncan não recebeu nenhum pedido de desculpas da comissão ou de McCready, o líder do bando. Eles estavam muito ocupados na perseguição de outras pessoas.

Fora alguns pacientes leais que escreveram cartas em defesa de Duncan, ninguém se manifestou a seu favor durante o pesadelo. Os colegas mantiveram as cabeças baixas o tempo todo, e até mesmo um membro da American Medicai Association declarou aos jornais que a quantia cobrada por Duncan era "excessiva".

Duncan aprendeu o significado da palavra solidão.

Os relatórios finalmente foram encaminhados ao Comitê de Ética Médica do

Estado de Virgínia. As "irregularidades na codificação" não tinham resultado em nenhum lucro para Duncan — na verdade, ele perdera dinheiro —, mas ainda assim ele recebeu um aviso para ser mais cuidadoso no futuro. Como não havia nenhum indício de fraude ou negligência, ou de Duncan ter executado uma única operação desnecessária, ajunta dispensou—o.

Mas onde essa notícia foi publicada?

Num pequeno parágrafo perdido no meio do Banner. Mas o Washington Post, que publicara a matéria que desencadeara todo o pesadelo, jamais mencionou a inocência de Duncan.

O apedrejamento público acabara, não sem deixar marcas. Os clínicos gerais que costumavam encaminhar pacientes a Duncan haviam encontrado outros cirurgiões.

Sua carreira estava arruinada. As acusações contra Duncan haviam se provado infundadas, mas sua reputação permanecia manchada.

Duncan poderia não ter dado a mínima para tudo isso, se Lisa ainda estivesse viva e Diana permanecesse ao seu lado.

Mas Lisa estava morta. A querida Lisa, que partira sem dizer adeus, culpando—o por sua dor.

Diana, também, culpava—o. E logo o casamento de Duncan estava tão arruinado quanto a carreira dele.

Mas a culpa não era dele. Não fizera nada errado. Ela não percebia isso?

Era a comissão... aquela maldita Comissão de Diretrizes! McCready, e sua horda de bárbaros haviam saqueado tudo que ele possuía e prosseguido como se nada houvesse acontecido.

Duncan chegou mesmo a pensar em comprar um rifle e acabar com a raça de todos eles. Mas então McCready morreu, e a Comissão de Diretrizes se desfez, deixando Duncan sem nenhum alvo para a fúria monstruosa que coleava e sibilava em seu íntimo.

Mas conseguiu controlar sua fúria, ou pelo menos ignorá—la. Afinal, ainda tinha um filho — Brad ficara ao seu lado do início ao fim. E

Oliver, é claro. O fiel e prestativo Oliver. Sem eles... Bem, Duncan poderia ter metido um cano de arma na boca. Assim, ele recomeçou — um novo estado, uma nova especialidade, uma nova pessoa.

E tudo parecia bem até o presidente reviver a Comissão de Diretrizes.

Foi nesse momento que Duncan percebeu que sua fúria não desaparecera.

Como um câncer, ela se espalhara pelo seu organismo até habitar cada célula de seu corpo.

E ainda assim, Duncan poderia ter controlado sua fúria. Poderia tê—la controlado, se tantos membros da comissão, prevendo uma cobertura maciça da TV, não houvessem começado a procurar por um cirurgião para melhorar sua aparência... e vindo até ele, porque Duncan tinha os implantes...

A ironia era deliciosa.

Faça—nos parecer bem para as câmeras...

Duncan precisou se conter para não arremessar o copo contra a parede da sala. Não havia motivo para desperdiçar um bom uísque escocês.

Agora, cinco dos sete membros originais estavam mortos. McCready, de causas naturais, e quatro, graças a Duncan. Restavam dois. Os dois mais jovens, que dificilmente recorreriam a cirurgiões plásticos.

Estava quase terminado. A nova comissão encontrava—se num estado de confusão absoluta. O projeto de lei das diretrizes estava moribundo.

Mais um golpe, o maior de todos, e este sucumbiria.

Como Lisa.

E Duncan não precisaria se preocupar com a possibilidade de Gina interferir com o último alvo. Depois do que acontecera hoje ela devia estar se sentindo completamente perdida. Ademais, ela nem mesmo saberia sobre o outro paciente. Gina estaria em casa, gozando um dia de folga.

E então Duncan injetaria o último implante de DTP e esperaria pelo momento certo para dissolvê—lo.

O que lhe lembrava uma coisa: precisava encontrar outro lugar para esconder a DTP. Deixara a DTP na gaveta de cima da mesa, para o caso de Gina arrombá—la outra vez. Agora que os jogos estavam terminados, Duncan teria de encontrar outro esconderijo.

Duncan levantou o copo, num brinde.

Pax, Regina.

Cuide da sua própria vida e viveremos felizes para sempre Se não...

Gina estava deitada em meio à escuridão de seu quarto, ouvindo o tique—taque do velho carrilhão na sala. Aquela vinha sendo uma noite horrível. Gina estava precisando lidar sozinha com suas dúvidas e reorganizar seus pensamentos. Mas atravessara as chamas e emergira com uma nova perspectiva.

Não esperara reerguer—se tão depressa. Durante algum tempo, ficara completamente insegura, abalada pela forma como tanta coisa dera errado em um só dia. Mas agora Gina estava de pé novamente.

Não acabou, Duncan, disse ela à escuridão. Você é esperto... não, você é brilhante. De alguma forma, você previu todos os meus movimentos.

Provavelmente pensou que vencera. Mas sei o que vi, e sei o que sei. Ainda não acabou.

* A Semana de 22 de Outubro

* 29

DOMINGO

Estava determinada a descobrir tudo sobre Duncan Lathram.

Gina ligou o motor quando uma mercedes preta parou no cruzamento, saindo da rua de Duncan. Não podia estacionar em frente à casa dele, ou mesmo no seu quarteirão. Duncan morava num condomínio de casas elegantes em terrenos de meio hectare em Chevy Chase. Ali, o pequeno Sunbird vermelho de Gina se destacaria como uma barca de lixo no Iate Clube Potomac. Uma das vantagens de se viver num bairro fechado era a segurança. Ladeada por pilares de tijolos aparentes, a entrada do condomínio de Duncan dava passagem para uma estrada secundária próxima a um pequeno shopping center. Gina ficara acampada no estacionamento do shopping durante a maior parte do dia anterior e toda a manhã de hoje, sem que ninguém a importunasse.

O dia anterior não resultara em nada de interesse. Duncan saíra de casa apenas uma vez, parando numa loja de bebidas, numa importadora de café, num posto de gasolina e numa loja de eletrônica. "Eletrônica Caliguire", dizia o letreiro na porta da frente. "Áudio, Vídeo, Sistemas de Home Theater, Miniparabólicas, Aparelhos Eletrônicos sob Encomenda." Gina lembrou de Duncan ter falado sobre sua miniparabólica. Ele devia tê—la comprado ali.

"Brinquedos de meninos", murmurara Gina.

De repente, deu—se conta: aparelhos eletrônicos sob encomenda. Para dissolver seus implantes, Duncan precisava de algum tipo de transdutor de ultra—som em miniatura. Alguma coisa pequena o bastante para que pudesse escondê—la sob as roupas e mirar contra sua vítima quando ela estivesse ao alcance. Algo que coubesse no bolso...

Deus! Opager de Duncan! O enorme e antiquado pager de Duncan! Gina

lembrou que Duncan o estava segurando quando ela o vira com Allard, e como o aparelho tocara enquanto eles estavam conversando com o senador Vineent na sala de audiências do Congresso, pouco antes do senador Marsden pedir que todos fossem para os seus lugares. Alguns minutos depois o senador Vineent estava sofrendo um ataque diante das câmeras.

E se o pager de Duncan fosse grande não devido à teimosia de Duncan em trocá—lo por um equipamento mais avançado? E se o pager fosse um minitransdutor?

Será que Duncan poderia ter encomendado nessa loja, ou em alguma outra, um aparelho desse tipo?

A pergunta atormentara Gina o tempo inteiro que Duncan permanecera na loja, o que durou quase uma hora. Enfim, ele saiu e retornou para casa Gina considerou seriamente a idéia de retornar à loja de eletrônica para perguntar ao proprietário a respeito de transdutores disfarçados de pagers, mas então lembrou das palavras de Gerry: Pare de bancar a Nancy Drew.

Gerry... sentia falta dele. Queria que ele telefonasse.

Mas fora um bom conselho. Não apenas estava velha demais para ser a aventureira adolescente dos livros e filmes, como também não queria ser uma detetive. Ser uma médica de doenças internas já era o suficiente. E

além disso, se interrogasse os funcionários da Eletrônica Caliguire, eles poderiam telefonar para Duncan.

Era melhor restringir seu trabalho de detetive à tarefa de seguir Duncan.

Bela maneira de passar o fim de semana.

Agora já era a noite de domingo, e essa era a primeira vez que Gina via Duncan o dia inteiro. Ficara, inclusive, preocupada com a possibilidade de ele ter outra saída de seu bairro, mas passara em frente à casa dele uma hora antes, e avistara a mercedes estacionada no topo diante da casa em estilo colonial.

Então o rádio deu—lhe a razão mais provável para Duncan ter escolhido aquele momento para sair de casa. O jogo dos Redskins terminara. Eles tinham perdido. De novo.

Antes de sair do estacionamento, esperou para ver que direção Duncan tomaria. Independentemente do caminho que ele seguisse, Gina iria logo atrás. Não era louca—nem psicótica, nem mesmo neurótica — e não deixaria ninguém convencê—la disso. Duncan tinha segredos. Ele mentia a respeito de onde ia às tardes. Ela descobriria para onde ele realmente ia. Ele não seria capaz de espirrar sem que ela estivesse por perto para dizer Gesundheit.

Dessa vez não seria enganada.

Gina o observou tomar a direção sul. Deixou um carro ficar entre eles antes de segui—lo. Quando ele dobrou na East—West Highway, Gina soube qual era o destino de Duncan.

Com toda certeza, estava indo para o centro cirúrgico.

E agora? Ela não poderia entrar no centro cirúrgico e segui—lo até o escritório.

O escritório de Duncan... Em frente à janela do escritório havia um jardim de pedras com um laguinho e um monte de arbustos espessos. Talvez pudesse esconder—se ali para espioná—lo.

Encontrou uma vaga num estacionamento a meio quarteirão da clínica e correu de volta. Orientando—se pela luz na janela de Duncan, correu curvada pelo vão entre o centro cirúrgico e o edifício comercial vizinho e agachou—se contra o muro em frente ao jardim de pedras. De onde estava, os arbustos cobriam a janela do escritório de Duncan. Se ela pudesse dar uma olhada...

Olhem só para mim, pensou. Arrastando—me em jardins, espionando pessoas...

Isso não era Gina. E ela não jurara nunca mais bancar a Nancy Drew? Era esse o comportamento de uma pessoa de personalidade estável?

Talvez eu precise mesmo de ajuda.

O pensamento causou—lhe um arrepio. Gina balançou a cabeça, como se para afugentar as dúvidas. Precisava ver o que Duncan estava fazendo.

Separou os galhos de uma pequena conífera—pelo seu cheiro de gim, presumiu que fosse algum tipo de zimbro — e olhou através da parede de vidro para o escritório de Duncan.

Ele estava sentado à sua mesa. Gina se ajoelhou e continuou observando, torcendo para que ele não fizesse nada além de arrumar papéis. Começava a ficar frio ali no jardim.

Gina perdeu a respiração quando Duncan se abaixou para abrir a gaveta superior da mesa. Ela se inclinou para a frente, quase passando o rosto entre as folhas pontiagudas da conífera. Ele removeu a DTP da gaveta, sentiu seu peso na mão e em seguida levantou—se e começou a caminhar pela sala. Duncan passou algum tempo abrindo armários, levantando garrafas, tirando livros e papéis das prateleiras, analisando o espaço que eles deixavam, e em seguida colocando—os devolta.

— O que ele está fazendo? — perguntou—se Gina.

Parecia procurar alguma coisa.

Ou algum lugar.

Finalmente ele tirou um volume do tamanho do catálogo de medicamentos de uma prateleira alta, alojou o frasco de DTP no fundo e em seguida pôs o livro de volta no lugar.

Ele estava escondendo a DTP.

Gina estava estarrecida.

Por que ele tiraria o frasco da gaveta fechada para escondê—lo numa prateleira?

Talvez ele não precisasse mais dele. Ou talvez nunca o tivesse usado.

Mas por que o estava escondendo agora?

Merda! Por que nada disso faz sentido!

De repente o escritório ficou escuro. Duncan apagara as luzes. Gina se levantou e correu de volta até o carro. Ficou aliviada ao ligar o aquecedor. Ela observou o carro de Duncan sair da vaga e dobrar na East—West. Deu—lhe uma boa dianteira, e então o seguiu.

Quando ela o viu entrar novamente no condomínio, Gina virou para leste, na direção da Connecticut Avenue. Para Adams Morgan. Para casa.

Já brincara de Nancy Drew demais naquela noite. Em dois dias seguindo Duncan, Gina aprendera duas coisas: uma, ele gostava de passar seu tempo na Eletrônica Caliguire; duas, ele mudarão esconderijo de seu frasco de DTP.

Sem respostas. Apenas dois fatos que não faziam nada além de provocar mais uma série de perguntas. Não precisava de perguntas. Estava com perguntas até o pescoço. Merda, precisava era de respostas!

Talvez as conseguisse no dia seguinte. Quando Duncan saísse mais cedo para ir ao clube de golfe, Gina iria segui—lo como uma sombra.

Descobriria para onde ele realmente ia. Talvez fosse encontrar uma amante. Ou talvez seu destino tivesse alguma relação com o frasco de DTP. Com sorte, conseguiria riscar uma pergunta de sua lista.

*** 30**

SEGUNDA—FEIRA

— Pronto, doutor.

O homem gorducho, com camisa do Guns n'Roses, estava de pé numa escadinha de alumínio no canto do escritório de Duncan. Apesar de exibir os primeiros sinais de calvície, Harry usava os cabelos presos num rabo—de—cavalo. Estava disfarçando o sensor que instalara na prateleira de cima da estante. Ao terminar, desceu e apontou para o aparelho.

— Conseguiria adivinhar que está ali?

Duncan examinou a prateleira. O sensor era uma pequeno retângulo marrom do tamanho de uma caixa de cigarros. Ele se mesclava perfeitamente com a madeira da estante, parecendo como se fizesse parte dela. As lentes da câmera pareciam algum tipo de bibelô de vidro.

Duncan assentiu, aprovando: — Apenas se eu soubesse onde procurar.

— Legal. Agora, fique parado um pouco. — Ligou o transformador na tomada à direita da pia.—Muito bem. Mova os braços.

Duncan moveu os braços e viu uma lâmpada vermelha piscar no sensor.

— Sorria, você está na câmera indiscreta — disse Harry.

— E aquela luz ali?

— Significa que o aparelho captou movimentos. Você ativou o circuito.

— Sim, mas a lâmpada aparece. Quero uma vigilância invisível, Harry.

Elimine a luz.

— Sem problema.

Duncan tomou o café matinal, enquanto Harry subiu novamente a escadinha de alumínio e começou a assobiar alguma coisa enquanto abria o detector de movimentos.

Harry parecia amar seu trabalho. Por que não? Duncan estava pagando—lhe muitíssimo bem para que se divertisse com seu passatempo preferido.

Duncan lembrou como Harry ficara empolgado quando ele o desafiara a miniaturizar um transdutor de ultra—som. O trabalho levara semanas, mas os honorários que Duncan pagara haviam sido mais que compensadores.

Em compensação, essa pequena tarefa era uma moleza.

Duncan dissera a Harry que estava desconfiado de que um de seus funcionários estivesse cometendo furtos. Dissera que tinha idéia de quem era o responsável, mas queria pegá—lo em flagrante. O que era verdade.

Queria ver se Gina tentaria de novo.

Harry comentou que aquilo era engraçado. Sim, o que há com as relações de trabalho hoje em dia, que você precisa pegar alguém com a mão na massa antes de mandá—lo para o olho da rua?

A solução de Harry: uma câmera de vídeo ativada por um detector de movimento.

— Perfeito — disse Harry, descendo novamente da escada.

—A lâmpada está desativada. Agora, lembre—se que você só quer que esta coisa ligue quando você não estiver na sala. Se esquecer de desligar o detector, terá que se assistir todos os dias durante horas, sentado à mesa, fazendo café ou qualquer outra coisa. " — Provavelmente qualquer outra coisa. Em geral trabalho quando estou aqui.

— Legal—disse Harry, enquanto pousava um dedo sobre o transformador.

—Veja estes dois botões. Este desliga, este liga. Quando sair, deixe ligado. Isso armará o sensor. Daí em diante, qualquer movimento que ocorrer na sala será captado pelo sensor, que ligará a câmera. Quando você assistir à fita, a hora que ocorreu a gravação aparecerá no canto da imagem. Fixei lentes grandes—angulares na câmera, para que você possa ver tudo que aconteceu na sala.

— Legal—disse Duncan.

— Sabe, se você decidir que esse equipamento deva ficar aí de vez, posso conectar a câmera diretamente a um videocassete e...

— É só temporário, Harry. Pode ter certeza disso. E aqui está seu cheque.

Harry olhou a quantia, disse "legal" pela última vez, guardou as ferramentas e saiu.

Muito bem, meu lindo cisne, pensou Duncan, fitando o olho cego da câmera de vídeo. O próximo passo é seu.

Olhou as horas. Tudo corria como planejado. Harry chegara cedo e fizera o trabalho rápido, deixando Duncan com alguns minutos livres antes de se aprontar para a primeira cirurgia do dia.

Hoje os compromissos eram poucos: a maioria, pequenas cirurgias. O Dr. Van —Duyne chegaria ao centro cirúrgico por volta do meio—dia, e Duncan queria tudo em ordem quando fosse conduzi—lo junto com os demais numa visita guiada.

Apertou o botão de "liga", moveu um bule vazio na frente do transformador, e se dirigiu para a porta. Ao dar as costas para a câmera, os pêlos de sua nuca se eriçaram com o conhecimento de que acabara de acionar o sensor; sua saída estava sendo gravada.

Gina estava fazendo seu trabalho de transcrição o mais rápido que podia, para que pudesse seguir Duncan quando ele saísse. A julgar pela forma como ele

parecera apressado ao realizar as operações da manhã, Duncan parecia decidido a acabar cedo. Mas depois de terminadas as cirurgias, não pareceu interessado em ir a lugar algum.

Gina estava descendo e subindo as escadas, ficando de olho no consultório de Duncan, preparada para pegar o casaco assim que ele desse sinal de que sairia. Mas Duncan parecia estar matando tempo. Em uma de suas rondas de vigilância, ela olhou para o estacionamento e viu o misterioso Dr. V e outros dois homens saindo de um carro cinza.

Então é por causa disso que ele ainda está aqui.

Vinte minutos depois, Duncan desceu com o trio para mostrar—lhes o primeiro andar.

— E estas são as regiões baixas. O laboratório de meu irmão e a nossa sala de registros.

Dr. V, o bonitão, parecia relaxado, mas os dois amigos engravatados eram tão tensos e sérios quanto bem vestidos. E eram intrometidos, também.

Ficaram o tempo todo examinando cada armário, cada compartimento, fazendo perguntas em voz tão baixa, que Gina não pôde escutá—los.

— Só estou mostrando nossas instalações a estes cavalheiros — disse Duncan a Gina ao passar com os três homens. — Não pare o que estiver fazendo por nossa causa.

Duncan não se deu ao trabalho de fazer apresentações.

Ela acompanhou o grupo até o segundo andar e observou os dois engravatados apontarem para as portas e janelas enquanto conferenciavam um com o outro. O que eram eles? Advogados? Contadores? Consultores de segurança?

Então os quatro, mais Oliver, entraram no escritório de Duncan e fecharam a porta.

O que estava acontecendo? Tinha certeza absoluta de que Duncan não estava à procura de novos sócios. Estaria ele vendendo o prédio? Ele não mencionara nenhuma intenção de se mudar. E por que esse Dr. V parecia familiar?

A curiosidade estava comendo Gina viva. Daria praticamente qualquer coisa para ser uma mosca e entrar naquele escritório agora.

Quarenta e cinco minutos depois os cinco saíram juntos. Durante algum tempo, ficaram no corredor, trocando cumprimentos. Os engravatados pareciam tão mal—humorados quanto antes. Duncan e o Dr. V estavam sorridentes, e Oliver quase não se continha de tanta felicidade. Depois que os visitantes se dirigiram para o estacionamento, Duncan retornou ao escritório, e Oliver veio

caminhando apressado pelo corredor na direção de Gina.

— Isto é maravilhoso—disse ele ao se aproximar. As lâmpadas fluorescentes no teto refletiam nos óculos e na cabeça lisa de Oliver.

Estava sorrindo como um homem que tivesse acabado de ganhar na loteria.

—É tão maravilhoso!

— O que é, Oliver? O que está acontecendo?

— Não posso contar — disse ao passar por Gina. — Gostaria muito, mas não posso. Talvez outra hora.

Gina o observou desaparecer na escadaria e descer até o laboratório.

Nunca o vira daquele jeito. Teria ele fechado algum grande contrato para os implantes? Começou a seguir Oliver. Estava certa de que poderia arrancar algo dele.

Mas nesse momento Gina viu Duncan parado diante da mesa de Barbara, vestindo o casaco esporte. Estava falando, enquanto Barbara fazia anotações e balançava a cabeça. Em seguida Duncan saiu.

Gina correu até o vestiário, pegou o casaco e a bolsa e saiu correndo atrás dele. Deixaria para interrogar Oliver mais tarde.

— Ei, grandes notícias! — disse Barbara quando Gina passou por sua mesa.

— Teremos um fim de semana de três dias!

Gina retardou o passo.

— Quando?

— Esta semana. Estaremos fechados na sexta. O Dr. Lathram acabou de me dizer que todos teremos folga remunerada. Não é fantástico?

— É sim — disse Gina, voltando a andar depressa. — Fantástico.

Folga na sexta. Normalmente presumiria que Duncan tinha algum lugar para ir no fim de semana e queria um dia extra. Mas a decisão parecia ter sido tomada logo depois da reunião com o Dr. V e os engravatados. Por quê?

Não foi surpresa quando a mercedes de Duncan tomou uma direção contrária à do clube de golfe, mas Gina estava completamente despreparada para o rumo que ele seguiu através da cidade. Leste, em seguida descendo a Connecticut, passando pelo bairro Adams Morgan até o Círculo Dupont.

Dali ele pegou a Massachusetts Avenue.

Ele está indo para o Capitólio, pensou Gina, mas Duncan passou direto pela Union Station e continuou na direção da região sudeste. Ali, a Mass Avenue era ladeada por casas de dois ou três andares, pintadas de vermelho, amarelo, azul, verde e até laranja. Era uma vizinhança degenerada. Em algumas esquinas, Gina viu maltrapilhos bebendo de garrafas em bolsas de papel. Gina receou parar nos

sinais vermelhos. E

ela estava num carro usado, um modelo compacto americano de três anos.

Ali, a mercedes de Duncan se destacava como um iate de luxo em meio a uma frota de canoas. Mesmo assim, ninguém parecia importunar nenhum deles.

O que estava acontecendo? Duncan era tão esnobe, que Gina não conseguia imaginá—lo ali, entre os pobres.

Então chegaram ao final da Mass Avenue e, ao avistar o D.C. General Hospital, Gina compreendeu tudo. Seguiu Duncan ao longo da autopista sinuosa até o complexo de cerca de uma dúzia de prédios de tijolo e estuque, passou em frente ao centro de tratamento e chegou a um estacionamento privativo — "Restrito a Pessoas Autorizadas" alertava a placa. Enquanto Duncan entrava no estacionamento privativo, Gina seguiu até o estacionamento de visitantes, ao lado. Havia guardas uniformizados por toda a parte. Ali, a segurança parecia ser uma prioridade.

Viu Duncan caminhando apressado até a entrada dos médicos — um buraco retangular na parede de tijolos de um dos prédios. Como ela entraria?

Gina não pertencia à equipe. Mas podia fazer parecer que era.

Pegou o estetoscópio de reserva no porta—luvas, colocou o cordão com o crachá do Senado em volta do pescoço e seguiu Duncan.

Já demonstrara curiosidade em conhecer o D.C. General. O prédio de tijolos à sua frente era grande e com uma aparência de tribunal. Tinha oito andares na ala frontal, e seis na dos fundos. Era como se ele tivesse começado consideravelmente pequeno e sido aumentado aos poucos — uma ala aqui, mais alguns andares extras ali. Seria fácil perder—se naquele lugar.

Gina manteve o passo acelerado ao passar pelo guarda sentado numa cadeira ao lado da entrada. Sorrindo e acenando com a mão que segurava o estetoscópio, torceu para que o guarda não reparasse que seu crachá com foto não pertencia ao D.C. General.

O guarda sorriu de volta e assentiu com a cabeça. Em seguida voltou a ler o jornal.

Gina viu Duncan quinze metros à frente dela, descendo o corredor.

Aumentou ainda mais o passo para diminuir a distância entre os dois.

Sabia que se perdesse Duncan de vista, nunca o encontraria novamente naquele labirinto.

Seguiu—o por um curso tortuoso que terminou diante de uma fileira de elevadores.

Gina diminuiu o passo, hesitante. Se não entrasse naquele elevador com

Duncan, iria perdê—lo. Nem sabia que andar procurar.

Só havia uma coisa a fazer. Gina guardou o crachá no bolso e dirigiu—se até ele.

— Duncan!—disse ela, cutucando—o no ombro.—O que está fazendo aqui?

Duncan se virou e se assustou ao vê—la. Algum sentimento brilhou em seus olhos. Surpresa? Raiva? Suspeita? Gina não estava certa. Talvez as três coisas. Independentemente do que fosse, o brilho sumiu num instante.

Ele sorriu.

— Gina! Jamais esperaria vê—la aqui!

O que não responde a minha pergunta, pensou ela. Sentiu o coração acelerar. O que ele faria agora?

— Vim visitar um colega de faculdade que é residente na hematologia. E você?

Duncan suspirou com tristeza, esfregando o queixo.

— Bem, eu não queria que ninguém soubesse disto. Se as pessoas começarem a comentar...

Meu Deus, Gina pensou. Ele está doente. Diagnósticos terminais, como câncer e Aids atravessaram—lhe o cérebro.

Ele suspirou novamente.

— Acho que é mais fácil explicar tudo a você.

Uma surrada porta de elevador se abriu à esquerda deles. Duncan empurrou Gina com gentileza, guiando—a na direção do elevador vazio.

— Vamos.

Duncan a levou até a clínica maxilofacial. Ali, enfermeiras cumprimentaram —no com sorrisos e pacientes sentados na sala de espera fitaram—no com olhos arregalados, sussurrando entre si enquanto apontavam para ele. Gina se sentou com Duncan numa sala de exames e observou maravilhada enquanto ele avaliava novos pacientes e inspecionava seu trabalho em consultas de acompanhamento.

O que mais impressionou Gina foram os pacientes que haviam sido operados por Duncan. Alguns agradeciam—no efusivamente, outros mal conseguiam expressar sua gratidão, mas todos o veneravam, quase se ajoelhando diante de Duncan para agradecer—lhe o que fizera por eles.

Finalmente o último paciente saiu, e Gina ficou sozinha com Duncan naquela sala apertada, observando—o redigir um relatório de progresso.

Então era aqui que ele vinha quando dizia que estava jogando golfe. Gina estava estarrecida.

— Duncan, por quê?

— Hum?—Ele levantou os olhos do último prontuário e fechou—o.

— Por que está aqui? Ele deu de ombros.

— Eu tinha algumas horas ociosas para preencher. É tedioso fazer apenas cirurgias embelezadoras. Gosto de fazer alguma coisa diferente de vez em quando.

— Mas esta é uma clínica gratuita, e você é Duncan "Pague adiantado e Eu Não Aceito Nenhum Plano de Saúde" Lathram.

Duncan abriu um sorriso triste. Ele meneou a cabeça.

— Nunca fiz isso por dinheiro. Nunca fiz pelo dinheiro.

— Então pelo que você faz?

— Algum dia vou lhe contar. Ainda não estou preparado. Gina engoliu sua frustração.

— Certo, então por que guarda segredo? Ele deu de ombros novamente.

— Quando abri meu centro cirúrgico proclamei aos quatro ventos que me limitaria apenas a cirurgias supérfluas e não aceitaria nenhum tipo de plano de saúde. No início isso foi agradável, mas logo se revelou limitante. —Ele olhou para outro lado. —A despeito de meus esforços homéricos, não pude resistir à necessidade de direcionar minhas habilidades para uma aplicação um pouco mais significativa.

— Um pouco? Duncan, isto que você está fazendo é maravilhoso. Estou orgulhosa de você.

Duncan olhou para Gina, e mais uma vez ela percebeu alguma coisa nos olhos dele. Algo diferente, agora. Quase como dor.

— Não se orgulhe tanto, Gina. Esta não é uma rua de mão única. Também tiro algum benefício disto.

Naquele momento Gina se sentiu muito próxima a ele. Lágrimas ameaçaram formar—se no canto dos olhos, mas foram inibidas pela vergonha. Como ela podia ter suspeitado que Duncan seria capaz de ferir alguém?

Queria abraçá—lo.

— Preciso ir—disse ela quando pôde confiar em sua voz.

— Vou levar você.

Duncan a guiou de volta até os elevadores. Ao descer, ela não pôde resistir a fazer mais uma pergunta.

— Então, quem eram aqueles homens a quem você estava mostrando o centro, hoje?

— Apenas algumas pessoas que queriam dar uma olhada.

— Está vendendo o lugar?

— Na verdade, não.

— Remodelando?

— Apenas queriam dar uma olhada.

— Oh, muito bem. Isso esclarece tudo.

Ele colocou o braço sobre o ombro de Gina e riu.

— Gina. Gina. Gina. Você sempre acha que precisa saber tudo. a vida é cheia de pequenos mistérios. E este é um deles, certo? —Ele riu novamente.

— Certo.

Ele conduziu—a até o carro dela, abriu a porta e acenou quando ela saiu.

Gina se viu dividida por emoções conflitantes. Sentia—se uma nadadora num mar de correntes caprichosas e violentas. Onde estava a terra?

Depois de pensar o pior de Duncan há poucos dias, agora descobria Duncan recuperando sua posição como seu herói. Era quase como... ela buscou uma comparação... quase como o Zorro. Para a maior parte do mundo ele se mostrava um esnobe, como o almofadinha Don Diego; mas para as pessoas pobres e desfiguradas da clínica maxilobucof acial do bairro mais miserável de Washington, era o ousado Dr. Duncan—Dr. Zorro —, que com sua lâmina prateada consertava o que estava errado.

Duncan provavelmente se divertia com o paradoxo: o indiferente e ganancioso cirurgião plástico dos ricos e poderosos que em segredo tratava os pobres e sem—teto numa clínica gratuita. Mas o que impressionava mais Gina era o segredo. A maioria das pessoas alardeava sua caridade. Duncan a mantinha oculta, como se isso o embaraçasse.

Encantador.

Duncan estava quase de volta ao seu pedestal de semideus. Quase. Estaria no pináculo do panteão pessoal de Gina se não fosse por aquele frasco de DTP escondido no escritório.

Aquele maldito frasco.

Afinal, tudo acabou saindo muito bem, pensou Duncan caminhando para o carro.

Mas ainda assim a situação era perturbadora.

O fato inescapável era que Gina o seguira até ali e ele não tinha a menor idéia de que ela estava em sua pista. A pergunta agora era: fazia quanto tempo ela estava em sua pista?

Não que isso realmente importasse. O que alguém poderia descobrir seguindo—o? Ele levava uma existência extremamente monótona, jamais se

afastando muito de casa. Ele quase sentia pena de alguém que tivesse passado dias a espioná—lo.

Mas Gina ainda estava desconfiada o bastante para dedicar uma tarde inteira a segui—lo até o D.C. General, e isso era perturbador. E Duncan não tinha dúvidas de que ela o seguira. Não engoliu nem por um segundo aquela história sobre um velho amigo de faculdade, o tal residente de hematologia. O D.C. General não ficava numa vizinhança que atraísse visitantes ocasionais.

Ele sorriu enquanto saía do estacionamento para retornar para Chevy Chase. Mas há males que vêm para o bem. Como era o velho ditado? Quando alguém lhe der um limão, faça uma limonada.

Quando Gina o cutucou no ombro em frente ao elevador, Duncan lutara contra o impulso de deflagrar um ataque verbal contra ela, acusando—a de o estar seguindo, de estar invadindo sua privacidade. Uma parte mais sábia dele sabia que uma reação como essa seria prejudicial. Em vez disso, por que não contar a Gina o seu segredinho? Ele considerara que, como era tarde demais para expulsá—la dali, o melhor seria levá—la consigo.

E como tinha funcionado! Gina ficara completamente desarmada. Podia ver isso em seus olhos quando ela viu as fotos de "antes" e os "depois"

vivos que entraram no consultório.

E por que não ficaria desarmada? Faço um trabalho muito bom.

Bom trabalho... e boas ações. As pessoas não costumam ser recompensadas por suas boas ações? Até aqui havia sido assim. Ele encontrara satisfação em remover cicatrizes e consertar erros da natureza em pessoas que de outra forma não teriam chance de um tratamento adequado.

Mas hoje recebera uma recompensa inesperada. Sua participação altruísta na clínica amortecera, se não completamente anuviara, as suspeitas de uma jovem muito brilhante e muito intrometida.

Talvez o bem que os homens fazem não seja enterrado com seus ossos.

Mas não podia baixar a guarda. Ainda não. Não até depois de sexta.

E isso o fez lembrar da câmera de vídeo em seu escritório.

Duncan estava sozinho no escritório. O prédio encontrava—se vazio, o que era exatamente o que ele queria. Tirou a fita, colocoua no videocassete e apertou o botão de retrocesso. A máquina zumbiu e parou quase imediatamente. Bom sinal.

Apertou PLAY, e em seguida FFWD. Uma imagem distorcida, gravada com lentes grandes—angulares, apareceu na tela. Duncan se viu no escritório, saindo e fechando a porta. Depois Barbara entrou apressada e deixou alguns papéis

sobre a mesa; em seguida, ela fez o mesmo com a correspondência; depois novamente com mais papeis. E então Duncan se viu, entrando na sala, folheando as cartas e papéis sobre a mesa. Era estranho observar—se em velocidade acelerada. Parecia um policial daquelas velhas comédias mudas da Keystone. Então se aproximou da estante, abaixo do campo de visão da câmera, esticou a mão e...

A tela escureceu. Aquele fora o momento em que desligara a câmera.

Muito bom, pensou, enquanto rebobinava a fita. Nenhum sinal de Gina.

Ninguém espionara seus pertences nem tentara novamente abrir a gaveta de sua mesa.

Torceu para ver resultados semelhantes sempre que assistisse a essa fita.

A última coisa que queria no mundo era machucar Gina.

*** 31**

TERÇA—FEIRA

— Muito bem, Oliver—disse Gina. — Chega de segredo. Você precisa me dizer por que aqueles homens estavam passeando pelo prédio ontem.

Era cedo. Vestindo luvas e máscaras cirúrgicas, Gina e Oliver estavam no laboratório dele, enchendo, sob condições assépticas rigorosas, os implantes que seriam usados nas operações do dia. Gina passara a metade da noite desafiando seu cérebro a encontrar uma forma de descobrir a identidade do Dr. V e dos engravatados misteriosos.

— Não posso contar, Gina. Duncan me mataria.

Uma escolha de palavras infeliz, Gina pensou, com um arrepio. Duncan não mataria qualquer um. Ela acreditava nisso agora. Precisava acreditar nisso.

— Não seja tolo. Ele é o seu irmão. — Ela piscou. —Além disso, ele precisa dos implantes.

— Obrigado — disse Oliver com um suspiro. — Isso faz maravilhas pela minha auto—estima.

— Estou falando sério. Estou ficando doida de curiosidade. Vi esse Dr. V entrando e saindo daqui umas três vezes, e tenho certeza de que o conheço de algum lugar. Apenas me diga quem ele é. Não o que ele está fazendo aqui, só o nome dele. Diga—me apenas isso e prometo não perguntar mais nada.

— Gina, desculpe, mas eu...

— Vou espirrar nos seus implantes.

— Não, você não faria isso. Ela fungou.

— Epa, acho que está vindo. Acho que vou espirrar tão forte que a máscara não vai conter.

— Gina, por favor, não brinque como uma...

— Lá vem.. Ah... ah...

— Tá bem, tá bem! Gina balançou a cabeça.

— Ora, vejam só! Eu já melhorei. Pelo menos por enquanto. E agora, quem é o Dr. V?

— Eu não devia falar nada. Prometi a Duncan que não diria uma palavra.

Ela fungou de novo.

— Oliver...

— Muito bem. Só o nome dele. E se o nome não significar nada para você, paciência. Concorda?

— Concordo.

Oliver se inclinou para a frente, e Gina percebeu em seus olhos que ele estava morrendo de vontade de contar a alguém. Agora ela dera—lhe uma desculpa.

— OnomeéVanDuyne. Dr. JohnVanDuyne. VanDuyne... Gina conhecia aquele nome. Estava correndo pelos

cantos da mente, tentando escapar dela. VanDuyne... JohnVanDuyne...

De repente Gina lembrou. Um dos palestrantes de uma série de seminários sobre política a que ela assistira na Tulane University. Médico, ele viera de Washington e parecera pouco à vontade ao falar sobre seu papel no governo. John VanDuyne, um dos figurões do Departamento de Saúde e Serviços Humanos... mas ele era mais alguma coisa. Ela lera um artigo ou ouvira alguma outra menção sobre ele. Dr. John VanDuyne...

— Deus do céu! — gritou ela. — Duncan vai operar o presidente!

Oliver arrancou a máscara e se deixou cair na cadeira. Correu dedos nervosos pelo cabelo ralo.

— Não! Eu estraguei tudo!

— Estou certa, não estou?

Ele assentiu de forma resignada, com uma expressão atônita no rosto.

— Não acredito que você tenha conseguido associar tudo tão rápido.

Apenas a partir de um nome. Como conseguiu?

Quando ela lembrou que VanDuyne era o médico pessoal do presidente, subitamente ficou óbvio que os homens que haviam estado com ele no dia anterior pertenciam ao Serviço Secreto. E a forma como tinham examinado tudo, estudando entradas e saídas, espiando pelas janelas... por que mais fariam isso se não estivessem avaliando a segurança do local?

Mas ela não sentiu nenhum triunfo pelo brilhantismo de sua dedução. O que Gina estava sentindo era um peso cada vez maior no estômago.

O presidente dos Estados Unidos entraria na faca nas mãos de Duncan.

Depois de ontem, devia sentir orgulho de Duncan por ele ter sido escolhido para operar o presidente. Mas Gina estava aterrorizada.

— Ele vem na sexta?

Oliver assentiu mais uma vez. Parecia magoado. Isso explicava a folga remunerada.

— O que ele vai operar?

— As pálpebras — respondeu Oliver, enfiando as pontas dos indicadores sob os óculos e tocando as pálpebras inferiores.—Ele quer se livrar das olheiras.

Duncan vai aproveitar para esticar as pálpebras superiores também.

— Mas aquelas olheiras tornaram—se a marca registrada dele O que os chargistas vão fazer sem elas?

Oliver encolheu os ombros.

— Parece que os assessores de imprensa e os médicos particulares do presidente chegaram a um acordo de que as pálpebras dele estavam mais caídas e que isso está fazendo as pessoas acharem o presidente cansado e envelhecido.

— Esse é um risco que os presidentes dos Estados Unidos correm.

— Mas eles querem os votos dos jovens. Foram eles que o elegeram da primeira vez. Não querem que um candidato de aparência mais jovem roube seu eleitorado. Acham que as pálpebras do presidente são culpadas por sua aparência cansada e envelhecida.

— Isso é ridículo. Ainda falta mais de um ano para a eleição.

— Mas não para as primárias. Como ele está esperando uma concorrência forte, quer estar com uma ótima aparência em New Hampshire.

— E por que Duncan?

— E por que não? Ele é o melhor. — Oliver apontou para a bandeja.— Especialmente por causa disso.

Gina precisava admitir que Oliver estava certo.

— Mas por que todo esse segredo?

— Não é óbvio? O presidente não quer que ninguém, especialmente a imprensa, descubra isso. Ele chegará na sexta—feira ao amanhecer. Assim que estiver se recuperando, será levado às pressas para Camp David, onde passará um fim de semana longo, que será emendado com mais alguns em viagens. Usará óculos escuros durante o fim de semana, e quando retornar, haverá evidências mínimas de que sofreu uma cirurgia. Qualquer descoloração leve que persistir poderá ser coberta com maquiagem. Um esquema à prova de falhas, concorda?

— Sim — disse Gina, lentamente. —A prova de falhas. Mas seria à prova de Duncan?

Pare! Não devia estar pensando assim.

— Mas com toda a equipe fora, como ele vai operar?

O anestesiologista do Besthesda Naval Hospital e o Dr. VanDuyne vão assistir Duncan.

— E os agentes do Serviço Secreto ficarão de guarda no corredor, suponho.

— Exatamente. Isso não é emocionante?

— Sim. E muito.

Mas Gina estava mais ansiosa que empolgada. Sabia o que Duncan pensava sobre o paciente. Quantas vezes falara mal do presidente dos Estados Unidos?

Ainda assim, Duncan concordara em fazer uma cirurgia plástica nas pálpebras... concordara em executar um procedimento de emergência que concederia ao presidente um pequeno impulso na direção da reeleição.

Não fazia o menor sentido. Por que Duncan faria qualquer coisa para ajudar esse homem?

Apenas por que ele era o presidente e havia pedido? Possivelmente. Esse cargo exercia um poder mesmerizante sobre as pessoas.

Vejam só Oliver — estava radiante como um fã que tivesse apertado a mão de seu ídolo. Ele não podia contar isso a ninguém, mas estava completamente embevecido com a idéia de seus implantes serem usados no presidente dos Estados Unidos.

Será que ela estava se preocupando sem necessidade? Mesmo se Duncan quisesse tentar alguma coisa, como poderia fazer isso com o Serviço Secreto observando cada movimento seu?

Mas na sala de recuperação... eles ficariam de guarda lá dentro?

Provavelmente, não.

Por que ela estava pensando dessa maneira? Precisava parar com isso.

Ontem Gina vira um lado de Duncan que pensara não existir mais.

Prometera a si mesma reavaliar sua impressão sobre Duncan. E teria sido bem—sucedida nisso se não fosse por aquele maldito frasco de DTP

Será que continuava no lugar onde Duncan o escondera?

Só havia uma forma de descobrir. Era agora ou nunca.

Gina queria poder ligar para Gerry e falar com ele a respeito disto, mas veja só o que acontecera da última vez que o procurara com uma suspeita.

A resistência do relacionamento deles fora testada até o limite. Ou talvez Gerry já tivesse declarado o fim do namoro sem contar a Gina. Ele não telefonava desde sexta.

Duncan saíra para almoçar, Barbara não estava em sua mesa. Gina entrara sorrateiramente no escritório de Duncan e fora direto até a estante de livros. Lembrava que ele escondera o frasco na prateleira superior, lado esquerdo. Mas a prateleira era alta demais para alcançá—la.

Olhou em torno em busca de uma cadeira na qual subir e encontrou uma escadinha de alumínio ao lado da pia. Conveniente. Nunca notara aquela escadinha antes. Talvez por que nunca tivesse procurado uma coisa na qual subir. Puxou—a até a estante e subiu nela até ficar no mesmo nível da prateleira

superior.

Lembrou—se da noite de domingo, quando ficara parada lá fora, no frio, espionando Duncan. O livro era baixo e grosso, de capa verde. E aqui estava ele, bem na frente dela. Puxou—o da prateleira e olhou pela brecha escura. Moveu o ombro, dando passagem para a luz do sol, que se refletiu no vidro do frasco de injeção, um frasco dolorosamente familiar.

Lá estava o frasco, a alguns centímetros de distância. E agora, o que faria?

Por que não roubá—lo? sussurrou uma voz. Pegue o maldito frasco, arranque a tampa e derrame o conteúdo dele na pia. Duncan poderia passar dias, semanas, tentando imaginar o que acontecera com a DTP, mas e daí?

Ele estaria sem a DTP e você não teria de pensar mais nisso.

A não ser que ele tivesse outros frascos de reserva.

Mas de que importava isso? Esse era o frasco que ela conhecia. Era esse que tinha de sumir.

Gina estava enfiando a mão pela brecha entre os livros quando uma voz gritou às suas costas.

— Deus!

Gina levou um susto e quase perdeu o equilíbrio ao se virar.

Barbara estava parada no meio do escritório, as palmas pressionadas entre os seios.

— Você quase me mata do coração! — disse Barbara.—Dra. Panzella, você tem de me avisar quando entrar aqui!

— Desculpe — disse Gina, torcendo para não parecer tão abalada e constrangida quanto realmente estava. —Você não estava na sua mesa e eu precisava ver uma coisa.

— Só dê um jeito de fazer com que ele saiba que você esteve aqui.

— Como assim?

— Ele gosta de tudo no lugar. Se quiser pegar emprestado alguma coisa, é melhor pedir primeiro ao Dr. Duncan, senão sou eu quem acaba ouvindo depois.

Isto não vai funcionar, pensou Gina. Ela levantou o livro verde.

— Certo, Barbara. Veja! — Com um pequeno floreio, Gina recolocou o livro no espaço. — Voilà! De volta ao lar.

— Ótimo. Sabe como ele é detalhista.

Gina desceu e colocou a escadinha na posição original.

— É isso que faz dele um grande cirurgião. É louco por detalhes.

Barbara colocou alguns papéis sobre a mesa de Duncan e as duas saíram juntas. Ao sair, Gina olhou rapidamente para trás, na direção do livro verde na

prateleira superior. Teria mais uma chance com ele no dia seguinte.

A não ser que Duncan o trocasse de lugar novamente.

Isso não!

Duncan pôde sentir todo o calor abandonar—lhe o corpo quando viu a tela.

Sentiu um arrepio.

A fita de vídeo mostrava Gina entrando no escritório às 12:17, levando a escadinha de alumínio até a estante de livros e tirando o livro que escondia a DTE Não hesitara por um segundo. Gina sabia exatamente em que estante e em que prateleira Duncan escondera o frasco.

Mas como ela sabia?

Sentiu um impulso de ir até a estante — ficava a apenas alguns metros de distância—e verificar se ela tirara o frasco, mas não conseguiu mover—se. Ficou parado onde estava, congelado, olhos fixos na tela.

Observou—a olhar o espaço e viu—a enfiar a mão por ele. Então Barbara entrou na sala.

Graças a Deus por Barbara.

Foi difícil entender as vozes, mas pôde compreender a desculpa de Gina e os comentários de Barbara sobre o quanto Duncan era exigente. Em seguida o livro estava de volta no lugar e as duas estavam saindo. Mas viu que Gina olhou de volta para a prateleira ao sair.

Ela vai voltar. Merda, ela vai voltar.

Viu o restante da fita na velocidade acelerada, mas Gina não retornou.

Aquilo era um alívio. Apertou o botão de retrocesso e se levantou para olhar atrás do livro. Sim, o frasco continuava no lugar. Mas como, como Gina sabia onde ele estava?

Ela me espionou.

Claro. No dia anterior seguira—o até o D.C. General. Provavelmente o estava seguindo desde que fracassara na sexta.

Virou—se e olhou através da janela para o jardim. Se o estivera seguindo na noite de domingo, poderia muito bem ter ficado lá fora, acocorada entre os arbustos na escuridão. Podia ter observado cada movimento dele.

Súbito, imaginou que ela poderia estar vigiando—o exatamente naquele instante.

Mas não. Desde que eles haviam se encontrado no dia anterior no D.C. General que ele estivera de guarda, observando com cuidado pelo retrovisor, o que fizera com tanta freqüência que quase causara vários acidentes. Ninguém o seguira hoje.

Mas por que ela olhara o livro hoje e não ontem? Teria acontecido alguma coisa hoje que reacendera suas suspeitas?

Ele acelerou a imagem até o ponto em que Barbara e Gina estavam saindo da sala e deu pausa no último olhar de Gina para trás. Viu ansiedade na expressão dela. Sem dúvida, alguma coisa a estava deixando apreensiva.

Deus do céu! Se ela descobrira sobre aquilo, poderia tomar alguma atitude radical, alguma atitude catastrófica.

Pegou o telefone e discou o número do irmão.

— Oliver, Gina mencionou alguma coisa com você sobre o nosso caso especial na sexta? — disse Duncan, procurando não identificar o presidente no telefone.

— O—o q—que você quer dizer?

A hesitação na voz de Oliver causou um arrepio em Duncan.

— Ela tem alguma idéia de quem será nosso paciente?

— Bem... ela sabe. Ela adivinhou.

— Mas como...?

— Ela reconheceu o Dr. VanDuyne, e então deduziu que os homens que o acompanhavam pertenciam ao Serviço Secreto. A partir daí, foi uma questão de somar dois com dois, acho.

— Você confirmou?

— Bem, o que mais eu podia fazer?

— Droga, Oliver! Droga!

— Duncan, eu a fiz jurar que não contaria a ninguém. Sabe que pode confiar em Gina. Não acha que era melhor confirmar as suspeitas dela do que deixá—la conjeturando e fazendo perguntas?

— Bem, talvez.—Ele refreou a raiva que estava sentindo pelo irmão.

Oliver não tinha nenhuma idéia da importância de manter Gina fora disso.

— Quando vocês tiveram essa conversa?

— Hoje de manhã. Umas onze horas. Por quê?

— Nada. Nos vemos na quinta.

Desligou o telefone e começou a caminhar para um lado e para o outro pela sala, parando apenas para apertar o botão de retrocesso no videocassete.

A oportunidade de uma vida. O próprio presidente. O comandante geral da caquistocracia estaria adormecido sob o efeito de anestésicos logo ali no fim do corredor. O homem que fora o responsável pela ressurreição do projeto de lei de Diretrizes, que insistira em incluir ética médica em seus artigos, e que estava pressionando a comissão para que fizesse todo seu trabalho sujo.

Mas e daí? perguntou—se Duncan. Esse homem não tinha nenhuma relação com a morte de Lisa. Por que não deixá—lo ir embora e ficar satisfeito com o

que conseguira até então?

Porque eu não posso. Ainda não.

Estava perdendo o controle e sabia disso. Sentia—se como um trem desgovernado descendo uma colina. McCready começara isso, e Duncan terminaria. Não podia perder essa oportunidade. Nunca teria outra como essa. Imporia uma simetria em toda essa loucura... e fecharia o círculo com o presidente.

Mas Gina Panzella arruinaria tudo. Podia ver isso no rosto da jovem, e sentir nos próprios ossos. Ela iria se meter novamente. E não podia permitir isso. Não dessa vez.

Com um zumbido, o videocassete ejetou a fita. Duncan a tirou e olhou para ela.

Sua fúria aumentou e sentiu uma pressão na cabeça. O peito ameaçava explodir. Ela estava deixando—lhe apenas duas alternativas: recuar agora ou neutralizá—la de alguma maneira.

Duncan grunhiu. Ela o encurralara num canto, e a única opção que lhe restava era atacá—la. Teria de ferir Gina.

E se odiaria por isso.

Com um grito, arremessou a fita de vídeo ao chão e esmagoua com o pé.

— Gina, sua maldita!

*** 32**

QUARTA—FEIRA

— Venho escondendo uma coisa importante de você, Gina—disse Duncan. — Mas hoje de manhã decidi que lhe contaria tudo.

Gina estava sentada do outro lado da mesa, de frente para ele, bebendo uma xícara de um dos cafés exóticos de Duncan, que ele aparentemente identificara como um Blue Mountain jamaicano; não tinha certeza porque estava tensa demais para prestar atenção. Gina passara a maior parte da noite pensando na cirurgia do presidente. Toda a sua preocupação era justificada? Deveria fazer alguma coisa? Deveria ligar para Gerry e contarlhe tudo?

Mais uma vez decidira não telefonar para Gerry. Tinha ainda menos provas dessa vez do que na última. Ele pensara que ela estava desequilibrada.

Por que jogar mais lenha nessa fogueira?

Ainda estava pensando no próximo passo quando Duncan a chamou, disse a Barbara que não queria ser perturbado e fechou a porta. Ofereceu—lhe uma xícara de café e pediu que ela se sentasse.

E então, ali estava ela, sentada rígida na cadeira, o café aquecendo—lhe as mãos frias, enquanto esperava ansiosamente para saber o que estava acontecendo.

— Como você é médica neste centro cirúrgico, o que vou lhe contar não contraria o pacto entre médico e paciente. Está entendido?

— Claro.

— Bom.—Recostou—se na cadeira e começou a brincar com os dedos.— Deve estar se perguntando por que dispensei a equipe na sexta. A razão é extraordinária. Sexta—feira vou operar o presidente dos Estados Unidos.

Gina percebeu que ficou de boca aberta. Duncan estava realmente contando —lhe seu segredo. Ele sorriu.

— Pela sua expressão, posso ver que essa era a última coisa que você esperava ouvir. Bom. Isso significa que nossas medidas de segurança estão funcionando.

Prosseguiu contando—lhe a maior parte do que ela soubera com Oliver no dia anterior: a natureza da operação, seus motivos, as razões para todo o segredo. Não querendo arranjar problemas para Oliver, Gina fingiu que tudo aquilo era novo para ela.

O tempo todo sua mente deu voltas, buscando uma razão pela qual ele estaria

lhe contando isso se pretendia prejudicar o presidente.

— Você deve estar muito orgulhoso — disse Gina quando ele se calou.

— Bem, não gosto da política desse homem, mas devo admitir que é uma honra ser escolhido como cirurgião dele.

— A despeito da honra — disse ela com cuidado —, estou surpresa que você esteja disposto a fazer uma coisa que o ajudará a ser reeleito. Quero dizer, sabendo o que você sente por ele.

Duncan meneou a mão no ar, como se estivesse fisicamente empurrando para longe as palavras de Gina.

— É tudo bobagem dos assessores de imprensa. — Seu sorriso foi lacônico.

— Como se as pálpebras dele pudessem influenciar nos votos.

— Você sabe o que eles disseram sobre a sombra no rosto de Nixon durante aquele debate televisivo em 1960.

— Eu assisti ao debate. A sombra no rosto de Nixon era o menor dos problemas dele.

— Então vai ajudá—lo a parecer mais jovem.

— Na verdade, não. Vou remover as pálpebras dele completamente para deixá—lo sempre com os olhos arregalados, como um zumbi.

O coração de Gina disparou. Ele estava falando sério?

— Duncan, nem pense...

— Brincadeirinha. Olhe, o próprio presidente quer que eu o opere. Então vou fazer. Por via de regra não corrijo um único defeito, mas como as feições dele têm uma aparência muito jovem, abrirei uma exceção. — Ele sorriu. — E acredite em mim, não farei de graça.

— Quem vai assistir você?

Ela já sabia que seria o Dr. VanDuyne, mas imaginou que, perguntando isso, estaria ajudando a acobertar Oliver. Duncan se inclinou para a frente.

— Foi por causa disso que a chamei. Gostaria que você fosse a minha assistente.

Gina piscou. As palavras abalaram—na. O que estava acontecendo?

— Eu?

— Sim, você. VanDuyne, o médico pessoal do presidente, ofereceu—se para assistir—me. Ele provavelmente faria um ótimo trabalho, mas cada vez que penso nisso, mais quero alguém que já tenha trabalhado comigo. Você já fez dezenas de plásticas desse tipo comigo. Assim, se não tiver planos para sexta—feira...

— Não... sem planos.

— Bom. Também gostaria que você cuidasse dele durante a recuperação.

VanDuyne também faria isso, mas nesse caso também acho você mais adequada. Eu me sentiria melhor se você estivesse por perto para cuidar de tudo.

— Claro — disse Gina, ainda abalada. Estava fazendo um esforço enorme para não parecer estarrecida. — Gostaria muito.

— Excelente. Pretendo acrescer à conta do presidente uma bela taxa extra pelo trabalho de assistência. Claro que esse dinheiro irá todo para você.

Gina assistiria Duncan na operação do presidente dos Estados Unidos e seria paga por isso. Mas ainda estava desorientada com o fato de Duncan ter—lhe pedido que o assistisse. Como ele poderia estar planejando fazer algum mal ao presidente com ela ali, nas salas de operação e de recuperação?

Tbdas as suas suspeitas haviam sido, então, infundadas?

Não, definitivamente, não. Aquele frasco de DTP ainda a assombrava, mas Gina começou a sentir a tensão abandoná—la, sentiu o pescoço e músculos relaxarem como se o peso do mundo tivesse sido tirado de cima deles.

Quase não ouviu o que Duncan disse em seguida, a respeito do anestesiologista de Bethesda, as medidas de segurança, e a necessidade de discrição absoluta.

— Não pode contar a ninguém sobre isso: nem à sua melhor amiga, nem aos seus pais, nem ao seu namorado do FBI.

— Somos apenas amigos—disse Gina. Embora não tivesse mais certeza disso.

— Seja como for. Apenas o Serviço Secreto e os quatro médicos na sala de operação na sexta de manhã saberão a respeito desse fato. Começaremos às sete e meia. O presidente e VanDuyne chegarão às seis e meia. Você, Oliver e o anestesiologista estarão aqui às seis. Virei às cinco para abrir para o Serviço Secreto a fim de que possam garantir a segurança do local... acho que essa é a expressão que eles usaram. Algum problema?

— Nenhum.

— Ótimo. A propósito, Oliver está tão exultante com tudo isso que quer celebrar por antecipação. Acho isso uma bobagem, mas se não fizermos algo para marcar a ocasião ele vai explodir. Como todos teremos de acordar cedo na sexta, e como Oliver adora comida italiana, reservei uma mesa para nós esta noite no Galileo. Oliver e eu ficaremos muito satisfeitos se você puder vir conosco.

Galileo. Deus, o restaurante quatro estrelas onde o presidente levava os amigos de Hollywood quando estes se encontravam na cidade. Gina estava

começando a ficar empolgada também.

— Como eu poderia dizer não ao Galileo?

— Pegarei Oliver e passaremos às sete e meia na sua casa para apanhar você. — Ele se levantou. — E agora, a não ser que tenha alguma pergunta, sugiro que voltemos ao trabalho.

Sentindo—se levemente tonta, Gina assentiu, levantou—se e caminhou até o corredor.

A vida realmente era cheia de surpresas.

Duncan observou Gina sair, e em seguida serviu—se de outra xícara de café.

Tudo correra bem, pensou com tristeza. Bem demais.

Sob circunstâncias diferentes, teria achado este joguinho de gato e rato estimulante. Mas não com este rato em particular. Além disso, tudo estava a favor dele: Duncan sabia que ela sabia, mas Gina não tinha a menor idéia de que ele estava atrás dela.

Gina estava começando a confiar nele novamente. E ele usaria isso para fazê—la ficar de joelhos.

Duncan não se reconhecia hoje.

Viu uma lasca de plástico preto sobre o tapete e pegou—a. Um remanescente da fita de vídeo que esmagara na noite anterior. Depois de seu pequeno acesso de raiva, Duncan recolhera os pedaços, jogara—os fora e pusera uma nova fita na câmera. Então, com suas emoções trancadas num lugar onde não poderiam interferir, sentara—se para examinar as cartas que tinha na mão e pensar no melhor jogo a fazer.

Primeiro, ele trancara a o frasco de DTP novamente na gaveta da mesa e se certificara de que Gina não teria outra chance de arrombá—la.

Em seguida, tomara a ofensiva. Gina descobrira que ele operaria o presidente — uma coisa que Duncan mantivera desesperadamente em segredo.

Recuar seria a pior atitude para tomar nesse momento. Isso confirmaria que tinha algo a esconder. Portanto, faça o oposto, o inesperado. Não a impeça de entrar. Receba—a de braços abertos. Mostre—lhe a mão — mas apenas aquelas cartas que já tinham sido expostas.

Foi isso exatamente o que fez. Essa manhã, Duncan parecera tão franco que quase assustara a si mesmo.

O resultado: Gina não apenas estava completamente desorientada, como literalmente ofuscada pela oportunidade de assistilo na cirurgia do presidente. Deus, sentia—se honrada.

Talvez ele tivesse superestimado Gina.

Conteve a irritação e voltou a concentrar—se no último elemento de seu plano: manter Oliver fora disso. Oliver em geral tirava as quartas—feiras de folga, e hoje não haveria exceção. Mas apenas para ter certeza, Duncan telefonara para Oliver e lhe dissera que ele não deveria, sob circunstância alguma, mencionar a Gina a conversa que haviam tido na noite anterior. Não até Duncan ter uma oportunidade de falar com ela hoje.

Isso fora crucial. Se Gina tivesse descoberto que Duncan já sabia que ela estava a par da cirurgia do presidente, sua credibilidade desmoronaria, e com ela, seu plano.

Agora apenas precisava manter Oliver e Gina separados até a hora do jantar.

Depois disso, não faria mais diferença.

Duncan esfregou os olhos ardidos e cansados. Se ao menos houvesse outra forma de sair dessa situação. Passara quase toda a noite anterior andando de um lado para outro de sua casa, tentando imaginar uma solução. Não encontrou nenhuma.

Seu estômago foi tomado por uma onda de náusea.

Deus, como queria que esta noite acabasse logo.

O telefone tocou. Era Duncan.

— Está pronta?

— Claro que sim — respondeu Gina. —Você não disse sete e meia? Não me diga que ainda não saiu de casa.

— Estou cruzando a Ellington neste momento. Chegarei dentro em pouco.

Coisa fantástica o celular, pensou Gina, desligando seu telefone.

A julgar pelo telefonema, Duncan não queria que ela o mantivesse esperando. A Ponte Duke Ellington ficava a menos de um minuto de distância; sem dúvida Duncan esperava que Gina estivesse aguardando no vestíbulo do térreo quando ele chegasse. Oliver provavelmente não se importaria em subir para esperar por Gina, mas por que lhe dar o trabalho?

Olhou—se uma última vez no espelho. O vestido preto, que mama sempre lhe dizia para manter no guarda—roupa, era perfeito para hoje. Quando retornara de Louisiana, Gina investira num pequeno vestido lustroso desenhado por Donna Karan—justo, com a gola ornada com pequenas pedras preciosas. Ela acrescentara um discreto colar de pérolas e brincos combinando. Simples, mas elegante. A aparência perfeita para aquelas recepções no Capitólio às quais ela sempre sonhara comparecer. Até agora o vestido não saíra do armário. Mas essa noite ele seria visto. No Galileo. Um lugar adequado para sua estréia.

Como o tempo estava chuvoso, Gina pôs a capa de chuva sobre os ombros e

desceu as escadas. A mercedes preta de Duncan chegou logo depois. Ele saiu e abriu a porta da frente para ela. Ao entrar, Gina viu que o automóvel estava vazio.

— Onde está Oliver?

— Um pouco indisposto. É aquele problema estomacal dele, que vai e volta. Oliver mandou dizer que sente muito e que não conseguiria comer nada esta noite, nem mesmo no Galileo.

— Mas isso é terrível... Vamos ligar para Oliver logo depois do jantar para perguntarmos como ele está se sentindo.

— Acho que ele disse que ia se arrastar até a cama e ficar debaixo das cobertas até amanhã cedo.

— Não tem ninguém para cuidar dele?—Gina não pôde resistir à tentação de aproveitar o momento para satisfazer sua curiosidade sobre Oliver. Não tenho vergonha?— Ele não tem nenhum amigo para cuidar dele?

— Oliver é uma das pessoas mais auto—suficientes que conheço. Tem uma faxineira que vai à casa dele uma vez por semana. Afora isso, vive sozinho e bastante satisfeito. Sem esposa, filhos ou amante e, ah, sim, não é homossexual.

— Nunca achei...

— Se tivesse achado, não seria a primeira pessoa.

— Pobre Oliver. Sinto—me mal por causa dele. Você não disse que a idéia de jantarmos fora dele?

— Eu ia cancelar, mas ele me fez prometer que eu não decepcionaria você.

Esta noite serei eu mesmo e Oliver também.

— Quer dizer que vai comer por dois?

— Sim. Com bastante alho.

Gina notou que o sorriso de Duncan pareceu um pouco forçado. Parecia tenso, com a postura rígida. Aparentava estar pouco à vontade. Seria por causa dela? Será que se sentia constrangido por levar uma jovem funcionária para jantar?

Mas Duncan raramente se preocupava com o que pensavam sobre ele.

A mercedes cruzou a Connecticut como um navio de guerra atravessando um lago. Gina, que nunca estivera antes no carro de Duncan, sentiu—se invulnerável ao ver as lojas e hotéis ao longo da Connecticut passarem do outro lado do vidro fume. Contornaram o Círculo Dupont e em seguida dobraram à direita, entrando na M Street. Viraram mais uma vez, à esquerda, e chegaram ao restaurante.

— O Galileo — disse ao entrarem na garagem ao lado. Um dossel castanho simples sobressaía do que parecia um edifício comercial. — Onde a elite

esfaimada se encontra para comer.

Gina decidiu sobrepujar Duncan.

— Onde vorazes dão—se ares loquazes e perspicazes empachando—se tal edazes camicases.

Pronto. Sua frase tinha sido duas ou três vezes melhor que a dele.

Duncan a fitou por um momento, e então disse: — Minha cara, isso foi belo.

Mas ele não estava sorrindo. Tinha uma expressão estranha. Quase denotando... sofrimento. O que há com Duncan esta noite? perguntou—se Gina.

Seu manhattan antes do jantar foi perfeito, o mezze lune digranachio, soberbo, o serviço impecável e o vinho que Duncan pediu — um amarone 1984 — suave como seda. A decoração espartana do Galileo surpreendeu Gina; nada de cortinas e mobílias de estilo mediterrâneo. Tudo leve e discreto. Mas a atmosfera na mesa deles não estava nada leve. Em alguns momentos os dois chegaram a ficar sem assunto—algo em geral impossível na presença de Duncan. Não estava falando sem parar nem fazendo piadinhas. Mesmo quando Larry King e o senador Rockfeller entraram no restaurante e se sentaram a algumas mesas de distância, Duncan se restringiu a apenas alguns comentários sarcásticos. Em alguns momentos Gina flagrou—o fitando—a; em outros momentos ele parecia a um milhão de quilômetros de distância. Apenas beliscou a vitela e mal bebeu do vinho, mas continuou enchendo a taça de Gina. Ela se perguntou se Duncan estaria preocupado com a saúde de Oliver.

Queria ter uma pista para solucionar o enigma que era esse homem. Sempre que pensava ter terminado o quebra—cabeça, encontrava uma peça nova que a obrigava a desmanchar tudo e recomeçar.

Percebeu quando Duncan fitou por mais tempo sua taça de vinho cheia pela metade.

— Sente—se bem? Ele olhou para cima.

— Hum? Sim, claro.

— Parece abatido.

Ele encolheu os ombros.

— Apenas pensando na vida, nas voltas que ela dá. Nos truques cruéis que ela nos impinge.

— Alguns truques são engraçados.

— Algumas vezes a vida nos encurrala—disse Duncan, como se Gina não tivesse respondido — e não encontramos os meios necessários para escaparmos.

O que estava errado com ele esta noite?

— Quer sobremesa?—perguntou ele, enquanto o garçom estava recolhendo

os pratos.

— Acho que não conseguiria comer mais nada. Mas eu tomaria um pouco de café.

— Deixe o café por minha conta. Não me importa se este é um dos melhores restaurantes da cidade, o café deles não chega aos pés do meu. Tomaremos café de verdade lá no meu escritório.

Ela pensou em recusar, mas percebeu que não poderia negar a Duncan seu ritual do café. Talvez isso o animasse. Além disso, só precisariam se desviar alguns quilômetros do caminho.

Depois que Duncan pagou a conta, Gina se levantou e sentiu—se um pouco tonta. Percebeu que consumira a maior parte do vinho.

Enquanto observava o lânguido lago koi no jardim de pedras do outro lado da janela, Gina se perguntou se haveria algum lugar na Terra em que se sentiria menos confortável do que no escritório de Duncan. Fora ali que ela arrombara a gaveta dele, onde ontem mesmo entrara sorrateiramente para examinar a estante. E aqui estava ela, enquanto Duncan lhe fazia o que ele considerava o melhor café do mundo.

Gina se sentia uma cobra.

Mas pelo menos a perspectiva de um pouco de café de qualidade parecera animar Duncan. Talvez fosse esse o problema dele a noite inteira: falta de cafeína.

— Finalmente — disse Duncan, virando—se de seu equipamento com uma xícara fumegante. — O café perfeito para depois do jantar.

Gina pegou a xícara e cheirou o café.

— Alcaçuz?

— Eu sei, eu sei. Prometa que não vai contar a ninguém que adulterei meu próprio café. Mas achei que depois de uma noite de comida italiana, seria adequado tomarmos nosso café com um pouco de licor de alcaçuz.

— Humm... É diferente.

— Um licor preto especial — esclareceu Duncan, bebendo o seu. — Confere um sabor único. Prove.

Gina tomou outro gole. Definitivamente não era para seu paladar, mas não seria capaz de negar—se a beber depois de todo o trabalho que ele tivera. Em vez de prolongar sua agonia, bebeu depressa.

— Mais uma xícara? — perguntou Duncan.

— Não, obrigada—respondeu Gina.—Somando o manhattan, o vinho e o licor de alcaçuz, acho que alcancei o meu limite.

O que não era exatamente verdade. Sentia—se tonta.

— Nada para se preocupar. Se não vai dirigir, que diferença faz?

Quando entraram na mercedes, uma chuva fina começou a cair. As luzes dos postes e dos faróis, refratadas pelas incontáveis gotas de água nas janelas do carro, fez o estômago dela revirar um pouco. Fechou os olhos um instante e respirou fundo. Gina preferiria morrer a vomitar no carro de Duncan.

Ele estacionou na Kalorama, pegou as chaves de Gina e levou—a até o apartamento. Deixou—a entrar, e em seguida recuou para o corredor.

— Está se sentindo bem?

— Vou melhorar. Obrigada pelo jantar. E sinto muito por...

— Esqueça. Eu não devia ter lhe dado aquele café batizado. Gina percebeu uma coisa estranha na voz de Duncan quando ele disse isso, mas sua expressão estava ilegível. Ou seria porque Gina já não estava enxergando com nitidez?

— Boa noite, Duncan.

— Boa noite. Vá direto para a cama.

— Nem precisa dizer isso.

Assim que ele fechou a porta, Gina caminhou até o banheiro. Mas não vomitou. A náusea persistia, mas agora o mundo ao seu redor perdera o movimento. Ele parecia ter—se cansado de girar.

Pensou em tomar um banho e então disse, ora, deixa pra lá. Precisava mesmo era de um bom sono.

Tirou a capa de chuva e jogou—a sobre uma cadeira. Sentou—se na cama, tirou a calcinha e começou a abrir os botões do vestido. Antes de chegar ao último, Gina se deitou e fechou os olhos. Apenas por um segundo...

não mais que um minuto... depois terminaria de se despir...

*** 33**

MANHÃ DE QUINTA—FEIRA

Gina acordou com cola na boca, areia nos olhos e heavy metal nos ouvidos. Rolou da cama e caiu no chão com a mão esticada na direção do despertador. Sempre sintonizava a música do radiorrelógio numa estação de rock pesado. Isso nunca falhava em acordá—la. Não havia como ficar na cama com esse tipo de música tocando.

Só queria ter colocado o rádio em outra estação — em qualquer outra estação — antes de desmaiar na noite anterior. Essa manhã o ruído da música estava torturante. Abateria e as guitarras da banda pareciam soar dentro do seu cérebro. Um desses grupos devia se auto—intitular Torquemada.

Gina acertou com o punho a tecla COCHILO, e em seguida se levantou e virou—se para a cama. Olhou para baixo e reparou que dormira de vestido.

Merda! Estava todo amassado, com uma aparência péssima. E ela também devia estar.

Tombou como uma árvore na cama, o rosto batendo contra o colchão.

Por que se sentia tão mal? Não bebera tanto na noite anterior. Teria sido a combinação?

Independentemente do que fosse, não gostava disso. O estômago estava nauseado, e a cabeça... Deus, a cabeça.

Ela estava quase desmaiando de novo quando o uivo de uma guitarra encheu novamente o quarto. Dessa vez se levantou e desligou o rádio. Cambaleou até o banheiro, removendo o vestido no caminho. Olhou para si mesma no espelho.

Que. Horrível. Simplesmente horrível.

Abriu o chuveiro e despiu—se. Assim que a água estava quente, entrou e deixou—a correr pelo corpo.

Deus, como isso fazia bem.

Começou a se esfregar, começando com rosto e depois desceu pelo corpo. A água e a fricção começaram a reavivá—la. Estava retornando dos mortos, voltando ao mundo dos...

— Ai!

Virou—se e olhou para a parte externa da coxa direita. Sentira uma pontada de dor ao esfregar a área.

Passou a mão sobre o ponto e reparou num pequeno ferimento. Devia ter batido ontem contra a quina da mesa ao caminhar trôpega até a cama.

Mas espere... este ferimento ficava mais perto da parte de trás da coxa do que da parte da frente. Só poderia ter se machucado naquele local caminhando para trás.

Colocou o pé sobre a borda da banheira e olhou mais de perto. Parecia mais que um ferimento. A pele se rompera. Um pequeno corte semicircular no centro do ferimento. Quase como o que ela vira no... senador...

Marsden...

Os joelhos de Gina tremeram, e teve de se agarrar ao toalheiro para não cair.

Espere, pare, disse a si mesma enquanto o banheiro começava a girar em torno dela. Isto é loucura. Isto é impossível.

Mas quando olhou novamente, a pequena laceração permanecia lá.

Examinou—a. Pôde sentir um leve inchamento nas bordas. Era recente.

Apertou mais forte. Uma pequena gota de sangue apareceu no meio do ferimento. Apalpou em torno do ferimento, sentindo a gordura subcutânea, procurando por...

Os dedos congelaram. Seria sua imaginação ou havia algo ali? Macio como gordura, porém macio demais para ser gordura. Uma coisa oblonga, cilíndrica. Como um implante.

O banheiro começou a girar de novo. E mesmo com a água quente caindo sobre ela, Gina subitamente sentiu frio. E ânsia de vômito. Saiu do chuveiro e se inclinou sobre a privada. Não saiu nada.

A cabeça começou a latejar ainda mais ao deixar—se cair de joelhos.

Quando o banheiro parou de girar, examinou mais uma vez a coxa, dessa vez olhando ainda mais de perto. Tocou novamente o local, mas agora com delicadeza. Se realmente havia alguma coisa sob a pele e se fosse mesmo um implante, ela não queria... rompê—lo.

Mas como poderia ser um implante? Duncan a deixara em seu apartamento e ela fechara a porta.

Espere. Duncan estivera com as chaves. Ele abrira a porta para Gina e a deixara entrar. Em seguida ele saíra. Ele lhe devolvera as chaves? Não.

Ela o vira deixar as chaves? Não. Não tinha visto nada. Como a tranca da porta era automática, Gina não costumava fechá—la à chave. Tudo que queria era socar o travesseiro.

Levantou—se, envolveu—se com uma toalha e fechou a água. Estremeceu.

O café no escritório de Duncan na noite anterior. Duncan dissera que misturara licor no café, e Gina achara que ele estivesse amargo por causa disso. Mas poderia ter sido outra coisa. Como hidrato de cloral.

O velho truque da droga na bebida.

Ele estivera com as chaves dela. Poderia tê—las guardado, dirigido um pouco pelo quarteirão, entrado no apartamento de Gina e lhe injetado um implante na coxa enquanto estava adormecida.

Ainda molhada, Gina saiu do banheiro e caminhou até a porta da frente. O chaveiro não estava na fechadura, mas não lembrava de tê—lo deixado ali.

Onde estavam as chaves?

Olhou em torno e viu—as na mesinha de café.

Mas, obviamente, Duncan deixara as chaves para trás depois de ter—lhe aplicado a injeção. O que mais ele faria com as chaves?

Mas por quê? Por que Duncan faria isso com Gina apenas algumas horas depois de convidá—la a assisti—lo na cirurgia do presidente? Não fazia sentido. A não ser...

A não ser que ele achasse que Gina sabia demais. E se tivesse descoberto sobre o FBI, o acidente encenado e o exame de ressonância magnética feito na perna do senador Marsden? E se Oliver tivesse contado que Gina adivinhara a respeito do presidente? Nesse caso, pensaria numa forma de tirá—la do caminho antes de sexta. Ele teria...

O telefone tocou. A mão de Gina estava tremendo quando levantou o fone.

Quase gritou ao reconhecer a voz de Duncan do outro lado da linha.

— Como está se sentindo?

Controlando o terror e a mágoa, Gina se forçou a responder com calma.

— Bem. Com um pouco de dor de cabeça.

— Fico feliz em ouvir isso. Você estava muito tonta ontem à noite. Por algum tempo achei que...

— Duncan! — Incapaz de reprimi—las, as palavras saíram violentamente de sua boca. — Duncan, como foi capaz de fazer isso comigo?

— Fazer o quê?

— Sabe muito bem o quê! Você enfiou um implante em mim ontem à noite!

— Como? Espere um minuto.

Ele me deixou esperando, pensou Gina. Não acredito nisso. Estava prestes a bater o telefone quando ouviu um ruído suave e pressionou o fone de volta no ouvido.

— Gina, não estou entendendo. O que acha que eu fiz?

— Não se faça de idiota, Duncan. Sei de tudo. Você me drogou ontem à noite e inseriu um implante cheio de DTP na minha perna.

— Acha que invadi seu apartamento e fiz uma cirurgia em você? O que é

DTP?

— Sabe muito bem que porra é DTP! Uma droga que causa sintomas psicóticos!

— Gina, escute. Se eu quisesse inserir alguma substância em você, por que precisaria de um implante? Por que não injetaria essa substância com uma seringa?

Aquilo a fez hesitar. Por que ele simplesmente não injetara DTP em seu sangue e acabara com isso de uma vez por todas? E subitamente ela soube.

— Porque você esteve comigo ontem à noite. Fomos vistos juntos. Você quer um intervalo entre a noite em que fomos vistos e o momento em que eu tiver um colapso nervoso.

— Temo que esteja tendo um agora, Gina.

— Exatamente o que você gostaria que as pessoas pensassem, não é verdade? Bem, então ouça, Duncan...

— Já ouviu o suficiente, Barbara?

E então Gina escutou a voz de Barbara, embargada pela piedade.

— Gina, você precisa se acalmar. Somos seus amigos aqui. Só queremos ajudá—la. Por favor. Precisa acreditar nisso.

Gina quase deixou o telefone cair.

— Meu Deus! Barbara! Ele está usando você!

Filho da puta! Duncan colocara Barbara na linha quando deixara Gina esperando. Agora tinha uma testemunha de que Gina estava fazendo acusações insanas antes de sofrer um colapso nervoso completo.

— Fique onde você está, Gina — disse Duncan. — Estou chamando uma ambulância para buscá—la. Vamos levar você até um lugar onde poderá receber toda a ajuda necessária.

— NÃO!

Bateu o telefone e correu para o quarto.

— Sou uma idiota! Como pude ser tão burra? Vestiu—se. Precisava sair dali. Podia ver tudo agora...

Duncan planejara tudo, e de forma brilhante. Gina devia ter deixado óbvio que suspeitava de alguma coisa. Ao fingir injetar um implante em Marsden, perfurando a coxa do senador com um trocarte vazio, Duncan a induzira a se passar por idiota. Agora sua sanidade e senso de julgamento estariam sob suspeita.

Mas como ele sabia o quanto ela sabia? Só se houvesse uma câmera de segurança no escritório.

Deus! Seria possível? Nesse caso, Duncan a teria visto arrombar a gaveta da mesa, e olhar atrás do livro. Ela gemeu. Não era de admirar que a quisesse fora do caminho.

Vestiu suéter, jeans e tênis, pegou a bolsa e caminhou até a porta.

Antes de sair, parou de repente.

Para onde estou indo?

Para casa? Esse seria o primeiro lugar onde a procurariam. Não queria envolver os pais.

Gerry? Ele tinha dúvidas terríveis a respeito de sua confiabilidade. Mas dessa vez dispunha de uma prova. Um implante repousando na camada de gordura da perna dela.

Saltou de volta para o telefone e discou para a casa de Gerry. Ele ainda estaria lá agora. Pelo menos era o que esperava. Quando o telefone começou a tocar, Gina se esforçou para controlar a voz. Queria soar racional enquanto explicava uma coisa insana. Precisava dizer tudo com o menor número de palavras possível. E fazer com que ele acreditasse.

Gerry tinha de acreditar.

— Gerry, é Gina.

Gerry sentiu uma pequena onda de alegria ao ouvir a voz de Gina; também uma pontada de culpa e, de certo modo, alívio. Vinha querendo falar com ela, mas estivera hesitante em telefonar. Fora muito rude com Gina na semana anterior. Estava satisfeito por ela ter tomado o primeiro passo.

Por outro lado, não podia evitar estar mais que um pouco apreensivo com o que Gina poderia ter a dizer, especialmente porque sua voz parecia tensa.

— Oi, Gina. Eu ia ligar para você.

— Não tenho muito tempo. Por favor, ouça o que eu tenho a dizer. Ontem à noite Duncan injetou um daqueles implantes na minha perna enquanto eu estava dormindo. O implante ainda está na minha perna.

Ele gemeu. De novo não.

— Gina, você realmente tem que... Gina o interrompeu.

— Me ouça um pouco, Gerry. Pelo amor de Deus. Isto não é fantasia. Há dois fatos que você pode checar. Um, obviamente, é o implante na minha perna. Sei que ele está aqui. Posso senti—lo. Basta fazer uma sondagem para provar isso, mas o que eu realmente quero é removê—lo. O segundo fato é a razão pela qual Duncan fez isso comigo: ele vai fazer uma cirurgia plástica no presidente amanhã de manhã.

Gerry fechou os olhos. Pobre Gina. Duncan Lathram ataca de novo.

Primeiro, o senador Marsden, agora, o presidente.

— Sei o que você está pensando, Gerry, e não posso culpá—lo. Mas apenas confira isso. Você deve conhecer alguém no Serviço Secreto.

— Sim. Conheço uns dois caras.

Bob Decker imediatamente veio à mente de Gerry. Ele trabalhava na Casa Branca. Se alguém estava a par de toda a agenda do presidente, esse alguém era Bob.

— Ótimo. Telefone para um deles. Telefone para todos. Confirme o que eu disse sobre a cirurgia. Depois de verificar isso, talvez esteja mais predisposto a acreditar que não estou completamente louca.

— Não acho que esteja louca—afirmou, rezando para estar sendo convincente.

— Você mente muito mal. Mas por favor não minta para mim. Verifique isso. Então poderemos remover esta coisa da minha perna e deter Duncan antes que ele faça algo catastrófico. Por favor, estou implorando.

O tom de desespero na voz de Gina derrubou todas as objeções racionais de Gerry.

— Certo. Vou telefonar para a Casa Branca.—Isso pelo menos poderia fazer. Que mal haveria nisso?—Mas posso demorar um pouco até obter uma resposta. Esses caras não ficam parados à espera de telefonemas. Se o presidente estiver fora da Casa Branca, estão com ele.

— Ainda é cedo. Talvez consiga falar com alguém.

— Vou tentar.

— Obrigada. Isso é mais do que eu poderia esperar.

Não parecia apenas assustada, mas perdida também, sem um amigo no mundo.

— Onde você vai estar? Em casa?

— Deus, não. Ele está vindo atrás de mim. Tenho de sair daqui.

Telefonarei para você daqui a pouco. Assim que estiver num lugar seguro.

Oh, Gina.

— Quer ficar na minha casa? Martha estará na escola. Você poderia ficar lá enquanto espero uma notícia dos meus amigos no Serviço Secreto.

Gerry queria que ela ficasse segura. O que faria com Gina? Tinha de conseguir ajuda. Talvez entrar em contato com os pais dela, contar—lhes que ela estava tendo um colapso nervoso.

— Talvez mais tarde. Depois que tirarmos esta coisa da minha perna, vou precisar de um lugar para descansar. No momento não posso ficar parada.

Gerry mordeu o lábio. Não queria pressioná—la, não em seu estado mental.

— Certo. Faça o que achar melhor. Mas permaneça em contato. Continue telefonando para mim.

— Pode contar com isso. — Ela se calou por um instante, e então acrescentou:—Gerry, você vai telefonar mesmo para os seus amigos? Não está dizendo isso apenas para me animar?

— Vou telefonar. Prometo.

— Obrigada, Gerry. — A voz de Gina parecia mais calma. — Obrigada por me dar o benefício da dúvida. Sei que isso não é fácil, depois do que aconteceu na sexta—feira.

— Está tudo bem.

Depois que Gina desligou, Gerry permaneceu sentado, olhando para o telefone. Não queria parecer um idiota ligando para Bob Decker e perguntando se o presidente sofreria uma cirurgia plástica no dia seguinte. Ainda estava sofrendo as mazelas do caso Marsden. Seus colegas ainda estavam brincando com ele, perguntando—lhe se queria comprar a ponte de Brooklyn.

Procurou o número do ramal de Decker na Casa Branca e telefonou. Ele e Decker haviam—se tornado amigos alguns anos antes, quando um caso de extorsão acabara se revelando um caso de falsificação, e o FBI recorrera ao Serviço Secreto. De vez em quando encontravam—se para tomar uma bebida.

Ficou surpreso como se sentiu aliviado quando lhe disseram que Decker não estava. Gerry deixou seu número para Decker ligar para ele.

Decker telefonou logo depois de Gerry chegar à mesa. Depois dos cumprimentos preliminares, Gerry respirou fundo e foi em frente.

— Escute, Bob. Estou ligando porque ouvi um boato de que o presidente fará uma plástica amanhã. Tem alguma verdade nisso?

Decker limpou a garganta.

— Plástica? Amanhã? Essa é boa. Onde ouviu uma bobagem dessas?

— Da forma usual. Alguém disse que soube de um primo de segundo grau que escutou isso numa lavanderia. Se for verdade, acho que você gostaria de saber que a informação vazou.

— Obrigado, Gerry. É muita gentileza sua.

— E então?

— E então o quê?

— É verdade?

— O presidente está indo para Camp David amanhã de manhã para passar um fim de semana longo e eu vou com ele.—Ele riu. — Deus, ele vai ficar puto

quando souber disso. Eu sei que ele não gostaria que as pessoas achassem que vai fazer uma plástica. Como essas histórias malucas começam?

— Com pessoas malucas — disse Gerry com tristeza.

— Bem, obrigado por lembrar de mim. Pode desconsiderar esse boato, mas não deixe de me contar se souber de outro.

— Eu conto. Que maravilha, pensou Gerry ao desligar. O presidente nem vai estar na cidade.

Pelo menos, segundo Bob Decker. Mas Decker poderia estar cobrindo o presidente. Se Decker tivesse sido instruído a não contar a ninguém, faria exatamente isso, mesmo se o FBI perguntasse.

Em quem acreditar? Até uma semana atrás, Gerry não teria dúvida. Mas depois do fiasco com Marsden...

Gerry acertou um soco na mesa, derramando um pouco de café da xícara à sua frente.

Merda, o que diria a Gina?

E onde ela estaria agora? Correndo pela cidade em seu carro? Ou debruçada sobre uma xícara de café no fundo de algum restaurante barato?

Precisava ajudá—la. E depressa.

Gina tomou um gole do cappudno enquanto vigiava a rua. Estava a meio quarteirão de seu apartamento, numa lanchonete marroquina na Columbia Road, sentada a uma mesa da qual se via a esquina oriental da Kalorama Road. Se Duncan ou uma ambulância chegasse, dobrariam aquela esquina.

Até agora, nenhuma ambulância ou mercedes preta. Mas Duncan era ardiloso. Provara isso na semana passada. Como poderia saber se ele viria em sua mercedes?

Em vez de ficar correndo sem destino pela cidade, Gina deixara o carro estacionado em frente ao prédio, caminhara até ali e se sentara para observar. Duncan realmente chamaria uma ambulância ou viria pessoalmente? Deus, como queria saber. A única coisa da qual tinha certeza agora era que precisava ficar o mais afastada possível de Duncan Lathram.

Olhou o relógio. Hora de ligar para Gerry. Mas uma coisa boa sobre essa pequena lanchonete era a localização do telefone: ao lado da porta da frente. Poderia telefonar e continuar vigiando a esquina.

Gerry pareceu cansado ao dizer alô.

— Ligou para o Serviço Secreto?

— Sim.

— E?

Seu suspiro veio carregado de tristeza.

— Disseram que o presidente não vai ser submetido a nenhuma cirurgia amanhã nem qualquer outro dia. Para dizer a verdade, amanhã ele vai para Camp David, onde passará um fim de semana prolongado.

— Para se recuperar da cirurgia!

— Gina, segundo o Serviço Secreto, não haverá cirurgia.

— Mas como...? — Oh, Deus, como ela não pensara nisso? — Gerry, claro que eles vão negar isso. Será tudo às pressas. O presidente não quer que ninguém saiba que ele vai fazer plástica.

— Já pensei nisso, Gina. Olhe, não pode continuar com isso. É uma médica. Não vê um padrão aqui? O presidente não vai ser submetido a nenhuma cirurgia, assim como não havia nenhum implante na perna do senador Marsden.

— Bem, há um na minha! Eu posso mostrar a você!

— Gina, você precisa de ajuda. — Agora a voz de Gerry transparecia dor.

— Deixe—me entrar em contato com uma pessoa que nos ajuda aqui no FBI.

Talvez ele possa...

Lágrimas de frustração correram dos olhos de Gina.

— Não estou paranóica, Gerry. Duncan fez um trabalho belíssimo manipulando eventos para me fazer parecer paranóica, mas eu não sou. E

tenho o implante na minha perna para provar.

— Gina—foi tudo que ele disse.

— Muito bem. Agora basta. — Estava com raiva. — Se não acredita em mim, vou mostrar. Vou até aí agora mesmo provar que há um implante na minha perna. Pode avisar à sua secretária que você está me esperando.

— Não acho que seja uma boa idéia, Gina.

— Talvez não, mas é a minha única opção agora. Então, Gerry, pronto ou não, lavou eu!

— Gina...

Desligou o telefone na cara de Gerry e permaneceu na lanchonete, tremendo de raiva e medo. E se não conseguisse fazer ninguém acreditar nela? Percebia agora que devia ter falado como unqa louca. Precisava permanecer calma e parecer racional. Não convenceria ninguém se continuasse se descontrolando.

Mas estou assustada, merda.

E pior do que o medo era a questão que começara a bater com insistência na porta dos fundos de sua consciência.

Se todo mundo pensa que você está louca, talvez não deva descartar a possibilidade deles estarem certos.

Sentindo—se profundamente infeliz, encostou—se na porta, pressionando a têmpora direita contra o vidro frio. A cafeína e umas duas pílulas de analgésico haviam ajudado, mas a cabeça ainda latejava. E as dúvidas apenas intensificavam a dor.

Estou sã?

Poderia toda essa história ser simplesmente a criação de um cérebro desgovernado? Um cérebro que começara a sintetizar neuroquímicos imperfeitos ou a produzir neuroquímicos certos nas proporções erradas?

Em seus anos como residente, quantos paranóicos conhecera que eram convencidos da veracidade de suas afirmações absurdas? Tinham ouvido com seus próprios ouvidos, visto com os próprios olhos. Se não pode confiar nos seus sentidos e na sua habilidade de interpretar as informações que recebe, em quem ou no que pode confiar?

Gina esfregou delicadamente a coxa. Talvez essa marca não passasse de um ferimento. E talvez a ressaca dessa manhã fosse o resultado do excesso de amarone e licor. E talvez Duncan não tivesse convidado Gina para assisti—lo na operação do presidente.

Deus, o que era real?

Bateu a palma da mão contra o telefone público.

Não! Não estava louca!

É isso que todos eles dizem...

Alguma coisa preta e lustrosa chamou—lhe a atenção. A mercedes de Duncan—ou um automóvel idêntico—estava passando pela rua. Entrou na Kalorama.

Abruptamente todas as dúvidas sumiram e a fadiga e a dor de cabeça foram esquecidas. Voltou curvada até a mesa, deixou alguns dólares sobre ela e retornou para a porta. O carro sumira de vista agora. Ela saiu da lanchonete. O ar frio e úmido revigorou—a. Uma gota de água bateu—lhe na testa. Olhou para cima. Nuvens baixas e densas pareciam afundar por força do próprio peso.

Rogou que ainda demorasse alguns minutos para chover.

Atravessou correndo a Columbia e correu até a Kalorama. Parou debaixo do toldo de um prédio residencial na esquina e esticou o pescoço para observar a rua. Dali podia ver seu prédio.

Alinhadíssimo em seu blazer azul e calças pretas, Duncan caminhava até a entrada.

Gina o observou entrar pela porta da frente. A não ser que alguém o deixasse entrar — o que era improvável, porque todos trabalhavam no prédio — ele

passaria alguns minutos esperando que ela atendesse ao interfone. Assim que ele saísse, Gina entraria correndo no seu carro e seguiria direto até o prédio do FBI.

Ela esperou. O que Duncan estava fazendo lá? Por que não saía?

Então Gina olhou para o terceiro andar e engoliu em seco. Havia um homem em sua janela.

Duncan! Ele tinha uma chave. Devia ter feito uma cópia ontem à noite.

Claro. Ele faz Barbara acreditar que Gina está agindo de forma irracional, e em seguida vai correndo até o apartamento dela, supostamente para ver o que pode fazer. Ele a encontra e dissolve o implante em sua perna. Depois declara que a pobre menina estava sentada ali babando e falando palavras desconexas quando a encontrou.

Surpresa, Duncan!, pensou Gina, enquanto sentia os músculos retesarem—se. Gina não está aí. E ela não vai deixar você chegar perto o bastante para ser atingida com o ultra—som.

Começou a chover. Apenas um chuvisco, mas frio.

Fantástico. Que mais daria errado? Vestia apenas jeans e uma velha suéter da Tulane University, e não estava com guarda—chuva. Imagine se meu cabelo e minhas roupas ficarem molhados, pensou. O quanto estarei convincente se eu parecer um rato molhado ao falar com Gerry?

No apartamento vazio, Duncan olhou para a rua, a mão direita segurando o transdutor de ultra—som que trazia no bolso.

O que estou fazendo aqui?

Odiava isso. Arrependera—se de colocar o implante com a DTP em Gina quase no momento em que fizera isso. Mas tomar essa atitude era como colocar fogo numa ponte atrás de você: uma vez feito, não havia caminho de volta. Era vital prosseguir o plano e dissolver o implante.

Tudo parecia estar escapando ao controle. Não era para nada ter acontecido assim, mas agora não havia como parar. Duncan teria de prosseguir até chegar ao presidente. Depois disso, nada mais importaria.

Seu plano atual também estava desabando: previra que Gina tivesse aparecido no centro cirúrgico pela manhã. Eles teriam desempenhado suas rotinas usuais, e então, em algum momento, por volta da hora do almoço, Duncan teria atingido a perna de Gina com uma rajada de ultra—som e ido para casa. Duncan estaria a quilômetros de distância quando Gina começasse a exibir os primeiros sintomas. Talvez sofresse algumas alucinações visuais, talvez auditivas, ou ambas. Ficaria desnorteada, incoerente, poderia até mesmo começar a arrancar os cabelos e gritar. Ou poderia apenas entrar em estado

catatônico e ficar enroscada em posição fetal e babando num canto da sala de registros.

Porque você não ficou fora disso, Gina?

Era terrível ter de apertar o gatilho contra ela. Mas de alguma forma Gina descobrira o que ele lhe fizera na noite anterior. Portanto, agora tinha de caçá—la. Aquele implante era uma espada de dois gumes. Sabendo que ele estava ali, Gina poderia usá—lo contra ele—se conseguisse fazer alguém acreditar nela. Duncan precisava alcançá—la antes de Gina remover o implante.

Onde ela estaria agora? Não poderia ter ido muito longe. O carro estava estacionado na rua abaixo. Talvez estivesse lá fora, observando—o, esperando para ver seu movimento seguinte.

Assentiu lentamente. Sim... isso seria bem dela. Deixá—lo pensar que ela saíra e então retornar ao seu apartamento e ponderar calmamente o que faria em seguida enquanto ele girava em círculos.

Muito bem. Ele faria um círculo. Em torno do quarteirão para ver se poderia vê—la.

Deus, como odiava isso. A idéia toda provocava—lhe náuseas Queria acabar logo com aquilo.

E depois precisaria encontrar uma maneira de viver consigo mesmo.

Gina observou Duncan correr até o carro.

Para onde vai, Duncan? Um pouco preocupado, talvez, agora que seu pássaro voou?

Observou—o afastar—se. Esperou até que ele virasse na 18th Street, e em seguida correu até seu Sunbird. Entrou nele e ligou o motor.

O chuvisco aumentou gradualmente para uma chuva forte, enquanto Gina atravessava a Kalorama, na mesma direção tomada por Duncan. Só que não o estava seguindo. Ele provavelmente estaria voltando para Chevy Chase; Gina estava indo para o centro da cidade.

Olhou nos dois sentidos da 18th Street, possivelmente a rua mais colorida da capital. Nenhum sinal de Duncan. Virou à direita e desceu correndo a Florida Street, onde dobrou novamente à direita. Isso a levou diretamente até um sinal vermelho na Connecticut Avenue.

Olhou novamente para um lado e para o outro, mas não viu sinal de Duncan na Connecticut. Permitiu—se relaxar um pouco. Precisava esquecer Duncan durante algum tempo e encontrar uma forma de convencer Gerry que ela...

Gina saltou do assento ao olhar pelo espelho retrovisor. Através da chuva e da janela traseira ligeiramente embaçada, viu uma mercedes preta parando a dois

carros atrás dela. Olhou para o párabrisas da mercedes, mas a chuva impediu—a de enxergar o motorista.

Engoliu em seco. Não podia ver a placa. Aquele poderia ser Duncan...

poderia realmente ser Duncan.

Mas por que estaria seguindo—a? Tinha de ser para mais alguma coisa do que simplesmente saber para onde ela estava indo.

O que ele tinha em mente? Obrigá—la a sair da estrada? Dificilmente.

Estava certa que a última coisa que ele queria era servisto perto dela.

Então o que ele queria? O que ele esperava...

Ultra—som.

A mão gélida de alguém pareceu pousar nas costas do pescoço de Gina quando lembrou da loja de eletrônica que Duncan visitara. Será que ele tinha um dispositivo capaz de emitir um pulso ultra—sônico até o carro dela e dissolver o implante? Não conseguia imaginar como. Segundo o pouco que sabia de física acústica, isso não era possível. Mas vários eventos ligados a Duncan não pareciam possíveis. Talvez ele tivesse uma forma de...

Outra olhada no espelho retrovisor.

Como seria conveniente se começasse a ter alucinações enquanto estivesse dirigindo! O Honda diretamente atrás dela buzinou polidamente. Gina olhou para cima e viu que a luz estava verde. Viu também uma placa de PROIBIDO VIRARÁ ESQUERDA. Uma forma de descobrir se aquela mercedes a estava seguindo...

O Sunbird de Gina virou repentinamente à esquerda, entrando na Connecticut. Viu a expressão assustada do motorista de um fusca amarelo vindo em sua direção. O fusca parou e buzinou furiosamente, enquanto Gina passava por ele. Sentiu a traseira do Sunbird derrapar um pouco no asfalto úmido, mas os pneus da frente mantiveram a aderência, e segundos depois estava correndo rumo ao centro da cidade.

Uma nova olhada para trás não revelou nenhuma mercedes — não dava para ver praticamente nada através da chuva e do vidro embaçado. O tráfego atrás dela era uma massa de formas cinzentas e borradas. Duncan poderia estar em qualquer parte.

O Círculo Dupont estava bem à frente. Ali, onde o trânsito era mais lento, seria o local perfeito para Duncan surgir de uma rua adjacente e...

Gina começou a costurar através do tráfego. Precisava atravessar o Círculo Dupont. Fez alguns movimentos ousados, recebeu mais algumas buzinadas furiosas, mas momentos depois estava atravessando o círculo.

Ultrapassou um sinal amarelo e em seguida reduziu a velocidade para decidir que direção tomar.

Ao fazer a curva, checou novamente o vidro traseiro e as janelas laterais. Nenhuma mercedes avista.

Recostou—se no assento e respirou fundo. Talvez não fosse Duncan, afinal. Havia muitas mercedes grandes e pretas nessa cidade. Os diplomatas as adoravam.

Saiu do Círculo Dupont, pegando novamente a Connecticut.

Muito bem, estava a caminho. Sentiu uma pontada de tristeza ao perceber que se encontrava a alguns quarteirões do Galileo. Parecia muito mais tempo, mas apenas cerca de dez horas haviamse passado desde que estivera jantando com Duncan, sentindo—se livre e feliz.

Agora estava correndo por sua vida. Ou se não por sua vida, por sua sanidade.

Pôs de lado essa memória dolorosa e se concentrou no agora. O edifício do FBI não estava muito distante. Precisava se acalmar. Não podia parecer tão tensa quanto se sentia. Precisava ser convincente.

Precisava....

Em seu espelho lateral... saindo da passagem subterrânea sob o Círculo Dupont, tal um demônio negro emergindo das profundezas... uma mercedes preta. E dessa vez pôde ver que a placa era do tipo especial para médicos.

Duncan!

Duncan evitara o Círculo Dupont passando por baixo dele. Agora estava praticamente grudado em Gina.

O coração de Gina acelerou mais rápido que o motor de seu Sunbird quando a mercedes de Duncan começou a bater contra seu pára—choque. Gina acelerou o quanto pôde e procurou passar com seu pequeno Sunbird por aberturas que seriam impossíveis para a mercedes, especialmente naquele asfalto molhado. Avançou todos os sinais, atravessando os cruzamentos como uma bala.

Estava funcionando. Aos poucos Gina aumentou a distância entre eles.

Mas estava chegando ao final da Connecticut. Avistou o sinal de trânsito da K Street; estava verde agora. O tráfego estava fluindo. Bom. Mas para onde iria agora? Normalmente seguiria pela Seventefinth Street até a Pennsylvania, passando pela praça Farragut, mas Duncan estava apenas dois carros atrás dela. E o sinal logo à frente estava ficando amarelo.

Mais uma vez, pendurada sobre o cruzamento, havia uma placa de PROIBIDO VIRAR À ESQUERDA.

Não funcionara antes, mas talvez dessa vez...

Mas então o BMW à sua frente parou para o sinal.

— Ai, não! — gritou em voz alta. — Veado!

Em vez de reduzir a velocidade, Gina empinou o queixo, pisou fundo, e virou o volante todo para a direita, ultrapassando o BMW e seguindo direto até o cruzamento. Ali virou o volante para a esquerda, para pegar a K Street.

Gritou ao passar por uma poça e sentir os pneus começarem a escorregar no asfalto molhado. Pisou no freio mas a velocidade do carro não diminuiu. Estava completamente fora de seu controle. Viu o meio—fio e a calçada aproximando—se dela.

— Deus, não!

Gina se abraçou para se proteger do impacto quando o Sunbird se chocou com o meio—fio. A roda direita traseira quicou na calçada e o carro inclinou, ameaçando capotar. A cabeça de Gina bateu contra a janela lateral quando o carro voltou a ficar sobre quatro rodas. Balançou a cabeça para clarear os pensamentos. A janela estava inteira e o carro, graças a Deus, parara sem atropelar ninguém.

Gina queria chorar, queria vomitar, mas não tinha tempo para isso. Afora um ferimento superficial na cabeça, sentia—se bem. Seu cinto de segurança a impedira de ser jogada para um lado e para o outro dentro do carro. Buzinas soavam ao redor dela, pedestres assustados olhavam—na, apontando dedos ou balançando punhos na sua direção.

E seu motor desligara. Deu novamente a partida e tentou voltar para o tráfego, mas as rodas estavam travadas. Não conseguiu girar o volante.

Gina saiu e correu até o outro lado do carro e engoliu em seco ao ver a roda da frente. O pneu tinha sido empurrado para fora do aro e a roda emperrara, estava enfiada debaixo do carro. Não sabia se isso significava um eixo quebrado ou o quê, mas tinha certeza de que seu pequeno Sunbird não iria a mais lugar algum sem que ela gastasse um bom dinheiro em reparos.

Gina estava no começo da praça Farragut, um quarteirão de grama, arbustos e bancos de praça com uma estátua do almirante Farragut no centro. Uma área aberta. Sentiu—se exposta. Olhou em torno e viu a mercedes de Duncan parar na calçada do outro lado da Seventeenth Street.

Soltando um pequeno grito, Gina se virou e correu para o centro da praça Farragut. Seus tênis derrapavam na grama molhada enquanto corria. Gina encontrou uma trilha pavimentada e retardou o passo o suficiente para olhar para trás. Nenhum sinal do carro de Duncan na calçada. Bom. Isso significava que ele

não a estava seguindo a pé. Mas onde ele estava? Ela se sentiria melhor se soubesse. Mas não conhecia o alcance efetivo do aparelho portátil de ultra—som de Duncan.

A sua frente e à direita, em frente à Eye Street, Gina viu uma placa do metrô. Imediatamente sentiu—se animada. A Orange Line a deixaria a alguns quarteirões do prédio do FBI. Apressou o passo e atravessou o gramado na direção da entrada. Estava a menos de trinta metros quando uma mercedes preta parou e Duncan saltou dela.

— Não!

Ele parou diante da escada do metrô, e olhou em torno. Ao vê—la, começou a caminhar na direção de Gina com passos determinados. Gina deu meia—volta e começou a correr na direção da esquina da K com a Seventeenth. Um olhar sobre o ombro revelou que Duncan tinha mudado de idéia quanto a segui—la a pé. Estava voltando para o carro.

Gina desistiu de chegar até a K Tinha de sair da rua. Ali era alvo fácil. Avistou uma drugstore e entrou. Um esconderijo razoável. Amplo e cheio de outras pessoas abrigando—se da chuva.

Caminhou até a parede lateral onde estavam expostos os artigos de manicure. Fingiu estar comprando, mas o tempo inteiro os olhos estavam fixados nas portas da frente. Aos poucos, moveu—se na direção do fundo da loja, parando perto do balcão de artigos farmacêuticos. Ao ver Duncan, com seu guarda—chuva aberto, passar pelas janelas da frente, Gina se agachou atrás de um display de camisinhas. Ficou parada ali, com o nariz enfiado entre as caixinhas coloridas. Qualquer um que a visse imaginaria que tinha um programa e tanto planejado para a noite.

Quando achou que esperara tempo suficiente, levantou—se e começou a caminhar pelo corredor, na direção da fachada da loja. No meio do caminho, viu Duncan novamente na calçada. Só que dessa vez ele não passou pela loja: Duncan empurrou a porta e entrou.

Gina se agachou. Ficou amarrando e desamarrando o cadarço do tênis, para disfarçar, caso alguém estivesse observando. Olhou para trás. Ninguém parecia prestar atenção nela. Empertigou—se um pouco e olhou em volta. O coração disparou quando ela viu Duncan caminhando na sua direção, a cabeça movendo—se como um radar, enquanto ele passava pelos corredores.

Agachou—se perto do mostruário de doces para o Dia das Bruxas, tentando freneticamente pensar num plano. Podia correr — levantar—se e disparar para as portas e a rua, mas desse jeito se revelaria a Duncan. Ele não tinha certeza de onde Gina estava agora—podia nem mesmo saber que estava na loja. Se

corresse, ele a veria. E pior, se saísse correndo a toda velocidade, os seguranças da loja poderiam segui—la. Se fosse detida, tudo que Duncan teria de fazer seria passar casualmente ao seu lado, disparar um pulso ultra—sônico e Gina seria a nova colega do senador Vincent na ala psiquiátrica.

Olhou para cima e reparou num dos espelhos convexos antifurto. Nele, Gina viu um homem bem vestido, segurando um guardachuva dobrado. Era Duncan, andando pelo corredor vizinho. A não mais de um metro de distância.

Cabeça baixa, Gina correu na direção oposta e parou em frente ao balcão de mostruário que dividia os dois corredores. Olhou novamente para o espelho. Duncan estava chegando ao fim do outro corredor, preparando—se para entrar no de Gina. Ela deu a volta e entrou no corredor do qual ele acabara de sair, caminhou por uns três metros e meio e cruzou os braços, mal respirando, enquanto fingia comparar os preços das várias larguras e comprimentos de esparadrapo e fita adesiva.

Não ousou olhar para o espelho novamente. Ainda não. Se conseguira ver Duncan nele, ele poderia facilmente vê—la. Finalmente recuou e espiou, cautelosa, por trás de um display de esparadrapos. Levou um momento para localizá—lo. Agora estava perto da frente da loja. Atravessando a porta.

Saindo.

Mas não estava deixando a área. Ficaria ali, caminhando de um lado para outro e vigiando a entrada do metrô e as ruas próximas. Sabia que ela estava em algum lugar ali, e não iria embora. Tentar passar por ele seria perigoso demais, especialmente à luz do dia. Precisava de um lugar para se esconder até escurecer.

Gina cerrou os punhos em frustração. Sentia—se tão vulnerável com esta... esta coisa na perna. Queria livrar—se dela para poder caminhar até Duncan e empinar o nariz ao passar por ele. Se ao menos...

Olhou para a fita e os esparadrapos que estava segurando.

E tomou uma decisão.

Onde diabos ela está?

Duncan abriu o guarda—chuva e olhou para os dois sentidos da K Street, enquanto a chuva ficava mais intensa. O clima combinava com seu estado de espírito.

A situação não estava nada boa.

Tentou ver o lado bom: pelo menos o aguaceiro estava mantendo as pessoas em suas casas. Aquilo tornaria ainda mais óbvia qualquer pessoa que estivesse andando pela rua. Gina seria mais fácil de ser vista se resolvesse sair da praça correndo. Obviamente, estava escondida em uma das lojas desse lado da rua.

Não tivera tempo de cruzar até o outro lado antes dele chegar.

Estava ali. Desse lado. E tinha de sair em algum momento.

Mas e se o seu amigo do FBI estivesse a caminho para encontrála aqui e agora?

Isso poderia significar um problema. Mas não um problema intransponível.

Tudo que tinha a fazer seria aproximar—se de Gina, pressionar um botão no transdutor e a DTP entraria na corrente sangüínea dela.

Mas se tratava de uma situação arriscada. Era muito melhor encontrá—la antes que a cavalaria chegasse, se a cavalaria chegasse.

Duncan suspirou. Teria de vasculhar essas lojas uma a uma. A maioria delas era pequena. Não demoraria muito.

Reparou num Burger King no fim do quarteirão. Um esconderijo perfeito.

Ela poderia sentar—se no fundo e ficar bebendo um refrigerante e ninguém a expulsaria. Começaria por lá.

Segurando firme a sacola com as compras, Gina olhou pela janela e checou o melhor que pôde a rua e a calçada. Duncan não estava onde pudesse ser visto. Mas isso não significava que não se encontrasse em algum lugar lá fora, vigiando.

Seus joelhos tremiam. As mãos enrolavam e desenrolavam a sacola plástica. Não queria sair. Queria ficar ali onde estava seca e segura, onde Duncan já havia procurado e provavelmente não olharia de novo. Pelo menos por algum tempo.

Mas não poderia ficar ali. Não havia como arrastar—se até um buraco e jogar terra por cima da cabeça. Teria de pensar numa forma de sair dessa situação. Não podia ficar ali como um pato à espera de ser abatido.

Olhando para o outro lado da rua, Gina pôde ver um banco, uma loja de fotocópias e uma marquise suja na qual se lia The TYemont. Aquele pequeno e velho hotel era uma parte da solução. Os conteúdos da bolsa de papel, outra. O restante cabia a ela.

Observou o tráfego lá fora, esperando que ele parasse por um instante...

O tráfego finalmente parou. Cerrando os dentes, saiu correndo da drugstore, atravessando a rua e seguindo direto até a entrada do The Tremont.

Depois de passar pela porta giratória, virou—se e olhou para a K Street.

Nenhum sinal de um homem de blazer azul e guardachuva vindo correndo para interceptá—la. Mas isso não significava que ele não chegaria logo.

Enquanto caminhava apressada até a recepção, observou a glória decadente do hotel. Os metais precisavam de polimento, os espelhos estavam manchados e o tapete aparentava sua idade. Mas ainda havia dignidade na mobília talhada à

mão e no papel de parede verde—escuro. Um velho estabelecimento independente que se recusava a ceder à era das cadeias internacionais de hotéis.

— Quero um quarto de solteiro, por favor — disse à jovem negra atrás do balcão. — Só para esta noite.

— Claro — respondeu a mulher, colocando um formulário sobre o balcão. — Por favor, preencha isto.

Gina hesitou um instante. Não queria colocar seu próprio nome, mas quanto tinha em dinheiro? Trinta dólares? Talvez quarenta? Isso não chegava nem perto da diária de um quarto no coração da capital. E se iria usar dinheiro em vez do cartão de crédito, o hotel pediria que pagasse pelo menos uma noite adiantada.

Relutante, escreveu "Gina Panzella" e entregou o cartão de crédito junto com o formulário de registro.

— Alguma bagagem?

— Vou receber algumas mais tarde.

Estava tentada a inventar de onde suas malas viriam e a contar uma história para justificar por que estava sem elas, mas decidiu ficar calada. Essa mulher não estava se importando com isso, e se Gina falasse demais poderia dar a entender que estava escondendo alguma coisa. Era inexperiente na arte, mas achava que as mentiras, assim como os relatórios médicos e as tabulações de pesquisa, funcionavam melhor quando a regra da simplicidade era observada.

Cinco minutos depois Gina estava num quarto estreito no último andar com uma cama de casal e uma vista para um beco.

Perfeito.

Fechou a porta à chave, deixou—se cair na cadeira em frente a uma mesa de trabalho e fechou os olhos. Tão bom sentir—se segura! Temporariamente segura. Pelo menos ali dentro não precisava se preocupar em fugir de Duncan.

Gina olhou para o telefone e pensou em ligar para Gerry, e dizer—lhe que ela chegaria atrasada. Talvez devesse lhe dizer por quê: devido à sua insistência em apresentar provas objetivas.

Bem, ia dar—lhe sua maldita prova objetiva.

Era melhor não telefonar para Gerry. Ele apenas tentaria detê—la.

Fechou os olhos de novo. Por que simplesmente não podia ficar ali?

Hibernar por uma semana ou um mês. Pedir serviço de quarto e ficar assistindo a filmes o dia inteiro na TV a cabo. Qualquer coisa, menos sair novamente e escapar de Duncan para poder provar a Gerry que não estava louca.

Sua vida parecia agora um caso perdido. Por que não simplesmente...

Levantou—se da cadeira. Nada disso. Precisava agir. E tinha de ser agora.

Precisava acionar o piloto automático. Não poderia pensar sobre o que estava exigindo de si mesma. Tinha de lutar contra a náusea, a repulsa e o medo. Tinha de manter o impulso. Se parasse para pensar, poderia não ser capaz de levar seu plano até o fim. E quanto mais tempo esperasse, maiores seriam as chances de Duncan descobri—la ali.

Pegou o balde de gelo e atravessou o corredor até a sala, onde rapidamente encheu—o com cubos. Voltou ao quarto, trancou novamente a porta, puxou as cortinas e ligou a TV Apertou o botão de canais no controle remoto até encontrar wmgame show barulhento, e aumentou o volume. Não alto demais, mas o suficiente para mascarar qualquer ruído incidental. Foi até o termostato e o colocou em 24 graus.

Ligou a luz do banheiro. Claro, limpo, com azulejos brancos, banheira e balcão de mármore. Verificou se o ralo estava aberto e em seguida abriu a água da banheira. Enquanto esperava a temperatura ficar confortavelmente quente, esvaziou o conteúdo da bolsa da drugstore no balcão de mármore. Tirou uma sacola menor de dentro da maior. Abriu o frasco de analgésico extraforte e tomou quatro pílulas com um copo de água. Em seguida, abriu o frasco de pastilhas de um anti—ácido. Teria preferido um tubo de ensaio, mas esse frasco serviria. Jogou as pastilhas na privada. Em seguida começou a dispor o restante das compras. O unguento de bacitracina, as gazes, o esparadrapo, a fita adesiva e o peróxido de hidrogênio foram para o fundo do balcão; na frente deles dispôs o frasco sem as pastilhas e o pequeno estojo de costura; ao longo da borda, alinhou a bolsa com bolas de algodão, as pinças, a garrafa de álcool isopropílico, o isqueiro e o pacote de navalhas de barba.

O último objeto era uma bolsa térmica. Encheu—a com os cubos de gelo e colocou—a na borda da banheira. Desabotoou a calça, tiroua e pendurou—a no toalheiro. A pele estava um pouco avermelhada na altura das coxas e sob o elástico da calcinha.

Embebeu uma das bolas de algodão com o álcool e em seguida começou a esfregá—la na coxa, firme mas não muito vigorosamente, na área do ferimento. Não queria romper nada embaixo da pele. Em seguida, derramou álcool sobre a superfície de contato da bolsa térmica e pressionou—a sobre o ferimento. Isso causoulhe mais vermelhidão na pele.

Olhou para cima. O banheiro não tinha nenhuma lâmpada direcional. Pena.

Isso ajudaria.

Segurando a bolsa de gelo entre a coxa e o balcão de mármore, pegou a caixa preta e amarela de navalhas de barba. "LÂMINAS SMITH", dizia a tampa. No

lado: "Adequadas para todos os tipos de barbeadores. Para uso superficial."

Aquilo a fez sorrir. Uso superficial? Hoje não.

Pegou uma das lâminas na caixa, segurou—a com a pinça e em seguida a expôs à chama do isqueiro até o metal ficar vermelho. Em seguida, deixou—a esfriar no topo do balcão de mármore. Tirou a suéter e jogou—a na direção da calça jeans.

Agora uma lâmpada direcional seria realmente útil.

Ainda mantendo a bolsa de gelo pressionada contra a coxa, Gina sentou—se na ponta da banheira com os pés na água morna que saía da torneira. Mais dez minutos e a área resfriada na coxa estava entorpecida. Esfregou a área novamente com álcool, e em seguida derramou um pouco sobre as mãos.

Pegou a lâmina.

E começou a tremer.

Não posso fazer isso.

Mas outra parte dela disse que poderia. Disse—lhe que precisava. Tinha de fazer agora, antes que o efeito entorpecedor do gelo cessasse.

Mas a primeira parte de seu cérebro gritou. Espere!

E se toda essa situação fosse outro dos esquemas maquiavélicos de Duncan? Ele já havia abalado a credibilidade de Gina e feito Gerry parecer um idiota. E se ele estivesse planejando acabar de vez com sua credibilidade? E se tudo isto fosse a dose de reforço? E se ele colocou uma droga no café, roubou as chaves e invadiu o apartamento dela apenas para, enquanto estava inconsciente, espetála com um trocarte vazio? Quem esperaria que ele fizesse o mesmo truque duas vezes?

Nesse caso, ele estaria contando que ela fosse correndo até Gerry, afirmando que o grande e mau Duncan injetara um implante cheio de droga na perna dela. E quando, ou se, ela finalmente convencesse Gerry a checar a perna, eles receberiam outro resultado negativo do exame de ressonância magnética.

E tudo que ela dissesse depois disso seria considerado delírio de uma mente enlouquecida.

De qualquer modo, não podia ir a Gerry com as mãos vazias — ou, neste caso, com as pernas vazias. E além disso, tinha de saber.

Se ao menos dispusesse de uma seringa e de um pouco de anestesia.

Lidocaína! Lidocaína! Meu reino por um pouco de lidocaína!

Mas não havia lidocaína. Apenas gelo.

Gina pegou uma toalha de rosto que estava sobre o balcão e enfiou—a entre os dentes. Em seguida usou a mão esquerda para esticar a pele sobre o ferimento

enquanto segurava a lâmina com a direita.

Não muito profundo, disse a si mesma. Não vá cortar o implante.

Respirou fundo e, com um movimento rápido, investiu o lado cortante da lâmina contra a pele, a um centímetro e meio do ponto focal do ferimento, e em seguida puxou—a em sua direção.

Gina dobrou o tronco, o grito abafado pela toalha em seus dentes.

Tremendo de dor, segurou com a mão livre a barra de segurança e pressionou o rosto contra os joelhos. Os olhos encheram—se de lágrimas e a pele foi coberta por um suor frio.

E então, depois de uma pequena eternidade, a dor deixou de aumentar. Os músculos de Gina relaxaram — ligeiramente. Empertigou—se, cuspiu a toalha e começou a arfar. Quando recuperara o fôlego, inclinou—se para olhar o ferimento.

O ferimento de cinco centímetros na coxa estava sangrando. Espessas gotas de sangue espalhavam—se sobre os azulejos impecavelmente brancos e tingiam de vermelho a água da banheira. Gina se sentiu tonta. Por um instante achou que tropeçaria para trás, mas conseguiu manter—se equilibrada até o banheiro parar de girar ao seu redor.

Permitiu—se um sorriso. Considerava—se acostumada a ver sangue. Mas ver o sangue dos outros não era o mesmo que ver o próprio.

Tocou a borda do ferimento e puxou a mão de volta. Estranhamente macio.

Aquelas pontas cortadas de nervos estavam gritando. Foi então que ela percebeu que realmente teria sido maravilhoso usar um pouco de anestesia.

Colocou a toalha novamente entre os dentes e voltou a tocar as bordas separadas do ferimento. Devido ao sangue, a gordura subcutânea estava vermelha, e não amarela, como era natural. Delicadamente, Gina sondou a gordura com o mindinho. Era uma sensação estranha, curiosa e ligeiramente nauseante, mexer entre suas próprias células adiposas.

Estava doendo, mas não era a dor que a estava deixando nauseada. Nunca havia tocado gordura humana com as mãos nuas. Era como mexer com tapioca amanteigada.

A dor aumentou, enquanto Gina enfiava o dedo mais fundo, procurando por uma abertura, uma depressão, um canal, qualquer pista do curso seguido pelo trocarte.

Repentinamente, a ponta do dedo afundou um pouco mais na área da gordura. Ela estremeceu. Poderia ser? Sondou mais fundo, mas gentilmente, sentindo a gordura abrir passagem para seu dedo. Sim, alguma coisa seguira este

caminho antes dela. E recentemente. E então Gina tocou com a ponta do dedo em alguma coisa macia, porém mais firme e lisa que gordura.

Gina não sabia se ficava aliviada ou aterrorizada. Pelo menos não imaginara tudo isso. Havia mesmo um implante em sua perna, e apenas um homem poderia tê—lo implantado ali.

E o implante teria de sair. Agora. E tinha de removê—lo sem parti—lo. Se o rompesse, ou mesmo se causasse um pequeno vazamento, estaria poupando trabalho a Duncan.

Mordendo atoalha, enfiou o dedo mais fundo na gordura. Tentou não pensar na dor enquanto contornava o implante, precisava pegálo por trás.

Gentilmente... gentilmente...

Gerry bateu o telefone no meio das instruções de Gina para deixar uma mensagem depois do sinal. Já deixara duas na secretária.

Onde está ela?

Olhou novamente para o relógio. Para que, não sabia. Apenas meio minuto se passara desde a última vez que vira as horas.

Esticou o pescoço para aliviar a tensão crescente no ombro. Gina já devia estar ali a essa altura. As visões de Gina, tonta e confusa, perambulando pela capital, voltaram à sua mente. Ou pior ainda, agachada atrás de uma lata de lixo em algum beco, escondida de inimigos imaginários.

Merda. Não conseguia se concentrar em nada. Só podia pensar em Gina. A forma como ela falara ao telefone... como se seu mundo estivesse chegando ao fim.

Havia apenas uma coisa a ser feita. Sair e procurar por ela.

Gerry pegou as chaves do carro e ligou para a telefonista. Deixou instruções para se uma Gina Panzella ou uma Dra. Panzella telefonasse, ou qualquer pessoa ligasse com alguma notícia sobre ela, ou se ela aparecesse em pessoa, que a passassem para o telefone de seu carro.

Pensando na possibilidade de Gina estar escondida no apartamento dela, com medo de atender ao telefone e recusando—se a abrir a porta, levou o Electropick. Só para uma eventualidade.

Pegou o carro no estacionamento subterrâneo do FBI e tomou a Pennsylvania na direção da Casa Branca, tentando seguir a rota mais lógica para Gina se ela estivesse vindo agora de Adams Morgan. Teria de vir pela Connecticut, mas depois disso, era pura especulação.

Ao atravessar a K Street, viu alguns tiras parados diante de um carro de polícia na borda da praça Farragut. Estavam observando um gari varrer vidro

quebrado do chão. Gerry mostrou a identificação do FBI e perguntou o que havia acontecido. O mais velho dos dois, um gordo de bigode, inclinou—se sobre a janela do carro de Gerry. Seu hálito fedia a café velho.

— Um acidente com um carro só. Ninguém se machucou. O motorista derrapou e saiu da rua.

Como estava decidido a não ignorar nenhuma possibilidade, Gerry perguntou:

— Sabem a causa do acidente? O tira deu com os ombros.

— Não. O carro havia sido rebocado quando chegamos aqui. Mas eles estão verificando a placa. Pode ser alguém que você esteja procurando?

— Dificilmente. Só perguntei por curiosidade.

Ao se afastar da praça, Gerry fez uma anotação mental do local. Se não conseguisse encontrar Gina, mais tarde procuraria a polícia local para checar o registro do carro.

Virou na Connecticut. Talvez o melhor lugar para começar a procurar Gina fosse o apartamento dela.

Tossindo e tremendo, Gina se encostou contra a parede atrás da banheira.

Com a dor diminuindo de excruciante para meramente brutal, abriu a mão e olhou para o pequeno cilindro pousado na palma.

Achei!

Estava segura. Mesmo se Duncan banhasse o hotel inteiro com ultra—som, não conseguiria fazer—lhe mal. Mas ainda não conseguira sair da floresta. Estava com um corte amplo e profundo na perna. Precisava fechá—lo.

Mas primeiro: salvar a prova.

Inclinou—se sobre o balcão e pegou o frasco sem as pastilhas. Usando a tampa, desgrudou cuidadosamente o implante pegajoso da palma da mão. Ela já aprendera da pior maneira o quanto essas coisinhas ficavam mais frágeis depois de implantadas. O implante deslizou morosamente pelo interior do frasco, como uma espécie de lesma vermelha, e finalmente pousou no fundo. Gina tampou—o e voltou a atenção para a incisão na perna.

_ O sangramento diminuíra de forma considerável. O sangue que começava a coagular em torno do ferimento era espesso, parecia um xarope. Pegou o conjunto de costura e começou a enfiar uma linha na agulha. O tremor da adrenalina causada pela dor e pelo estresse fizeram—na errar nas primeiras tentativas. Estava começando a temer jamais conseguir costurar, mas finalmente enfiou a linha através do buraco da agulha.

Pensou em esterilizar a agulha com o isqueiro, mas descartou a idéia.

Não poderia esterilizar o fio daquela maneira, e o ferimento já se achava terrivelmente contaminado. Estava protegida contra tétano, mas precisaria de um antibiótico — uma cefalosporina de espectro amplo, de preferência—para combater a inevitável infecção que se seguiria a esse pequeno procedimento cirúrgico sem assepsia.

Para desencargo de consciência, esquentou a agulha e embebeu o fio com peróxido de hidrogênio. Colocou a agulha ao lado e mordeu novamente a toalha. Em seguida limpou o sangue coagulado do ferimento, derramou o peróxido diretamente sobre ele. A toalha em sua boca impediu—a de gritar de dor. Um pus rosado saiu da abertura do ferimento. Gina estava sentindo uma dor agudíssima, como se tivesse enfurecido abelhas aprisionadas dentro de sua coxa.

Quando isso passou, Gina enxugou o suor e as lágrimas dos olhos, pressionou as bordas do ferimento uma contra a outra, e iniciou a sutura. Começou a costurar de cima para baixo, considerando que seria mais fácil trabalhar assim.

Estremeceu ao forçar a agulha através da pele. Era doloroso, mas nada comparado ao que já havia passado. A agulha era bastante afiada, mas fora planejada para tecido, não para a dureza da pele humana. E era reta, o que tornava o trabalho bem mais difícil. Esqueça a lidocaína, pensou. Agora eu me contentaria com um hemóstato e uma agulha curva.

Algumas suturas subcutâneas e um reparo vertical teriam sido ideais, mas isso estava fora de questão sem linha cirúrgica e uma agulha curva.

Teria de se contentar com uma costura simples.

Amarrou a primeira sutura com cuidado, com medo de puxar forte demais e romper o fio. Comprara o mais grosso que havia na loja, mas mesmo assim isso não era feito de seda ou náilon, apenas fio de costura. Se queria que este reparo agüentasse, teria de fazer suturas bem próximas, com um intervalo mínimo de distância uma da outra.

Terminou o primeiro nó e cortou as extremidades livres com as pequenas tesouras do estojo de costura. Pronto. Terminara uma sutura. Faltavam quatorze ou quinze.

Meia hora depois, Gina finalmente terminara. Limpou o sangue da pele com peróxido e examinou seu trabalho. Dezesseis suturas alinhadas. Enxugou o ferimento, passou um pouco de unguento sobre ele, e em seguida cobriu—o com gaze. Segurou—a no lugar com alguns pedaços de fita adesiva, e em seguida fez uma bandagem de pressão enrolando a coxa com o esparadrapo largo. Por fim, tirou as pernas da banheira e se levantou.

Quase caiu quando pontos pretos explodiram em sua visão e um rugido de motor diesel encheu—lhe a cabeça Apoiou—se no balcão até o banheiro parar de girar à sua volta.

Pressionou a testa contra o mármore frio e reuniu todas as suas forças.

Fraca. Ela tinha previsto que depois estaria fraca, mas não tanto. Pegou a sacolinha menor que trouxera da drugstore e tirou um pacote de barras de chocolate. A boa e velha Pizza Panzella sempre sofria de ataques de chocolate em momentos de estresse, e não conseguira resistir a todos aqueles doces do Dia das Bruxas. Sentia—se satisfeita por ter cedido a Pizza. Precisava de algumas calorias extras para se recuperar e de um pouco de glicose para obter energia. Outra coisa que sabia que precisava era de fluidos. Depois de comer três barras de chocolate, encheu o copo com água fria da pia e bebeu. Tomou mais quatro analgésicos com um segundo copo de água.

Sentiu—se um pouco melhor, mas ainda não estava pronta para a estrada.

Esforçou—se para ficar reta e, mantendo a mão na parede para se apoiar, caminhou até a cama. Desligou a TV ao passar por ela. Deitou—se e se acomodou entre as cobertas frias. Estremeceu. Estava precisando mesmo de algum repouso. Sentia—se segura agora. Apenas um cochilo por uma hora ou duas, e então telefonaria para Gerry. Tinha o implante. Ela agora tinha provas físicas. Gerry teria de acreditar. Todos teriam de acreditar.

Depois de algum sono...

*** 34**

TARDE DE QUINTA—FEIRA

Gerry estava começando a entrar em desespero.

E não sem razão. Algumas horas atrás passara no apartamento de Gina e não vira o carro dela na rua. Depois de bater várias vezes à porta, usou o Electropick para entrar. Encontrou o lugar deserto. Nenhum sinal de luta, nenhum bilhete, nenhuma indicação de que ela não saíra essa manhã para um dia rotineiro de trabalho.

Gerry até mesmo telefonara para o centro cirúrgico de Lathram. A recepcionista informara que Gina não se encontrava lá e que não era esperada hoje. Achou que percebera alguma coisa estranha na voz dela, como se ela quisesse dizer mais, mas isso poderia ter sido apenas imaginação.

Gerry checara todos os prontos—socorros da capital e até mesmo alguns em Virgínia e Maryland. Não tinham recebido Gina Panzella ou qualquer mulher não identificada que se enquadrasse em suas descrições. O mesmo ocorrera com os departamentos da polícia local. Nenhuma mulher chamada Panzella ou parecida com Gina nos relatórios de prisão.

E então Gerry lembrou do acidente na praça Farragut. Ele telefonara para a polícia de Washington e agora estava à sua mesa, esperando que telefonassem de volta. Não tinha muita esperança de descobrir alguma coisa aí, mas não estava ignorando nenhuma possibilidade.

O telefone tocou.

— Agente Canney? — disse uma voz anasalada.—Temos a identificação do veículo naquele acidente de um só carro sobre o qual você queria saber.

Pertence a uma Regina Panzella, residente na Kalorama Road.

— Droga!—disse Gerry. Deveria ter checado isso horas atrás.

— E o relatório diz que ela deixou a cena do acidente?

— O relatório diz: "Veículo abandonado por motorista."

— Nada mais?

— Testemunhas dizem que viram uma mulher de cabelos escuros, e que era a única ocupante.

A descrição correspondia à de Gina.

— Obrigado. Muito obrigado.

— De nada.

Então onde ela estava? Gina batera com o carro e fugira. Para onde?

Chovera a manhã quase toda. Até onde ela poderia ter ido a pé na chuva?

Gerry pegou o casaco. Era melhor ir até o local do acidente, examinar a cena. Mas outro pensamento lhe ocorreu enquanto saía. Ligou para a central de dados e mandou que pesquisassem as fontes de crédito de Regina Panzella. Pediu que descobrissem quais cartões ela usava e se alguma despesa fora creditada no nome dela hoje — e em que local.

Quem sabe? Talvez Gina tivesse alugado um carro. Ou comprado uma moto.

Quem poderia prever o que ela faria em seguida?

Gerry saiu para a praça Farragut. Sem saber o número do cartão de Gina ou mesmo qual era a sua companhia de crédito, isso demoraria um pouco. A informação estaria à sua espera quando voltasse.

Rezou para que não precisasse dela.

Duncan estava extenuado, frustrado, tenso... e amedrontado.

Mas pelo menos parara de chover.

Essa era a única coisa boa que Duncan podia dizer sobre aquela tarde.

Estava parado na Seventeenth Street, na beira da praça Farragut, vigiando todos os transeuntes. Agora que estava ficando mais tarde, eram bem mais numerosos. Levantou os olhos para a estátua homônima da praça.

Apropriadamente, uma gaivota estava pousada no chapéu do almirante.

Estava quase desistindo. Ele patrulhara a área durante horas a pé e de carro, movendo—se para o norte até o Círculo Scott e para o sul até a Casa Branca, e não encontrara um único sinal de Gina.

Era o medo que o impedia de voltar para casa. Ou para o centro cirúrgico.

E se Gina tivesse convencido o namorado do FBI de que estava com um implante na perna? E se tivessem conseguido removêlo? A situação poderia ter virado contra Duncan enquanto ele estivera passando a tarde ali. Seu papel já poderia ter mudado de caçador para caça.

Era melhor descobrir.

Duncan olhou o relógio. Barbara ainda estaria no trabalho. Pegou seu celular e discou o número do centro cirúrgico.

— Você a encontrou? — foram as primeiras palavras de Barbara.

— Ainda não tive sorte. Estou ligando apenas para saber se você tem alguma notícia de Gina.

— Nada. Mas ligaram para ela...

— Quem?

— O cara com quem ela vem se encontrando. Gerry Canney. Duncan estremeceu. O homem do FBI? Isso não era bom sinal.

— Quando ele ligou?

— No fim da manhã. Estava procurando por ela.

— Lembrou o que eu lhe disse para falar, certo?

— Sim. Que ela não estava e que não a esperávamos hoje.

— Excelente. Precisamos proteger Gina até podermos descobrir o que está errado com ela e conseguir alguma ajuda.

— Sim. Mas é que ele pareceu tão preocupado...

— Todos estamos, Barbara.—Especialmente eu. —Alguém telefonou para mim?

— Algumas pessoas para marcar consultas. O Sr. Covington ligou para reclamar sobre você ter cancelado todas as cirurgias dessa manhã. Ele disse que a esposa estava histérica.

— Ela já tem aquele nariz há quase cinqüenta anos. Sobreviverá a mais uma semana com ele. Ninguém mais? Nenhum visitante?

— Não. Hoje foi tudo bem calmo aqui.

Aquilo era um alívio. Nada de telefonemas ou visitas de homens da lei à procura do Dr. Lathram. Uma boa indicação de que Gina ainda precisava convencer alguém.

Talvez houvesse tempo.

Tempo para o quê? Ele não podia ver muita utilidade em continuar patrulhando a área. Precisava encarar os fatos: Gina fora embora. Ela apanhara um táxi, conseguira passar por ele e entrara no metrô ou simplesmente tinha ido embora andando. A essa altura poderia estar em Virgínia ou em Maryland. Ou no prédio do FBI. Se ela ainda estivesse ali, Duncan já a teria visto.

Enfiou a mão no bolso para pegar as chaves do carro e encontrou o transdutor de ultra—som disfarçado empager. Emoções conflitantes assaltaram —no. Se Gina passasse por ele agora, Duncan usaria o transdutor, sem hesitação, não por maldade mas pelo impulso mais básico que existe: a autopreservação. Mas, ainda assim... uma parte pequena dele sentia—se quase satisfeita por Gina haver escapado.

Encontrou as chaves. Hora de ir. Mas para onde? Para casa, onde ficaria sentado à espera do carrasco? Mesmo se ninguém viesse algemá—lo, seus planos para o presidente no dia seguinte teriam de ser mudados.

Simplesmente faria a cirurgia e esqueceria do implante. Destruiria a DTP, e então seria a palavra de Gina contra a dele.

Exceto por aquele implante na perna dela.

Merda, merda, merda! Suas opções ficavam mais restritas a cada hora.

Subitamente Duncan viu um carro de quatro portas encostar no meio—fio a uns dez metros dele, parando em frente a uma placa de proibido estacionar. Um alarme soou em seu cérebro. Duncan se virou e cruzou a Seventeenth Street, mantendo o rosto virado até alcançar o outro lado.

Enquanto imiscuía—se na multidão de pessoas saindo do trabalho, Duncan olhou por sobre o ombro e viu um homem jovem e de boa aparência examinando a praça. Parecia à procura de alguém.

O terror tomou conta de Duncan, mas resistiu ao impulso de correr. Vira aquele homem antes — com Gina durante a audição da Comissão de Diretrizes. Canney, o agente do FBI.

Ele está me procurando?

Fique calmo, disse a si mesmo. Como poderia ser? Passou de carro bem ao meu lado. E além disso, por que, de todos os lugares possíveis na capital, ele me procuraria aqui?

O agente devia estar à procura de outra pessoa.

Gina.

Duncan foi tomado por uma empolgação repentina enquanto recuava para uma parede a fim de continuar observando o agente Canney.

Ainda estou seguro, pensou. Se o agente do FBI ainda não conhece o paradeiro de Gina, então ninguém sabe—pelo menos ninguém que faça diferença.

Observou Canney atravessar o gramado, passando entre os arbustos e bancos da praça Farragut. Observou—o vasculhar todo o perímetro, parando onde o carro de Gina batera contra o meiofio. Seus movimentos foram rápidos e eficientes, mas Duncan detectou neles uma certa ansiedade e incerteza.

Duncan poderia ter—lhe dito: está perdendo tempo, rapaz.

Observou Canney terminar de vasculhar a área e então entrar no carro e ir embora. E com a saída do agente, Duncan recobrou o ânimo. Não iria para casa. Ainda não.

Ficaria ali um pouco mais. Pelo menos até escurecer.

Gina acordou confusa, com dor. Virara sobre seu lado direito e sentira uma dor aguda na coxa, como se alguma coisa a estivesse mordendo.

Estava febril e banhada em suor. O sutiã e a calcinha estavam grudados à pele. Livrou—se das cobertas. Estava escuro. Onde...?

Piscou até reconhecer o quarto do hotel. Tudo voltou à sua mente. Como se preparara na banheira para se cortar...

Sentou—se e experimentou apenas um instante de tontura. Sem dúvida, o

descanso fizera—lhe bem, mas durante quanto tempo dormira? Virou o radiorrelógio: 17:05.

Deus do céu, dormi a tarde inteira!

Levantou—se e caminhou até o banheiro, cambaleando um pouco. Precisava vê—lo, tinha de saber se ainda estava ali.

Estava. O frasco continuava onde ela o deixara, sobre o balcão de mármore. Abriu a torneira da pia e bebeu três copos sem tirar os olhos do implante que repousava no interior do frasco. Agora ele adquirira uma cor amarronzada, devido à coagulação do sangue que o envolvia.

Pegou o frasco e retornou para a cama. Ainda fraca, mas sentindo—se bem melhor, Gina se sentou cuidadosamente na beira da cama. Era hora de ligar para Gerry. Hora de encontrá—lo e mostrar—lhe o que Duncan implantara nela.

Digitou o número do escritório dele. A telefonista do FBI disse que ele não se encontrava no momento. Ela gostaria de deixar recado?

— Quando ele vai voltar?

— O agente Canney não disse. Posso saber quem está falando, por favor?

— Tudo bem. Mais tarde ligo de novo.

Talvez Gerry tivesse ficado cansado de esperar e ido para casa.

Telefonou para a casa dele, mas apenas a secretária eletrônica atendeu.

Talvez ele estivesse no trânsito. Teria de esperar até Gerry pegar Martha e ir para casa... se ele estivesse indo para casa. Imaginou se Gerry estaria preocupado, ou mesmo pensando nela. Seria confortante saber que alguém além de Duncan estava à sua procura.

Puxou o esparadrapo da perna para expor a gaze. Notou que estava começando a escorrer sangue da atadura. Gentilmente, limpou o sangue. O unguento antibiótico impedia que a gaze desgrudasse. A incisão parecia boa; o fio estava resistindo. Mas ao olhar para o ferimento e em seguida para o frasco contendo o implante ensangüentado, Gina foi tomada por um desespero avassalador.

Gerry não vai acreditar em mim.

Essa conclusão abalou Gina. O que Gerry pensaria ao ver aquela coisa ensangüentada no frasco? Ninguém vira Gina removê—la. Não havia nenhuma testemunha da operação. Quem poderia dizer que ela não se cortara e untara o implante com sangue para convencer os outros de seus delírios?

Era comum ocorrer automutilação em casos de psicose. Ou talvez seria diagnosticada como portadora de uma variante da síndrome de Munchausen.

Ela tomara uma atitude extrema, radical, que pareceria bizarra e, bem, insana, pelo menos para alguém que não pudesse entender completamente a ameaça que o implante representava para ela.

Em suma, mostrar a Gerry aquele implante ensangüentado e dizer—lhe que ela havia cortado a perna apenas confirmaria os piores temores de Gerry quanto à sua sanidade. Seus delírios paranóicos tinham chegado agora à automutilação.

Pressionou as mãos contra o rosto. A voz saiu embargada, e ecoou pelo pequeno quarto.

— Que vou fazer?

Tinha de encontrar alguém que acreditasse nela, que não pensasse que Gina assistira a episódios demais de Além da imaginação...

Oliver.

Claro. Oliver tinha de acreditar nela. Ele era a única outra pessoa no mundo que sabia a respeito da DTP e dos implantes. Entenderia por que ela havia se cortado para remover a DTP.

Mais um pensamento, um pensamento aterrorizante: e se Oliver estivesse envolvido?

Não. Ela não podia acreditar nisso. Oliver era o homem mais confiável do mundo. Ficaria arrasado ao saber que seus implantes tinham sido usados para ferir em vez de curar. E se Oliver estivesse envolvido de alguma forma, ele nunca teria lhe dito o nome deVanDuyne.

Era isso. Apresentaria o caso a Oliver, e assim que ele estivesse convencido, os dois procurariam Gerry e o Serviço Secreto ou qualquer um que pudesse deter Duncan.

Levantou—se bruscamente, e em seguida se sentou de novo, sentindo—se fraca. Talvez devesse comer alguma coisa antes. Não comera nada de manhã nem na hora do almoço... apenas algumas barras de chocolate. Ela estaria à procura de problemas se não ingerisse algumas calorias bem depressa.

Pegou o cardápio do serviço de quarto e pediu hambúrguer, fritas e uma Coca—Cola—proteína, carboidratos e cafeína. Isso a manteria com energia durante algum tempo.

Levantou—se outra vez, de forma um pouco mais deliberada dessa vez, e voltou para o banheiro. Cobriu a incisão com gaze limpa e prendeu—a novamente com mais esparadrapo. Em seguida, colocou a suéter e com cuidado vestiu a calça jeans. Gina estava parecendo bastante normal quando o rapaz do serviço de quarto bateu à porta.

Gina estava olhando pela janela, enquanto o garçom posicionava o carrinho e descobria a comida. Virou—se, atraída pelo aroma. Não percebera que estava com tanta fome. Anoitecia Gina comeria e então esperaria até que ficasse completamente escuro. Então sairia para a rua, pularia no primeiro táxi que

passasse e seguiria direto até a casa de Oliver. Ele vivia na extremidade noroeste da cidade. Ela estivera lá certa vez, para um jantar. Uma casa com jardim numa vizinhança agradável, mas nem de perto tão elegante quanto a de Duncan.

Provavelmente, não teria de esperar até ficar escuro. Duncan devia ter desistido de procurá—la havia muito tempo.

Rastrear o cartão de Gina demorou mais do que Gerry previra. Teve de telefonar para a Sra. Snedecker e pedir que ela ficasse com Martha mais algumas horas e lhe desse algo de comer. Gerry pedira para falar com Martha e, quando lhe dissera que chegaria mais tarde, foi acalmado por um animado "Tudo bem". Era uma sorte Martha gostar tanto da Sra. Snedecker.

O resultado do rastreamento do cartão de Gina chegou alguns minutos mais tarde, acusando uma conta em seu cartão de crédito a ser paga ao Hotel Tremont, na K Street.

A K Street! Deus, ele estivera lá agora mesmo! Por que ela estava no Tremont? Estaria escondida?

Mais tenso do que nunca, pegou o número com a telefonista, ligou para o hotel e disse à recepção que queria falar com a Sra. Panzella. Deixou o telefone tocar uma dezena de vezes, quase desligou, e então ouviu mais uma dezena de toques.

Onde ela estaria? Se já tivesse fechado a conta, o rapaz da recepção não teria passado a ligação para o quarto dela. Ela estava com medo de atender o telefone?

Gerry pegou o casaco e saiu.

A noite cobriu a capital com uma mortalha escura, e as luzes dos postes acenderam, iluminando a neblina que pairava no ar. Duncan decidiu desistir. Obviamente ela não estava em lugar algum. Era bobagem continuar ali por mais tempo.

Mas o que aconteceria em seguida? Para onde iria agora? Não podia desistir ainda. Muita coisa estava em jogo. Ao caminhar até o carro, fez um último esforço, tentando um pouco de exercício mental.

Se eu fosse Gina, e se eu ainda estivesse nas redondezas, para onde eu poderia ir? Onde eu teria me escondido todo esse tempo?

Repassou a pergunta na mente enquanto caminhava ao longo da extremidade norte da praça. Estava virando a K Street quando a marquise do TVemont Hotel chamou—lhe a atenção.

Reduziu o passo, balançou a cabeça, caminhou mais um pouco e então parou na beira da calçada e olhou para o hotel. Ele o notara antes, mas...

Ela poderia ter alugado um quarto de hotel? Não era provável. Ele poderia ver a possibilidade de ela ter corrido até ali, alugado um quarto e o usado como um local seguro para encontrar seu homem do FBI.

Mas, obviamente, se ela tivesse feito isso, o agente Canney não teria andado pela praça Farragut como uma alma perdida ainda há pouco. E

Duncan não conseguia imaginar Gina passando a tarde inteira lá em cima, vendo televisão.

Mas ainda assim... esse era um local que ele não checara. Não levaria muito tempo. O que significavam mais alguns minutos somados a todo o tempo que já havia perdido?

Entrou no saguão do hotel e caminhou até a recepção. O jovem no balcão sorriu para ele. Duncan pensou como poderia perguntar sobre Gina, e então concluiu que nenhum hotel decente forneceria o número do quarto de um hóspede.

Sorriu em resposta para o rapaz, cujo crachá identificava—o comoitoy.

— Os telefones do hotel?

Roy apontou para o fundo do saguão.

— Atrás do vaso de plantas depois dos elevadores. Duncan balançou a cabeça para agradecer. Encontrou a fileira de telefones e discou "0" no mais próximo.

Quando a telefonista atendeu, ele disse: — O quarto de Panzella, por favor.

Duncan ficou abismado quando a telefonista mandou—o esperar um pouco e conectou—o.

Estarrecido, ele ouviu o telefone tocar, perguntando—se o que diria.

Decidiu não dizer nada. Não podia deixá—la saber que a encontrara.

Desligou o telefone e se encostou na parede.

Ela estava ali.

Provavelmente Gina passara o dia inteiro ali. Mas o que ela fizera esse tempo todo? E por que se registrara com o próprio nome? Seria uma coisa estúpida de fazer, e Gina era tudo, menos isso.

Não importava. Nada importava. Só o fato de que a encontrara. Tudo que precisava agora era do número do quarto dela. Olhou para o balcão da recepção. Roy estava sozinho ali. Será que uma nota de cem dólares...

E então as portas giratórias moveram—se e o agente especial Canney entrou no saguão. Assustado, Duncan ficou parado onde estava, o coração batendo acelerado.

Não! Logo agora que estou tão perto!

A planta dentro do vaso era alta, e Duncan se escondeu atrás dela.

Espiou entre os galhos. Canney estava mostrando sua identificação para o homem da recepção e falava depressa. Parecia agitado. Gina devia ter entrado em contato com ele. Mas nesse caso, por que estava mostrando sua identificação?

Que importava? Duncan percebeu que a solução estava se apresentando. Os elevadores ficavam apenas a alguns metros de distância. Canney subiria até o quarto de Gina e a traria para baixo, ou talvez a chamasse para descer e encontrá—lo. De qualquer modo, ela teria de passar por Duncan.

Retirou o transdutor do bolso. Gina estaria no perímetro de ação do aparelho. Sentiria uma pontada na coxa, mas seria tarde demais. A DTP

provavelmente só faria efeito depois que Gina chegasse ao prédio do FBI.

Tudo o que Duncan tinha a fazer era esperar. Ele esperara o dia inteiro.

Poderia esperar um pouco mais.

— Quero o número do quarto dela, e quero a chave, e quero agora). — disse Gerry.

O rapaz chamara o gerente —Joel Heinrich, segundo seu crachá. Um homenzinho irritadiço com um bigodinho fino.

— Tenho certeza que você precisa de um mandado para esse tipo de busca.

Não estou autorizado a invadir o quarto de uma hóspede...

— A Dra. Panzella não vem passando bem ultimamente — disse Gerry, improvisando. — Ela não está atendendo ao telefone. Pode estar inconsciente.

— Doente? — O gerente irritadiço evaporou. — Quer dizer que essa moça pode estar com algo contagioso?

Gerry abaixou a voz e se aproximou do gerente para o golpe de misericórdia.

— Não sabemos. Esperamos que não. Aconteceu alguma coisa no laboratório.

Nós a queremos de quarentena com o menor alarde possível, se é que você me entende.

Heinrich entendeu perfeitamente. Assentiu e pegou o telefone.

— Muito bem. Deixe—me checar o quarto dela pelo menos uma vez.

Ele digitou o número, ouviu por um momento e então desligou.

— Pode ter saído para comer alguma coisa.

— Vamos torcer que sim—disse Gerry, mas não estava sendo sincero. Queria encontrar Gina e arrumar toda aquela bagunça. — Se for esse o caso, ficarei aqui até ela voltar.

Heinrich abriu o armário de chaves, selecionou uma e em seguida apontou

para o saguão.

— Os elevadores ficam ali.

Alguns minutos depois chegaram ao quinto andar, e Heinrich bateu à porta do 532. Gerry estava ansioso para entrar no quarto, mas receava o que poderia encontrar.

— Dra. Panzella? Dra. Panzella, é o gerente. Nenhuma resposta.

Por favor, Deus, nada trágico, pensou Gerry quando Heinrich colocou a chave na fechadura. Por favor.

Assim que o gerente abriu a porta, Gerry empurrou—o para o lado e entrou no quarto.

— Espere aqui.

As luzes estavam acesas. Num carrinho de serviço, ao lado da cama desarrumada e vazia, havia um hambúrguer pela metade e fritas nadando no conteúdo de uma lata de Coca—cola virada.

— Gina?

Entrou no banheiro. Um punho de aço apertou seu coração quando Gerry viu a lâmina ensangüentada na pia. Aproximou—se e viu a mancha vermelha na banheira. Gemeu. A porcelana estava completamente manchada de sangue.

Meu Deus, que aconteceu aqui?

Apoiou—se na parede enquanto movia o olhar da banheira para o balcão da pia. Viu a lâmina suja de sangue, as garrafas de álcool e peróxido, linha e uma agulha... ensangüentada.

Primeiro alguma fantasia sobre o presidente ser operado, agora... isso.

Independentemente do que fosse.

— Ai, Gina — sussurrou. — Gina, Gina, o que você fez? Recuou e encontrou Heinrich parado no meio do quarto, parecendo confuso.

— Alguma coisa está errada? Ela está aqui?

Gerry passou por ele e verificou o armário. Vazio. Um olhar na cama lhe disse que não havia espaço para se esconder debaixo do colchão.

— Ela saiu — disse, empurrando Heinrich para o corredor. — Olhe, quero este quarto lacrado. Ninguém... ninguém — pode entrar aí. Nem a faxineira, nem a arrumadeira, nem você nem ninguém. Está claro?

— Mas por quê?

— Por enquanto estou tratando isto como uma cena de crime. Portanto, se alguém entrar neste caso, prenderei você por obstrução da justiça e invasão de local interditado. Estamos entendidos?

— Sim. Claro.

Heinrich pegou a placa de NÃO PERTURBE na maçaneta de dentro da porta e colocou—a do lado de fora. Em seguida fechou a porta e testou—a para ter certeza de que estava trancada.

— Vou avisar que o quarto 532 estará interditado até segunda ordem.

— Bom.

Sim, tudo bem. Heinrich sabia o que tinha a fazer. Mas qual seria o próximo movimento de Gerry? Estava terrivelmente preocupado. O que ela fizera a si mesma naquele banheiro? E onde estava agora?

Tinha de encontrá—la. E depressa. Se já não fosse tarde demais.

Alguma coisa está errada.

Duncan ficou tenso e desapontado quando Canney retornou para o saguão sem Gina. A julgar pela expressão preocupada e pelos modos agitados do rapaz, ele não encontrara o que esperava no quarto do hotel. Ou teria encontrado mais do que esperava?

Duncan queria ter a chave daquele quarto. O que Canney vira? Ele só queria dar uma olhada.

— Alguma pergunta? — ouviu Canney dizer ao gerente. — Está com a descrição dela e tem meu cartão. Se alguém avir, telefone imediatamente para mim. Está claro?

O gerente assentiu e murmurou alguma coisa que Duncan não entendeu. Não parecia essencial. O que importava era que Gina não estava ali. Ela havia saído sem fechar a conta. E Canney não a esperava de volta logo, senão ficaria ali.

Duncan observou Canney sair, mas permaneceu atrás do vaso de plantas mais um pouco, dando ao agente tempo suficiente para chegar ao seu carro. E dando a si mesmo tempo para planejar seu próximo passo.

Gina estava se revelando terrivelmente imprevisível. Duncan sentia os nervos mais tensos a cada hora que passava sem que a encontrasse.

Perguntou—se o quanto mais disso seria capaz de suportar.

Quando ela alugara o quarto? Quanto tempo estivera lá? E onde estava agora? Teria voltado para casa?

Duncan suspirou. Onde mais poderia procurá—la? Teria de voltar ao bairro Adams Morgan e verificar se ela estava lá. Caso contrário, não via nada que pudesse fazer além de ir para casa e aguardar.

Se não a encontrasse logo, teria de mudar os planos para o dia seguinte.

E Duncan não queria fazer isso.

*** 35**

NOITE DE QUINTA—FEIRA

Gina enfiou a cabeça para fora da janela do táxi e olhou para os dois sentidos da Connecticut Avenue.

— Ele já não devia ter chegado?

O motorista de táxi encostou—se contra o pára—lamas em frente ao capo aberto do seu veículo e deu uma tragada num pequeno charuto.

— Eu chamei. Ele vai chegar a qualquer minuto.

Ela se encostou novamente no assento do carro. Não queria ficar parada no meio da rua, avista de todos. Foi por causa disso que pedira ao motorista que chamasse outro táxi. Mas talvez devesse ter se arriscado e feito sinal para algum. A essa altura, dezenas de táxis já haviam passado. Se tivesse apanhado algum, já estaria na casa de Oliver.

Mas estava com os nervos à flor da pele desde que o telefone do quarto de hotel tocara... Tinha levado um susto terrível, derrubando a Coca—Cola e quase engasgando com uma batata frita.

Talvez tivesse sido engano—alguém ligando para o 533 ou o 432 —e talvez não. Ou talvez fosse Gerry. Talvez ela jamais soubesse.

Qualquer que fosse sua origem, o toque súbito do telefone desequilibrara Gina completamente. Durante algum tempo, ficara paralisada, olhando para o telefone, pensando que alguém a encontrara, e então fugira. Sem nenhum planejamento ou precauções. Nem mesmo esperara por um elevador. Descera correndo as escadas e atravessara o saguão a passos largos, direto até a rua.

Pensando agora, percebeu o quanto se mostrara imprudente. Mas tinha de sair dali, naquele momento, nem um segundo mais tarde.

O hotel que fora seu refúgio a tarde inteira subitamente se tornara uma armadilha.

Felizmente o saguão estava vazio quando ela passou. Aquela tinha sido sua sorte. Seu azar fora pegar um táxi que enguiçaria a alguns quarteirões do hotel.

— Ele está chegando — disse o motorista.

Gina colocou a cabeça para fora da janela e viu outro táxi Diamond parar ao lado do deles. Saiu, acenou em agradecimento para o motorista e cumprimentou o recém—chegado. Deu ao motorista o endereço de Oliver e foi jogada contra seu banco quando o táxi arrancou repentinamente. Gina sentiu uma pontada de dor na perna.

Tudo bem. Estava novamente a caminho. Não haveria mais imprevistos.

Realmente, quais seriam as chances de pegar dois táxis com defeito em seguida? ínfimas. Permitiu—se relaxar e começou a ensaiar como contaria tudo a Oliver.

Quando o táxi parou num sinal vermelho no Círculo Dupont, Gina olhou pela janela à sua direita. Um calafrio atravessou—lhe os ombros quando um capo preto, com o familiar ornamento da estrela de três pontas, entrou em seu campo de visão. Gina ficou sem respirar, enquanto olhava pela pontinha da janela do táxi.

Apenas uma mercedes preta, disse a si mesma. Havia milhares delas na capital.

Amercedes ganhou velocidade, ansiosa para já estar no sinal quando ficasse verde. Aos poucos, foi possível ver o pára—brisa, o volante e as mãos que o seguravam. Mãos de homem. Finalmente Ginaviu o motorista.

Gina tremeu e se apertou contra o assento.

Duncan.

Fique calma, fique calma. Ele não pode ver você.

Mas ele estava ali, apenas a alguns metros. Será que ficara no centro da cidade esse tempo todo? Meu Deus, ela poderia ter dado de cara com ele ao sair do hotel. A pessoa ao telefone devia ter sido Duncan. Mas ele não estava no saguão. Talvez estivesse ligando para todos os hotéis da cidade pedindo o quarto de Gina Panzella. Mas então por que estava se afastando do Tremont e não indo para ele? Aquilo não fazia sentido, nenhum sentido...

Gina ficou espremida no assento, rezando para o sinal abrir. Quando o sinal finalmente ficou verde, o táxi e a mercedes entraram juntos no círculo. Mas no meio do percurso, o carro de Duncan dobrou na Connecticut, enquanto o táxi de Gina permaneceu no círculo até chegar à P Street.

Gina relaxou. Estava segura. Mas para onde ele estava indo? A Connecticut não o levaria para casa. Aquele era o caminho para...

... o meu apartamento.

Gina considerou suas opções enquanto o táxi pegou a P Street e dali subiu a Wisconsin, na direção do subúrbio de Bethesda. Seu plano original fora telefonar do quarto de hotel para Oliver antes de ir até a casa dele. Mas fugira antes de poder telefonar. Talvez isso pudesse funcionar a seu favor. Talvez fosse melhor pegar Oliver de surpresa. E se ele falasse com Duncan enquanto ela estivesse indo até a casa dele?

Ela estremeceu. Seria melhor—mais seguro — bater à porta de Oliver e improvisar daí em diante.

Gina avistou o Observatório Naval à sua direita. Estava chegando.

O táxi dobrou à esquerda na Wisconsin, e logo Gina estava inclinada para a frente, atenta para qualquer sinal de uma mercedes preta na rua. Não podia imaginar como Duncan poderia ter chegado antes deles depois de entrar na Connecticut, mas ela havia aprendido da pior maneira a nunca ter certeza de nada quando esse homem estivesse envolvido.

Não havia nenhuma mercedes avista. Ela pagou ao motorista e correu até a porta. Tocou a campainha, temendo ver quem atenderia. Sua vida parecia ter virado um filme de Hitchcock. Ficaria apenas um pouco surpresa se fosse atendida por Duncan.

— Gina? — disse Oliver ao abrir a porta. — O que está fazendo aqui? — Ele abriu a porta de tela. —Vamos, entre.

— Espero não estar interrompendo nada—desculpou—se Gina, os olhos rapidamente vasculhando a sala de estar e o que podia ver da sala de jantar. — Você está com alguém?

Ele sorriu e fechou a porta atrás dela. Oliver estava vestindo um suéter em gola de V sobre a camisa branca usual, e usando chinelos.

— Não. Mas seria uma boa idéia. Sinto—me empolgado demais com o compromisso de amanhã para dormir. Estou feliz por você ter vindo.

— Você talvez não fique depois que tiver terminado o que tenho a dizer.

O sorriso de Oliver desapareceu.

— Alguma coisa errada?

— Sim — respondeu Gina, tirando o frasco do bolso e pressionando—o contra a mão de Oliver. — Isto.

Ele olhou para o conteúdo do frasco.

— Um implante?

— Sim. Eu o tirei da minha perna esta manhã Oliver a fitou com uma expressão desorientada.

— Quê? Como...?

Gina decidiu contar tudo de uma vez. Observaria com cuidado a expressão de Oliver. Se por um instante ele parecesse não estar chocado, ou se estivesse fingindo surpresa, Gina sairia correndo para a porta.

— Duncan enfiou esse implante na minha perna ontem à noite enquanto eu estava desmaiada. Ele passou o dia me perseguindo para tentar dissolvê—lo com ultra—som.

Os lábios de Oliver insinuaram um sorriso.

— É uma piada, não é? Você e Duncan...

— Não é piada, Oliver. Esta coisa está cheia de DTP.

— DTP?—disse Oliver, ainda sorrindo.—O que é...—Então seu sorriso esvaneceu.—DTP? Como você sabe a respeito da DTP?

— Dietilamida triptolínica. Duncan guarda um frasco disso no escritório.

— Impossível. é um composto extinto.

— Eu sei. Foi testado e descartado pela GEM Pharma, a empresa na qual você trabalhou.

— Isso mesmo. Eu tenho a última amostra.

— Mesmo? Onde?

— Guardo no porão. Venha, vou te mostrar.

Oliver conduziu Gina através da sala de jantar. Dali desceram uma escada até o porão.

— Este é o meu pequeno laboratório pessoal—disse ao ligar as lâmpadas fluorescentes.—Durante anos passei todas as noites da semana e cada momento de folga aqui.

Gina olhou em torno. O porão amplo abrigava mesas de trabalho com retortas, lamparinas, centrífugas e fileiras de outros equipamentos que ela não reconheceu, todos enferrujados pelo desuso.

— Foi aqui que...

— Hum—hum. Desenvolvi o implante membranoso. E ali... Acendeu mais luzes.

— Este é o meu "museu de cera". É aqui que guardo todos os compostos inúteis ou interrompidos nos quais trabalhei durante meus anos na GEM.

Guardo uma amostra de cada um.

Gina ficou estarrecida ao ver as fileiras de frascos que se estendiam de um lado a outro da parede. Ali havia centenas deles, talvez mil.

— São tantos. Como você consegue encontrar um específico?

— Fácil. Estão em ordem alfabética. —Abriu um sorriso tímido. —Não consigo evitar. Sou um metódico incorrigível.

Oliver correu um dedo ao logo das fileiras.

— R... S... T...—Ele olhou algumas garrafas, resmungou algumas vezes, e então virou—se para Gina. — E—eu... a DTP... não está aqui.

— Eu sei — disse Gina, apontando para o frasco de pílulas que Oliver ainda segurava na mão esquerda. — Um pouco está aí. Duncan está com o restante.

Oliver olhou para o frasco, e em seguida para Gina.

— Você só pode estar enganada. Duncan não faria uma coisa dessas. Que razão ele teria para isso?

— Porque eu sei a respeito dos outros.

— Outros?

— Vamos subir que explico tudo.

Sentaram—se na cozinha, Gina segurando uma lata de Pepsi e o frasco contendo o implante parado entre eles no centro da mesa. Oliver estava inclinado para a frente, ouvindo com atenção, uma expressão de horror crescente no rosto enquanto Gina expunha suas suspeitas sobre como Duncan matara ou invalidara os senadores Vincent e Schulz e os deputados Allard e Lane.

Gina tremeu de frio. Era a Pepsi ou estava ficando com febre? Sua força parecia estar sumindo.

— Está se sentindo bem?

— Minha incisão pode estar ficando infectada.

— Que incisão? —"" Como mostrar era melhor que falar, Gina se levantou, abriu o zíper da calça jeans e virou—se de lado, enquanto baixava a calça até os joelhos.

— Gina! — disse Oliver, virando o rosto por pudor, mas então viu o esparadrapo na coxa dela.

Gina puxou o esparadrapo e em seguida levantou um pouco a gaze para revelar a incisão. As bordas agora estavam ainda mais vermelhas.

— Meu Deus!—exclamou Oliver, aterrorizado. —Você fez isso? A si mesma?

Gina o deixou dar uma boa olhada; em seguida recolocou a gaze de volta no lugar e voltou a prendê—la com o esparadrapo.

— Como mais eu ia tirar isso, Oliver?

Oliver não disse nada. Simplesmente permaneceu ali, fitando Gina, os olhos cheios de espanto.

— Tem algum antibiótico em casa? — perguntou Gina, enquanto puxava a calça de volta à cintura.

— Tenho amoxicilina.

Não seria a primeira escolha de Gina, mas por enquanto bastaria.

— Posso tomar um pouco?

— Claro.

Ele saiu da cozinha e retornou um minuto depois com um frasco plástico.

Gina engoliu quatro cápsulas de 500 miligramas com água e guardou mais quatro no bolso, para mais tarde.

Oliver estava fitando o frasco com o implante, balançando a cabeça e falando mais para si mesmo do que para Gina.

— Eu... eu não posso acreditar que Duncan faria uma coisa dessas. Bem, talvez aos membros da comissão... Nisso eu posso acreditar... Quero dizer, depois que Lisa morreu ele ficou enlouquecido de raiva, fez todos os tipos de ameaças... mas você... ele quer todo o bem do mundo para você... ele jamais...

Pobre Oliver, pensou ela. A imagem heróica que fazia do irmão mais velho estava desmoronando diante de seus olhos.

— Duncan tem consciência de que represento uma ameaça para ele. E sabe que vou impedir a operação de amanhã.

Oliver levantou a cabeça de repente.

— Amanhã? Oh, não! Você não acha... ele não seria capás!

— Seria sim. Foi por causa disso que injetou o implante em mim. Para poder fazer o mesmo com o presidente.

Oliver se levantou.

— Preciso ver Duncan. Preciso impedi—lo. Tenho de falar com ele. Ele vai me escutar.

— Vai mesmo? Eu não contaria com isso.

— Ele terá de me escutar. Agora duas pessoas sabem. E logo mais pessoas saberão.—Pegou um casaco que estivera pendurado no encosto de uma cadeira. —Ele está derrotado. Mas ainda assim preciso vê—lo. — Os olhos de Oliver faiscaram de raiva.—Imagine usar meus implantes para uma coisa como essa! Eu devia...

Não terminou o pensamento. Em vez disso, apontou para o frasco sobre a mesa.

— Posso levar comigo?

Gina pegou—o e segurou—o com força.

— Não. Desculpe. Esta é a única prova que tenho de que não inventei esta coisa toda. Não vou perdê—lo de vista. E assim que você confrontar Duncan ele saberá que você descobriu onde estou. E como tenho a única prova contra ele, acho que deveria desaparecer por algum tempo.

— Boa idéia. É melhor nem me dizer para onde você vai, apenas para o caso...—Ele balançou a cabeça para afastar os pensamentos. —Como é que eu ia imaginar que um dia pensaria uma coisa dessas do meu irmão?

— Entendo como você se sente. Pode chamar um táxi para mim? Enquanto Oliver telefonava para a empresa de táxi, Gina sentiu outro arrepio que a fez bater os dentes. Definitivamente estava ficando com febre. Rezou para que aquilo que a estivesse infectando não fosse resistente à penicilina.

— Vão mandar um daqui a dez minutos — disse Oliver. — Vou ligar para

Duncan.

— Não.

— Apenas para saber se ele está em casa. Não há motivo para eu ir lá se ele não estiver.

Ele discou, esperou um pouco e então disse: — Duncan, sou eu. Precisamos conversar. Por telefone, não. Pessoalmente.

Explicarei tudo quando chegar aí. Nos vemos daqui a pouco.

Desligou e caminhou apressadamente até a porta.

— Me deseje sorte — disse. — E feche a porta ao sair.

Gina estremeceu novamente quando a porta da frente se fechou atrás de Oliver. Estava quase terminado. Duncan estava em casa. Oliver se dirigia para lá. Um táxi estava chegando ali. Mas para onde ela iria?

Não para outro hotel. Não conseguia suportar a idéia de ficar em mais uma lata de sardinhas equipada com cama e TV.

A casa dos pais? O velho lar dos Panzella. O pensamento confortou—a.

Faria uma parada rápida em seu apartamento para mudar de roupas e em seguida iria para Arlington. Estaria a salvo lá. Sentiu mais um calafrio. E aquecida.

Onde estava o táxi? Olhou pela janela, mas a rua encontrava—se vazia.

Caminhou até o fundo do corredor e achou o banheiro de Oliver. Na prateleira de cima do armário de remédios encontrou um termômetro.

Lavou—o, agitou—o e colocou—o na boca. Depois de alguns minutos, checou—o: 39 graus.

Por isso sinto tanto frio, pensou. Estou ardendo em febre.

Bem, tinha dois gramas de amoxicilina atravessando sua corrente sanguínea. Era bom que ela funcionasse rápido. Como deixara seu antitérmico no hotel, pegou alguns do de Oliver.

Ouviu uma buzina de carro do lado de fora. Atravessou correndo a sala de estar e espiou por um canto da janela. Seu coração estava acelerado pela febre e pelo medo.

Se entrei num filme B, pensou Gina, haverá uma mercedes preta lá fora.

Mas não. Era o táxi. Saiu para a rua, pensando que se estivesse num filme de terceira categoria, encontraria Duncan atrás do volante, disfarçado de motorista. Mas um rosto negro apareceu na janela quando ela se aproximou. O motorista abriu a porta de trás para Gina entrar.

— Para onde?

Gina deu—lhe seu endereço e eles saíram. Ficou encolhida no banco

traseiro, tremendo.

— Você poderia ligar o aquecedor?—perguntou Gina. Estava com tanto frio que seus dentes batiam.

Duncan estava sentado mudo, atônito. A chegada de Oliver o pegara completamente de surpresa. Nunca vira o irmão assim. Oliver irrompera na sala e iniciara imediatamente um ataque verbal implacável. Duncan não sabia o que o chocava mais — a fúria de Oliver ou o fato de Gina tê—lo procurado e contado tudo.

As palavras de Oliver saíam como de uma metralhadora, não deixando espaço para Duncan intervir. Contou como Gina abrira a própria perna naquele quarto de hotel e removera um implante com artigos comprados numa drugstore.

Duncan tinha de admirar a determinação inabalável e a fibra de Gina. Se seus papéis estivessem invertidos, Duncan duvidava que ele fosse capaz de fazer o mesmo. Mas estava satisfeito por não a ter subestimado. Até certo ponto, ele antecipara isso. A jovem não sabia o significado da palavra desistir. E ainda estava determinada a detê—lo.

E talvez conseguisse. O mundo de Duncan parecia a ponto de desmoronar.

Ao seu redor giravam visões de manchetes nos jornais, julgamentos e...

prisão. Tudo começava a desabar...

Procurou esquecer as visões. Teria de conseguir um acordo com Oliver.

Ainda era possível salvar a situação. Mas para isso Duncan teria de agir rápido. E antes de fazer qualquer coisa, precisaria neutralizar o irmão.

— O que ela lhe disse? O que foi que ela disse que removeu da perna? — perguntou Duncan.

— Um implante... um dos meus implantes... cheio de DTP. Duncan se levantou abruptamente da poltrona, adotando uma postura indignada.

— Evocê acreditou nessa história fantástica? Mas Oliver não recuou.

Fitou o rosto de Duncan.

— Gina estava com o implante ensangüentado num frasco. Ela me mostrou.

Tinha uma incisão recente na perna. Mostrou—me isso também. Ela sabe sobre a DTP, Duncan. Como ela poderia saber sobre a DTP se não a tivesse encontrado no seu escritório, como me contou? E no caminho de volta para cá, lembrei de nossa conversa a respeito do meu "museu de cera" no início deste ano, quando lhe falei sobre a DTP Você ficou muito interessado, quis saber tudo a respeito. E esta noite descobri que meu frasco com o medicamento não estava mais na galeria. Onde está minha DTP, Duncan?

Merda. Ele fora apanhado. Não havia como negar isso. Mas o pior de tudo

era a expressão nos olhos de Oliver. O olhar de quase adoração sumira.

Em seu lugar havia apenas raiva... e medo.

Meu irmão está com medo de mim.

Aquilo doía. Mas era justificável.

Não tenha medo de mim, Oliver. Mesmo se eu não puder explicar a DTP.

DTP Essa era a base da argumentação de Gina. Duncan poderia descrever o restante que ela dissera ou fizera como resultado de uma doença mental.

Mas a maldita DTP. aquilo era verdade. E Oliver conhecia o composto melhor do que qualquer um. E ele já adivinhara que em visita à casa dele, Duncan descera até o porão e removera a última amostra de DTP

existente no mundo.

— Responda, Duncan—insistiu Oliver.—Onde está a DTP e o que você tem feito com ela?

Não adiantava negar que ele apanhara o composto. Ele deixou cair os ombros e suspirou:

— Está lá embaixo. — Virou—se e começou a se afastar. — Vou mostrar a você.

A confissão de Duncan exerceu uma mudança radical no comportamento de Oliver. De repente ele estava gentil.

— Você tem trabalhado demais, Duncan — disse, enquanto o seguia até o porão. — Eu lhe falei isso várias vezes. Você precisa de um longo repouso e de... talvez devesse conversar com alguém.

— Acha que preciso de psicoterapia?

— Bem, sim.

Oliver estava visivelmente constrangido ao dizer ao irmão, o médico, que ele precisava ver outro médico.

— Acho que poderia ser uma boa idéia. Tenho estado sob um estresse terrível ultimamente. E nunca me recuperei da morte de Lisa... de tê—la achado daquela forma.

— Eu sei, Duncan. Você sofreu muito.

Duncan acendeu as luzes. O porão da casa fora reformado, mas estava empoeirado e úmido. Os donos anteriores tinham transformado o porão numa sala de jogos, mas Duncan raramente descia ali. Conduziu Oliver até o centro da sala. Em seguida parou e olhou em volta, fingindo—se intrigado.

— Onde deixei mesmo? —Virou—se num círculo lento, e em seguida estalou os dedos. —Já sei! Espere aqui.

Correu até as escadas e galgou os degraus até o térreo, onde fechou a porta

do porão e trancou—a. Ouviu Oliver subir correndo os degraus, forçar a maçaneta e bater do outro lado.

— Duncan! Duncan! Não faça isso! É loucura!

— Só tenho mais uma coisa a fazer, Oliver—disse Duncan, enquanto escorava a porta com uma das pesadas cadeiras da cozinha. Por precaução, colocou atrás da cadeira a mesa da cozinha. — Procure ficar à vontade aí embaixo. Deixarei você sair mais tarde, depois que eu terminar.

Lá embaixo não havia janelas, nem telefone. Oliver permaneceria neutralizado até que Duncan tivesse terminado o que tinha a fazer.

— Ela não está na minha casa, se é o que está pensando. Eu lhe disse para ir para um lugar seguro e nem sei que lugar é esse. Portanto, se você está pensando em encontrá—la e destruir a prova, esqueça. Nunca vai encontrá—la.

— Veremos isso — disse Duncan.

Havia uma boa chance de Gina passar pelo apartamento dela antes de se esconder. Especialmente se ela se sentia segura.

Duncan checou o bolso do casaco para ter certeza se estava com o transdutor em miniatura, e em seguida correu para a garagem.

Sim, como Oliver adivinhara, ele estava interessado em recuperar o implante que Gina extirpara da perna. Representava uma prova concreta contra ele. Mas não era o único.

Ainda bem que ele tivera a visão de colocar dois implantes na coxa de Gina.

Gina tinha a impressão de que seu apartamento estava cheio de água. Cada movimento que fazia era um esforço. O próprio ar ao seu redor pesava sobre os ombros. Fora uma provação terrível até mesmo arrastar—se até a cama, que estava desfeita desde a manhã, e puxar os cobertores sobre a cabeça.

Pelo menos pudera trocar de roupas. Um banho teria sido maravilhoso, mas ela não podia desperdiçar tempo. Tomaria um em Arlington e, para explicar sua aparência, diria aos pais que estava gripada ou coisa assim.

Estava se sentindo mais fraca do que nunca quando terminou de guardar mais roupas numa pequena bolsa de ginástica. Mas pelo menos o calafrio passara. Na verdade, estava começando a sentir—se aquecida. Até mesmo com calor. Talvez a amoxicilina estivesse surtindo efeito. Ou talvez o antitérmico estivesse anulando a febre. Ela estava realmente um pouco suada agora.

Mas sentiu um arrepio quando pensou ter ouvido alguém abrir a porta da frente.

A porta da frente?

Oh, não. Não podia ser.

Tremendo, sentindo—se mais fraca a cada batida de coração, caminhou até a porta do quarto e espiou a sala. Parecia vazia. Mas estava escura, cheia de sombras compridas projetadas pela luz de seu quarto. Deixara a luz da sala apagada, pois se alguma pessoa passasse pela rua não deduziria que houvesse alguém em casa.

Gina fixou o olhar na mesinha onde deixara o implante. Ainda estava lá.

Correu até lá e agarrou o frasco. Sim. Era a mesma garrafa. E ali estava o implante, a salvo em seu interior.

Subitamente o frasco estremeceu contra a pele dela. Gina observou aterrorizada quando o implante vibrou e se dissolveu numa poça de líquido. A membrana sumira, deixando apenas a DTP e alguns resquícios de sangue coagulado.

Ouviu um ruído atrás dela e Duncan estava lá, saindo das sombras, com opager na mão. Lágrimas corriam pelas faces dele. Tinha a expressão torturada, a voz embargada. Gina se virou para correr, para gritar por ajuda, mas não conseguiu. Estava com a boca seca, e sentia—se fraca. Sem tirar os olhos de Duncan, Gina esticou a mão trêmula e encontrou a beira do sofá. Dois passos foi tudo que conseguiu antes de tombar sobre as almofadas.

— Sinto muito, Gina. Você não me deixou nenhuma alternativa. Preciso fazer isso. Não é só para mim. É para todos nós.

Gina abriu a boca mas não conseguiu falar. O corpo dela estava banhado em suor. Ela podia senti—lo correndo por sua pele. Um zumbido ecoava em sua cabeça.

Duncan deu um passo para a frente e tomou o frasco dos dedos pegajosos e insensíveis de Gina.

— Sei que você jamais me perdoará, Gina, mas espero que algum dia entenda por que tive de fazer isto.

O zumbido ficou mais alto quando Gina tentou levantar—se do sofá para alcançar Duncan e atracar—se com ele, mas a sala já na penumbra ficou completamente escura, e o zumbido explodiu num rugido ensurdecedor. Gina percebeu que estava caindo para trás. Mas não chegou a perceber quando bateu no chão.

*** 36**

SEXTA—FEIRA

Duncan perdera toda a paixão pelo seu plano.

Sentia—se terrivelmente mal. Dirigindo através de Chevy Chase durante as primeiras horas da manhã, Duncan não pensava em outra coisa senão em Gina. Fora assim durante a noite inteira. Queria saber como ela estava.

Depois de seu encontro com Gina, Duncan se encaminhara até um telefone público, discara 911, dera o endereço de Gina à telefonista e dissera que havia uma mulher inconsciente no apartamento. Uma equipe de emergência iria resgatá—la e levála até um hospital. Duncan não ficara para presenciar isso. A polícia estaria atenta para todos os transeuntes, tentando adivinhar quem dera o telefonema. Duncan não podia permitir que fosse visto.

Duncan decidira no último momento que colocaria um segundo implante no trocarte depois de ter perfurado a coxa de Gina. Uma voz subliminar, mais atenta à tenacidade de Gina do que sua mente consciente, sussurrara para Duncan, dizendo que, em relação a Gina, todo cuidado era pouco. E de fato, a voz interior de Duncan acertara em cheio. Gina abrira a própria perna e arrancara um dos implantes.

Mas apenas um. Duncan dissolvera ambos — o do frasco e o que ainda estava na coxa. A prova fora anulada e também uma mente brilhante.

Levariam anos até que os efeitos da DTP desaparecessem. Depois que se recobrasse, seria praticamente impossível para Gina recuperar a licença médica. Todos os seus anos de treinamento teriam sido em vão. Todas as suas esperanças de uma carreira em medicina seriam destruídas.

Duncan chorara como uma criança enquanto voltara para casa. Ele entrara sorrateiramente na própria casa para não ter de falar com Oliver. Sabia que o irmão estava confortável lá no porão. O aposento era aquecido e provido de um banheiro. Lá embaixo havia também uma geladeira cheia de sucos e bebidas. Todas as conveniências da vida moderna, menos um telefone.

Oliver provavelmente teve uma noite mais confortável que a minha, pensou Duncan.

Duncan deitara no sofá, onde passara a noite inteira acordado, ouvindo Oliver ocasionalmente gritar seu nome, e relembrando a expressão magoada e aterrorizada de Gina antes de desmaiar.

Durante algum tempo pensou em abandonar todos os seus planos. Poderia telefonar para o agente do serviço secreto que lhe dera o cartão, o tal Decker, e

dizer—lhe que a cirurgia fora cancelada. Ou telefonar para o Dr. VanDuyne e mandar o presidente para o inferno. Ele que encontrasse outro cirurgião para consertar suas malditas pálpebras.

Mas depois de tudo que passara, Duncan não podia se permitir esse luxo.

Não depois do que fizera com Gina. Fizera aquilo em nome de uma causa.

Não prosseguir o plano significaria que ele a fizera sofrer por nada. E isso seria monstruoso.

Era por causa disso que ele estava dirigindo para o centro cirúrgico às quatro e meia da manhã, meia hora mais cedo do que planejara. Oliver continuava trancado no porão. Assim que o presidente saísse para Camp David, com sorte carregando um implante na coxa, Duncan retornaria para casa e libertaria Oliver. O que aconteceria em seguida caberia ao irmão caçula.

Talvez convencesse Oliver a ficar calado. Ele devolveria a DTP restante e juraria não fazer nada ao presidente. Diria que passara por um período de comportamento aberrante mas que estava melhor agora, e que se submeteria à terapia. Alegaria não saber nada sobre a condição de Gina, e juraria que a procurara a noite inteira sem conseguir achá—la.

Oliver suspeitaria, mas não teria como saber. Afinal, Gina removera o implante—o próprio Oliver o vira. E se Duncan pudesse convencê—lo de que dali em diante seria um bom menino, que deixaria tudo para trás, Oliver talvez não o delatasse. Talvez.

Afinal, se o caso se tornasse público, a condenação atingiria também Oliver e seus implantes. Sua invenção estaria maculada para sempre porque fora usada com intenções perniciosas. A FDA talvez até mesmo deixasse de aprovar a substância.

Oliver ficará calado, disse Duncan a si mesmo. Se eu for prejudicado, ele também sofrerá com isso. E ele sabendo que o bem que os implantes dele podem fazer compensará toda a dor que causei.

Duncan destrancou a entrada particular e entrou. Caminhou até o teclado do alarme para desativá—lo, mas o encontrou desligado. Droga. Barbara esquecera de ligá—lo ao sair. Se não fosse uma excelente secretária...

Duncan pensaria nisso na semana seguinte. No momento, tinha outras preocupações. Em meia hora, uma equipe do serviço secreto chegaria ao prédio para organizar a segurança.

Tinha tempo de sobra para encher um implante com DTP.

Acendeu as luzes do corredor e entrou no escritório. Ao acender as luzes, deparou com seus livros, diários e documentos espalhados pelo chão. O

escritório fora completamente revirado. Alguém entrara aqui à procura de alguma coisa. Quem? A procura do quê?

Da DTP?

Correu até a mesa. Gemeu ao ver que a gaveta superior fora arrombada.

Era como se alguém a tivesse aberto a marteladas. Verificou o interior da gaveta. A garrafa de DTP desaparecera. E o trocarte também.

Não!

Seu coração começou a bater freneticamente. Correu de volta até o corredor e olhou nos dois sentidos.

Mas quem? Aprisionara Oliver, e Gina estava numa sala de emergência em algum lugar. Quem mais sabia a respeito...

Duncan girou sobre os calcanhares ao escutar um ruído leve, como uma cadeira sendo movida. Viera do fundo do corredor. Ele viu que a porta para o andar inferior estava aberta. No subsolo? Quem estaria na sala de registros ou no...

Laboratório de Oliver!

Movendo—se o mais silenciosamente que pôde, Duncan atravessou o corredor e desceu as escadas na ponta dos pés. No andar de baixo, viu uma luz vazando pela porta aberta do laboratório de Oliver. E ruídos vinham de lá. Oliver devia ter fugido do porão. Gina contara—lhe onde a DTP estava escondida e agora ele estava livrando—se dela.

Esquecendo toda cautela, Duncan correu até a porta.

— Oli—! —A palavra ficou presa na garganta, e Duncan ficou sem ar.

Uma mulher pálida e desmazelada, de longos cabelos escuros e vestindo suéter e calças de moletom, estava parada diante do balcão, segurando o frasco de DTP. Virou—se para olhar. Seus olhos arregalados e chocados cuspiram fogo contra ele.

Duncan recuperou a voz.

— Gina!

Ela ergueu o braço para arremessar o frasco contra Duncan, mas o médico investiu para a frente, segurando—a pelo pulso antes que ela completasse o movimento. Gina gritou, arranhando o rosto de Duncan com as unhas e batendo —lhe com a mão livre. Ela é forte como uma tigresa, pensou Duncan, enquanto tentava agarrar o frasco com a ponta dos dedos.

Finalmente conseguiu empurrá—la e puxar o frasco. Enfurecida, Gina o atacou com as mãos, berrando palavras desconexas entre os dentes cerrados. Parecia uma loba ferida. Fora isso que a DTP fizera a ela?

Gina se desvencilhou de Duncan e correu para a porta. Duncan agarrou—a pelo braço e jogou—a contra o balcão; em seguida, fechou a porta e se encostou contra ela.

Duncan e Gina olharam um nos olhos do outro, ambos arfando.

— Filho da puta! — gritou ela, enquanto lágrimas corriam—lhe dos olhos— Seu veado filho duma puta! Como pôde fazer aquilo comigo?

Dito isso, Gina cruzou os braços sobre o balcão, abaixou a cabeça sobre eles e começou a chorar.

Duncan se sentiu confuso. Parecia sã agora. Irada, sim, mas completamente racional. Mas o implante... a DTP Será que o transdutor não conseguira dissolvê—lo?

Só podia ser isso. Pilha fraca, interferência, ou qualquer outro motivo.

O ultra—som falhara.

O que faria agora?

De uma coisa Duncan tinha certeza: precisava de tempo para pensar.

Voltou—se para a porta, encontrou o ferrolho e fechou—o. Isso pelo menos retardaria Gina se ela tentasse...

Duncan gritou ao sentir uma pontada aguda na parte traseira da coxa.

Colocou a mão sobre o local da dor e se virou.

~ Gina estava parada a centímetros de Duncan, encarando—o, enquanto segurava o trocarte na mão como uma adaga.

O sangue de Duncan gelou. Puxou o trocarte das mãos de Gina.

— Não! Você não pôde ter feito isso, Gina! Não pôde! Gina assentiu lentamente, esboçando um sorriso malicioso. Olhando por sobre o ombro, Duncan localizou uma bandeja no balcão com os três implantes e uma seringa. Tocou novamente a parte de trás da perna e olhou os dedos.

Sangue.

O medo que Duncan estava sentindo deu lugar à raiva. Mas ao dar um passo na direção de Gina, ela levantou a outra mão. Seus dedos envolviam o controle do transdutor de ultra—som que Oliver usava para seus experimentos com as membranas—implante.

Duncan recuou, batendo de costas contra a porta.

— Não, Gina!—Ele quis gritar, mas as palavras saíram como um sussurro rouco. — Por favor... não!

— Por que não? — perguntou Gina, ainda com um sorriso sádico.

O brilho selvagem nos olhos dela aterrorizou Duncan até a alma. Parecia à beira de um colapso. Uma palavra errada, um movimento errado, e ela perderia

completamente o controle.

— Por que não?— repetiu. —Você quis fazer isso comigo!

— Não, Gina. Essa era a última coisa que eu queria. Eu não tinha escolha. Eu...

— Não me venha com mentiras! — gritou, apontando o transdutor contra ele. — Desmaiei ontem porque eu estava doente, assustada e fraca. Você achou que era a DTP atingindo meu organismo. Você tentou fritar meu cérebro ontem à noite, Duncan. E chegou muito perto. Se não tivesse roçado a ponta do dedo naquele segundo implante quando estava cavando atrás do primeiro, eu estaria agora numa cela acolchoada no D.C.

General. Por sorte, recobrei os sentidos e saí do meu apartamento antes da ambulância chegar.

— O que é uma prova de que eu não queria feri—la. Fui eu quem chamou a ambulância.

— Certo. Depois de disparar o ultra—som contra mim.

Ela se aproximou e Duncan se moveu para a direita. Ele não ousaria tentar tirar o controle do transdutor das mãos de Gina. Ela já estava com o dedo sobre o botão. Uma pequena pressão e o implante em sua perna se dissolveria, e logo o mesmo aconteceria com a mente. Tinha de mantê—la falando.

— Você não compreende—disse, continuando a se mover para a direita. — Oliver me disse que você removera os dois implantes. Eu fui lá apenas...

— Oliver não sabia disso! Ele viu apenas aquele no frasco, o segundo. O primeiro caiu na banheira, dissolveu e escoou pelo ralo.

Duncan continuou se movendo, centímetros por vez. Adoraria colocar o balcão entre os dois, mas Gina estava acompanhando cada movimento, brandindo aquele transdutor contra ele.

— Gina...

— Como teve coragem de fazer aquilo comigo, Duncan? Como pôde tentar arruinar minha vida desse jeito? Você poderia muito bem ter posto uma arma na minha cabeça. Eu confiei em você, Duncan!

O coração de Duncan começou a bater mais forte quando viu a fúria crescer nos olhos de Gina. Olhou em torno, procurando por uma arma, uma saída, qualquer coisa, mas estava encurralado. Teria de parar de recuar e se arriscar numa luta contra ela.

Súbito, Duncan avistou sua salvação, a menos de meio metro de distância.

Se ele pudesse alcançá—lo...

— E eu confiei em você, Gina!—exclamou Duncan, tentando ganhar algum

tempo colocando—a na defensiva. — Eu lhe dei um trabalho, lhe dei as chaves do meu prédio e o que você fez? Você arrombou a minha gaveta e invadiu a minha privacidade!

A fúria nos olhos de Gina diminuiu, mas apenas ligeiramente.

— Como descobriu isso?

Ele estava perto agora, quase dava para alcançar. Se pudesse esticar a mão...

— Você deixou um pedaço da sua gazua para trás. — Ele levantou a mão direita mantendo o dedão e o indicador a meio centímetro um do outro. — Só um pequeno...

Com um movimento brusco, segurou o cabo de força da unidade de ultra—som e puxou—o da parede, deixando Gina segurando um pedaço de metal inerte.

Levantou a mão.

— Dê—me isso, Gina. Não serve para mais nada.

— Não conte com isso!

Gina deu um passo para trás e jogou o controle do transdutor contra o rosto de Duncan, que se esquivou, mas não a tempo de evitá—lo por completo. O controle do transdutor chocou—se dolorosamente contra seu crânio. Quando ele se empertigou, balançando a cabeça para espantar a dor e olhou em volta, Gina soltara o ferrolho da porta e a estava abrindo. Saiu antes dele conseguir agarrá—la.

Gina arfava ao subir correndo os degraus. Tomara o restante dos antibióticos que pegara no banheiro de Oliver, mas ainda se sentia mal e fraca. Não conseguiria manter uma grande distância entre si e Duncan por muito tempo.

Alcançou o andar térreo e desatou a correr...

Direto para os braços de três homens de terno.

— Que diabos você está fazendo aqui? — disse o moreno alto no meio, enquanto o outro à sua direita, aquele contra quem se chocara, segurava firme o braço de Gina. Os dedos do homem pareciam de aço. Jamais conseguiria se soltar dele.

— Agente Decker! — disse a voz de Duncan atrás dela. — Graças a Deus vocês já chegaram! Encontrei esta jovem aqui quando cheguei.

Aparentemente ela invadiu o prédio durante a noite. — Ele levantou o trocarte. —Acaba de me ferir com isto.

Gina virou—se e viu Duncan parado à porta para o subsolo.

— Apenas fiz a Duncan o que ele ia fazer ao presidente!

— Opa — disse o homem alto e moreno que Duncan chamara de agente Decker.

— Espere um minuto, senhorita.

— Ela está perturbada—disse Duncan, chegando mais perto — Perdeu completamente o contato com a realidade.

— Mentira! — gritou Gina. — Eu trabalho aqui. Sou médica! E ele está planejando matar o presidente hoje!

O que não era bem verdade, mas Gina precisava atrair a atenção deles. E agora conseguira.

— É verdade, ela já trabalhou conosco, agente Decker —apressou—se Duncan em explicar. — Mas ela vem apresentando um comportamento errático ultimamente. Tentamos providenciar ajuda psiquiátrica, mas ela teve um colapso antes de conseguirmos finalizar esses arranjos.

— Qual é o seu nome, senhora?—perguntou Decker.

— Dra. Gina Panzella. Sou uma médica formada com mérito, e sou tão sã quanto você!

Gina começou a listar todas as desgraças que aconteceram aos membros da Comissão de Diretrizes que tinham sido pacientes de Duncan, mas Duncan a interrompeu depois de cada frase.

— Agente Decker, precisamos ouvir esses delírios? Cheque com o FBI. Na semana passada ela os fez correr atrás do próprio rabo com alguma história insana sobre eu haver injetado veneno no senador Marsden.

— Não acreditem nele! — exclamou Gina. — Ele me fez pensar que fizera isso!

Duncan balançou a cabeça enquanto olhava para Gina. O desgraçado é bom ator, pensou Gina. O Jack Nicholson da classe médica. Ela mesma estava quase acreditando que Duncan sentia pena dela.

— Fizeram um exame de ressonância magnética no senador e não encontraram nada—disse Duncan. — Podem checar isso.

— Pode ter certeza de que vamos checar—afirmou Decker. —Vamos checar tudo.

— Bom. O nome do agente encarregado desse fiasco era Canney. Ele foi induzido a acreditar nessa história pela Dra. Panzella.

— Canney? — disse Decker. — Certo, vamos ligar para ele.

— Esperem! — disse Gina. — Vocês precisam ouvir o que tenho a dizer!

— Vamos ouvir todo mundo—disse Decker. Ele virou—se para o homem que a estava segurando. —Você e Briggs levem a moça para depor na central. Vou entrar em contato com Mallard e ver se podemos adiar a cirurgia do presidente. Não estou gostando nada desta história.

— Graças a Deus — disse Gina, enquanto eles começavam a levá—la para os fundos do prédio. — Não me importo se vocês acreditam em mim ou não; apenas não deixem o presidente vir aqui hoje!

Ao abrir a porta do estacionamento, Decker olhou para Gina com um novo interesse.

— Nem sempre cabe a nós decidirmos isso, senhora. Então você conhece Gerry Canney?

Ele sabia o primeiro nome de Gerry!

— Sim! Desde aescola.Você o conhece?

— Já nos encontramos. Foi você quem contou a ele sobre a cirurgia do presidente?

— Fui eu! Foi para você que ele ligou? Decker não respondeu isso. Estava olhando para o carro que acabara de entrar no estacionamento.

Uma noite longa. Longa e ruim. Gerry não fechava os olhos desde as seis da manhã do dia anterior. Sentia—se cansado, o estômago ardia e ele estava terrivelmente frustrado.

Desde que deixara o hotel Tremont, Gerry não conseguia achar mais nenhuma pista de Gina. A única ação de toda a noite fora a denúncia de que havia uma mulher desmaiada no apartamento de Gina, o que se revelara um alarme falso. Não havia ninguém no apartamento quando a ambulância chegou lá, mas a porta estava aberta.

Havia alguma coisa estranha e funesta naquele telefonema. Estava acontecendo alguma coisa que Gerry não conseguia entender, e saber disso o impedia de descansar.

Ele não conseguira convencer—se a desistir. Gerry telefonara para a Sra.

Snedecker e perguntara se Martha poderia passar a noite com ela. Martha não se importou. Gostava de dormir em qualquer lugar, o que às vezes preocupava Gerry. Depois de falar com ela pelo telefone do carro, Gerry passara o restante da noite dirigindo pela cidade, parando ocasionalmente no prédio do FBI. Ele havia até mesmo falado com os pais de Gina. Não, eles não tinham nenhuma notícia dela. Gerry torcia para eles terem lhe dito a verdade; não queria ter patrulhado a cidade a noite inteira a troco de nada.

Acabara de passar mais uma vez no apartamento de Gina. Continuava vazio.

E agora, pela terceira vez na noite — ou melhor, na manhã, porque o sol já ameaçava se levantar — estava checando o prédio de Lathram.

Para sua surpresa, ao entrar no estacionamento dos fundos, Gerry deparou com três carros — dois deles federais, de acordo com as placas. Enquanto

estacionava e saía do carro, viu uma Gina cabisbaixa sendo escoltada do prédio por três homens de terno.

Enfraquecido pelo alívio súbito, Gerry se encostou contra o carro.

Graças a Deus!

Pelo menos estava viva, embora não estivesse com uma aparência nada boa.

E os três homens com ela... só podiam ser do serviço secreto. Bob Decker era um deles.

Serviço secreto... a cirurgia do presidente. Merda. Se Gina tinha razão quanto a isso, sobre o que mais estaria certa?

Bateu com violência a porta do carro. Merda!

O rosto de Gina se iluminou com um sorriso.

— Gerry!

— Falando no diabo... — disse Decker. — Nós já íamos.

— Seu filho duma puta!—gritou Gerry enquanto caminhava até eles. Filho duma puta\

Os dois agentes com Decker recuaram e começaram a enfiar as mãos sob os paletós.

— Tudo bem — disse Decker. — Eu o conheço. É do FBI.

— Gina, você está bem? — perguntou Gerry. O sorriso se intensificou.

— Agora, sim.

Parecia muito pequena e frágil entre os dois homens. Gerry quis tomá—la nos braços e dizer—lhe que tudo ficaria bem agora, mas essa não era a hora, nem o lugar, nem a companhia certa.

Virou—se para Decker.

— Disse—me que não sabia nada sobre a cirurgia do presidente e aqui está você no centro cirúrgico de Lathram às cinco da manhã. Quer explicar isso, companheiro?

Decker encolheu os ombros.

— Se o Homem diz para ninguém falar, ninguém fala.

— Isto poderia ter terminado em desastre, sabia?

— Você quer dizer, se tivéssemos deixado esta jovem à solta lá dentro?

— Não, seu idiota, se ela não tivesse conseguido chegar aqui!

— Gerry!—disse Gina, os olhos arregalados. —Acredita em mim?

— Não sei exatamente no que acredito, mas sei que há tanta coisa suspeita em torno desse Dr. Lathram que, no lugar de vocês, eu não deixaria que ele chegasse a um quilômetro do presidente.

De repente o bom humor de Decker desaparecera.

— Ele nos disse que semana passada esta senhora fez você e o FBI ficarem correndo atrás dos próprios rabos.

— Aconteceu isso sim, mas não tenho certeza se a culpa foi dela.

— E o doutor lá dentro disse que ela o feriu.

— Com o trocarte—explicou Gina.—O mesmo que ele usou em mim. O mesmo que ele ia usar no presidente.

Gerry ficou preocupado. A história de Gina parecia fantástica demais para alguém poder acreditar nela.

O que funcionava a favor de Lathram.

E se ele tivesse manipulado as coisas para serem desta forma desde o começo?

— Meus agentes vão levá—la até a central para ela depor.

— Esperem! — gritou Gina.—Podemos acertar tudo agora. Eu sei como.

— Vamos, senhorita—disse o agente ruivo que a segurava, e começou a guiá—la até o carro.

Gerry colocou uma mão no peito do agente.

— Dê—lhe um minuto. Vamos ouvir o que ela tem a dizer. Se eu tivesse feito isso antes, talvez nós cinco estivéssemos em casa dormindo, e não parados aqui fora.

Ela estivera certa a respeito da cirurgia do presidente. Sobre mais o que estaria certa?

O olhar grato que Gina lhe dirigiu mais do que compensou todas aquelas horas insones.

— Muito bem — disse Decker. —Vamos dar—lhe cinco minutos. Depois a levaremos.

Duncan não conseguia imaginar como as coisas poderiam ficar piores, mas temia que isso fosse possível.

Ao ver o serviço secreto escoltando Gina para o estacionamento, descartou todos os planos de uso para a DTP. Sua preocupação mais premente era o controle de danos.

E a primeira coisa, e mais importante, era livrar—se da DTP.

Duncan tirou o frasco de líquido âmbar do bolso e desceu correndo as escadas até o laboratório de Oliver. Colocou—a na pia, cobriu—a com uma toalha de papel e quebrou—a em pequenos fragmentos. Abriu a torneira da pia e deixou correr água por algum tempo; em seguida, embolou os cacos de vidro remanescentes no papel—toalha molhado. Lavou com acetona a seringa e a agulha que Gina usara, desfazendo todos os resíduos de DTP.

Em seguida simplesmente jogou—os na lata de lixo junto com todas as outras seringas descartadas.

Deixou a água correndo enquanto subiu até o banheiro masculino, onde jogou os restos do frasco, seu selo e a toalha de papel na rede de Chevy Chase.

E pronto. DTP? Não sei do que ela está falando. Pode vasculhar o lugar.

Fiquem à vontade.

A última amostra existente do composto estava implantada na coxa dele.

Esse era um pensamento assustador. Duncan suava só de pensar no que lhe aconteceria se o implante rompesse antes de ser removido. Teria de ser muito cuidadoso durante as próximas horas. E à tarde, quando tudo tivesse se acalmado, ele providenciaria para que o implante fosse removido. Qualquer um de seus muitos amigos cirurgiões cuidaria disso sem perguntas.

Lavou as mãos. Enquanto as enxugava, olhou—se no espelho.

Está acabado, pensou. Talvez você tenha conseguido alguma coisa desfazendo a Comissão de Diretrizes, talvez não. Pelo menos Lisa está vingada.

Algum arrependimento?

Apenas ter agido contra Gina. E ter perdido a oportunidade de atacar aquele vampiro na Casa Branca. A oportunidade de uma vida!

Suspirou. Mas um homem tinha de saber quando desistir. E esse momento era agora.

Enxugou as mãos e retornou ao corredor.

— Dr. Lathram — era a voz do agente Decker. Virou—se e viu uma pequena multidão aproximar—se dele. Gina,

os três homens do serviço secreto, e um quarto homem, Canney, o agente do FBI. O que estava acontecendo?

— Podemos descer ao subsolo? — perguntou Decker. — Estamos tentando esclarecer algumas coisas aqui e acho que o senhor poderia nos ajudar.

Duncan não gostou da forma como Decker disse isso, e não gostou do olhar predatório nos olhos de Gina. Por um instante pensou em telefonar para um advogado, mas acabou mudando de idéia. Isso apenas atrairia mais suspeitas.

Conseguiria lidar com essas pessoas.

Gina estudou o agente Decker quando ele começou a falar. Era um tipo frio, parecendo quase impassível. Mas seus olhos azuis nunca paravam de se mover. O tipo de sujeito sempre atento para todas as nuances.

— Dr. Lathram, o senhor nos disse que a Dra. Panzella o feriu. O senhor quer registrar a queixa?

Gina viu uma expressão de alívio no rosto de Duncan.

— Não. Absolutamente não. Ela está fora de si. Não quero que seja presa.

Desejo apenas que receba tratamento psiquiátrico.

Gina cerrou os dentes para conter—se e não gritar. Como planejado, o agente do FBI — seu nome era Reilley — posicionara Gina na extremidade do banco do laboratório. Gerry estava parado do lado mais próximo de Duncan, parcialmente bloqueando sua visão de Gina.

Querido Gerry. Nunca se sentira tão feliz em ver alguém em toda a vida como no momento em que eles haviam se encontrado no estacionamento. Ele não havia desistido dela. Gerry passara a noite inteira à procura dela.

Sentia vontade de abraçá—lo ali mesmo.

— Isso é muito generoso da sua parte—disse Decker.—Mas estamos preocupados com a sua segurança. A Dra. Panzella disse que injetou alguma espécie de cápsula de veneno no senhor.

— Ridículo—disse Duncan.—Isso faz parte do delírio dela. Imagina que fiz isso a outras pessoas, inclusive a ela mesma, de modo que imagina que fez o mesmo comigo. Ela precisa de terapia, cavalheiros. E quanto mais cedo vocês a levarem para uma instituição que possa cuidar dela, melhor.

Tão natural, pensou Gina, enquanto colocava o plugue do ultrasom de volta na tomada. Um demônio de fala macia.

Ela apertou o botão de LIGA do ultra—som. A lâmpada vermelha começou a brilhar.

— Pronto—sussurrou.

Gerry piscou para ela enquanto segurava o controle do transdutor.

Virou—se para Duncan e empunhou o controle de modo que ele pudesse vê—lo.

— Se isso é verdade, Dr. Lathram, então suponho que o senhor não se importará de expor sua perna a este aparelho.

Gina percebeu os olhos de Duncan se arregalarem quando viu que a lâmpada indicadora de funcionamento da máquina estava piscando. Ele deu meia—volta e tentou fugir, mas Briggs estava perto da porta, e Duncan não conseguiria passar por ele.

— Afaste isso de mim!—gritou. — Pelo amor de Deus, desligue essa coisa!

Decker olhou para Gina e meneou a cabeça, em sinal de positivo.

A fadiga que atormentava Gina deu lugar a uma sensação de triunfo. Isso!

Mais um na lista de crentes!

— Sente—se, Dr. Lathram — disse Gerry, gesticulando para uma cadeira ao lado do balcão com o transdutor.

— Por favor, cuidado com...

— Sente—se! Duncan se sentou.

Gina ficou admirada com a forma como Gerry conquistou depressa uma posição de comando naquela sala. Sentiu orgulho dele.

— Há um implante cheio de alguma coisa chamada DTP na sua perna?

— Não.

Gerry examinou o controle do transdutor.

— Então acho que não há nenhum problema em ligar esta coisa e...

— Está certo! — gritou Duncan—Sim! Sim! Há sim! Há um implante na minha perna! — Estava visivelmente trêmulo agora. — Por favor, largue essa coisa!

— Só mais umas perguntinhas. Você colocou um implante similar na perna do senador Vincent depois de fazer a cirurgia plástica dele?

— Não tenho de responder isso.

— Claro que não—disse Gerry. Ele se virou para Gina, apontando o botão de LIGA no controle. — É este aqui que faz esta coisa funcionar?

— Sim! — gritou Duncan. — Sim, eu coloquei! Ele disse! Graças a Deus!

— E quanto a Lane, AllardeSchulz?

— Sim, sim! — Estava andando de costas, a voz alta, quase chegando a um grito. — Está satisfeito? Sim, maldição! Agora desligue essa coisa!

— Já ouvi o suficiente—disse Decker.

— E eu também—emendou Gerry. Ele encaixou o controle de volta na máquina de ultra—som.

Acabou, pensou Gina, inclinando—se sobre o balcão. Finalmente acabou.

Decker se virou para o agente ao lado de Gina e apontou para Duncan.

— Reilley, por que você não faz companhia ao Dr. Lathram? Todo mundo permaneça onde está por um momento. Preciso subir para dar alguns telefonemas.

Gerry esticou a mão sobre o balcão até ela. Enfraquecida, mas aliviada, Gina segurou—lhe a mão.

— Como vai você? — perguntou Gina.

— Bem melhor, agora que você está aqui. Ele fitou os olhos de Gina.

— Me diga uma coisa... lá no Tremont... o sangue no banheiro...você...?

Ela assentiu, e Gerry cerrou os olhos por um momento. Ao abri—los, estava olhando para longe.

— Você é incrível. Sinto muito ter duvidado de você. Aquelas palavras soaram como música. Segurou a mão dele entre as dela.

— Fomos manipulados por um mestre. O importante é que você não desistiu de mim. Isso significa mais para mim que qualquer coisa no mundo.

Gerry olhou por sobre o ombro para Duncan.

— Ele não parece um cara que vai ser acusado de assassinato em segundo grau e uma infinidade de crimes federais.

Gina entendeu o que Gerry queria dizer. Agora que o ultrasom fora desligado, Duncan parecia calmo e controlado em sua cadeira. Ela começou a andar em torno do balcão para se aproximar dele.

— Aonde está indo?

— Quero trocar algumas palavras com meu antigo patrão. — Meu antigo ídolo. Tinha de ser cuidadosa. Tinha algo a dizer mas não queria que seus sentimentos a influenciassem.

Apenas olhar para ele agora fazia com que quase irrompesse em lágrimas.

— Percebeu o que você se tornou, Duncan? Ele levantou os olhos para Gina.

— Acho que você vai me contar.

— Desde que vim para Washington tenho ouvido você falar sobre ética, honestidade e probidade e como ninguém no governo adere a nenhuma moral ou padrão de conduta. E infelizmente você não estava de todo errado quanto a isso. Sempre presumi que você estivesse falando de um patamar superior. Mas eu me enganei. Durante todo aquele tempo você estava quebrando seu juramento como médico. Sei que aqueles homens magoaram você, e podiam muito bem ser os ladrões, trapaceiros e lascivos que você dizia que eram, mas isso não importa. Eles foram até você em busca de um médico e você os aceitou como pacientes. Estavam contando com você ser melhor do que eles. Essa é uma confiança sagrada...primum non nocere... e você a profanou.

Ela notou Decker retornando para a sala, mas ele não a interrompeu. Bom, porque ela não terminara ainda.

— Sei o que você era antes, Duncan—quem você era antes — e eu admiro aquela pessoa mais do que qualquer outra no mundo. Mas você se tornou exatamente como as pessoas que tanto detesta: alguém para quem o fim sempre justifica os meios. Veja o que tentou fazer comigo. — Percebeu que estava ficando com muita raiva. Precisava calar—se antes de explodir. — Você se tornou o inimigo, Duncan. E agora vai pagar por isso.

— Talvez, sim—disse Duncan com suavidade.—Talvez, não.

— Não se faça de bobo—disse Gina, sentindo sua fúria cada vez mais intensa. — Você acaba de confessar na frente de uma sala cheia de gente.

Ele sorriu.

— As declarações que fiz foram obtidas por coerção, induzidas por ameaças físicas. — Olhou em volta para os quatro agentes do governo.—Pergunte a qualquer um desses cavalheiros se ele acha que alguma palavra dita aqui seria admissível num tribunal.

Gina os observou. Ninguém precisava dizer nada. Os olhos de Gerry já diziam tudo.

Gina subitamente perdeu o controle.

— Quer dizer que ele vai ficar livre!

Gerry começou a dizer alguma coisa, mas Gina não escutou. Depois de toda a dor que sentira, dos momentos em que questionara a própria sanidade, e da sensação de ter sido traída, Duncan sairia livre!

Ela se virou, agarrou o controle do ultra—som e apertou o botão de LIGA.

— Livre—se disso!

— NÃO!—gritou Duncan, e levou a mão à coxa.—Oh, Deus, NÃO!

O laboratório subitamente virou um hospício, com Reilley empurrando Gina para longe de Duncan, Gerry arrancando o controle da mão dela, e Decker dizendo:

— Por Deus! Gerry, tire essa mulher daqui!

Firme, mas gentilmente, Gerry imobilizou Gina, segurandoa pelos braços, e conduziu—a até a porta, fazendo—a passar por Duncan, que agora estava agachado no chão, segurando a coxa, choramingando e gemendo: — Não—não —não—não, por favor, Deus, não—não—não—não!

E então os dois estavam no corredor estreito em frente ao laboratório.

Gerry fechou a porta por trás de si, soltou Gina e virou—a para si: — Meu Deus, Gina! Não posso acreditar que você fez isso!

— Eu queria que ele ficasse tão assustado quanto eu. Queria que ele soubesse o que é estar aterrorizado.

— Posso entender isso. Veja, sei o que ele tentou fazer a você mas depois de tudo que você lhe disse, eu jamais pensaria...—Ele ficou sem palavras e olhou para ela.—Por que você está sorrindo?

Ela realmente amava o senso de decência daquele homem.

— Esqueci de mencionar que o implante de Duncan estava vazio.

— Vazio? Ela assentiu.

— Isso mesmo. Ele me descobriu no laboratório antes de eu conseguir encher o implante. Assim, injetei nele uma cápsula vazia.

Ela observou a expressão boquiaberta de Gerry, e em seguida as pontas de seus lábios se curvando para cima. Um segundo depois ele estava balançando a

cabeça e sorrindo.

— Adorei. Você lhe deu uma dose do próprio remédio, ou pelo menos fez com que ele pensasse isso. — Ele a envolveu com os braços e puxou—a para perto. — Eu estava tão preocupado com você... Por que não ligou?

— Achei que não acreditaria em mim. — Subitamente, sentiu—se fraca e trêmula. — Podemos nos sentar?

Ele a guiou até uma das cadeiras na sala de espera e puxou outra para se sentar ao lado dela. Colocou um braço protetor sobre os ombros de Gina.

— Isso nunca mais vai acontecer de novo, Gina. Sempre vou acreditar em você, juro.

— Bom. Espero nunca mais me envolver numa situação como esta.

— Somos dois. Ou melhor, três, contando com Martha. Ela está sentindo falta de você. — Ele se aproximou mais. — Acho que o que aconteceu esta manhã vai acertar minha situação no FBI. O que significa que provavelmente serei promovido. Estou pensando em mudar com Martha para longe da capital. E você? Ainda está animada para trabalhar no Capitólio?

Gina balançou a cabeça.

— Estou farta deste lugar. Acho que vou querer medicar numa cidadezinha onde haja apenas coisas à venda, não pessoas.

— Ótimo. — Seus olhos encontraram os dela.—Talvez pudesse escolher uma cidade com uma agência do FBI. O que acha disso?

— Uma ótima idéia—disse ela suavemente.

Aporta do laboratório abriu atrás deles. Briggs saiu e passou por eles, caminhando até as escadas. Olhou para Gina com uma expressão preocupada.

Quando a porta foi aberta novamente, Gina ouviu a voz de Duncan.

— Vocês têm de me levar para um hospital! Agora! Não mais tarde! Isto é uma emergência!

E então a porta se fechou.

— Quando vai contar a ele? — perguntou Gerry.

— Contar? Não vou contar nada. Ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Deixe o desgraçado sofrendo até lá.

Gerry riu.

— Lembre—me de nunca irritar você.

Gina segurou a gravata dele e puxou—o para mais perto.

— É bom mesmo, moço. Sabe do que sou capaz. Eles se beijaram.

FIM